

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM  
PROBLEMÁTICAS GRAVES - PREOCUPAÇÕES  
E PRÁTICAS DE UMA EQUIPA  
MULTIDISCIPLINAR EM TEMPOS DE  
PANDEMIA

Pedro Miguel Carolino Rodrigues

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa  
para obtenção do grau de Mestre em Educação Especial  
Ramo: Problemas de Cognição e Multideficiência

| | ' ' | | ' ' |



# A INCLUSÃO DE ALUNOS COM PROBLEMÁTICAS GRAVES - PREOCUPAÇÕES E PRÁTICAS DE UMA EQUIPA MULTIDISCIPLINAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Pedro Miguel Carolino Rodrigues

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa  
para obtenção do grau de Mestre em Educação Especial

Ramo: Problemas de Cognição e Multifideliência

Orientador: Professora Doutora Isabel Madureira

2022

| | ' ' | | ' ' |

*“Quanto mais aberto estou às realidades em mim e nos outros, menos me vejo a tentar a todo o custo remediar as coisas”*

*Carl Rogers (1961)*

# AGRADECIMENTOS

Apenas foi possível concretizar esta dissertação graças a um grupo de pessoas especiais. Desta forma, expresso a minha gratidão:

- À Professora Isabel Madureira, pela sua orientação, paciência, conhecimento e simpatia. Foi com o seu apoio que consegui manter o foco necessário;
- À Ir. Ana Rosa, pela sua dedicação e por acreditar sempre que conseguimos ajudar;
- À minha família e amigos, por compreenderem que continuar a estudar é importante para mim, mesmo que isso signifique que tenho menos tempo para passar com eles;
- À Shirley, pelo apoio e compreensão numa fase complicada;
- Aos meus colegas, tanto da turma de mestrado, como do meu local de trabalho, pela disponibilidade para refletir em conjunto e pela partilha;
- Aos professores e mestres que fui encontrando em diversos contextos, obrigado pelo incentivo, generosidade e pelos exemplos éticos e morais que me forneceram;
- Aos meus alunos, utentes, formandos, pacientes, clientes, que me ajudaram a crescer como pessoa e profissional;

Por fim, gostaria de agradecer à Mariana, ao Albat, ao Bruno, à Isabel, à Susana e ao Professor Francisco, que nos deixaram demasiado cedo.

Têm a minha eterna gratidão. Muito obrigado!

## RESUMO

Esta dissertação foi elaborada na sequência da frequência do Curso de Mestrado em Educação Especial, da Escola Superior de Educação de Lisboa. Com o título “A inclusão de alunos com problemáticas graves – preocupações e práticas de uma equipa multidisciplinar em tempos de pandemia”, é um estudo sobre as práticas e preocupações da Equipa Multidisciplinar de uma instituição que se dedica ao apoio de alunos com problemáticas graves, durante um período de tempo fortemente condicionado pela pandemia do Covid-19. O Projeto Institucional e o Plano de Contingência da organização foram analisados de forma a fornecer o necessário contexto. Foram observadas e gravadas quatro reuniões da Equipa Multidisciplinar, realizadas entre março e abril de 2020, tendo os protocolos das reuniões passado por um processo de análise de conteúdo. Com base na análise dos dados recolhidos das reuniões, elaborou-se um questionário que foi aplicado aos membros da equipa em julho de 2021. Foi possível concluir que as principais preocupações e práticas da Equipa Multidisciplinar estiveram associadas ao seu funcionamento interno e ao apoio prestado aos alunos e suas famílias. O acompanhamento personalizado de alunos e suas famílias foi a prática mais destacada, existindo uma grande preocupação da parte dos membros da equipa com o assegurar de apoios adequados, não se limitando à área pedagógica. Destaca-se também a capacidade de adaptação da equipa estudada à situação vivida e a necessidade de se realizarem estudos complementares.

Palavras-chave: Educação Especial; Educação Inclusiva; Equipa Multidisciplinar;

Inclusão de alunos com problemáticas graves; Pandemia do COVID-19.

## ABSTRACT

This dissertation was elaborated following the attendance of the Master's Course in Special Education, at Escola Superior de Educação de Lisboa. Entitled “The inclusion of students with severe problems – practices and concerns of a multidisciplinary team during a pandemic”, it is a study on the practices and concerns of the Multidisciplinary Team of an institution dedicated to the support of students with severe problems, during a period of time strongly conditioned by the Covid-19 pandemic. The Institutional Project and the organization's Contingency Plan were analyzed in order to provide the necessary context. Four meetings of the Multidisciplinary Team, held between March and April 2020, were observed and recorded, with the protocols of the meetings going through a process of content analysis. Based on the analysis of the data collected from the meetings, a questionnaire was prepared that was applied to the team members in July 2021. It was possible to conclude that the main concerns and practices of the Multidisciplinary Team were associated with their internal functioning and with supporting students and their families. The personalized support of students and their families was the most highlight practice, with the team members showing great concern with the need to ensure adequate support that is not limited to the pedagogical area. The ability of the team studied to adapt to the situation experienced and the need to carry out additional studies was also highlighted.

Keywords: Special Education; Inclusive Education; Multidisciplinary Team;

Inclusion of students with severe problems; COVID-19 Pandemic.

## ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	14
1. Educação Especial e Educação Inclusiva .....	15
2. Um olhar sobre a Deficiência, a Incapacidade e a Inclusão de alunos com problemáticas graves.....	27
3. Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva.....	29
4. Impacto da pandemia do COVID-19 na educação .....	36
CAPÍTULO II: METODOLOGIA .....	41
1. Definição do problema.....	42
2. Pergunta de partida e objetivo do estudo .....	43
3. Natureza e desenho do estudo.....	44
4. Participantes.....	46
5. Processos e técnicas de recolha e análise de dados.....	47
5.1. Análise documental.....	47
5.2. Observação.....	47
5.3. Questionário.....	48
5.4. Análise de conteúdo.....	49
5.5. Princípios éticos .....	50
CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	52
1. Contexto institucional .....	53
2. Apresentação e análise das reuniões de equipa.....	59
3. Apresentação e análise dos resultados do questionário .....	74
4. Discussão dos resultados .....	79
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	83

6. REFERÊNCIAS .....	87
ANEXOS .....	101

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1: Desenho do Estudo .....	45
Figura 2: Comparação entre as categorias das reuniões .....	71
Figura 3: Comparação entre as categorias nas quatro reuniões .....	72
Figura 4: Comparação entre as subcategorias do “Funcionamento Interno” .....	73
Figura 5: Comparação entre as subcategorias de “Apoios a alunos e suas famílias” .....	74

## **ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1: Membros da Equipa Multidisciplinar .....	46
Tabela 2: Síntese da análise da primeira reunião .....	60
Tabela 3: Síntese da análise da segunda reunião .....	63
Tabela 4: Síntese da análise da terceira reunião .....	66
Tabela 5: Síntese da análise da quarta reunião .....	69
Tabela 6: Síntese das respostas do questionário - funcionamento interno .....	75
Tabela 7: Síntese das respostas do questionário - reações emocionais .....	76
Tabela 8: Síntese das respostas do questionário - apoios a alunos e suas famílias .....	77
Tabela 9: Síntese das respostas do questionário - cooperação com outras instituições .	78
Tabela 10: Síntese das respostas do questionário - outras práticas e/ou preocupações .	78

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

- Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais (APPACDM)
- Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)

- Centro de Atividades Ocupacionais (CAO)
- Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ)
- Cooperativas de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas (CERCI)
- Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEstE)
- Equipa Multidisciplinar de apoio à Educação Inclusiva (EMAEI)
- Educação para Todos (EPT)
- Equipamentos de Proteção Individual (EPI)
- Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS)
- Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE)
- Multideficiência (MD)
- Necessidades Educacionais Especiais (NEE)
- Organização Mundial da Saúde (OMS)
- Perturbação do Desenvolvimento Intelectual (PDI)
- Perturbação do Espectro do Autismo (PEA)
- Plano de Ensino Individualizado (PEI)
- Plano Individual de Inclusão (PII)
- Relatório Técnico Pedagógico (RTP)

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação assinala a última etapa do Curso de Mestrado em Educação Especial, realizado na Escola Superior de Educação de Lisboa sob orientação da Professora Doutora Isabel Madureira. O processo de investigação concretizou-se entre 2020 e 2022, durante um período de tempo altamente condicionado pela pandemia do COVID-19.

Após uma fase em que se pensava que bastaria esperar alguns meses até que a situação ficasse resolvida, ficou claro que todos teríamos de aprender a viver com o novo contexto pandémico. Desta forma, o propósito inicial de estudar o funcionamento das equipas multidisciplinares de apoio à inclusão de alunos com problemáticas graves sofreu algumas adaptações, surgindo a opção de fazer um estudo de caso que respondesse à seguinte pergunta de partida:

- Quais as preocupações e práticas de uma equipa multidisciplinar que se dedica à promoção da inclusão de alunos com problemáticas graves durante a pandemia do COVID-19?

Usámos o conceito de “alunos com problemáticas graves” (Silva, 2012) pois, na nossa perspetiva, essas são as situações que colocam os maiores desafios à Educação Especial e à Educação Inclusiva.

Após uma fase inicial em que a perplexidade face à nova realidade pandémica levou a momentos de espera e de reduzida proatividade, optámos por encarar os condicionalismos do contexto como uma oportunidade de investigação. Com esta nova perspetiva, considerámos pertinente focar a nossa atenção nas práticas e preocupações da Equipa Multidisciplinar de uma instituição que se dedica ao apoio de alunos com problemáticas graves, realizando um estudo de caso, um trabalho exploratório que procura contribuir para a reflexão sobre as preocupações e práticas da equipa durante este período singular. Desta forma, a presente investigação tem o seguinte objetivo geral:

- Refletir sobre as preocupações e práticas de uma equipa multidisciplinar que se dedica à promoção da inclusão de alunos com problemáticas graves durante o período de confinamento que ocorreu entre março e abril de 2020.

A motivação para estudar o funcionamento desta Equipa Multidisciplinar em particular decorre da nossa prática profissional e da disponibilidade manifestada pela Instituição. Existe uma forte vontade de aprofundar a reflexão sobre o funcionamento destas

equipas, especialmente quando confrontadas com situações complexas, procurando desta forma contribuir para a melhoria da intervenção realizada nesta área.

Consideramos que o impacto da pandemia e os momentos que vivemos desde 2020 criaram um contexto específico que deve ser investigado, pelo que escolhemos focar a nossa atenção num período de tempo em que a Equipa Multidisciplinar estudada foi confrontada com diversas condicionantes.

Optámos por realizar um estudo de caso, seguindo o paradigma interpretativo, tendo organizado o presente documento da seguinte forma: Introdução, Capítulo I: Enquadramento Teórico, Capítulo II: Metodologia, Capítulo III: Apresentação e discussão dos resultados, e por último as Considerações Finais. O primeiro capítulo ficou constituído pelo ponto 1 - Educação Especial e Educação Inclusiva, o ponto 2 - Um olhar sobre a Deficiência, a Incapacidade e a Inclusão de alunos com problemáticas graves, o ponto 3 - Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva, e o ponto 4 - Impacto da pandemia do COVID-19 na educação. No Capítulo II definimos o problema, a pergunta de partida e o objetivo da investigação; clarificámos a natureza e o desenho do estudo, caracterizámos os participantes e descrevemos os processos e técnicas de recolha e análise de dados utilizados, para além de abordar alguns aspetos éticos que considerámos relevantes. No Capítulo III apresentámos os dados recolhidos na análise dos documentos institucionais, nas reuniões de equipa e nos questionários, assim como a análise e discussão dos resultados encontrados. Nas Considerações Finais apresentámos as conclusões do estudo, destacando algumas das suas limitações e identificando algumas questões para o futuro. Na revisão final deste documento seguimos as normas de elaboração de trabalhos académicos da Escola Superior de Educação de Lisboa (Cardoso & Rijo, 2020).

## CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste estudo são consideradas as preocupações e as práticas dos profissionais da Equipa Multidisciplinar de uma IPSS que se dedica ao apoio de alunos com problemáticas graves, tendo a recolha dos dados ocorrido durante um período de tempo condicionado pela pandemia do COVID-19. A temática escolhida ilustra o nosso interesse pelas vivências dos profissionais que estão no terreno, procurando promover processos reflexivos que originem uma prática fundamentada e mais eficaz. Consideramos que o processo de revisão de literatura foi essencial, gerando informação que contribuiu para uma melhor compreensão do fenómeno estudado (Coutinho, 2015). Conseguiu-se desta forma estabelecer um vínculo entre o conhecimento existente sobre esta temática e o problema investigado, o chamado *estado da arte* (Cardoso, Alarcão & Celorico, 2010, citados por Coutinho, 2015).

Na revisão de literatura realizada, existiu a preocupação de clarificar alguns conceitos considerados essenciais para o enquadramento desta temática, tais como o conceito de Educação Especial, de Educação Inclusiva, de Equipa Multidisciplinar e de Inclusão de alunos com problemáticas graves. O contexto pandémico e o seu impacto na educação, os princípios de alguns documentos internacionais e um breve enquadramento da legislação desta área, foram aspetos também abordados.

Partindo do título “A inclusão de alunos com problemáticas graves – preocupações e práticas de uma equipa multidisciplinar em tempos de pandemia”, abordamos os conceitos de Educação Especial e de Educação Inclusiva, de alunos com problemáticas graves e de equipa multidisciplinar, refletindo sobre o impacto que a pandemia do COVID-19 teve no funcionamento da equipa estudada durante o período de tempo considerado.

## **1. Educação Especial e Educação Inclusiva**

Jean Marc Itard (1774-1838) é considerado por muitos como o pai da Educação Especial, tendo conquistado esse estatuto porque acreditou que conseguia ensinar um rapaz que foi encontrado num estado selvagem num bosque de Aveyron, França (Vieira & Pereira, 2007). Itard definiu e implementou um programa de ensino sistemático e, apesar do cepticismo de muitos que não acreditavam que fosse possível ensinar algo a esse jovem, ao fim de alguns anos este rapaz conseguia ler e escrever

algumas palavras, exibindo um comportamento social mais adequado (Vieira & Pereira, 2007). Este caso de sucesso, e outros que surgiram posteriormente, encorajaram a crença de que, mesmo quando um aluno parece ser incapaz de aprender, é possível superar algumas das limitações através de um ensino com regras e procedimentos especiais. Foram diversos os contributos que permitiram o desenvolvimento de novas abordagens para promover o ensino e a aprendizagem destes alunos “diferentes”, de Freud a Piaget, de Bandura a Rogers, de Dewey a Montessori, existiram vários autores importantes (Sprinthall & Sprinthall, 1997). Verificou-se uma reflexão alargada, sendo possível chegar a alguns consensos supranacionais como as ideias expressas na Declaração Universal dos Direitos do Homem (ONU, 1948), onde destacamos o artigo 26º onde se afirma que “Toda a pessoa tem direito à educação”. Em outro documento internacional de referência, na Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 1975) clarifica-se que estes direitos também se aplicam às pessoas com deficiência, considerando a educação como um direito de todos os cidadãos e não um privilégio só ao alcance de alguns. A implementação da escolaridade obrigatória em vários países procurou seguir esses princípios, tendo um grande impacto na sociedade e mudou o contexto escolar. Aumentando o número de alunos que frequentavam a escola, aumentou também a sua diversidade e o número de crianças que sentiam dificuldades em aprender. Surgiram escolas e outras organizações que se dedicaram ao ensino a estes alunos, que eram vistos como diferentes, tendo alguns profissionais desenvolvido abordagens de ensino especializadas para crianças que eram consideradas “incapazes” de aprender através do percurso escolar regular. Esta abordagem veio a ser considerada por alguns como segregacionista (Sprinthall & Sprinthall, 1997; Vieira & Pereira, 2007; Natário, 2013).

Na segunda metade do século XX, conceitos como justiça, liberdade e igualdade ganharam peso na sociedade e na ciência, levando ao desenvolvimento de uma nova forma de ver o desvio e a normalidade. Cresceu a crença de que as oportunidades e condições de vida das pessoas com deficiência se devem aproximar às das pessoas ditas “normais”, o que levou a um movimento de integração que teve início nos anos 60, colocando em causa o sistema tradicional da educação especial (Sprinthall & Sprinthall, 1997; Vieira & Pereira, 2007; Natário, 2013). Existiram inovações legislativas com impacto internacional como o *Education Act* de 1970, em Inglaterra,

que atribuía a responsabilidade da educação de crianças com deficiência às autoridades locais. Em 1973, nos Estados Unidos, o *Rehabilitation Act*, promoveu a mudança do estatuto de pessoas com deficiência, defendendo a sua não discriminação; em 1975, a *Public Law 94-142* reforçou os direitos das pessoas com deficiência, chamando a atenção para a necessidade de existir um Plano Educativo Individualizado e de se promover a educação de todas as crianças num meio que seja o menos restritivo possível, independentemente do seu grau de deficiência, promovendo a igualdade de oportunidades. Em 1978, no Reino Unido, o *Warnock Report* apresentou um pensamento inovador, com destaque para o conceito de criança com necessidades educativas especiais, promovendo a substituição do olhar médico sobre as deficiências por um enfoque na aprendizagem escolar, defendendo que a intervenção educativa deve estar centrada na criança e não na deficiência.

Estes princípios ganharam força e aceitação internacional, com a realização da Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais (NEE) em junho de 1994, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) com o apoio do governo espanhol e dos outros 91 países representados (entre os quais Portugal). A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) resultou do acordo partilhado de que é uma prioridade promover a inclusão de crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino, reconhecendo o propósito de conseguir uma “Escola para Todos” e de promover a “Escola Inclusiva”. Apesar de existir um foco nos alunos com NEE, ficou claro que a criação de um sistema de educação inclusivo implica uma reforma da escola regular, tornando-se mais inclusiva e contribuindo para uma sociedade inclusiva.

Em abril de 2000, realizou-se em Dakar, no Senegal, o Fórum Mundial de Educação, onde foi elaborada outra declaração importante. “Educação para Todos: o Compromisso de Dakar” (2000) reforçou a visão de que a Inclusão é um processo de responder às necessidades de todos aumentando a sua participação na educação, na cultura e nas comunidades, combatendo a exclusão do processo educativo. Este combate implica modificações no conteúdo, abordagens, estruturas e estratégias educativas, assumindo que o sistema de ensino regular tem a responsabilidade de assegurar que a educação é para todos (UNESCO, 2000).

A preocupação internacional com a promoção da inclusão das pessoas com deficiência teve outro momento importante na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas de 13 de dezembro de 2006, ratificada por Portugal em 30 de julho de 2009, onde ficou reconhecido o direito de todas as pessoas com deficiência a viverem na comunidade, em igualdade de oportunidades, cabendo a cada Estado a obrigação de definir de que forma vão promover esse processo.

Nas últimas décadas, o paradigma da Escola Inclusiva, a missão de assegurar a educação para todos e a preocupação de incluir a pessoa com deficiência nas diferentes áreas da sociedade tornaram-se prioridades políticas a nível nacional e internacional.

A Estratégia Europeia para a Deficiência 2010-2020 (Comissão Europeia, 2010) definiu o seguinte objetivo prioritário: “capacitar as pessoas com deficiência para que possam usufruir de todos os seus direitos e beneficiar plenamente da sua participação na sociedade e na economia europeias” (p.4). Para concretizar esse propósito, foram delineadas oito áreas de intervenção, cada uma com os seus objetivos específicos: acessibilidade, participação, igualdade, emprego, educação e formação, proteção social, saúde e ação. Sendo todas estas áreas importantes, destacamos o objetivo da área da educação e formação: “Promover a inclusividade do ensino e da aprendizagem ao longo da vida para os alunos e os estudantes com deficiências.” (p. 9). É assumida a insuficiência de uma Educação Inclusiva que se limita à escolaridade obrigatória, como por vezes parece ocorrer.

A Estratégia sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência para o período de 2021-2030 (Comissão Europeia, 2021), atualmente em vigor, procura ir mais longe, reconhecendo que as pessoas com deficiência correm um risco mais elevado de pobreza ou exclusão social (28,4%) em comparação com as pessoas sem deficiência (18,4%). A atual estratégia pretende melhorar a vida das pessoas com deficiência durante a próxima década, tanto na UE como fora das suas fronteiras. Para que tal seja possível, todos devemos assumir essa missão como uma prioridade.

A reflexão internacional que se desenvolveu sobre a Educação Especial e a Educação Inclusiva nos séculos XIX, XX e XXI teve uma grande influência nas políticas educativas em Portugal. Durante o século XIX e o século XX, surgiram várias instituições e iniciativas que tiveram um papel pertinente na forma como o nosso país encarou a educação especial e a inclusão dos alunos com necessidades especiais (Bairrão et al.,1998). Em 1916, o Dr. António Aurélio da Costa Ferreira fundou um Instituto que passaria a ter o seu nome. Esse Instituto passou a ser tutelado pelo Estado e o seu modelo teórico-prático de inspiração neuropsiquiátrica e médico-pedagógica tornou-se numa referência em Portugal, tendo criado “as classes especiais” do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira em 1946. Em 1955 foi fundada a Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira e em 1956 a Liga Portuguesa de Deficientes Motores, duas instituições relevantes nesta área (Mesquita, 2001). Na década de 60, foram criados alguns dos serviços responsáveis pela organização de meios educativos para crianças com condição de deficiência, nomeadamente internatos e semi-internatos, centros de educação especial e centros de observação. Destacamos o Centro de Paralisia Cerebral de Lisboa, criado em 1960 (pouco depois foram inaugurados os Centros de Coimbra, Porto e Beja), e a Associação de Pais e Amigos das Crianças Mongolóides, que depois de ter diferentes designações, passou a chamar-se Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais (APPACDM), que foi fundada em 1965 (Mesquita, 2001).

Ao nível legislativo, ocorreu uma mudança significativa quando em 1971, o Ministro Veiga Simão apresentou um projeto de reforma do sistema educativo, que passou a Lei em 1973 e ficou conhecido como a Reforma Veiga Simão, trazendo várias inovações, como tornar o ensino regular extensível aos alunos com deficiência (Bairrão, 1981). Surgiram assim as Divisões de Ensino Especial do Ensino Básico e Secundário, e todo o processo reformista ganhou um novo impulso com a Revolução de 25 de abril de 1974, levando a uma maior democratização da escola e uma abertura no acesso a todos os níveis de ensino (Mesquita, 2001). O ensino primário tornou-se obrigatório em Portugal, o que incluía as crianças com deficiência, embora estas pudessem ser encaminhadas para classes especiais ou estabelecimentos de educação especial. A matrícula no ensino primário passou a ser obrigatória para todas as crianças, sendo os alunos com deficiência encaminhados para instituições especializadas, depois de passarem por um processo de avaliação (Stoer, 2008). O Decreto-Lei 538/79 determinou que o ensino básico em Portugal era universal,

obrigatório e gratuito para os primeiros 6 anos de escolaridade. Mas, em relação a crianças com incapacidade comprovada, este decreto admitia a dispensa da matrícula ou da frequência até ao final da escolaridade obrigatória (Mesquita, 2001). Apenas em 1990, com o Decreto-Lei nº 35/90, fica estabelecido que nenhuma criança, independentemente do grau ou tipo de deficiência, está isenta do cumprimento da escolaridade obrigatória.

A Lei nº46/86, conhecida como a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), forneceu o enquadramento legal para as políticas de integração em Portugal, dando sequência aos princípios presentes na Constituição Portuguesa de 1976, que consagrou o direito ao ensino e igualdade de oportunidades para todos os cidadãos. Apesar desses avanços, Mesquita (2001) recorda que muitos alunos com deficiência não encontravam respostas adequadas na escola pública, o que contribuiu para o desenvolvimento de respostas alternativas e complementares, como as Cooperativas de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas (CERCI). Um dos objetivos da LBSE era “assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas designadamente a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades” (art.º 7.º). O Decreto-Lei n.º 319/91 estabeleceu um novo regime educativo especial introduzindo no sistema educativo português princípios e conceitos como o princípio de reforçar o papel dos pais na educação dos seus filhos, o princípio da individualização de intervenções educativas usando um plano educativo individualizado (PEI), o conceito de necessidades educativas especiais (NEE) e programas educativos específicos para estes alunos. Destacamos ainda a introdução do conceito de meio menos restritivo possível (MMRP) que defende que a criança com NEE deve ser afastada de ambientes educacionais regulares somente quando a natureza ou gravidade da problemática assim o exigir (Correia, 2003).

O regime de prestação de serviços de apoio educativo do sistema de educação e ensino não superior foi determinado pelo Despacho Conjunto nº 105/97 definindo conceitos como equipas de coordenação dos apoios educativos e docente de apoio educativo, visando contribuir para a igualdade de oportunidades e sucesso educativo de todas as crianças e jovens.

O grupo de recrutamento de Educação Especial surgiu com o Decreto-Lei nº 20/2006, sendo as respetivas vagas criadas no quadro de escola sede do agrupamento. Estas

alterações legislativas contribuíram para criar uma identidade de professor de educação especial, o que envolve processos de mudança ao nível do desenvolvimento profissional, pois apenas após uma fase inicial na profissão docente, marcada pela “sobrevivência” e pela “descoberta” é possível a mudança de percurso e a opção pela Educação Especial (Huberman,1989; Rodrigues, 2011, citados por Madureira, 2012).

O Decreto-Lei nº 3/2008 foi um marco importante para a educação especial em Portugal, determinando os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo, visando assegurar as condições necessárias para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas.

Em 6 julho de 2018 foi publicado o Decreto-Lei 54/2018, que procura levar a uma mudança de paradigma onde se entende a inclusão da seguinte forma: “processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa.” (n.º 1 do artigo 1.º). Esta alteração legislativa vem sublinhar a necessidade de implementar medidas que promovam uma Educação realmente Inclusiva, abandonando assim a perspetiva anterior, mais focada nas diversas problemáticas. Destacamos alguns conceitos e princípios aqui introduzidos como o Desenho Universal para a Aprendizagem, a Abordagem Multinível no acesso ao currículo e a criação dos Centros de Apoio à Aprendizagem. Os estabelecimentos de ensino e os seus profissionais ganharam mais autonomia e clarificou-se o processo de constituição e funcionamento das equipas multidisciplinares.

O Decreto-Lei 55/2018 também foi publicado a 6 julho, tendo definido um novo currículo para o ensino básico e secundário e reforçado a autonomia das escolas e a sua capacidade para gerir o currículo de forma flexível.

Estas alterações legislativas e a publicação de documentos de apoio, como o manual *Para uma Educação Inclusiva: Manual de apoio à prática*, publicado em 2018, deixaram claro que para o sistema educativo português a Educação Inclusiva é uma prioridade.

E quando não estamos dentro do sistema educativo?

Em Portugal, quando o nível de incapacidade de uma pessoa impede a vida independente, são as famílias que normalmente assumem a responsabilidade de assegurar os cuidados necessários. A sociedade civil criou algumas organizações com a missão de apoiar as famílias das pessoas com deficiências incapacitantes (Mesquita, 2001) e em 1989 o Decreto-Lei n.º 18/89 definiu o regime das atividades ocupacionais para as pessoas com deficiência grave, cujas capacidades não lhes permitiam o exercício de uma atividade produtiva. Posteriormente, o Despacho n.º 52/SESS/90 regulamentou a implantação, criação e funcionamento dos serviços e equipamentos que desenvolvem atividades de apoio ocupacional. Surgiram assim os Centros de Atividades Ocupacionais (CAO), que inicialmente tinham a missão de “ocupar” as pessoas com deficiência, perspetiva que foi evoluindo e incorporando os princípios de inclusão, reabilitação e capacitação.

Destacamos outros momentos de evolução legislativa, como a Lei n.º 38/2004 que veio definir as bases gerais do regime jurídico da prevenção, habilitação, reabilitação e participação da pessoa com deficiência, e a Portaria n.º 432/2006 que regulamentou o regime das atividades socialmente úteis.

Os CAO ofereciam uma resposta social a jovens com diferentes tipos de incapacidade que não se conseguiam integrar no mercado de trabalho, fornecendo uma alternativa para as pessoas com deficiências incapacitantes após terminarem o seu percurso escolar. Com a Portaria n.º 70/2021, publicada a 26 de março, o Governo português procurou promover uma mudança no paradigma de intervenção desta área, criando uma nova resposta social para suceder e substituir os CAO, os Centros de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI). Esta portaria vem regulamentar as condições gerais do edificado, os termos, as condições técnicas, a organização e o funcionamento dos CACI. Esta alteração legislativa reforça a perspetiva de que as atividades ocupacionais não são um fim em si mesmo, devendo ser, sempre que possível, um meio de capacitação para a inclusão. Consideramos que esta alteração parece ir ao encontro de uma perspetiva longitudinal, uma continuidade inclusiva entre a família, a escola e o que vem depois (Franco, 2011). Pretende-se promover a transição para programas de inclusão socioprofissional ou para medidas de reabilitação profissional, com base na individualidade da pessoa com deficiência, titular de uma cidadania plena que deve ser capacitada e estimulada, possibilitando a realização de escolhas, em igualdade de oportunidades com os outros cidadãos. O

Plano Individual de Inclusão (PII) surge como um novo instrumento de planeamento, monitorização e avaliação do percurso de vida da pessoa com deficiência, dando continuidade aos planos individuais do percurso escolar, numa perspetiva de Educação Inclusiva ao longo da vida.

O propósito de desenvolver uma educação mais inclusiva tornou-se num objetivo da agenda política global (Parrilla Latas, 2011), mas o termo *Educação Inclusiva* tem sido “usado com as mais díspares conotações” (p.13, Rodrigues, 2011). Parece assim existir uma certa confusão sobre o significado deste conceito tão referido, até porque coexistem diversas definições (Ainscow; Farrell; Tweddle, 2000). Ainscow e outros autores realizaram uma análise de tendências internacionais quanto ao pensamento na área, sugerindo uma tipologia com seis formas de compreender o conceito de Educação Inclusiva (Ainscow et al., 2006):

I. Inclusão referente à deficiência e à necessidade de Educação Especial:

Segundo esta perspetiva, a Educação Inclusiva dedica-se principalmente à educação de alunos com deficiência, ou dos alunos com NEE. Uma crítica a esta visão passa pelo risco de colocar o foco na deficiência e nas necessidades especiais, ignorando outras formas em que a participação de qualquer estudante pode ser impedida ou melhorada. No *Index for Inclusion* (Booth & Ainscow, 2002) a expressão “necessidade educativa especial” foi substituída pelos conceitos de barreiras à aprendizagem e participação e de recursos de apoio. Esta abordagem assente na díade obstáculos/facilitadores procura promover a inclusão de todos os alunos, sendo que estes autores consideram que fenómenos de segregação de alunos com deficiência e de alunos classificados como NEE continuam a ocorrer, o que contribui para a opressão de pessoas com deficiência, marginalizando esse grupo, desvalorizando o argumento de que certas crianças seriam melhor atendidas em ambientes especiais.

II. Inclusão como resposta a processos de exclusão disciplinar:

Como a inclusão é frequentemente associada a alunos classificados por terem NEE, em muitos países existe uma conexão entre a presença destes alunos e a ocorrência de comportamentos disruptivos. Desta forma, quando se menciona a palavra inclusão,

alguns membros da comunidade escolar temem que lhes seja solicitado que cuidem de um número desproporcional de alunos com um comportamento difícil. A exclusão disciplinar não pode ser compreendida sem considerar os eventos e as interações que a precedem, a natureza dos relacionamentos, a abordagem do ensino e os processos de aprendizagem desenvolvidos na escola (Booth, 1996). E para além da exclusão formal, devem-se também considerar (e prevenir) os fenómenos de exclusão informal, de modo a construirmos uma educação realmente inclusiva.

III. Inclusão enquanto conceito que diz respeito a todos os grupos vulneráveis à exclusão:

A exclusão na educação pode ser vista de uma forma mais ampla, procurando superar a discriminação e a desvantagem em relação a qualquer grupo de alunos em risco de ser excluído do processo educativo. Em alguns países, esta perspetiva está associada aos conceitos de inclusão/exclusão social, referindo-se a alunos que são (ou correm o risco de ser) excluídos da escola, da sala de aula e/ou do sistema educativo devido ao seu comportamento.

IV. Inclusão como forma de promover a escola para todos:

Esta linha de pensamento sobre a inclusão refere-se ao desenvolvimento da escola regular pensada para todos. Este princípio está na base do sistema educativo de vários países, como o português, que procura criar uma escola regular capaz de servir uma comunidade diversificada, o mesmo ocorrendo em outros países, onde foi possível dar prioridade à inclusão dos alunos percebidos como diferentes dentro da homogeneidade da escola regular. No entanto, existem outras abordagens. Na Noruega, por exemplo, as comunidades locais facilitaram o aumento de estudantes matriculados em instituições especiais segregadas, não ocorrendo um movimento igualmente forte de reforma da escola regular para aceitar e valorizar a diferença.

V. Inclusão como educação para todos:

O movimento Educação para Todos (EPT) surgiu nos anos 1990. Impulsionado pela UNESCO, ganhou ímpeto através de duas grandes conferências internacionais realizadas em Jomtien, em 1990, e Dakar, em 2000 (UNESCO, 2000). Na conferência de Dakar existiu uma atenção especial ao número de raparigas em todo o mundo que foram privadas do seu direito à educação.

#### VI. Inclusão como uma abordagem de princípios educativos:

No *Index for Inclusion* (Booth & Ainscow, 2002) existe já uma exploração detalhada do processo de inclusão nas escolas, mas tal não significa saber com antecedência quais as ações que devem ser adotadas. Apenas dentro de cada escola em particular é possível descobrir quais as barreiras que existem à aprendizagem e participação e quais os recursos de apoio disponíveis (ou que podem ser criados). Os valores estão na base das práticas educativas das escolas, pelo que o desenvolvimento da educação inclusiva envolve a tarefa de tornar explícitos os valores inclusivos. Valores como o direito à igualdade, à participação, à comunidade, à compaixão, ao respeito pela diversidade, à sustentabilidade e à justiça. Esta lista de valores deve estar em constante desenvolvimento e atualização, sem esquecer que os conceitos muitas vezes não são consensuais. Importa também recordar que diferentes pessoas, escolas e organizações têm tendência a eleger diferentes valores. É importante valorizar a comunidade e o papel social da educação na criação e manutenção de valores inclusivos partilhados, preparando os alunos para a vida em sociedade e promovendo ambientes inclusivos sustentáveis. Deste ponto de vista, a inclusão envolve a promoção da participação e a redução de processos de exclusão do currículo, da cultura, da escola regular e da comunidade. Falamos assim de um processo contínuo onde a escola que quer ser inclusiva tem de estar em constante evolução e mudança.

Não existe uma definição única e consensual de Educação Inclusiva (Ainscow et al., 2006), mas podemos pensar sobre a Inclusão em educação como um processo de transformação de valores que leva a que as práticas e serviços educacionais se tornem inclusivos e sustentáveis. Perceber se uma escola é realmente inclusiva, implica analisar os seus valores, práticas, serviços e contextos específicos. Importa

desta forma analisar diversas dimensões, sendo que consideramos que as vivências dos profissionais da área da educação são uma fonte de informação particularmente pertinente. Referindo-se as vivências dos professores, Correia e Matos (2001) sublinham a sabedoria dos silêncios, a reserva e respeito pelas fronteiras das disciplinas de cada profissional, como “estratégias de protecção mútua no espaço social da escola” (p. 114). Alguns profissionais podem sentir uma dissociação entre a privacidade das vivências profissionais que se passam entre os muros da Escola e a expressão pública institucional, os documentos legais e as políticas educativas. Os professores relatam vivências de uma realidade que pode ser frustrante e sofrida, sentida por uns como um espaço minado, por outros como um espaço nostálgico, mas quase sempre insuficiente, que fica sistematicamente aquém da meta colocada (Correia & Matos, 2001). Uma das estratégias que foi utilizada para tentar diminuir a distância entre o que se passa nas escolas e os ideais inclusivos foi a formação dos professores, mas tal pode ser insuficiente, pois muitos professores valorizam para além da sua educação formal a prática reflexiva, o trabalho cooperativo e a participação em projetos (Rodrigues & Lima-Rodrigues, 2011). Alguns autores acreditam que os valores inclusivos só estarão verdadeiramente presentes quando a Educação Inclusiva passar a ser o resultado de uma experiência pessoal e vivida, deixando assim de ser desenvolvida por pessoas que o fazem por mera opção ética (Rodrigues & Lima-Rodrigues, 2011).

Outra perspetiva (na qual nos revemos) defende que a Educação Inclusiva deve transcender o espaço escolar, procurando envolver toda a sociedade. Os órgãos de poder local (juntas de freguesia e câmaras municipais) devem trabalhar de forma concertada com as escolas, famílias e com todas as organizações locais que poderão ter um papel relevante nesta área (Parrilla Latas, 2011). Stoll e Fink (1999 citados por Parrilla Latas, 2011) reforçam a importância dos processos de melhoria das escolas que têm um olhar mais abrangente e que valorizam a envolvente externa.

## **2. Um olhar sobre a Deficiência, a Incapacidade e a Inclusão de alunos com problemáticas graves**

Quando olhamos para uma dada temática, devemos recordar que a nossa visão não é neutra, uma vez que parte sempre de um ponto específico e subjetivo, com vários filtros que foram construídos pelo ambiente cultural, legislação, valores morais, conceitos teóricos, assim como pelas nossas vivências e processos reflexivos realizados, entre outros factores. Assumimos também que o nosso olhar tem o propósito de contribuir para o apoio aos alunos com problemáticas graves e suas famílias. Desta forma, a nossa perspectiva é influenciada por todos esses factores. Consideramos que o conceito de deficiência é ainda relevante, recordando que a Organização Mundial da Saúde (OMS) a definiu da seguinte forma: “deficiência representa qualquer perda ou anormalidade da estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatómica” (OMS, 1980, p. 35). Em Portugal, a Lei n.º 9/89 de 2 de maio - Lei de Bases da Prevenção e da Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, no ponto número 1 do artigo 2.º, definiu a pessoa com deficiência como “aquela que, por motivo de perda ou anomalia, congénita ou adquirida, de estrutura ou função psicológica, intelectual, fisiológica ou anatómica susceptível de provocar restrições da capacidade, pode estar considerada em situações de desvantagem para o exercício de actividades consideradas normais, tendo em conta a idade, o sexo e os factores sócio-culturais dominantes”. Recordamos também que, em Portugal, para beneficiar de apoios, a pessoa com deficiência necessita de evocar o conceito de incapacidade. A OMS definiu esse conceito como a desvantagem que resulta da deficiência da pessoa “...que lhe limita ou impede o desempenho de uma atividade considerada normal para esse indivíduo, tendo em atenção a idade, o sexo e os factores sócio-culturais” (OMS, 1980, p. 37). Essa incapacidade é avaliada, segundo o Decreto-Lei n.º 202/96, de acordo com a Tabela Nacional de Incapacidades, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 341/93. As pessoas com deficiência, através de uma junta médica, podem obter o Atestado Médico de Incapacidade Multiusos, nos termos previstos pelo Decreto-Lei n.º 174/97. Em função do grau de incapacidade atribuído, as pessoas com deficiência e/ou as suas famílias/tutores podem aceder a subsídios e receber equipamentos de apoio específicos, dentro e fora da escolaridade obrigatória.

Desta forma, o nosso olhar apoia-se nos conceitos de “deficiência” e “incapacidade”, pois continuam a ser centrais nos normativos legais portugueses e no acesso a apoios. Não ignoramos que estes termos tem as suas limitações, e que alguns autores usam outras designações, até porque as terminologias vão mudando ao longo do tempo (Lobo Antunes et al., 2018). Como já foi referido, recorreremos ao conceito de “alunos com problemáticas graves”, usado por Silva (2012) de uma forma semelhante ao conceito de “alunos com problemáticas de baixa incidência e alta intensidade” (Simeonsson, 1994, citado por Silva, 2012). Este autor refere-se aos alunos que eram referenciados para as Unidades de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência e Surdocegueira Congénita e para as Unidades de Ensino Estruturado para a Educação de Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo, segundo os termos definidos pelo Decreto-Lei nº 3/2008. O recurso às Unidades foi uma das respostas que o sistema escolar encontrou para a inclusão dos alunos com problemáticas mais graves, permitindo que muitos alunos com NEE que estavam em casa ou em escolas especiais, tivessem a possibilidade de frequentar uma escola pública. No entanto, constatou-se que alguns dos casos mais complexos permaneciam a maior parte do tempo nas salas das unidade de apoio especializado, tendo pouco ou nenhum contato com a sua turma de ensino regular. Verificou-se também que alguns dos alunos que frequentavam as salas das Unidades não tinham as características individuais inicialmente previstas, o que parece indicar que as escolas usaram os recursos materiais e humanos das unidades com alguma flexibilidade, procurando responder às necessidades educativas dos alunos com problemáticas mais complexas que lhes surgiam (Nunes, 2008).

As alterações legislativas e a atualização das práticas nos últimos anos aumentaram a autonomia dos estabelecimentos de ensino e a influência das famílias, o que, na nossa perspetiva, favorece a existência de diferentes percursos inclusivos. A promoção da Educação Inclusiva não tem de implicar a defesa de uma escola única, pública, onde todos os alunos seguem o mesmo percurso educativo. É possível e, considerando a realidade das escolas portuguesas até recomendável, a coexistência de diferentes respostas educativas, públicas e privadas, que funcionem de forma integrada e complementar, com escolas inclusivas, escolas de educação especial e outras organizações que tenham um papel pertinente nos percursos educativos dos nossos alunos. No caso dos alunos com problemáticas graves, defendemos que se deve procurar a solução menos restritiva possível, considerando as pretensões de

cada família e as potencialidades e necessidades específicas destes alunos. Também devemos recordar que, neste momento, existem crianças e jovens em Portugal que, devido a problemas de saúde, não frequentam nenhum estabelecimento escolar, estando internadas em contexto hospitalar ou permanecendo em casa, numa situação de grande sobrecarga familiar. Nestas situações, defendemos que escolas e instituições especializadas devem colaborar com as famílias através de um acompanhamento personalizado, abrindo portas de entrada para o sistema educativo e evitando situações de segregação. Consideramos também que os processos de inclusão podem ser apoiados através de intervenções concertadas e continuadas no tempo, com uma cooperação efetiva entre os elementos/parceiros significativos nos diferentes contextos de vida da pessoa com uma problemática grave. Recordamos que cada percurso de inclusão é um processo único e dinâmico, que não se limita ao contexto escolar, não acaba quando o jovem faz 18 anos e não termina com a conclusão da escolaridade obrigatória. Podem existir momentos críticos no percurso de vida destes jovens em que eles necessitam de um apoio específico, onde surgem oportunidades para gerar mudanças positivas e prevenir complicações futuras. Defendemos assim que durante todo o percurso de vida de uma pessoa com problemáticas graves, desde o momento do diagnóstico (do nascimento ou do momento em que a família se apercebe de que algo se passa) deve existir acesso a um sistema de apoio, sendo o acesso a uma Educação Inclusiva uma parte importante desse processo.

### **3. Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva**

Neste ponto vamos abordar o conceito de Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI). Começamos por constatar que a ideia de reunir pessoas de diferentes áreas para realizar uma tarefa mais complexa não é nova e não é específica da área da Educação. Encontramos diferentes tipos de equipas multidisciplinares em áreas tão diversas como a Construção Civil, a Engenharia, a Gestão e a Saúde. Zimerman (1997) recorda contributos de Freud, Moreno, Lewin, Foulkes, Rivière e Bion, entre outros, destacando que desde o seu nascimento, o ser humano integra vários grupos, num processo dialético entre a construção da identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social. Mais uma vez confrontamo-nos com

conceitos que não têm uma definição simples e consensual, mas parece existir um acordo sobre a existência de diferentes tipos de grupo, com características e dinâmicas próprias. Por exemplo, a Psicologia Social usa o termo *group setting* para se referir a um grupo social que se reúne para realizar uma determinada tarefa (Zander, 1985 citado por Brewer & Crano, 1994). Alguns estudos realizados, como o de Latané, Williams e Harkins (1979, citados por Brewer & Crano, 1994), indicam que a produtividade de um grupo excede normalmente a performance de um indivíduo que trabalha sozinho, mas cada elemento do grupo trabalha habitualmente menos do que se estivesse a trabalhar sozinho, um efeito que os autores designam como *social loafing*. Podemos associar este fenómeno à crença de que “duas cabeças pensam melhor do que uma”, sendo relativamente consensual que equipas de trabalho com técnicos de diferentes especialidades podem ser mais eficazes na realização de tarefas complexas do que apenas uma pessoa, que dificilmente conseguirá dominar conhecimentos de diferentes áreas. Recordamos a Teoria Geral dos Sistemas (Von Bertalanffy, 1968), onde um sistema é descrito como um grupo de elementos em interação uns com os outros, ao longo do tempo, formando padrões de interação entre si e com os elementos externos (como as famílias e as equipas). Von Bertalanffy (1968) considerava que os princípios de racionalidade de Descartes eram insuficientes para compreender o funcionamento de sistemas biológicos (Chambel & Curral, 1998). No livro “O Discurso do Método”, escrito em 1637, Descartes defendeu que para estudar um fenómeno era necessário dividi-lo em partes, estudando cada uma delas, partindo dos elementos mais simples até aos mais complexos. Bertalanffy (1968) propôs uma abordagem diferente, estudando os fenómenos que têm uma organização complexa de uma perspetiva global, identificando um conjunto de propriedades que se podem encontrar em organismos vivos e também em organismos sociais, como nas equipas de trabalho e nas organizações (Chambel & Curral, 1998). Recordamos que um sistema pode ser descrito como um subsistema de um sistema mais vasto e que pode ser subdividido em subsistemas (Jones, 1999), pelo que a compreensão de alguns princípios do pensamento sistémico pode ser bastante útil na promoção de percursos inclusivos (Baptista, 2007). Bateson, em 1979, reflecte sobre a dificuldade de se constituir uma educação “holística” que acolha a nossa dimensão global, mas apesar da grandeza do desafio, concordamos com Baptista, que acredita ser possível e útil assumir uma perspetiva sistémica para pensarmos os processos inclusivos (Baptista, 2007). Esta visão parece-nos ser coerente com a perspetiva ecológica do

desenvolvimento de Bronfenbrenner (1977), que destaca a necessidade de considerarmos as múltiplas influências dos contextos quando abordamos o desenvolvimento humano, e o mesmo princípio se pode aplicar aos sistemas sociais. Defendemos que uma visão holística, que olha para cada pessoa/grupo/sistema/equipa como um todo, integrando conceitos e princípios sistêmicos e ecológicos, pode ser particularmente útil na promoção da Educação Inclusiva. Esta visão global também tem pontos de ligação com princípios defendidos pelos gestaltistas, mais conhecidos pela famosa expressão “O todo é maior do que a soma das partes”, usada por muitos e atribuída a Wertheimer (Sprinthall & Sprinthall, 1997). Até porque, não considerar as interações entre as partes na experiência humana seria como um músico que analisa cada uma das notas de forma isolada sem nunca ouvir a melodia (Sprinthall & Sprinthall, 1997).

Segundo Boulding (Scott, 1981 citado por Chambel & Curral, 1998) é possível tipificar os sistemas em nove níveis, dos mais simples aos mais complicados. Consideramos pertinente para a nossa reflexão o nível 7 “Sistemas de processamento simbólico: sistemas auto-conscientes capazes de utilizar linguagens”, referindo-se aos seres humanos; e o nível 8 “Sistemas sociais: sistemas multicéfalos compostos por atores com um funcionamento ao nível anterior, que partilham uma ordem social e uma cultura”. Desta forma, para estudar um dado grupo social, como uma equipa multidisciplinar, devemos considerar alguns aspetos associados à cultura que os seus membros partilham.

Segundo Schein (1992), a cultura de uma dada organização pode definir-se como um conjunto de valores nucleares, normas e padrões de comportamento, que determinam a forma de interação e o empenho dos elementos na tarefa. Outro conceito relevante será o de clima organizacional, que pode ser caracterizado como o componente manifesto da cultura de uma dada organização, um fenómeno multidimensional, latente e não diretamente perceptível, que envolve características organizacionais e individuais (Schein, 1992). A construção da cultura e clima de qualquer grupo é um processo dinâmico, alimentado pela partilha de crenças e valores, não só de quem tem a função de liderar, mas de todos os elementos, em função do seu percurso pessoal e do seu poder na equipa. Anderson e Ostroff (1997) relacionam o processo de seleção dos elementos de uma equipa com a facilidade de integração na cultura da

organização, devendo ser levadas em consideração as capacidades das pessoas e as suas personalidades, valores, objetivos e atributos, de forma a atingir um bom nível de satisfação e *performance*. A realidade das organizações portuguesas que se dedicam ao ensino nem sempre permite a existência de um cuidadoso processo de seleção dos elementos das equipas multidisciplinares (e mesmo que tal fosse possível, não há garantias que tal processo fosse bem-sucedido), sendo desta forma necessário apostar no processo de socialização dos seus elementos aos princípios e valores da escola inclusiva e de uma equipa multidisciplinar que seja efetiva na promoção de percursos inclusivos. A socialização, segundo Giddens (1991, citado por Madureira, 2012) é um processo que é mais intenso em certos momentos, como na infância, mas que ocorre ao longo da vida e que constitui “um fenómeno ativo de aquisição de consciência, conhecimento e habilidade por um indivíduo no seio da(s) cultura(s) com que se cruza” (p. 27). Torna-se assim possível ocorrer uma socialização profissional, até porque o sujeito tem um papel ativo no seu processo de socialização (Pecheron, 1974, citado por Dubar, 1997, citado por Madureira, 2012) que o considera como um processo interativo e multidirecional, pressupondo uma transação entre o socializado e os socializadores. A socialização pode assim ser compreendida como uma aprendizagem informal, lenta e gradual sobre os comportamentos a desenvolver nas diferentes situações sociais, numa solução de compromisso entre as necessidades e desejos do sujeito e os valores dos grupos com que se relaciona. Trata-se de um processo de identificação, de construção de identidade, de relação e de pertença a um determinado grupo, que se inicia com a primeira relação de pertença, a mãe ou uma figura cuidadora, passando depois para o primeiro grupo de pertença, normalmente a família, e tendo continuidade ao longo da vida de cada pessoa. A importância da família no processo de socialização é destacada por vários autores (entre os quais, Erikson, 1972; Malher, 1977, citados por Madureira, 2012), sendo a aprendizagem das normas e valores da cultura familiar decisiva na formação da identidade. Cuhe (1996, p. 84 citado por Madureira, 2012) refere que é a definição social do indivíduo que lhe permite a comparação e o reconhecimento social, numa relação permanente de identificação e de diferenciação. A identidade social é assim uma forma de se definir e de ser definido, com semelhanças e diferenças de outros membros de um dado grupo social. Pode-se então argumentar que o processo de socialização contribui para a construção da identidade sendo um “resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos

processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições” (Dubar, 1997, p. 105, citado por Madureira, 2012).

Parece-nos ser possível (e aconselhável) promover a actualização das identidades individuais (dos diferentes profissionais) e grupais (das organizações e dos subgrupos que se formam dentro delas) incluindo os princípios e valores da educação inclusiva. Durante o processo de mudança é natural que ocorram fenómenos de resistência, pois mudar implica alterar os equilíbrios de poder, afetando a estrutura, a cultura e os processos, o que perturba todo o sistema e desencadeia mecanismos de defesa e resistência (Clarke, 1994). Essa resistência é expectável, até porque para constituir um novo modelo de funcionamento é necessário reconverter ou mesmo abandonar modelos de funcionamento anteriores. Nadler (1989) identifica alguns princípios que podem ser úteis na implementação e gestão da mudança, como o *princípio da administração da dor*, expressando a necessidade de se sentir um certo desconforto com os procedimentos atuais de forma a justificar a necessidade de mudar; o *princípio da centralidade*, que apresenta a mudança como algo ligado a aspetos centrais e estratégicos; o *princípio de que a liderança não é suficiente*, reforçando a mensagem de que é necessário um esforço concertado de toda a equipa para concretizar a mudança; e o *princípio do “check is in the mail”*, que recorda que as mudanças em larga escala levam tempo.

Consideramos que pode ser vantajoso compreender alguns dos processos associados ao funcionamento das EMAEI, de forma a reunir as condições necessárias para que estas equipas possam cumprir o seu propósito, promovendo as práticas de Educação Inclusiva.

Recordamos que na Educação existem vários tipos de equipa com diferentes propósitos e tipologias, algumas reunindo profissionais de diferentes formações. Mas foi apenas com o Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro, no artigo 23º, pontos 6 e 7, que se explicitou a necessidade de formar equipas com um carácter multidisciplinar.

O Decreto-Lei n.º 281/2009 de 6 de outubro, que cria o Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI), identifica a necessidade de se constituírem “equipas multidisciplinares”. No Artigo 5.º, ponto 2, alinha a) refere “... apoios prestados no domicílio por entidades institucionais, através de equipas

multidisciplinares...” e no preâmbulo aborda “o nível local das equipas multidisciplinares com base em parcerias institucionais”.

Na Lei nº 51/2012, que aprova o estatuto do aluno, no artigo 35.º está prevista a possibilidade de “...se necessário, constituir uma equipa multidisciplinar destinada a acompanhar em permanência os alunos...” (ponto 1).

Com o Decreto-Lei nº 54/2018 de 6 de julho, surge a obrigatoriedade de criar uma equipa multidisciplinar que se dedica ao apoio da educação inclusiva, como se pode ler no ponto 1 do Artigo 12.º “Em cada escola é constituída uma equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva”. Estas equipas deverão ter um papel central na promoção da educação inclusiva, como é destacado pelo Diretor-Geral da Educação, na *Nota de Abertura* do manual *Para uma Educação Inclusiva: Manual de Apoio à Prática* (Ministério de Educação/ Direção-Geral da Educação, 2018), onde se sublinha o papel fundamental da EMAEI na identificação, acompanhamento e monitorização das medidas de suporte mais adequadas para cada aluno. A Lei nº 116/2019, de 13 de setembro, procede à primeira alteração, por apreciação parlamentar, ao Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, fazendo alguns ajustes e clarificações, como no artigo 12.º, ponto 8 “Nos estabelecimentos de educação e ensino em que, por via da sua tipologia ou organização, não exista algum dos elementos da equipa multidisciplinar previstos nos nºs 3 e 5, cabe ao diretor definir o respetivo substituto.”. A Declaração de Retificação nº 47/2019 de 3 de outubro vem posteriormente retificar a Lei nº 116/2019.

Reconhecemos o mérito de se apostar nas EMAEI, onde pessoas com diferentes formações e culturas profissionais tem de colaborar para apoiar a concretização das práticas de educação inclusiva nas instituições educativas. Defendemos que estas equipas podem (e devem em algumas situações) transcender o espaço escolar. Essa transcendência pode concretizar-se de diversas formas, nos elementos que constituem a equipa, no processo de planificação e na intervenção propriamente dita. Em alguns contextos, pode até ser possível assumir uma abordagem transdisciplinar, com a equipa a delegar a intervenção direta num dos seus elementos que reúna melhores condições para intervir no terreno, tendo o apoio da equipa em todo o processo (Carvalho et al, 2018). Esta abordagem implica o desenvolvimento de confiança mútua e de uma linguagem comum que permita a partilha e a troca de conhecimento e competências entre os elementos da equipa (Carvalho, 2004, citado por Carvalho et al, 2018). No entanto, por melhor que corra uma intervenção, não

podemos pensar a Inclusão como algo que se pode resolver num dado momento. Franco (2011) utiliza o conceito de “percursos inclusivos”, que começam muitas vezes no nascimento (ou quando surge a condição específica ou o diagnóstico) e que só terminam com a morte da pessoa. Este autor também se refere ao processo de “inclusão familiar”, referindo-se à forma como a família participa no processo inclusivo, como sente a presença e como se relaciona com a criança/jovem (e mais tarde adulto), como promove o seu desenvolvimento e como perspetiva o seu futuro (Franco, 2011). Defender que a promoção da inclusão começa na família, independentemente da problemática, na nossa perspetiva implica defender um modelo de intervenção centrado na família que deve ser implementado sempre que possível. Cada criança/aluno deverá ser compreendida enquanto parte da sua família, que por sua vez integra uma comunidade com um contexto cultural e político específico, numa rede de componentes interrelacionados e interdependentes. Nesta perspetiva ecológica e holística, sublinha-se a importância do conjunto de influências do contexto e a sua complexidade (Pimentel, 1997; Bairrão, 1998; Bailey, 1998, citados por Madureira & Leite, 2003). O modelo centrado na família começou a ser implementado no âmbito da educação pré-escolar nos anos 80, sendo posteriormente aplicado a outros momentos do ciclo vital (Kim & Turnbull, citados por Martínez et al., s.d.). Este modelo incorpora um conjunto de valores, princípios e práticas centradas no apoio das famílias, promovendo o seu empoderamento e apoiando-as na melhoria das suas capacidades, de forma a promover o desenvolvimento e a aprendizagem das suas crianças (Dunst, citado por Martínez et al., s.d.). Nem sempre a intervenção direta dos profissionais é possível com a frequência necessária, pelo que a influência dos profissionais na melhoria da qualidade das interações repetidas com os principais cuidadores pode ser decisiva na promoção do desenvolvimento de uma criança (McWilliam, 2003).

Defendemos que as EMAEI devem ser espaços promotores de reflexão e apoio ao processo de tomada de decisão, viabilizando uma intervenção concertada que facilite o percurso inclusivo destes alunos. Conforme já referimos, optámos por realizar um estudo de caso, a equipa multidisciplinar de uma instituição de educação especial que promove a inclusão de alunos com problemáticas graves, tendo esse estudo decorrido

durante um período de tempo em que a sociedade portuguesa teve que se confrontar com a pandemia do COVID-19.

#### **4. Impacto da pandemia do COVID-19 na educação**

Quando a Organização Mundial da Saúde (2020) divulgou que foram detetados casos de pneumonia com etiologia desconhecida no fim de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, estávamos longe de imaginar o que iria acontecer. As autoridades chinesas identificaram um novo tipo de corona vírus, tendo partilhado a sua sequência genética a 12 de janeiro de 2020. O vírus era extremamente contagioso e rapidamente passou as fronteiras internacionais, tendo Portugal registado os primeiros casos no seu território no início de março de 2020. Foi nessa altura que a nossa realidade começou a mudar e todas as organizações portuguesas foram forçadas a criar um plano de contingência para se adaptarem à nova realidade. Num Conselho de Ministros, a 12 março, o Governo português aprovou um conjunto de medidas extraordinárias e de carácter urgente em resposta à emergência de saúde pública de âmbito internacional, que foi reconhecida como uma pandemia no dia 11 de março de 2020. A partir desse momento, inúmeras medidas foram tomadas e implementadas rapidamente. Uma das medidas que causou mais impacto na nossa área de intervenção foi a decisão de suspender as atividades letivas e não letivas presenciais nas escolas em todos os níveis de ensino, a partir do dia 16 de março de 2020. Numa quinta-feira à noite, as famílias portuguesas foram informadas que na semana seguinte, todos os estabelecimentos de ensino estariam encerrados. Essa decisão marcou o fim da normalidade no ano letivo de 2019/2020 e desde essa data até ao momento em que estamos a terminar a redação deste documento, a rotina dos estabelecimentos de ensino esteve condicionada, seguindo planos de contingência que passaram por várias fases. Esta nova realidade, marcada pela promoção do distanciamento social, pelo uso de máscara e por outras medidas que procuraram reduzir o risco de contágio com o vírus do COVID-19, condicionou a implementação de muitas atividades promotoras da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais e, em alguns casos, levou à suspensão de eventos e atividades.

A reflexão sobre este período começa a encontrar o seu espaço, surgindo publicações que procuram analisar o impacto das vivências resultantes da pandemia em várias áreas (Strecht, 2020; Duarte et al., 2022). A Ministra da Saúde do Governo Português Marta Temido no prefácio do livro “COVID-19 em Portugal - a estratégia” (Duarte et al. 2022) reconhece e agradece a todos os que contribuíram para o aconselhamento técnico e científico que apoiou o processo de decisão política, valorizando o esforço realizado e reconhecendo a importância dos especialistas. Duarte et al (2022) consideram que, embora as pandemias tenham algumas características imprevisíveis, o estudo de situações passadas e presentes possibilita o planeamento prévio e uma melhor preparação para situações futuras, destacando a importância de existir uma colaboração e partilha de informação entre as diferentes áreas científicas e os decisores políticos. Strecht (2020) reconhece o impacto negativo da pandemia ao nível da saúde pública, na saúde mental, nos processos de socialização e na educação, mas recorda que ao longo da história já fomos confrontados com diversos fenómenos que, de início, pareciam incontroláveis. Apesar de muitas famílias enfrentarem situações dramáticas durante este período, Strecht (2020) destaca que “a criatividade, o humor e o altruísmo, têm alto poder resiliente, falando-se assim da importância de uma boa “resiliência psicoafectiva” como forma de ultrapassar as mais intensas dificuldades da vida psíquica individual e social” (p. 93).

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico no seu estudo *The impact of COVID-19 on education – insights from education at a glance 2020* (OCDE, 2020) constatou que a pandemia da COVID-19 tocou todas as pessoas independentemente da nacionalidade, nível de escolaridade, rendimentos ou género. Mas as suas consequências tiveram um maior impacto nas pessoas mais vulneráveis e a área da educação não foi uma excepção. Os alunos com mais recursos, apoiados pelas famílias e com vontade e capacidade de aprender, conseguiram desenvolver e aproveitar oportunidades de aprendizagem alternativas. Os alunos de contextos mais desfavorecidos, frequentemente ficaram sem alternativas de aprendizagem quando a escola fechou. A Pandemia expôs algumas desigualdades como a falta de acesso de algumas famílias a computadores e internet com velocidade adequada para frequentar aulas e outros recursos *online* e a inexistência de um espaço adequado para aprendizagem em casa. E aqueles que não têm os recursos, a resiliência e a motivação para continuar a aprender, correm o risco de ficar para trás (OCDE, 2020).

O reconhecimento das dificuldades não deve desmotivar os profissionais que estão no terreno. Nas palavras de Azevedo (2020) “Com coragem, generosidade, criatividade e bastante improviso, as escolas encontraram formas de manter a ligação com os alunos, de concitar a colaboração de pais e outros familiares e de envolver serviços e recursos locais.” (p. 3). A um nível local, ocorreu uma valorização do papel social que a escola e a educação desempenham, activando redes de apoio e minimizando os impactos negativos da crise pandémica. O esforço dos professores foi acompanhado pelo empenho de outros profissionais, pelas autarquias, por empresas e instituições públicas e privadas, criando redes solidárias que procuraram assegurar que os alunos tinham acesso aos equipamentos e recursos necessários (Azevedo, 2020).

A Comunidade Intermunicipal do Alto Minho, no artigo “School4All Alto Minho em tempo de pandemia” (CIM do Alto Minho, 2020) procurou encarar as dificuldades criadas pela pandemia como uma oportunidade de reinvenção e crescimento pessoal e profissional. As famílias foram obrigadas a assumir um papel mais ativo no processo educativo dos seus educandos, agora forçados a ficar em casa. Os professores tiveram de desenvolver formas inovadoras para se aproximarem dos alunos através de processos de ensino. A constituição e dinamização de equipas multidisciplinares, o desenvolvimento de plataformas educativas digitais, a criação das salas do futuro com ferramentas tecnológicas adequadas (com computadores híbridos, *tablets* e acesso à internet adequado), e a disponibilização desses recursos aos alunos foram medidas importantes (CIM do Alto Minho, 2020). A ação de colaboração, partilha, capacitação e articulação desempenhada pelas equipas multidisciplinares, assegurando a ligação entre a casa, a escola e a comunidade foi fundamental. Estas equipas permitiram identificar e monitorizar necessidades específicas e situações de fragilidade social e económica, prestando um apoio individualizado às famílias em situação de maior vulnerabilidade e procurando as respostas mais adequadas para cada contexto familiar (CIM do Alto Minho, 2020).

A necessidade de avaliar os efeitos da pandemia na Educação foi também reconhecida pela Assembleia da República Portuguesa, que solicitou ao Conselho Nacional de Educação um estudo sobre os efeitos da pandemia da doença COVID-19 nas comunidades educativas, formalizando o seu pedido através da Deliberação nº 1-PL/2021, de 12 de maio. O estudo realizado pelo Conselho Nacional de Educação

(2021) identificou desigualdades socioeconómicas e educativas geradas ou agravadas pela pandemia. De acordo o *relatório Portugal Balanço Social de 2020* (citado por CNE, 2021), em 2019, era evidente a fragilidade económica das famílias portuguesas. 17,2% da população portuguesa era pobre, sendo a taxa de risco de pobreza maior entre os desempregados, famílias monoparentais, indivíduos menos escolarizados e crianças (18,5% das crianças em Portugal eram pobres). Estas desigualdades têm um peso relevante no acesso e sucesso educativo de crianças e jovens, são complexas e agravaram-se com a pandemia, produzindo injustiças sociais e discriminação (CNE, 2021). As desigualdades manifestaram-se sobretudo no acesso aos recursos que permitiam a consecução das aprendizagens, no domínio das competências adequadas para os utilizar, e no apoio técnico necessário para auxiliar alunos/famílias e professores. Estas limitações comprometeram o acesso à educação e terão prejudicado as aprendizagens de muitos alunos (CNE, 2021). Verificou-se também um aumento nos níveis de ansiedade e nas alterações de humor, sinais de depressão e irritabilidade e sentimentos de solidão nas crianças e nos jovens em Portugal. Um maior número de conflitos e divergências em casa, a deterioração das condições de habitabilidade e a inexistência de um espaço exterior na habitação foram factores que mostraram ter impacto no agravamento das desigualdades de aprendizagem, o que aumenta o risco de abandono escolar (CNE, 2021).

Apesar dos riscos identificados, surgiram também alguns indicadores positivos. Quase todos os docentes de Educação Especial procederam a adaptações no contexto de ensino remoto de emergência durante o primeiro confinamento. Ocorreu um reforço da atividade dos serviços de psicologia e orientação e um maior acompanhamento por parte dos técnicos de serviço social e de outros técnicos especializados. Existiu ainda um esforço conjunto para assegurar aprendizagens inclusivas através da disponibilização de recursos, da divulgação de documentos de apoio diversificado, do fornecimento de refeições, e da mobilização de alguns estabelecimentos de ensino para proporcionar o acolhimento de crianças e jovens com necessidades específicas, entre outras medidas (CNE, 2021).

O CNE (2021) conclui que a pandemia deu mais visibilidade ao contexto escolar como um espaço importante para a promoção do bem-estar pessoal, social, emocional, procurando promover princípios de igualdade, equidade e inclusão. Esta valorização social será relevante para a fase pós pandémica, reconhecendo que o combate ao

COVID-19 agravou desigualdades já existentes e aumentou as situações de vulnerabilidade, sendo necessário implementar medidas transversais e concertadas, retomando o processo de promover a Educação Inclusiva em Portugal.

## CAPÍTULO II - METODOLOGIA

Este capítulo caracteriza as opções metodológicas realizadas no presente estudo. Abordamos aqui a metodologia na sua função mais pragmática “de plano de ação, processo e desenho da escolha e uso dos métodos” (Crotty, 1998, p.3, citado por Coutinho, 2015). Procuramos assim compreender o processo, questionando o que está por trás das opções tomadas, os fundamentos dos métodos e as filosofias subjacentes, até porque “Em suma, o objetivo da metodologia é ajudar-nos a compreender, no sentido mais amplo do termo, não os resultados do método científico mas o próprio processo em si.” (Kaplan 1998, p.23, citado por Coutinho, 2015).

## **1. Definição do problema**

A definição do problema é muitas vezes o primeiro passo numa investigação, num processo que pode passar por várias etapas, com momentos de dúvida e ambiguidade, podendo não ser fácil perante a complexidade dos fenómenos em causa (Freire & Almeida, 2003). Foi o que ocorreu neste estudo, tendo surgido várias possibilidades que mais tarde foram abandonadas. Para Stake (1999), a escolha de um tema sugere o enfrentamento de uma situação problemática, dando-lhe uma perspetiva histórica de análise, não se limitando ao momento presente e reconhecendo problemas implícitos na interação humana. Numa primeira fase, a nossa problemática centrava-se na inclusão de crianças com multideficiência no contexto escolar. Estávamos interessados em explorar de que forma as práticas das equipas multidisciplinares poderiam contribuir (ou não) para o sucesso da inclusão desses alunos. Mas, no momento em que estávamos a fazer os contatos para ir para o terreno, a pandemia do COVID-19 mudou a nossa realidade. Existiu uma primeira fase em que acreditámos que seria melhor esperar alguns meses até que o vírus permitisse que alguma normalidade regressasse às nossas vidas e ao contexto escolar. Durante essa fase procurámos aprofundar a nossa pesquisa teórica e fomos identificando outros temas que nos interessavam e que poderiam ser estudados nas condições com que nos confrontávamos. Quando garantimos o acesso às reuniões de uma equipa multidisciplinar, percebemos que tínhamos uma oportunidade de investigação que devíamos aproveitar, e a definição do problema que queríamos estudar. Surgiu assim o título: “A inclusão de alunos com problemáticas graves – preocupações e práticas de uma equipa multidisciplinar em tempos de pandemia”. O problema foi operacionalizado

à volta das preocupações e práticas da Equipa Multidisciplinar da Instituição em relação à inclusão de alunos com problemáticas graves, durante um período temporal em que a maioria de nós estava em teletrabalho.

## **2. Pergunta de partida e objetivo do estudo**

Como já foi referido, a pandemia do COVID-19 condicionou as nossas vidas desde o início de 2020. A presente investigação não foi exceção, pelo que reescrevemos a nossa pergunta de partida:

- Quais as preocupações e práticas de uma equipa multidisciplinar que se dedica à promoção da inclusão de alunos com problemáticas graves durante a pandemia do COVID-19?

Após uma fase inicial em que a perplexidade face à nova realidade pandémica levou a momentos de espera e de reduzida proatividade, optámos por encarar os condicionalismos do contexto como uma oportunidade de investigação. Segundo Moltó (2002, citada por Coutinho, 2015), os objetivos de investigação podem ser exploratórios (ou descritivos) ou analíticos (explicativos ou preditivos). Considerando que a nossa problemática ainda não tinha sido objeto de estudo, pois na altura em que começamos a nossa investigação, não existiam estudos publicados sobre o funcionamento das equipas multidisciplinares de apoio à inclusão durante o período de pandemia, a definição de um objetivo geral exploratório pareceu-nos adequada. Com efeito, este objetivo poderá permitir identificar e descrever características do funcionamento destas equipas, servindo de base a estudos futuros e a uma melhor compreensão de como podemos promover a Educação Inclusiva no sistema escolar português.

Com esta nova perspetiva, definimos o seguinte objetivo geral:

- Refletir sobre as preocupações e práticas de uma equipa multidisciplinar que se dedica à promoção da inclusão de alunos com problemáticas graves durante o período de confinamento que ocorreu entre março e abril de 2020.

### **3. Natureza e desenho do estudo**

As opções tomadas ao nível da natureza e desenho do estudo estão procuradas ser coerentes com as decisões tomadas ao nível do problema, da pergunta de partida e do objetivo do estudo. A investigação pode desta forma ser incluída no paradigma qualitativo ou interpretativo, também designado como hermenêutico, naturalista ou construtivista, entre outras designações (Guba, 1990; Creswell, 1994; Crotty, 1998; citados por Coutinho, 2015). Perante as circunstâncias já referidas, optou-se pela realização de um estudo de caso intrínseco, procurando ganhar conhecimento sobre uma situação concreta, procurando estudar o que esta tem de específico e único (Stake, 1994). O caso (nesta investigação o caso é a Equipa Multidisciplinar) é examinado em detalhe, no seu contexto natural, reconhecendo-se a sua complexidade e recorrendo-se aos métodos considerados apropriados (Gómez, Flores & Jimenez, 1996; Punch, 1998; Ying, 1994; citados por Coutinho, 2015).

Durante o processo de investigação ocorreram algumas alterações ao que inicialmente tinha sido idealizado, mas manteve-se o desenho do estudo em três fases, nomeadamente a Fase 1 – Preparação, a Fase 2 – Recolha de dados e a Fase 3 – Análise dos dados e redação da dissertação, num total de 10 momentos (ver Figura 1).

Na Fase 1 – Preparação, ocorreu uma primeira revisão de literatura que permitiu a elaboração do pré-projeto. Após o pré-projeto ser aprovado, existiu o contato formal com a instituição, tendo sido obtidas as autorizações necessárias para concretizar o estudo.

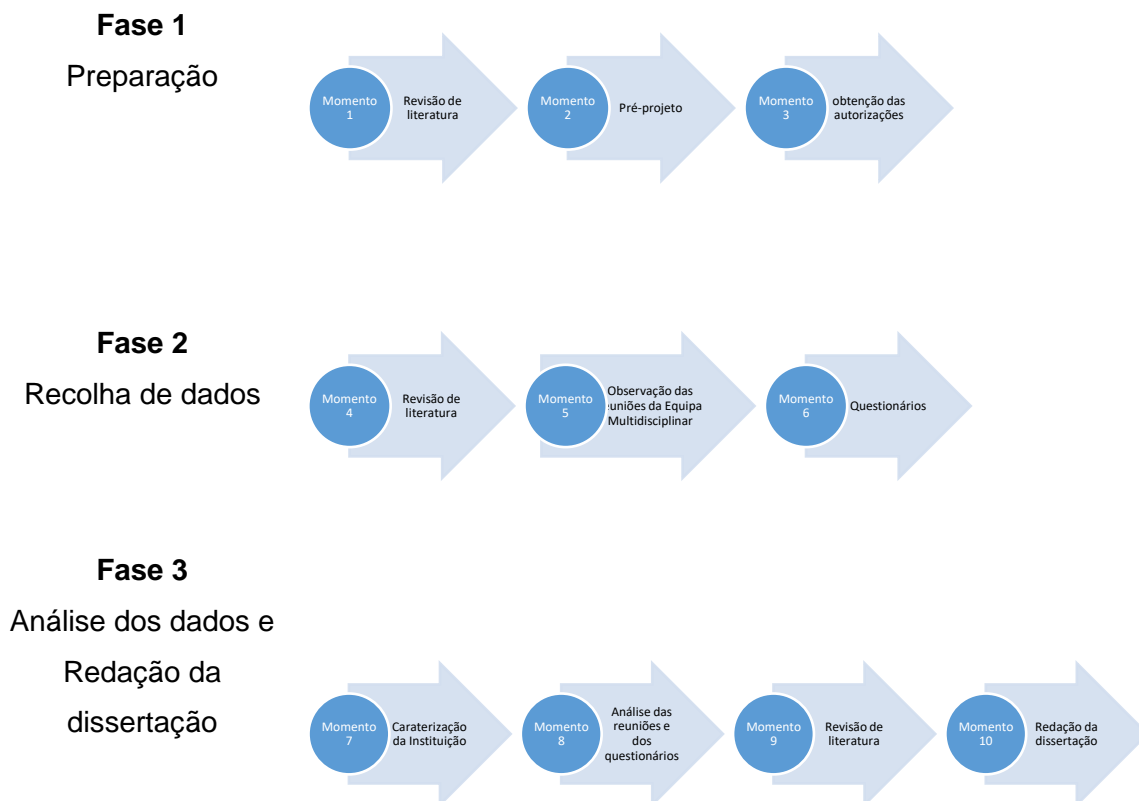
Antes da Fase 2 ter início, a pandemia do COVID-19 entrou nas nossas vidas, tendo sido acordado por todas as partes envolvidas que a investigação ficaria suspensa até que fosse possível realizar uma recolha de dados em segurança. No entanto, quando se verificou que todos teríamos de conviver com o vírus e com as condicionantes que o combate à pandemia impunha durante bastante tempo, tomou-se a opção de realizar algumas adaptações ao projeto inicial, tornando-o viável face às contingências impostas pela nova realidade.

Foi assim possível implementar a Fase 2 - Recolha de dados, com um novo momento de revisão literatura e com a observação de uma sequência de quatro reuniões da

Equipa Multidisciplinar. Posteriormente foi elaborado um questionário que os elementos da equipa responderam de forma individual.

A Fase 3 - Análise dos dados e redação da dissertação, implicou a caracterização da instituição, recorrendo-se à consulta da documentação disponível, tendo sido o Projeto Institucional e o Plano de Contingência da organização os documentos mais relevantes. As reuniões observadas foram transcritas, protegendo-se a identidade dos membros da equipa, utilizando-se para esse efeito os registos áudio que foram feitos para esse efeito. Foi feita uma nova revisão da literatura, até porque alguns estudos onde o impacto da pandemia é considerado foram publicados muito recentemente, pelo que foi feito um esforço adicional para incluir a informação que consideramos pertinente, o que causou uma demora adicional na redação da versão final da dissertação.

**Figura 1- Desenho do Estudo**



#### 4. Participantes

Um dos aspetos essenciais numa investigação é a definição do grupo de sujeitos a considerar. Sendo este um estudo de caso de uma equipa multidisciplinar específica, consideramos ser relevante clarificar que os elementos que fazem parte da equipa podem variar em função dos casos discutidos, podendo ser incluídos familiares ou técnicos de outras entidades em reuniões específicas, sendo estes considerados membros da equipa durante um dado período de tempo. Como as reuniões observadas decorreram durante um período de confinamento, apenas quatro pessoas da equipa não era funcionárias da instituição, duas professoras que na altura estavam destacadas pelo Ministério de Educação e duas religiosas que colaboram com a organização. Entre março e abril de 2020, a Equipa Multidisciplinar tinha 18 participantes.

**Tabela 1 – Membros da Equipa Multidisciplinar**

<b>Número de membros</b>	<b>Tipo de Funções</b>	<b>Observações</b>
3	Funções diretivas	O Diretor Pedagógico (que também é Diretor Técnico do CAO/CACI), a Diretora Técnica do Lar de Apoio e a Irmã Franciscana que representava a Direção do Instituto.
6	Professoras e Educadoras	Professora A, Professora M, Professora L, Educadora F, Educadora C e Educadora CA.
4	Monitoras de CAO/CACI que são responsáveis de sala	Monitora N, Monitora S, Monitora C e Monitora/Ir. M.
5	Técnicas especialistas	A Psicóloga, a Assistente Social, a Terapeuta da Fala, a Terapeuta Ocupacional e a Fisioterapeuta.
18		

O número de participantes em cada reunião variou, em função da convocatória, da ordem de trabalhos, das férias de alguns dos membros e da existência de outras prioridades contextuais identificadas que levaram à dispensa de alguns elementos em certas reuniões.

## **5. Processos e técnicas de recolha e análise de dados**

Neste ponto iremos abordar os processos e técnicas de recolha e análise de dados utilizados, procurando descrever e justificar as opções tomadas ao longo do processo investigativo. Os instrumentos, os processos e as técnicas utilizadas são fundamentais para a qualidade científica dos resultados e das conclusões do estudo (Almeida & Freire, 1997; Black, 1999; citados por Coutinho, 2015).

### **5.1. Análise documental**

Foi realizada uma análise dos documentos disponibilizados pela organização, de forma a permitir a caracterização do contexto institucional. O termo “análise” pode ser usado em investigação com três significados: (1) referindo-se à obtenção de dados (sendo este o sentido utilizado neste ponto); (2) análise como produto; (3) processo de tratamento de dados para deles extrair informação (Black, 1999, citado por Coutinho, 2015).

Os documentos considerados mais relevantes neste processo foram o Projeto Institucional e o Plano de Contingência, consultados através do *site* da instituição<sup>1</sup>.

### **5.2. Observação**

A observação é uma técnica que, com base no que o observador vê e ouve, permite o registo de unidades de interação de uma dada situação social (Denzin, 1989; Flick, 1998, citados por Coutinho, 2015). Bailey (1978, 1928, citado por Dafinoiu & Lungu, 2003) diferencia a observação entre o contexto natural e o contexto artificial/laboratorial. Kumar (2011, citado por Coutinho, 2015) distingue entre

---

<sup>1</sup> Ver site da organização.

observação estruturada, onde existe um protocolo de observação pré-definido em função das dimensões que se pretende observar, e observação não estruturada, também designada de observação naturalista, onde se regista de forma livre tudo o que é observado. Outra forma de caracterizar a observação é em função do grau de participação do investigador, que pode ocupar uma de quatro posições que se alinham num contínuo: participante pleno, participante observador, observador participante e simples observador (Denzin, 1989; Patton, 2002, citados por Coutinho, 2015). Reconhecemos que estamos num dos extremos dessa categorização, beneficiando da posição de participante pleno enquanto elemento da equipa para realizar uma observação naturalista em contexto natural. As quatro reuniões decorreram entre 30 de março e 29 de abril de 2020, tendo sido observadas e gravadas através de um registo de áudio. A observação inicial serviu para confirmar a pertinência dessas reuniões, sendo as gravações das mesmas posteriormente transcritas e analisadas.

### **5.3. Questionário**

Os questionários assemelham-se às entrevistas, mas podem ser autoadministrados por dispensarem a presença do entrevistador (Ghiglione & Matalon, 1997, citados por Coutinho, 2015). Reconhecemos a necessidade de tomar alguns cuidados especiais na elaboração do questionário, nomeadamente ao nível da conceção, formatação e aparência geral do formulário (Eisman, 1992; Ghiglione & Matalon, 1997, citados por Coutinho, 2015). Os questionários também permitem várias possibilidades ao nível da formulação das questões, podendo ser abertas ou fechadas, diretas ou indiretas, sendo que todas as opções devem ser fundamentadas (Coutinho, 2015).

O questionário utilizado no presente estudo foi elaborado com base na análise dos dados recolhidos nas reuniões, dando a possibilidade de cada elemento da equipa expressar individualmente a sua opinião em relação às preocupações e práticas que foram identificadas na análise de conteúdo. Os inquiridos têm assim possibilidade de acrescentar informação adicional. Recordamos que entre o momento das reuniões e a aplicação do questionário decorreu um determinado período de tempo, existindo a saída de alguns elementos e a entrada de novos colaboradores.

Uma primeira versão do questionário foi aplicada a dois elementos que tinham entrado para a equipa recentemente, que explicaram a sua interpretação de cada questão e

explicitaram o seu processo de raciocínio em cada resposta. Este momento de pré-teste e o *feedback* recebido levou à realização de algumas alterações, chegando-se à versão final do questionário (anexo A) que foi respondida pelos elementos da equipa que estiveram nas reuniões e que continuavam a colaborar com a instituição no momento de aplicação deste instrumento. Foi possível obter 11 questionários válidos (saíram entretanto 3 colaboradores e 1 questionário foi considerado inválido). A tabela de análise dos dados recolhidos através do questionário pode ser consultada nos anexos (anexo B).

#### **5.4. Análise de conteúdo**

De acordo com Krippendorff (1989 p.403, citado por Carvalho & Santos, 2020), a análise de conteúdo é “uma das mais importantes técnicas de investigação nas ciências sociais”. Bardin (1979) define a análise de conteúdo como “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.” (p.42, citado por Carvalho & Santos, 2020). Segundo estes autores a análise de conteúdo é uma técnica adequada para decifrar fenómenos comunicacionais, como os que se verificam nas reuniões de equipa. Apesar da adequabilidade da técnica à implementação de estudos de natureza qualitativa, nomeadamente em estudos de caso (Costa & Souza, 2015, citados por Carvalho & Santos, 2020), não ignoramos as críticas referentes a possíveis problemas de ambiguidade e subjectividade inerentes ao processo de codificação (Fraenkel et al., 2012; Ghiglione & Matalon, 2001; Krippendorff, 2004; Lima, 2013, citados por Carvalho & Santos, 2020). Os autores reconhecem também desvantagens como a dificuldade de concretização, a complexidade e a morosidade de todo o processo, a dificuldade em assegurar a confidencialidade e as questões ao nível da generalização e da representatividade, mas na perspetiva de Shaw (1999, citado por Coutinho, 2015), quem realiza um estudo de caso não procura generalizar, mas sim particularizar, ao estudar uma situação concreta para a partir dela construir teoria.

O problema central da análise de conteúdo é a categorização, sendo que as categorias podem surgir do documento que é objeto de análise, da revisão da

literatura, do conhecimento geral do investigador na área ou atividade na qual o estudo se insere, das respostas obtidas na entrevista e dos objetivos. A escolha das categorias é crucial na análise de conteúdo, pois permite ao investigador fazer a ligação entre os objetivos da pesquisa e os resultados obtidos (Vilelas, 2009, citado por Santos & Lima, 2019). Ao realizar uma análise de conteúdo, o investigador utiliza um conjunto de técnicas que permitem analisar os dados de forma sistemática, desvendando e quantificando palavras/frases/ temas considerados “chave” que permitem uma comparação posterior, pois as *unidades de análise* podem organizar-se em categorias conceptuais (Coutinho, 2015). A escolha da unidade de análise é um momento importante, com a identificação de partes do texto, com natureza e dimensão variáveis, que devem ter um sentido completo e com pertinência para o objeto de estudo. Referimo-nos às unidades de registo (UR) definidas por Bardin da seguinte forma: “unidade de significado a codificar ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando a categorização e a contagem frequencial” (2011, p. 130, citado por Coutinho, 2015). É comum considerarem-se duas abordagens à análise de conteúdo, a que parte de categorias pré-definidas para o processo de codificação, uma abordagem dedutiva e a abordagem indutiva, que tem um carácter exploratório, sendo criadas as categorias à medida que são identificados padrões nos dados. Existe ainda a abordagem mista, que reúne as características de ambas (Ghiglione & Matalon, 1997, citados por Coutinho, 2015). No presente estudo, partimos de uma abordagem indutiva que depois veio a tornar-se mista para permitir a comparação entre as quatro reuniões, tendo-se chegado aos critérios presentes no anexo C.

## **5.5. Princípios éticos**

Ao realizarmos uma investigação existem sempre um conjunto de questões éticas que devemos considerar. Ao longo do nosso percurso académico e profissional estas preocupações surgiram com alguma frequência. A Comissão Europeia (2005) na *Carta Europeia do Investigador* recorda os investigadores europeus que devem seguir as práticas e os princípios éticos fundamentais reconhecidos e adequados à(s) sua(s) disciplina(s), seguindo assim as normas éticas documentadas nos diferentes códigos de ética nacionais, sectoriais ou institucionais.

Foi solicitada e fornecida uma autorização emitida pela Direção da organização a que a Equipa Multidisciplinar pertence (anexo D) e foram tomadas medidas para assegurar a confidencialidade dos profissionais e dos alunos que possam ser referenciados ao longo deste documento.

Destacamos também a preocupação em referenciar as fontes consultadas de forma adequada, evitando o plágio de qualquer tipo e observando o princípio da propriedade intelectual de outros autores.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E  
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo vamos apresentar os dados recolhidos dos documentos consultados para caracterizar o contexto institucional, os resultados obtidos da análise de conteúdo das quatro reuniões da Equipa Multidisciplinar e os resultados do questionário aplicado. Terminamos com a discussão dos resultados, procurando espelhar a reflexão produzida.

## **1. Contexto institucional**

Neste ponto procurámos caracterizar o contexto institucional e fornecer o enquadramento necessário de forma a permitir uma melhor compreensão dos dados recolhidos. Na caracterização do contexto institucional, foi fundamental a consulta e análise do Projeto Institucional com o título “Horizonte 2023 – 90 anos de apoio à pessoa com deficiência”.

No Projeto Institucional a organização defende a implementação de um modelo de intervenção com base na reflexão desenvolvida pela sua Equipa Multidisciplinar, seguindo os valores Franciscanos e os valores defendidos pela Congregação, numa cultura de diálogo e melhoria contínua. Defende-se que a atividade lúdica deve ser o meio preferencial para estimular a aprendizagem e promover o desenvolvimento dos alunos e que, sempre que possível, a intervenção deve ter uma abordagem centrada na família, promovendo-se uma visão holística do aluno e do seu contexto familiar. O Instituto tem como princípio fundamental “Fazer o Bem”, e procura atingir esse propósito potenciando o sistema de apoio existente, maximizando os recursos disponíveis com práticas complementares e cooperativas que corresponsabilizam todos os envolvidos no processo. A organização assume um papel de apoio da rede escolar regular, pública e particular, especializando-se na intervenção com “alunos com problemáticas graves”, segundo o conceito de Silva (2012).

Tendo sido constituído em 1933 por uma congregação religiosa espanhola e dedicando-se inicialmente ao ensino de alunos surdos, a partir dos anos 90, a instituição começou a receber alunos com problemáticas consideradas mais graves, que não conseguiam ser incluídos na escola regular. Neste contexto foram identificadas necessidades sociais que condicionavam o percurso escolar destes

alunos, o que levou o Instituto a estabelecer acordos com a Segurança Social, passando a disponibilizar respostas sociais complementares. Em 2004, o Instituto assinou um Acordo de Cooperação com a Segurança Social, definindo os termos do funcionamento da resposta social Lar de Apoio, o que permitiu assegurar alojamento, alimentação, higiene e restantes cuidados necessários a 22 crianças e jovens com necessidades especiais, com idades entre os 6 e os 18 anos, de segunda a sexta-feira. Esta resposta funcionava de forma complementar à resposta educativa, apoiando as famílias que estavam a sentir mais dificuldades em lidar com o *stress* associado a ter uma criança com uma deficiência grave, procurando evitar a ruptura da unidade familiar, que se reunia nos fins-de-semana e nos períodos de férias, mantendo os pais a responsabilidade legal sobre os seus filhos.

Em 2009, o Instituto estabeleceu um novo acordo com a Segurança Social para dinamizar outra resposta social, o Centro de Atividades Ocupacionais (CAO), para jovens e adultos com idade igual ou superior a 16 anos com necessidades especiais, assegurando um apoio para estes jovens que não conseguem aceder ao mundo laboral, após terminarem o seu percurso escolar. Esta relação foi reforçada posteriormente, sendo que o CAO do Instituto tem atualmente a capacidade para receber 40 utentes. Esta resposta social está atualmente em processo de conversão para Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI), na sequência da portaria n.º 70/2021, publicada a 26 de março de 2021.

Os acordos com o Ministério da Educação e com a Segurança Social, assim como as parcerias estratégicas com outras organizações asseguram a estabilidade e viabilidade da Instituição, que neste momento tem turmas de Educação Especial com alunos da Educação Pré-escolar e do 1º ciclo do Ensino Básico. Dinamiza também, de forma complementar, as respostas sociais Lar de Apoio e CACI. Tendo celebrado 88 anos de existência em outubro de 2021, o Instituto acompanhou a evolução dos movimentos de apoio à educação e inclusão das pessoas com deficiência em Portugal. O modelo de intervenção atualmente em vigor segue, sempre que possível, os princípios da abordagem centrada na família. Neste modelo, a família é o elemento-chave no processo de tomada de decisão e na prestação de cuidados à criança/jovem, devendo a intervenção ocorrer nos contextos naturais e rotinas da criança/jovem e da sua família, mobilizando os recursos existentes.

Para melhor caracterizar o contexto institucional, consideramos ser pertinente abordar as tipologias de alunos mais frequentes. Temos presente que colocar rótulos em crianças pode ser muito prejudicial (Madureira & Leite, 2003), mas não devemos desvalorizar a pertinência de conhecer as problemáticas mais frequentes na organização estudada. Todos os alunos que entram para o Instituto têm déficit cognitivo, sendo que os diagnósticos mais frequentes são Perturbação do Desenvolvimento Intelectual (PDI) de grau grave (3) e profundo (4), Perturbação do Espectro do Autismo (PEA), normalmente de grau severo – nível 3, e Multideficiência (MD), na maioria das vezes resultante de um quadro de Paralisia Cerebral. As comorbilidades são comuns e a patologia mental surge com frequência. Estes diagnósticos são frequentemente associados ao conceito de “alunos com problemáticas graves” (Silva, 2012) apesar do termo ser mais abrangente e também poder ser utilizado em outras situações.

O diagnóstico de PDI, segundo os critérios do DSM V (2013), refere-se a um síndrome neurodesenvolvimental que se inicia durante o período de desenvolvimento, incluindo um déficit cognitivo e um déficit no funcionamento/comportamento adaptativo, que condiciona a autonomia do sujeito. Os défices afectam, em um ou mais ambientes, um ou mais dos três domínios: o domínio social; o domínio conceptual; e o domínio do funcionamento prático. Para se poder formular o diagnóstico de PDI, os três critérios têm de estar presentes, podendo ter diferentes níveis de gravidade, nomeadamente ligeiro (1), moderado (2), grave (3) e profundo (4). Historicamente foram usados outros termos, como *atrasado mental*, *deficiente mental*, *idiota* e *débil mental*, expressões que foram na sua origem conceitos técnicos, mas que ganharam uma conotação social negativa e perderam a sua utilidade descritiva (Lobo Antunes et al., 2018).

Outra problemática bastante frequente no Instituto é a PEA, que segundo o DSM V (2013) tem de reunir critérios em dois domínios: (1) Défices nas relações sociais e nos processos de comunicação; (2) Interesses restritos, fixos, intensos e comportamentos repetitivos. A gravidade pode variar entre grau leve (nível 1), grau moderado (nível 2) e grau severo (nível 3). Nos casos mais complicados podem ocorrer padrões comportamentais disruptivos, com auto e hétero agressões que colocam em risco estes alunos e as pessoas que os rodeiam. As situações em que existem comportamentos agressivos colocam grandes desafios à inclusão destes alunos na

escola regular, levando à ocorrência de momentos potencialmente traumáticos para todos os envolvidos, que podem levar à exclusão, expulsão e até internamento compulsivo destes jovens, sendo a sua posterior reabilitação um enorme desafio para todos os envolvidos. Devemos compreender que um professor que foi agredido fisicamente por um jovem com PEA estará menos motivado para receber outros alunos com PEA. Desta forma, parece-nos ser recomendável promover percursos inclusivos que, dentro do possível, previnam a ocorrência de situações lesivas para todos os envolvidos.

Outra designação que surge frequentemente associada aos alunos do Instituto é a MD, que remete para uma problemática complexa e muito específica, não existindo uma definição consensual. Para Contreras e Valência (1997, p. 378) a MD é “um conjunto de duas ou mais incapacidades ou diminuições de ordem física, psíquica ou sensorial”, o que não implica necessariamente limitações no funcionamento intelectual. Saramago et al, (2004, p. 213) consideram que as crianças com MD apresentam “acentuadas limitações no domínio cognitivo, associadas a limitações no domínio motor e/ou no domínio sensorial (visão ou audição)”. Segundo Orelove e Sobsey (2000, citados por Nunes, 2002) a MD implica a existência de limitações acentuadas no domínio cognitivo (que requerem apoio permanente) em conjunto com limitações no domínio sensorial (visão ou audição), ou no domínio motor. Nunes (2001) defende que da combinação das limitações existentes surgem necessidades muito específicas. Desta forma, as interações estabelecidas entre as diferentes limitações influenciam, não apenas o seu desenvolvimento, mas também o seu funcionamento nos diferentes ambientes e o modo como aprendem. Destaca-se a visão de que a MD não se trata de um somatório de deficiências, devendo-se considerar a dinâmica que resulta da interação estabelecida entre os diferentes problemas/deficiências que vão influenciar o desenvolvimento da pessoa e a forma como esta funciona nos diferentes contextos e aprende, sendo necessário apoio permanente para assegurar que estes alunos têm os cuidados necessários (Nunes, 2001). Recordamos que muitos casos de MD podem decorrer de situações de Paralisia Cerebral que, de acordo com Andrada (1986, citado por Monteiro, Matos & Coelho, 2002), consiste num quadro complexo e heterogêneo com um traço comum, a existência de uma deficiência neurodesenvolvimental que afeta diversas áreas da criança, condicionando as suas competências. Estas crianças têm uma determinada incapacidade ao nível motor, e em função da zona cerebral

lesada, poderão surgir outras perturbações, como atraso de desenvolvimento intelectual, perturbações de visão, perdas auditivas e dificuldades de linguagem. Os alunos com MD precisam de ter acesso a um apoio permanente especializado que compreenda que da associação dos diferentes problemas resultam necessidades de aprendizagem únicas e excepcionais (Chen & Dote-Kwan,1995, citados por Nunes, 2002).

Consideramos ser também pertinente destacar que a investigação foi realizada durante um período específico onde o combate à pandemia do COVID-19 se tornou particularmente complexo. O Plano de Contingência foi criado como uma reação à situação pandémica, tendo passado por várias actualizações. A primeira versão foi apresentada a 5 de março de 2020 e a sua quinta e última atualização a 31 de agosto de 2021. No dia 16 de março de 2020, o Instituto implementou a decisão do Conselho de Ministros que determinou o encerramento das atividades presenciais ao nível dos estabelecimentos de educação especial e das respostas sociais não residenciais. Foi um período de muitas dúvidas e incertezas, onde foi necessário reorganizar toda a dinâmica de funcionamento do Instituto. Esse processo de reorganização ocorreu, em grande parte, nas reuniões da Equipa Multidisciplinar.

O Plano de Contingência da organização foi elaborado com o propósito de ajustar o funcionamento do Instituto aos condicionalismos impostos pela pandemia do COVID-19. Desde o início de março de 2020 que o Instituto mantém a sua atividade condicionada, sendo que na última versão do Plano de Contingência (atualmente em vigor) existem sete princípios de funcionamento que mudaram a dinâmica da Instituição que devemos considerar:

“- 1º Princípio: Ter o maior número possível de colaboradores, utentes e alunos vacinados;

- 2º Princípio: Implementar um plano de testagem que diminua o risco de contágio;

- 3º Princípio: Manter as medidas de reforço da higiene e distanciamento social;

- 4º Princípio: Os funcionários, alunos e utentes do Instituto da Imaculada continuarão a utilizar Equipamentos de Proteção Individual e uma muda de roupa/bata só para usar no Instituto;

- 5º Princípio: As atividades que implicam uma maior aglomeração de pessoas continuam canceladas ou têm de ser adaptadas;
- 6º Princípio: Perante casos positivos, suspeitos, casos de isolamento profilático ou outras situações consideradas de risco, podem ser tomadas medidas excepcionais que serão avaliadas caso a caso, sempre em coordenação com as autoridades de saúde;
- 7º Princípio: A frequência do Lar de Apoio será exclusivamente para alunos e utentes do Instituto”.

Apesar destes princípios e das implicações que deles decorrem serem bastante restritivas, são já uma evolução face à situação vivida após 16 de março de 2020. Nessa altura foi implementada a segunda fase do plano de contingência da instituição, da qual destacamos as seguintes medidas:

“O Instituto (...) encerrou as atividades regulares da vertente educativa e das respostas sociais Lar de Apoio e Centro de Atividades Ocupacionais a partir do dia 16 de março de 2020, mantendo a execução das medidas acordadas com as CPCJ. Esta situação irá manter-se enquanto o contexto de crise o justificar; (...)

O Instituto reorganizou a atribuição de tarefas pelos seus colaboradores, permitindo que os funcionários com competências e funções compatíveis possam optar pela modalidade de teletrabalho;

Alguns dos colaboradores que se encontram em teletrabalho passaram a ter a função de fazer o acompanhamento telefónico das famílias dos utentes e alunos (...).

O Instituto (...) iniciou uma parceria com a Junta de Freguesia da Estrela no dia 23 de março de 2020, cedendo a carrinha e o trabalho presencial de alguns colaboradores, permitindo a entrega de alimentos e medicamentos na residência de famílias da freguesia que necessitam desse apoio;”.

Estas medidas, e outras que se seguiram, mudaram a dinâmica de intervenção do instituto, que antes da pandemia promovia a abertura à comunidade e a realização de atividades em cooperação com diversos parceiros, elegendo o trabalho em rede e a cooperação com outras instituições como forma prioritária de promover experiências de inclusão para os seus alunos e utentes. Os condicionalismos impostos pela

situação pandémica vieram impor um período de moratória em muitas das atividades presenciais, criando novas necessidades e desafios. As diferentes versões do Plano de Contingência procuraram manter a comunidade do Instituto em segurança, assegurando o apoio aos alunos/utentes e suas famílias ao mesmo tempo que se seguiam as indicações dos Conselhos de Ministros, da OMS e da Direção-Geral da Saúde (DGS) de forma a minimizar o risco de ocorrência de um surto de COVID-19 na Instituição.

## **2. Apresentação e análise das reuniões de equipa**

A Equipa Multidisciplinar do Instituto integra um grupo de profissionais com formações e funções diversificadas que reúnem sob a coordenação do Diretor Pedagógico, com o propósito de definir estratégias de intervenção promotoras da inclusão e da melhoria da qualidade de vida dos alunos/utentes e das suas famílias. Os elementos que fazem parte da equipa podem variar, sendo que durante o período estudado a Equipa Multidisciplinar tinha 18 elementos.

Uma sequência de quatro reuniões foi observada, gravada, transcrita e analisada. Todas as reuniões foram realizadas de forma virtual através do *Microsoft Teams*, tendo ocorrido a 30 de março, 1 de abril, 22 de abril e 29 de abril de 2020, num período em que o teletrabalho se tornou obrigatório.

A primeira reunião realizou-se no dia 30 de março de 2020 (ver protocolo da primeira reunião no anexo E). Contou com a participação de 10 colaboradores (O Diretor Pedagógico, a Diretora Técnica do Lar de Apoio, a Representante da Direção do Instituto, a Psicóloga, a Assistente Social, a Terapeuta da Fala, a Terapeuta Ocupacional, a Professora M, a Educadora CA e a Monitora N) e teve a seguinte ordem de trabalhos: (1) Informações; (2) Regras de funcionamento da reunião através do *Microsoft Teams*; (3) Plano de Sala e discussão de casos do CAO 4.

Na tabela 2 apresentamos a síntese da análise realizada, com os valores absolutos e relativos das quatro categorias e das 17 subcategorias identificadas (a análise de conteúdo da primeira reunião pode ser consultada no anexo F).

**Tabela 2: Síntese da análise da primeira reunião**

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
<b>Preocupações e práticas</b>	1. Funcionamento interno (171 UR – 82,2%)	Organização das reuniões (28 UR – 13,5%)
		Definição de prioridades, regras e princípios (14 UR – 6,7%)
		Clarificação de conceitos (41 UR – 19,7%)
		Reorganização de funções e tarefas (15 UR – 7,2%)
		Elaboração de documentos (50 UR – 24%)
		Planificação de atividades (23 UR – 11,1%)
	2. Reações emocionais (11 UR – 5,3%)	Medo de ficar infectado(a) e doente (6 UR- 2,9%)
		Sentimento de insegurança/stress face à pandemia (3 UR- 1,4%)
		Sentimento de receio face ao impacto da pandemia nos alunos e nas suas famílias (2 UR - 1%)
	3. Apoios a alunos e suas famílias (19 UR – 9,1%)	Apoio alimentar (4 UR – 1,9%)
		Apoio com informação e documentação (3 UR- 1,4%)
		Disponibilização de medicação e outros bens de primeira necessidade (3 UR- 1,4%)
		Atenção às necessidades financeiras das famílias (2 UR – 1%)
		Acompanhamento personalizado (5 UR- 2,4%)
		Falta de interesse/participação das famílias (2 UR – 1%)
	4. Cooperação com outras instituições (7 UR – 3,4%)	Articulação com as Juntas de Freguesia (6 UR- 2,9%)
		Articulação com a Segurança Social (1 UR – 0,5%)
	<b>Total de UR= 208</b>	

As principais preocupações e práticas da Equipa Multidisciplinar nesta primeira reunião estiveram associadas ao “Funcionamento interno” com 82,2% das 208 UR codificadas. Recordamos que na altura o teletrabalho passou a ser obrigatório e foi criado um novo modelo com base no apoio remoto, o que pode explicar a necessidade da equipa estar tão centrada no seu funcionamento interno, tendo de atualizar documentos, procedimentos e conceitos.

A preocupação/prática mais frequente foi a “Elaboração de Documentos” com 24% das UR, o que se pode compreender pela necessidade de criar novos documentos de referência, verificando-se uma maior disponibilidade dos funcionários para produzir

documentos num momento em que passaram a estar em teletrabalho. Um exemplo é o seguinte registo:

*“Proposta Plano de Sala CAO 4. Este documento foi construído numa lógica de ideias partilhadas que andaram para trás e para a frente, mais entre mim e a S., houve outros contributos para além de nós... ainda está ao nível de proposta” UR 1.34–P*

A “Clarificação de conceitos”, com 19,7% das UR, foi a segunda subcategoria mais frequente, o que se pode explicar pela necessidade de definir e operacionalizar novos termos e procedimentos e, mais uma vez, pela maior disponibilidade resultante do teletrabalho para realizar este tipo de reflexão, como se pode exemplificar através da seguinte UR:

*“Outro foco que eu queria destacar é a questão da diferença entre o modelo centrado na pessoa e o modelo centrado na família.” UR 1.77-P*

Consideramos importante sublinhar que, apesar da temática não estar prevista na ordem de trabalhos da reunião, 9,1% das UR foram referentes aos “Apoios a alunos e suas famílias”. A preocupação/prática mais frequente nesta categoria foi o “Acompanhamento personalizado” com 2,4% das UR, como se exemplifica no seguinte excerto:

*“Ainda em relação ao C., eu já percebi que tens falado com a mãe e que vais enviar alguma documentação para ela, mas se calhar era importante que alguém tentasse falar por telefone com ela, porque ela tem muita dificuldade com o português, pelo que*

*ela vai ter muita dificuldade em perceber aquilo que tu lhe vais enviar. E pode ter dúvidas que não consegue colocar por mensagem.” UR 3.15 – J*

Nesta reunião as reações emocionais tiveram uma expressão de 5,3% das UR. Considerando que esta foi uma reunião de trabalho com um limite de tempo e vários assuntos na agenda, é um valor a considerar. A sua ocorrência pode ser explicada pelo clima de insegurança que era promovido pela comunicação social na altura. O “Medo de ficar infectado(a) e doente” foi a subcategoria mais frequente, com um valor de 3%, como se pode exemplificar nesta UR:

*“A Mfs enviou-me uma mensagem a dizer que foi contactada pela mãe do C. durante o fim-de-semana, e depois a mãe do C. também me mandou uma mensagem a dizer que estava com receio de ir trabalhar e que queria ficar em casa com o filho para não o pôr em risco” UR 2.11 – P*

Por fim, verificámos que a “Cooperação com outras instituições”, não era uma prioridade durante este período (3,4% das UR), o que se pode explicar por este ser um momento de reorganização interna para a equipa, que ao dedicar mais tempo e energia ao processo de se adaptar a uma nova realidade, tem menos disponibilidade para as relações externas. Neste âmbito, a “Articulação com as Juntas de Freguesia” foi a subcategoria mais frequente, com um valor de 2,9%, o que se pode compreender pela facto da equipa valorizar a capacidade das Juntas de Freguesia apoiarem as famílias com necessidades sociais, existindo um histórico da Instituição em colaborar com estes serviços na prestação de apoios sociais. Apresentamos o seguinte excerto para ilustrar essa tendência:

*“A T. era um caso que se a Junta da Estrela apoiasse numa fase inicial...” UR 4.6 – L*

A segunda reunião ocorreu no dia 1 de abril de 2020 (ver protocolo no anexo G). Na tabela 3 apresentamos a síntese da análise de conteúdo realizada à reunião em causa (ver análise de conteúdo da segunda reunião no anexo H).

Estiveram presentes nesta reunião 14 colaboradores (O Diretor Pedagógico, a Diretora Técnica do Lar de Apoio, a Representante da Direção do Instituto, a Psicóloga, a

**Tabela 3: Síntese da análise da segunda reunião**

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
<b>Preocupações e práticas</b>	1. Funcionamento interno (108 UR – 51,4 %)	Definição de prioridades, regras e princípios de funcionamento (49 UR – 23,3%)
		Elaboração de documentos (46 UR – 21,9 %)
		Preparar materiais (1 UR – 0,5 %)
		Reorganização de funções e tarefas (8 UR– 3,8 %)
		Organização das reuniões (3 UR– 1,4%)
		Planificação de atividades (1 UR– 0,5 %)
	2. Reações emocionais (2 UR – 1 %)	Medo de ficar infectado(a) e doente (2 UR– 1 %)
	3. Apoios a alunos e suas famílias (88 UR – 41,9 %)	Identificação de casos prioritários (13 UR–6,2 %)
		Apoio alimentar (7 UR– 3,3%)
		Atenção às necessidades financeiras das famílias (20 UR– 9,5 %)
		Apoio com informação e documentação (13 UR – 6,2%)
		Acompanhamento personalizado (35 UR – 16,7%)
	4. Cooperação com outras instituições (12 UR – 5,7%)	Articulação com as Juntas de Freguesia (10 UR – 4,8%)
		Articulação com Projeto S. (1 UR – 0,5 %)
		Articulação com o Centro de Saúde/outros serviços de saúde ( 1 UR– 0,5 %)
<b>Total UR = 210</b>		

Assistente Social, a Terapeuta da Fala, a Terapeuta Ocupacional, a Fisioterapeuta, a Professora M, a Professora AM, a Educadora CA, a Educadora Cr, a Monitora S e a Monitora N). A Ordem de Trabalhos foi a seguinte: (1) Informações; (2) Ponto de situação de cada colaborador; (3) Discussão de casos; (4) Análise de relatórios técnicos e da documentação de sala.

As principais preocupações e práticas da Equipa Multidisciplinar nesta segunda reunião também estiveram associadas ao “Funcionamento interno” com 51,4% das UR

codificadas. A “Definição de prioridades, regras e princípios de funcionamento” foi a subcategoria mais frequente com um valor de 23,3%, do qual apresentamos como exemplo o seguinte excerto:

*“O princípio é: Nós temos acesso à informação necessária para a nossa atividade.”*

*UR 1.100-P*

A “Elaboração de documentos”, com um valor de 21,9%, foi a segunda mais frequente, tendo registos como este:

*“Acho que estamos ali com uns pareceres técnicos muito fixes! Tomara muitos sítios. Sinceramente... tenho orgulho.” UR 1.22 – A*

O encerramento das principais atividades presenciais do instituto e a obrigatoriedade do teletrabalho parece ter criado uma oportunidade para a Equipa Multidisciplinar repensar e reorganizar o seu funcionamento interno, revendo procedimentos e documentos da instituição. Este é um atípico, em que têm que se adaptar a uma nova realidade, fortemente influenciada pela pandemia e pelas constantes alterações decididas pelo governo e implementadas num espaço de tempo muito curto.

A preocupação com os “Apoios a alunos e suas famílias” foi também muito frequente nesta reunião, com um valor de 41,9% sendo o “Acompanhamento personalizado” a sua subcategoria mais frequente, com 16,7%. Como exemplo, apresentamos a seguinte UR:

*“Em relação à mãe do Z.M. sugiro que lhe mande uma mensagem de texto, para o telemóvel, a dizer algo como “estamos aqui à sua disposição, se precisar ligue”.”*

*UR 3.33 - P*

Os membros da equipa parecem assumir, nesta reunião, que apoiar os alunos e as suas famílias neste período difícil é uma das principais finalidades da sua intervenção, sendo necessário personalizar esse apoio, mantendo formas de comunicação à distância e adequando o tipo de apoio às necessidades de cada família.

A categoria “Cooperação com outras instituições” teve um valor mais baixo (5,7%), sendo a “Articulação com as Juntas de Freguesia” a mais frequente (4,8%). Neste período marcado por preocupações com a saúde pública e pelo combate à pandemia, verificou-se um maior isolamento social e institucional, sendo a relação com as juntas de freguesia a exceção a esse princípio. Apresentamos o seguinte exemplo:

*“Podemos fazer um contato com a Junta de Freguesia da E. para ver se é possível reunir um cabaz para a T.” UR 4.3 – P*

As “Reações emocionais” estiveram mais ausentes nesta reunião, com apenas 1 % referente ao “Medo de ficar infectado(a) e doente”. Apresentamos o seguinte excerto como exemplo:

*“A mãe quer ficar em casa porque está com medo que apanhe o vírus e que o passe para o filho, porque o filho é uma criança de risco.” UR 2.1 – P*

Nesta segunda reunião, a equipa preocupou-se em clarificar os novos procedimentos internos e em produzir alguns documentos base, existindo pouco espaço para abordar parcerias com outras instituições ou para expressar questões emocionais.

A terceira reunião ocorreu no dia 22 de abril de 2020 (ver protocolo no anexo I) e estiveram presentes 18 participantes (O Diretor Pedagógico, a Diretora Técnica do Lar de Apoio, a Representante da Direção do Instituto, a Psicóloga, a Assistente Social, a Terapeuta da Fala, a Terapeuta Ocupacional, a Fisioterapeuta, a Professora M, a

Professora AM, a Professora Lc, a Educadora CA, a Educadora Cr, a Educadora F, a Monitora S, a Monitora N, a Monitora M e a colaboradora Sf).

Na tabela 4 apresentamos a síntese da análise de conteúdo realizada à reunião em causa (ver análise de conteúdo da terceira reunião no anexo J).

**Tabela 4: Síntese da análise da terceira reunião**

Tema	Categoria	Subcategoria
Preocupações e práticas	1. Funcionamento interno (83 UR – 59,7%)	Organização das reuniões da Equipa Multidisciplinar (8 UR – 5,8%)
		Reorganização de funções e tarefas (15 UR – 10,8%)
		Definição de prioridades, regras e princípios de funcionamento (27 UR – 19,4%)
		Elaboração de documentos (22 UR – 15,8%)
		Clarificação de conceitos (1 UR – 0,7%)
		Planificação de atividades (10 UR – 7,2%)
	2. Reações emocionais (21 UR – 15,1%)	Medo de ficar infectado(a) e doente (4 UR – 2,9%)
		Sentimento de insegurança/stress face à pandemia (17 UR – 12,2%)
	3. Apoios a alunos e suas famílias (22 UR – 15,8%)	Apoio alimentar (2 UR – 1,4%)
		Atenção às necessidades financeiras das famílias (4 UR – 2,9%)
		Acompanhamento personalizado (16 UR – 11,5%)
	4. Cooperação com outras instituições (13 UR – 9,4%)	Articulação com as Juntas de Freguesia (1 UR – 0,7%)
		Articulação com as CPCJ's (1 UR – 0,7%)
		Articulação com Empresas/Mecenas (1 UR – 0,7%)
		Articulação com outras IPSS (1 UR – 0,7%)
		Articulação com a Segurança Social (6 UR – 4,3%)
		Articulação com o Ministério da Educação (3 UR – 2,2%)
	<b>Total de UR = 139</b>	

Esta reunião teve a seguinte ordem de trabalhos (1) Ponto de situação de cada colaborador; (2) Informações; (3) Discussão de casos; (4) Princípios de funcionamento da vertente educativa (este ponto acabou por passar para a reunião seguinte).

As principais preocupações e práticas da Equipa Multidisciplinar voltaram a estar associadas à categoria “Funcionamento Interno” com 59,7% das UR desta reunião. A “Definição de prioridades, regras e princípios de funcionamento” foi a grande prioridade, com um valor de 19,4%, com excertos como a seguinte UR:

*“as instituições têm de se organizar para o momento da reabertura com o covid... isto vai colocar alguns desafios... ainda não está nada fechado, vamos fazer um projeto sobre como reabrir em segurança...” UR 1.33 - P*

A “Elaboração de documentos” foi a segunda subcategoria mais frequente (15,8%), o que parece manter a tendência da equipa aproveitar esta fase para rever alguma documentação. Apresentamos o seguinte registo como exemplo:

*“Ok, a minha sala já tinha a documentação pronta. Foram acrescentadas algumas outras coisas, e entretanto tenho estado dedicada à questão do projeto sensorial.”*

UR 1.6 – C

Os “Apoios a alunos e suas famílias” tiveram um valor significativo (15,8%), sendo o “Acompanhamento personalizado” a subcategoria com o valor mais alto (11,5%). A título de exemplo apresentamos o seguinte excerto:

*“Os dois... vamos dar um exemplo... e mais uma vez recorde que esta conversa é confidencial... um caso social que está a surgir com uma CPCJ é o caso do DF. O DF é um jovem autista, que tem comportamentos agressivos, e neste momento agride a mãe e ele próprio. A mãe informou-nos por escrito, por email e nós encaminhámos isto para a CPCJ.” UR 3.17 - P*

As “Reações emocionais” marcaram a sua presença nesta reunião (15,1%), sendo o “Sentimento de insegurança/stress face à pandemia” a subcategoria mais frequente

(12,2%). Apesar da ordem de trabalhos desta reunião ser extensa, tendo inclusivamente sido necessário passar o ponto 4 para a reunião seguinte por falta de tempo, verificou-se uma preocupação com esta componente, o que pode ser um indicador do impacto emocional que a pandemia tem tido nos membros da equipa. Apresentamos o seguinte excerto como exemplo:

*“Mas nós não vamos conseguir controlar os meninos dentro da escola e a vida deles cá fora.”* UR 2.11 – Mpf

A “Cooperação com outras instituições” foi a categoria com o valor mais baixo (9,4%), sendo a “Articulação com a Segurança Social” a sua subcategoria mais frequente (4,3%). A seguinte UR é apresentada como exemplo:

*“Nós fomos contactados pela segurança social a perguntar o que é que é preciso e quando é que nós estaremos disponíveis para reabrir, pelo menos a parte das respostas sociais.”* UR 4.5 – P

Nesta reunião existiu uma continuidade em relação às reuniões anteriores, sendo o funcionamento interno da instituição a preocupação dominante. No entanto, verificou-se uma maior preocupação em utilizar o acompanhamento personalizado como prática na prestação de apoio aos alunos e suas famílias e as reações emocionais tiveram uma maior expressão. Em relação à cooperação com outras instituições, a articulação com a Segurança Social foi a parceria mais relevante.

A quarta reunião ocorreu no dia 29 de abril de 2020 (ver protocolo no anexo K) e estiveram presentes 14 participantes (O Diretor Pedagógico, a Diretora Técnica do Lar de Apoio, a Representante da Direção do Instituto, a Psicóloga, a Assistente Social, a Terapeuta da Fala, a Terapeuta Ocupacional, a Fisioterapeuta, a Professora M, a Professora Lc, a Educadora CA, a Educadora Cr, a Educadora F e a Monitora S). Esta reunião teve a seguinte ordem de trabalhos: (1) Informações; (2) Comunicação para os

pais; (3) Comunicação para os funcionários; (4) Resposta à DGESTE; (5) Outros assuntos.

Na tabela 5 apresentamos a síntese da análise de conteúdo da reunião em causa (ver análise de conteúdo no anexo L).

**Tabela 5: Síntese da análise da quarta reunião**

Tema	Categoria	Subcategoria
Preocupações e práticas	1. Funcionamento interno (225 UR – 43,8%)	Organização das reuniões (21 UR- 4,1%)
		Definição de prioridades, regras e princípios (131 UR – 25,5%)
		Elaboração de documentos (11 UR – 2,1%)
		Reorganização de funções e tarefas (62 UR – 12,1%)
	2. Reações emocionais (14 UR – 2,7 %)	Sentimento de insegurança/stress face à pandemia (12 UR – 2,3%)
		Medo de ficar infectado(a) e doente (2UR – 0,4%)
	3. Apoios a alunos e suas famílias (270 UR– 52,5 %)	Apoio alimentar (1 UR – 0,2%)
		Identificação de casos prioritários (46 UR – 8,9 %)
		Acompanhamento personalizado (223 UR – 43,4 %)
	4. Cooperação com outras instituições (5 UR – 1,0 %)	Articulação com o Ministério da Educação (1 UR – 0,2 %)
		Articulação com o centro de saúde/ outros serviços de saúde (3 UR – 0,6%)
		Articulação com a Segurança Social (1 UR – 0,2 %)
<b>Total de UR = 514</b>		

As principais preocupações e práticas da equipa multidisciplinar estiveram associadas à categoria “Apoios a alunos e suas famílias” com 52,5% das 514 UR codificadas, sendo esta a única das quatro reuniões analisadas em que a categoria “Funcionamento interno” não foi a mais frequente. A subcategoria mais frequente foi “Acompanhamento personalizado” com 43,4%, como se pode ver no seguinte excerto:

*“E a Mfis fez uns vídeos muito simpáticos, e enviou à mãe, a mãe já aplicou as estratégias que foram indicadas.” UR 3.250 – C*

Ainda assim, o “Funcionamento Interno” continua a ter um peso importante, com um valor de 43,8%. A “Definição de prioridades, regras e princípios” com um valor de 25,5% é a segunda subcategoria mais frequente da reunião. Apresentamos o seguinte excerto como exemplo:

*“sendo que não vamos retomar aulas, vamos retomar com uma espécie de atividades de acolhimento socioeducativo.”* UR 1.10 – P

Apesar de pouco frequentes, as “Reações emocionais” estiveram presentes nesta reunião, com o valor de 2,7 %. A sua subcategoria mais frequente foi “Sentimento de insegurança/stress face à pandemia” com um valor de 2,3%. Apresentamos a seguinte UR como exemplo:

*“risco zero não existe...”* UR 2.7 – P

A “Cooperação com outras Instituições” voltou a ser pouco referida na reunião, com um valor de 1%, sendo a “Articulação com os Serviços de Saúde” a sua subcategoria mais frequente (0,6%). Como exemplo apresentamos o seguinte exemplo:

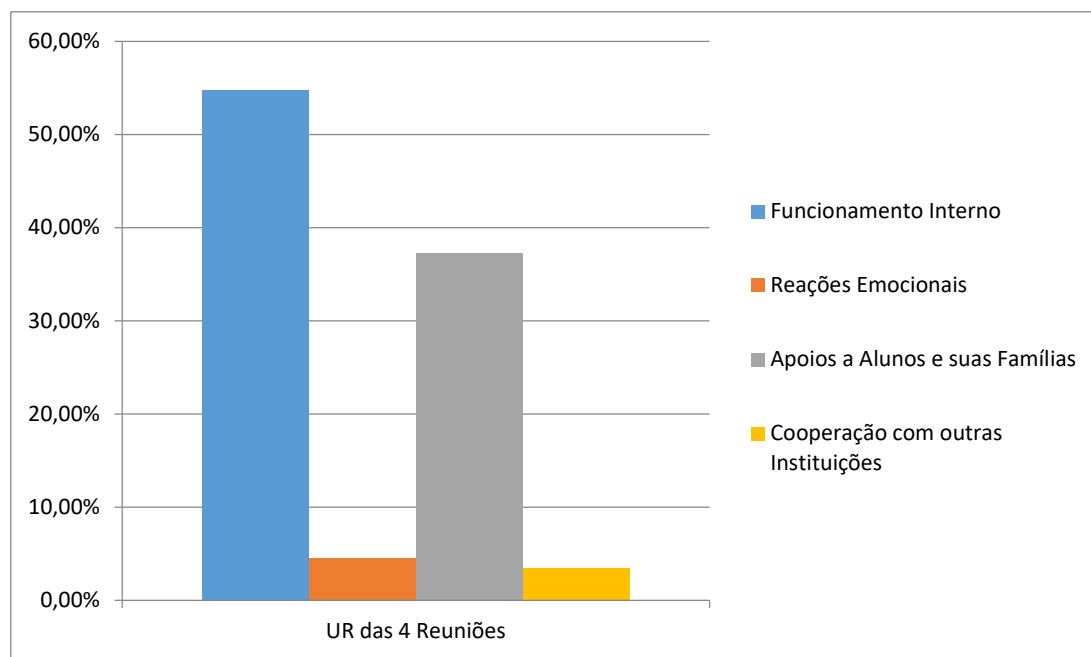
*“Porque está dependente dos serviços da saúde conseguirem testar todas as pessoas que estão cá e todas as que vão entrar, e termos acesso aos equipamentos de segurança necessários.”* UR 4.2 – P

Na quarta e última reunião da sequência de reuniões analisadas verificou-se que os “Apoios a alunos e suas famílias” passaram a ser a nova prioridade, depois de nas três primeiras reuniões o “Funcionamento interno” ter sido a principal preocupação da equipa.

Se analisarmos as reuniões de forma conjunta (Figura 2), somando o número de UR em cada categoria calculando o valor relativo, verificamos que as preocupações e

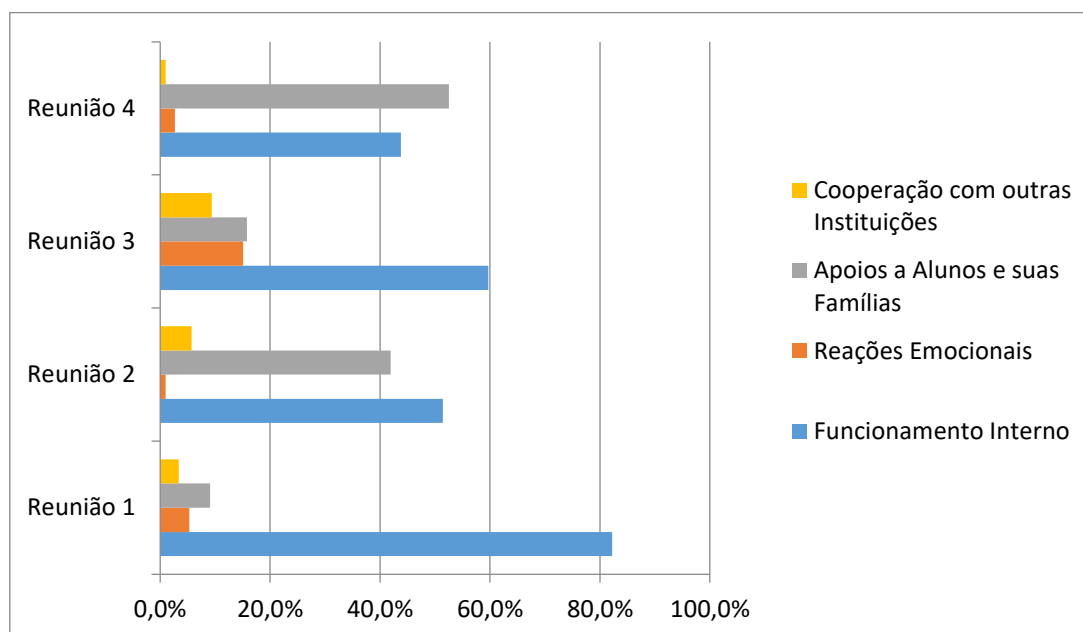
práticas mais discutidas pela equipa multidisciplinar referem-se ao “Funcionamento interno” (54,8%) e aos “Apoios a alunos e suas famílias” com 37,3%. As categorias “Reações emocionais” (4,5%) e “Cooperação com outras instituições” (3,5%) tiveram valores menos expressivos.

**Figura 2: Comparação entre as categorias das reuniões**



Consideramos ser relevante comparar os valores das categorias nas quatro reuniões (Figura 3).

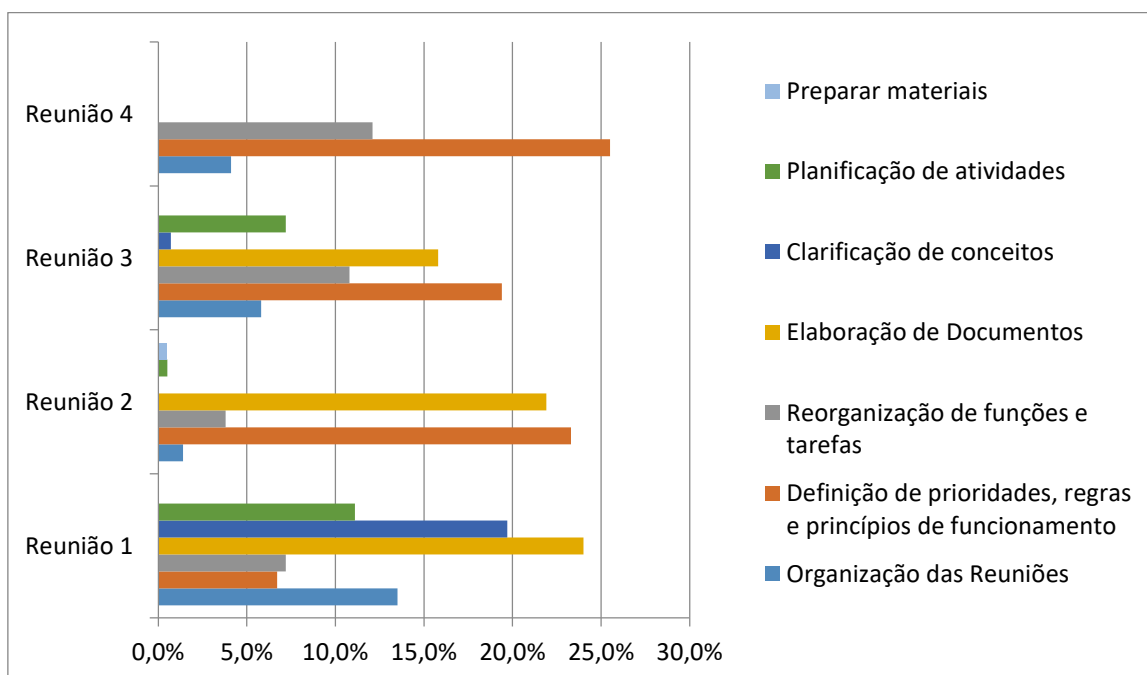
**Figura 3: Comparação entre as categorias nas quatro reuniões**



Ao compararmos as categorias nas reuniões, verificamos que as preocupações com o “Funcionamento interno” dominam as primeiras três reuniões (82,2% na primeira reunião, 51,4% na segunda e 59,7% na terceira). Existiu uma diminuição no valor atribuído ao “Funcionamento Interno” na segunda reunião, tendo o valor dos “Apoios a alunos e suas famílias” subido para 41,9%. Essa tendência não se manteve na terceira reunião, talvez devido à ordem de trabalhos, mas voltou a manifestar-se com mais intensidade na quarta reunião, a preocupação com os “Apoios a alunos e suas famílias” se tornou dominante (com 52,5%).

Podemos verificar que o “Funcionamento interno” é a preocupação mais presente nas reuniões analisadas, pelo que consideramos pertinente analisar como as subcategorias se distribuem nas reuniões (Figura 4).

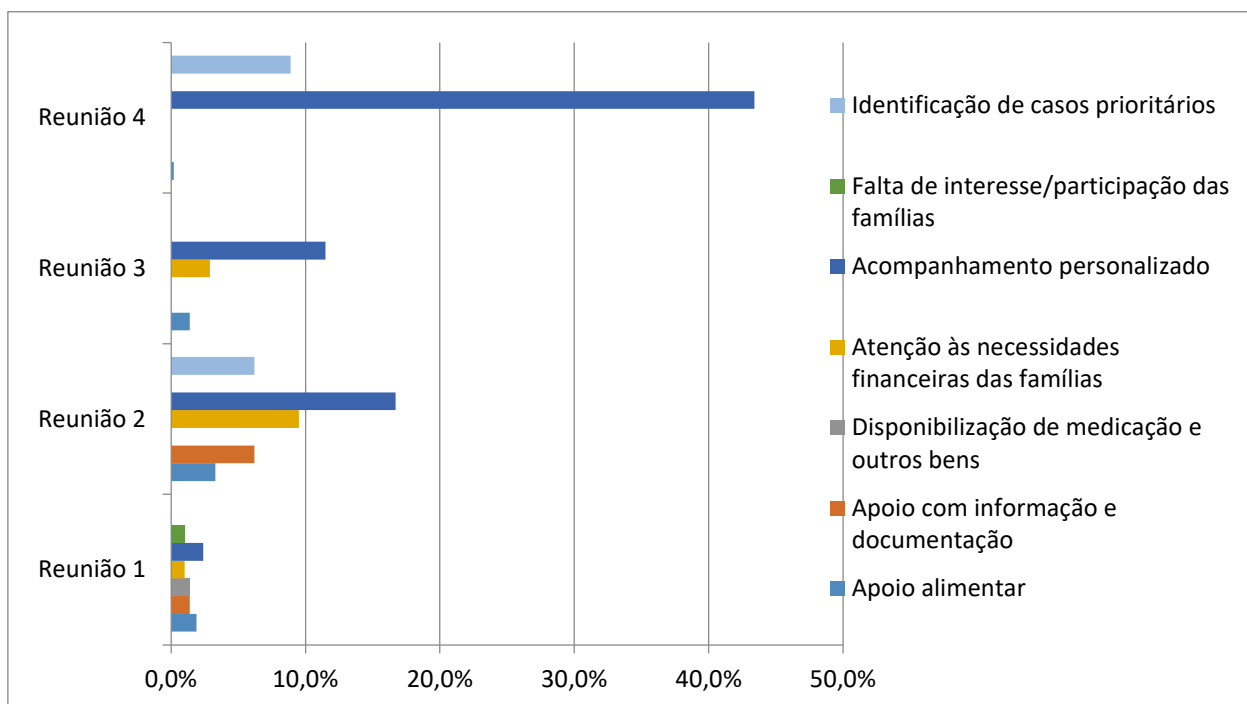
Figura 4: Comparação entre as subcategorias do “Funcionamento Interno”



Verificámos que na primeira reunião a elaboração de documentos foi uma prioridade, sendo que na segunda, terceira e quarta reunião a principal preocupação foi a definição de prioridades, regras e princípios de funcionamento. Estes valores podem ser explicados pela necessidade de produzir documentação que estivesse adaptada às novas circunstâncias, existindo a necessidade de produzir documentos informativos para as famílias e para os funcionários e de adaptar os documentos existentes à nova realidade. Depois de um primeiro momento de adaptação documental, a prioridade passou a ser a reorganização da dinâmica interna da instituição, levando à reconfiguração do seu paradigma de intervenção devido às imposições resultantes da nova realidade, marcada pelo confinamento, distanciamento social, apoio à distância e do teletrabalho, entre outras particularidades como colaboradores em isolamento obrigatório, testagens periódicas e utilização obrigatória de equipamentos de proteção individual (EPI). Nesta fase, a Equipa Multidisciplinar tornou-se também num espaço de reflexão partilhada, numa espécie de *think tank* ou fábrica de ideias (Dickson, 1972), onde os elementos da Direção da Instituição, as professoras, as educadoras, as técnicas especialistas e as monitoras responsáveis de uma sala do CACI, onde todas estas pessoas puderam partilhar as suas ideias e definir em conjunto as estratégias para lidar com uma nova realidade.

O apoio aos alunos e suas famílias é a segunda maior preocupação da equipa, razão pela qual considerámos ser pertinente apresentar as suas subcategorias nas quatro reuniões (Figura 5).

**Figura 5: Comparação entre as subcategorias de “Apoios aos alunos e suas famílias”**



Verificámos que o acompanhamento personalizado foi a principal preocupação ao nível do apoio aos alunos e suas famílias, na primeira reunião juntamente com a preocupação em assegurar apoio alimentar, na segunda e terceira reunião o cuidado com o apoio personalizado foi claramente dominante e na quarta reunião tornou-se esmagador, o que sugere que a promoção de um apoio personalizado para cada caso pode ser a abordagem preferencial da Equipa Multidisciplinar.

### 3. Apresentação e análise dos resultados do questionário

Os membros da equipa responderam a um questionário (anexo A), onde foram questionados sobre a importância das categorias e subcategorias analisadas, podendo também identificar outras preocupações e/ou práticas relevantes.

Os condicionalismos resultantes da pandemia levaram a que todo o processo de recolha de dados fosse um pouco mais demorado, tendo os membros da Equipa Multidisciplinar respondido ao questionário durante o mês de julho de 2021. As questões colocadas no questionário abordaram as práticas e preocupações dos membros da equipa multidisciplinar perante a pandemia do COVID-19, identificadas no período entre 30 de março e 29 de abril de 2020. O grau de importância de cada dimensão foi avaliado utilizando a seguinte escala: (1) *Pouco importante*, (2) *Importante*, (3) *Muito importante*.

Nas tabelas 5 a 9 apresentamos a análise das respostas ao questionário onde os elementos da equipa multidisciplinar tiveram a oportunidade de classificar o grau de importância das subcategorias identificadas durante o período entre 30 de março e 29 de abril de 2020.

**Tabela 6: Síntese das respostas do questionário - funcionamento interno**

<b>Pergunta 1:</b> Em relação ao <b>funcionamento interno</b> da instituição, quais as dimensões que em seu entender foram mais importantes entre 30 de março e 29 de abril de 2020?						
1) Pouco importante, (2) Importante, (3) Muito importante						
Organização das Reuniões	Prioridades, Regras e Princípios	Reorganização de Funções e Tarefas	Elaboração de Documentos	Clarificação de Conceitos	Planificação de Atividades	Preparação de Materiais
2,36	2,91	2,55	2,09	2,27	2,36	1,91
<b>Pergunta 1.1:</b> Para além destas, existiram outras dimensões que em seu entender foram importantes entre 30 de março e 29 de abril de 2020? Se sim, quais?						
Trabalho em Equipa; Articulação com entidades/instituições; Formação sobre Planos de Contingência; A inclusão de alunos com problemáticas graves; Levantamento das necessidades dos alunos, utentes e famílias/cuidadores e reorganização do funcionamento para ir ao encontro dessas necessidades.						

Em relação ao funcionamento interno, os elementos da equipa classificaram o grau de importância das sete subcategorias identificadas. O grupo deu mais importância às “Prioridades, Regras e Princípios” com um valor de 2,91 e à “Reorganização de Funções e Tarefas” com um valor de 2,55, dando menos importância à “Preparação de

Materiais” com 1,91 e à “Elaboração de documentos” (2,09). Foram identificadas como importantes outras dimensões, nomeadamente “Trabalho em Equipa; Articulação com entidades/instituições; Formação sobre Planos de Contingência; A inclusão de alunos com problemáticas.

**Tabela 7: Síntese das respostas do questionário - reações emocionais**

<b>Pergunta 2:</b> Perante a pandemia e durante o período de 30 de março a 29 de abril de 2020, quais as <b>reações emocionais</b> que para si foram mais importantes?		
Medo de ficar infectado(a) e doente	Sentimento de insegurança/ <i>stress</i> face à pandemia	Sentimento de receio face ao impacto da pandemia nos alunos e suas famílias
2,27	2,18	2,55
<b>Pergunta 2.1:</b> Para além destas, existiram outras reações emocionais que para si foram importantes entre 30 de março a 29 de abril de 2020?		
Medo do desconhecido, necessidade de separação dos entes queridos, distância física dos outros; Sentimento de insegurança face ao futuro; Receio de ter a doença, do sofrimento e da morte; Pensei que fosse necessário comprar uma máquina para esterilizar tudo o que entrava em casa, mas com cautela tudo se acalmou; Ajuda mútua; Sentimento de receio face ao impacto da pandemia nos alunos e suas famílias; Gestão do trabalho e tempo, considerando a necessidade de adaptação ao teletrabalho.		

Em relação às reações emocionais, pediu-se aos membros da equipa para classificar o grau de importância de 3 subcategorias: O “Sentimento de receio face ao impacto da pandemia nos alunos e suas famílias” teve o valor mais levado (2,55). O “Medo de ficar infectado(a) e doente” foi classificado com um valor de 2,27 e o “Sentimento de insegurança/*stress* face à pandemia” obteve um valor de 2,18. Foram ainda identificadas outras reações emocionais, das quais destacamos: “Medo do desconhecido, necessidade de separação necessária dos entes queridos, distância física dos outros; Sentimento de insegurança face ao futuro; Receio de ter a doença, do sofrimento e da morte”.

**Tabela 8: Síntese das respostas do questionário - apoios a alunos e suas famílias**

<b>Pergunta 3:</b> Perante a pandemia e durante o período de 30 de março a 29 de abril de 2020, que apoios a alunos e suas famílias da Instituição foram mais importantes?						
Apoio alimentar	Apoio com informação e documentação	Disponibilização de medicação e outros bens de primeira necessidade	Atenção às necessidades financeiras das famílias	Acompanhamento personalizado	Falta de interesse/participação das famílias	Identificação de casos prioritários
3	2,27	2,73	2,55	2,45	1,27	2,82
<b>Pergunta 3.1:</b> Para além destes, existiram outros apoios que para si foram importantes entre 30 de março e 29 de abril de 2020? Se sim, quais?						
Apoio do IPO; Apoiar algumas famílias com estratégias e informação; Apoio psicológico; Algumas práticas do dia-a-dia; Identificação de casos prioritários.						

Quando questionados sobre o apoio aos alunos e suas famílias, os membros da equipa destacaram o “Apoio Alimentar” como a forma de apoio mais importante, com a totalidade dos membros da equipa que responderam ao questionário a atribuírem o grau de importância máximo (3). A “Identificação de casos prioritários” (2,82) e a “Disponibilização de medicação e outros bens de primeira necessidade” (2,73) também tiveram valores muito elevados. A “Falta de interesse/participação das famílias” obteve um valor baixo (1,27). Outros apoios também foram identificados como relevantes, nomeadamente “Apoio do IPO; Apoiar algumas famílias com estratégias e informação; Apoio psicológico; Algumas práticas do dia-a-dia; Identificação de casos prioritários.”.

**Tabela 9: Síntese das respostas do questionário - cooperação com outras instituições**

<b>Pergunta 4:</b> Perante a pandemia e durante o período de 30 de março a 29 de abril de 2020, com que instituição foi importante colaborar?							
Articulação com as Juntas de Freguesia	Articulação com a Segurança Social	Articulação com o Projeto S.	Articulação com o centro de saúde/outros serviços de saúde	Articulação com as CPCJ's	Articulação com Empresas/Mecenas	Articulação com outras IPSS	Articulação com o Ministério da Educação
2,64	2,55	2,64	2,73	2,45	2,36	2,45	2,45
<b>Pergunta 4.1:</b> Para além destas, existiram outras instituições com que foi importante colaborar entre 30 de março e 29 de abril de 2020? Se sim, quais?							
Ministério da Educação, Banco Alimentar, Pingo Doce; Núcleo de gestão de produtos de apoio da SCML.							

Quando questionados sobre as instituições com que foi mais importante colaborar, os inquiridos atribuíram mais importância à “Articulação com o centro de saúde/outros serviços de saúde” (2,73), à colaboração com as “Juntas de Freguesia” e com o “Projeto S.” (ambos com 2,64). A colaboração com “Empresas/Mecenas” foi a menos valorizada das opções consideradas (2,36). Existiram ainda outras instituições que os membros da equipa refere ser importante colaborar, nomeadamente “Ministério da Educação; Banco Alimentar, Pingo Doce; Núcleo de gestão de produtos de apoio da SCML”.

**Tabela 10: Síntese das respostas do questionário - outras práticas e/ou preocupações**

<b>Pergunta 5:</b> Perante a pandemia e durante o período de 30 de março a 29 de abril de 2020, existiram outras práticas e/ou preocupações que em seu entender foram importantes?
O encerramento do Instituto. Contato com famílias e utentes; Reforço da relação com algumas famílias; Trabalho presencial com os técnicos específicos no apoio às famílias; Preocupação de ajudar/apoiar as famílias para aprenderem a higienizar, usar máscaras, vestirem e mudar calçado; Visita presencial da equipa/terapeutas para apoio parental; Foi importante o intercâmbio de ideias a pôr em prática; Articulação com outras IPSS; Acompanhamento das famílias com recurso a videochamadas. Reuniões de equipa para discussão de casos.

Na última pergunta pretendia-se saber se durante o período considerado existiram outras práticas e/ou preocupações importantes. Foram referidas diversas práticas e preocupações, das quais destacamos: “o encerramento do Instituto; o contato com famílias e utentes; o reforço da relação com algumas famílias”.

#### **4. Discussão dos Resultados**

A discussão dos resultados está condicionada pela natureza do estudo qualitativo. Sendo um estudo de caso, não permite a generalização de resultados e conclusões para outros contextos, mas permite aprofundar a reflexão sobre a situação estudada (Coutinho, 2015). Apesar das suas limitações, consideramos que a investigação realizada foi pertinente, tendo sido possível atingir o objetivo proposto, a saber:

- Refletir sobre as preocupações e práticas de uma Equipa Multidisciplinar que se dedica à promoção da inclusão de alunos com problemáticas graves durante o período de confinamento que ocorreu entre março e abril de 2020.

A Equipa Multidisciplinar estudada revelou uma grande preocupação face ao impacto que a pandemia do COVID-19 teve nas suas práticas. Mais do que um elemento pertinente, esta pandemia tornou-se num processo estruturante do contexto em que o estudo foi realizado. A elaboração, implementação e atualização do Plano de Contingência do Instituto seguiu as diretrizes disponíveis na altura, indo ao encontro do esforço nacional de contenção da pandemia, definindo procedimentos de funcionamento interno que permitiram evitar a ocorrência de um surto de COVID-19 na instituição estudada durante o período analisado.

Conforme explicitado nos documentos institucionais, a instituição procura implementar um modelo educacional com uma visão holística e uma abordagem centrada na família, apoiada no funcionamento da equipa multidisciplinar, seguindo os valores Franciscanos e o exemplo da fundadora das Irmãs Franciscanas da Imaculada. O instituto recebe alunos da educação pré-escolar e do 1º ciclo que, por várias razões, não puderam ser incluídos no sistema de ensino regular, oferecendo respostas sociais complementares. O instituto parece ter vindo a afastar-se de uma abordagem

segregacionista, encaminhando alunos para o ensino regular e recebendo alunos que foram expulsos ou de alguma forma rejeitados do percurso educativo regular, que estão em casa, em contextos hospitalares ou em outras respostas sociais. Parece-nos que a instituição tem vindo a especializar-se no apoio a alunos com problemáticas graves, procurando promover a sua inclusão no sistema educativo.

Na sequência da decisão do Governo de encerrar as atividades presenciais das escolas, o instituto reorganizou a atribuição de tarefas dos seus colaboradores, colocou em teletrabalho os funcionários com competências e funções compatíveis, reforçou o acompanhamento à distância dos alunos e das suas famílias e estabeleceu uma parceria com a junta de freguesia e com uma instituição social local. Com estas medidas, a direção da organização possibilitou a implementação de um programa de apoio alimentar de emergência, reforçou a sua capacidade de apoio personalizado à distância e potenciou a utilização dos recursos existentes. Desta forma, a instituição assegurou o apoio alimentar e social aos seus alunos/utentes e às suas famílias, para além de prestar apoio pedagógico à distância.

A análise das reuniões da Equipa Multidisciplinar permitiu a identificação de quatro categorias de preocupações/práticas: “Funcionamento interno”; “Reações emocionais”; “Apoios a alunos e suas famílias”; “Cooperação com outras instituições”. Considerando as quatro reuniões, verificámos que a categoria “Funcionamento interno” foi a mais frequente, existindo preocupações com a elaboração de documentos, a planificação de atividades e a definição de prioridades, regras e princípios de funcionamento. Confrontada com uma nova realidade e com a necessidade de gerir uma situação complexa, a Equipa Multidisciplinar parece ter utilizado as suas reuniões como um espaço de reflexão partilhada e de troca de informação. A necessidade de redefinir a dinâmica da Instituição torna compreensível o maior foco no funcionamento interno, tendo sido também necessário reagir em tempo útil às alterações que foram definidas pelo Governo. O contexto foi sofrendo alterações frequentes, o que aumentou o grau de incerteza e a necessidade de existir um processo de adaptação constante e uma vigilância permanente, com diversas fontes de informação e muita incerteza em todo o processo.

Para além das questões associadas ao funcionamento interno, surgiu uma nova prioridade, o apoio aos alunos e suas famílias, que se concretizou sobretudo através do acompanhamento personalizado. Os dados recolhidos indicam que as questões pedagógicas e a promoção de uma Educação Inclusiva tornaram-se, nesta fase, preocupações secundárias, apenas sendo equacionadas depois das preocupações com a saúde e das questões sociais serem consideradas.

Os resultados do questionário confirmaram a preocupação com as questões sociais, ficando claro que os membros da Equipa consideraram a missão de apoio social da organização como a principal forma de apoiar os alunos e as suas famílias durante o período de tempo estudado, sendo o apoio alimentar visto como a forma de ajuda mais importante. Foi também possível concluir dos resultados do questionário que a definição de prioridades, regras e princípios, e a reorganização de funções e tarefas, foram aspetos que tiveram de ser repensados em função da situação vivida. Quanto às reações emocionais, o sentimento de receio face ao impacto da pandemia nos alunos e suas famílias foi valorizado, o que poderá indicar que os elementos da Equipa Multidisciplinar, apesar de terem algum receio face ao impacto da pandemia na sua própria saúde, estão mais preocupados com a saúde dos alunos e suas famílias, talvez por reconhecerem a gravidade dos problemas de saúde de alguns alunos e a fragilidade da situação económica e social de certas famílias. Verificámos que o acompanhamento personalizado (a dimensão com mais UR nas reuniões) teve uma valorização relativamente modesta nas respostas do questionário. Talvez esta diferença face à análise das reuniões se possa explicar pelo facto dos membros da Equipa ainda estarem a apropriar-se de alguns princípios e práticas que são considerados prioritários pela direção pedagógica que promoveu a discussão de casos e reforçou as indicações para se adoptarem práticas de diferenciação pedagógica e de acompanhamento personalizado.

Verificámos também que coexistem diferentes prioridades e visões nas reuniões de equipa, até porque pessoas com diferentes formações e culturas profissionais terão uma tendência de desenvolver a sua própria perspetiva. A prática desta Equipa Multidisciplinar parece caminhar para uma abordagem transdisciplinar, beneficiando o profissional que irá realizar a intervenção propriamente dita do apoio de todos os elementos da Equipa e do seu processo reflexivo (Carvalho et al, 2018). A promoção de “percursos inclusivos” nos alunos (Franco, 2011) constitui também um princípio

estrutural do funcionamento da Equipa. Os membros reconhecem que a família pode ser determinante na definição desse “percurso”, o que explica a defesa de um modelo de intervenção centrado na família, que por sua vez faz parte de uma comunidade com um contexto cultural e político específico, numa perspetiva ecológica e holística (Pimentel, 1997; Bairrão, 1998; Bailey, 1998, citados por Madureira e Leite, 2003).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração da versão final deste documento foi um processo que passou por várias etapas. Tendo começado a ser elaborado antes da pandemia do COVID-19 ter imposto a sua presença nas nossas vidas, foi necessário rever o desenho do estudo, de forma a considerar a realidade existente e não a situação antes idealizada. Sendo inicialmente um inconveniente, quando assumimos a decisão de incluir o contexto pandémico no estudo, este tornou-se numa oportunidade de investigação.

Desta forma, definimos a seguinte pergunta de partida:

- Quais as práticas e preocupações da equipa multidisciplinar do Instituto perante o confinamento decorrente da pandemia do COVID-19?

Para responder a esta questão, optámos por recolher a maior parte dos dados a partir de março de 2020, pois consideramos que no caso da equipa multidisciplinar analisada, foi depois do encerramento a 16 de março de 2020 das escolas e das instituições não residenciais de apoio a pessoas com deficiência que este novo contexto se concretizou no seu formato mais complexo. Para além de uma nova revisão da literatura e da legislação, foi necessário analisar as atualizações do Plano de Contingência da Instituição. A opção de observar e analisar uma sequência de quatro reuniões da Equipa Multidisciplinar da instituição, realizadas entre 30 de março e 29 de abril de 2020, procurou registar a reação da Equipa às circunstâncias singulares com que se deparava. Após uma primeira análise dos dados recolhidos, decidimos elaborar e aplicar um questionário que foi respondido pelos membros da Equipa.

A análise das reuniões e do questionário permitiu-nos concluir que as principais preocupações da Equipa se relacionaram com o seu “Funcionamento Interno” e com os “Apoios a alunos e suas famílias”. Concluímos que os membros da Equipa estavam preocupados com as dificuldades sociais com que as famílias dos seus alunos se confrontaram durante este período de tempo, privilegiando as práticas de apoio social, tendo as preocupações pedagógicas assumido um lugar secundário.

A Equipa Multidisciplinar procurou promover uma intervenção adequada às necessidades específicas do aluno e sua família, numa visão holística que não se limita à área educativa, privilegiando nesta fase a resposta a questões sociais, familiares e de saúde. Verificámos que existiu uma tentativa de se ir ao encontro da

perspetiva preconizada no Decreto-Lei 54/2018 de que as Equipas Multidisciplinares devem funcionar de uma forma dinâmica e flexível, promovendo a reflexão e prestando apoio especializado a uma intervenção promotora da Inclusão dos alunos. Foi possível observar este modelo de funcionamento nas reuniões da Equipa, que se foi adaptando a problemas complexos, conseguindo encontrar respostas e estratégias de intervenção que um professor ou um técnico não teria ao seu dispor se a intervenção fosse pensada de forma isolada.

Na nossa perspetiva, a Equipa funcionou como um espaço indutor de uma reflexão fluida e flexível, com a capacidade de se adaptar às situações complexas com que se foi confrontando, promovendo dentro das limitações da situação a dinamização de intervenções com os alunos e suas famílias. Não sendo o único espaço de tomada de decisão da organização, assumiu um carácter central nesse processo em alguns aspetos, facilitando a identificação de casos prioritários e de situações que necessitavam de uma intervenção mais personalizada.

Verificámos que a Equipa Multidisciplinar estudada dedicou grande parte do seu tempo ao processo de se adaptar à vida em pandemia e ao impacto que esta teve no quotidiano da Instituição. A elaboração, implementação e atualização do Plano de Contingência, na nossa perspetiva, seguiu as diretrizes disponíveis na altura, indo ao encontro do esforço nacional de contenção do COVID-19, prevenindo o surgimento de um surto no Instituto durante o período analisado e criando as condições para um posterior período de retoma das atividades presenciais.

Nesta investigação existiu a preocupação de procedermos a uma triangulação de fontes e técnicas de recolha de dados, procurando assegurar uma maior segurança nas nossas conclusões. No entanto, temos consciência que existem algumas fragilidades e limitações no estudo, em função das opções metodológicas que foram tomadas, das características do investigador e das condicionantes da situação. Ainda assim, esperamos ter contribuído para melhorar a compreensão do funcionamento das equipas multidisciplinares que se dedicam ao apoio e promoção dos percursos inclusivos de alunos com problemáticas graves durante situações complexas, como a pandemia do COVID-19.

De um ponto de vista pessoal, consideramos que a investigação realizada contribuiu para a nossa auto-análise e desenvolvimento profissional, permitindo-nos aprofundar a

nossa consistência técnica e a capacidade de refletir sobre algumas questões e temáticas. Registamos também o reforço da nossa curiosidade sobre algumas temáticas, como:

- Que práticas e preocupações têm outras equipas multidisciplinares?
- Que modelos de funcionamento melhor promovem o desenvolvimento de percursos inclusivos de alunos com problemáticas graves?
- Como se irá concretizar a Educação Inclusiva em Portugal nos próximos anos?

Terminamos este percurso com poucas respostas e mais questões, motivados para continuar a estudar estas temáticas. Acreditamos que a promoção da investigação e da reflexão são essenciais e que todos temos um papel a desempenhar para que a nossa sociedade se torne mais justa e inclusiva.

## **REFERÊNCIAS**

Ainscow, M., Booth, T., Dyson, A., with Farrell, P., Frankham, J., Gallannaugh, F., Howes, A. & Smith, R. (2006) *Improving schools, developing inclusion*. London:Routledge.

Ainscow, M.; Farrell, P. & Tweddle, D. (2000) *Developing policies for inclusive education: a study of the role of local education authorities*. International Journal of Inclusive Education, v. 4, n. 3, p. 211-229.  
[https://www.researchgate.net/publication/261627136\\_Developing\\_policies\\_for\\_inclusive\\_education\\_A\\_study\\_of\\_the\\_role\\_of\\_local\\_education\\_authorities](https://www.researchgate.net/publication/261627136_Developing_policies_for_inclusive_education_A_study_of_the_role_of_local_education_authorities)

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. Washington, DC: Publisher.

Anderson, N. & Ostroff, C. (1997) *International Handbook of Selection and Assessment*. Edited by N. Anderson & P. Herriot. *Selection as Socialization*. John Wiley and Sons Ltd.

Azevedo, J. M. (2020, junho) *Educação e escolas na primavera de 2020 – notas*. Norte 2020 Educação para Todos – Boletim de Informação dos Planos Integrados e Inovadores de Combate ao Insucesso Escolar Nº 13, p. 2-3.  
<https://norte2020.pt/sites/default/files/public/uploads/documentos/piicie13.pdf>

Bairrão, J. (Coord.); Felgueiras, I.; Fontes, P.; Pereira, F. & Vilhena C. (1998). *Os Alunos com Necessidades Educativas Especiais: Subsídios para o Sistema de Educação*. Lisboa: Edição do Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação. <https://www.cnedu.pt/pt/publicacoes/estudos-e-relatorios/outros/798-os-alunos-com-necessidades-educativas-especiais-subsidios-para-o-sistema-de-educacao>

Baptista, C. R. (2020) *Vestígios... pistas e relações entre pensamento sistémico e processos inclusos...* .in Jesus, D. M. et al (Orgs.) *Inclusão práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa* (154-165). Porto Alegre: Editora Mediação.

Booth, T. (1996). *Stories of exclusion; natural and unnatural selection*. In Exclusion from School, Edited by: Blyth, E. and Milner, J. London: Routledge.

Booth, T. & Ainscow, M. (2002). *The Index for Inclusion* (2nd Ed.). Bristol: Centre for Studies on Inclusive Education.

<https://www.eenet.org.uk/resources/docs/Index%20English.pdf>

Brewer, M. & Crano, W. (1994). *Social Psychology*. Minneapolis: West Publishing Company.

Bronfenbrenner, U. (1977). *Toward an experimental ecology of human development*. American Psychologist. 513-531. <http://scottbarrykaufman.com/wp-content/uploads/2019/07/a4f4a4545519d84c5c57095b4bcc685d7dd9.pdf>

Cardoso, A. & Rijo, C. (2020). *Normas para a elaboração de trabalhos académicos na ESELX*. Escola Superior de Educação de Lisboa. [https://www.eselx.ipl.pt/sites/default/files/media/2020/normas\\_para\\_a\\_elaboracao\\_de\\_trabalhos\\_academicos\\_proposta\\_final\\_02\\_03.pdf](https://www.eselx.ipl.pt/sites/default/files/media/2020/normas_para_a_elaboracao_de_trabalhos_academicos_proposta_final_02_03.pdf)

Carvalho, A.R. & Santos, C. (2020). A centralidade da análise de conteúdo assistida por Webqda num estudo de caso coletivo: como aferir a perceção de professores e alunos mentores participantes em projetos de mentoria entre pares. *Investigação qualitativa em educação: avanços e desafios*. Universidade de Aveiro. <https://doi.org/10.36367/ntqr.2.2020.239-255>

Carvalho, L., Almeida, I. C., Felgueiras, I., Leitão, S., Boavida, J., Santos, P. C., Serrano, A., Brito, A. T., Lança, C., Pimentel, J. S., Pinto, A. I., Grande, C., Brandão, T., Franco, V. (2018). *Práticas recomendadas em Intervenção Precoce na Infância: um guia para profissionais* (2ª ed.). Coimbra: Associação Nacional de Intervenção Precoce.

Clarke, L. (1994) *The Essence of Change*. Series Editor: Adrian Buckley. Prentice Hall Internacional (UK) Ltd.

Chambel, M.J. & Curral, L. (1998). *Psicossociologia das Organizações*. Lisboa: Texto Editora.

Comissão Europeia (2010). *Estratégia Europeia para a Deficiência 2010-2020: Compromisso renovado a favor de uma Europa sem barreiras*. Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité económico e social europeu e ao Comité das regiões. Bruxelas. <https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2010:0636:FIN:PT:PDF>

Comissão Europeia (2005). *Carta Europeia do Investigador e Código de Conduta para o Recrutamento de Investigadores*. [http://ec.europa.eu/euraxess/pdf/brochu\\_re\\_rig/hts/eur\\_21620\\_en-pt.pdf](http://ec.europa.eu/euraxess/pdf/brochu_re_rig/hts/eur_21620_en-pt.pdf).

Comissão Europeia (2021). *União da Igualdade: Estratégia sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência 2021-2030*. Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das regiões Empty. Bruxelas. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=COM:2021:101:FIN#PP4Contents>

Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (2020, junho) *School4All Alto Minho em tempo de pandemia*. Norte 2020 Educação para Todos – Boletim de Informação dos Planos Integrados e Inovadores de Combate ao Insucesso Escolar Nº 13, p. 4-5. <https://norte2020.pt/sites/default/files/public/uploads/documentos/piicie13.pdf>

Conselho Nacional de Educação e Centro de Investigação de Políticas de Ensino Superior (2021). *Efeitos da pandemia COVID-19 na educação: Desigualdades e medidas de equidade*. Lisboa: CNE – Conselho Nacional de Educação.

Conselho de Ministros (2020, 12 de março) *Comunicado do Conselho de Ministros de 12 de março de 2020 - Medidas extraordinárias de resposta à epidemia do novo coronavírus*. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/governo/comunicado-de-conselho-de-ministros?i=330>

Contreras, M. & Valência, R. (1997). A Criança com Deficiências Associadas. Capítulo XVI in: *Necessidades Educativas Especiais*. Coordenação de Bautista, R. Dinalivro. 1.<sup>a</sup> Edição. Lisboa. Tradução e adaptação da 2.<sup>a</sup> edição atualizada: Ana Escoval.

Correia, J.A. & Matos, M. (2001). *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores*. Porto: Edições Asa.

Correia, L.M. (2003). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais*. Porto: Porto Editora.

Coutinho, C. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.

Dafinoiu, I. & Lungu, O. (2003) *Research Methods in the Social Sciences*. European Social Inclusion. Frankfurt: Peter Lang.

Correia, L.M. (2003). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais*. Porto: Porto Editora.

Declaração de Retificação nº 47/2019 de 3 de outubro. *Diário da República - 1.<sup>a</sup> serie, n.º 190*. Assembleia da República, Lisboa.

<https://data.dre.pt/eli/decree/47/2019/10/03/p/dre/pt/html>

Declaração de Salamanca: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994.

<https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/declaracao-salamanca.pdf>

Decreto-Lei n.º 538/79 de 31 de Dezembro. *Diário da República n.º 300/1979, 11º Suplemento, Série I*. Presidência do Conselho de Ministros e Ministério da Educação, Lisboa. <https://files.dre.pt/1s/1979/12/30011/02650267.pdf>

Decreto-Lei n.º 18/89 de 11 de janeiro. *Diário da República n.º 9/1989 – Série I*. Ministério do Emprego e da Segurança Social, Lisboa. <https://files.dre.pt/1s/1989/01/00900/01250127.pdf>

Decreto-Lei n.º 35/90 de 25 de janeiro. *Diário da República n.º 21/1990– Série I*. Ministério da Educação, Lisboa. <https://files.dre.pt/1s/1990/01/02100/03500353.pdf>

Decreto-Lei n.º 319/91 de 23 de agosto. *Diário da República n.º 193/1991 – Série I*. Ministério da Educação, Lisboa. <https://files.dre.pt/1s/1991/08/193a00/43894393.pdf>

Decreto-Lei n.º 341/93 de 30 de setembro. *Diário da República n.º 230/1993–Série I-A*. Ministério do Emprego e da Segurança Social, Lisboa. <https://files.dre.pt/1s/1993/09/230a00/54975539.pdf>

Decreto-Lei n.º 202/96 de 23 de outubro. *Diário da República n.º 246/1996 – Série I -A*. Assembleia da República, Lisboa. <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/202/1996/p/cons/20220103/pt/html>

Decreto-Lei n.º 174/97 de 19 de julho. *Diário da República n.º 165/1997– Série I -A*. Ministério da Saúde, Lisboa. <https://files.dre.pt/1s/1997/07/165a00/36423644.pdf>

Decreto-Lei n.º 20/2006 de 31 de janeiro. *Diário da República n.º 22/2006 – Série I - A*  
Ministério da Educação, Lisboa. <https://files.dre.pt/1s/2006/01/022a00/07460765.pdf>

Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro. *Diário da República n.º 4/2008 – Série I.*  
Ministério da Educação, Lisboa. <https://files.dre.pt/1s/2008/01/00400/0015400164.pdf>

Decreto-Lei n.º 281/2009 de 6 de outubro. *Diário da República n.º 193/2009 – Série I.*  
Ministério da Saúde, Lisboa. <https://files.dre.pt/1s/2009/10/19300/0729807301.pdf>

Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho. *Diário da República n.º 129/2018 – Série I.*  
Presidência do Conselho de Ministros, Lisboa.  
<https://files.dre.pt/1s/2018/07/12900/0291802928.pdf>

Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho. *Diário da República n.º 129/2018 – Série I.*  
Presidência do Conselho de Ministros, Lisboa.  
<https://files.dre.pt/1s/2018/07/12900/0292802943.pdf>

Deliberação nº 1-PL/2021, de 12 de maio. *Diário da Assembleia da República, II Série-A, nº 131.* Assembleia da República, Lisboa.

Despacho nº 52/SESS/90 de 16 de julho. *Diário da República n.º 162/1990 – Série II.*  
Secretário de Estado da Segurança Social-Ministério do Emprego e da Segurança Social, Lisboa.  
[https://www.seg-social.pt/documents/10152/21554/Desp\\_52\\_90/1b90a3a7-80c4-48ba-95c9-a992c2eb7465/1b90a3a7-80c4-48ba-95c9-a992c2eb7465](https://www.seg-social.pt/documents/10152/21554/Desp_52_90/1b90a3a7-80c4-48ba-95c9-a992c2eb7465/1b90a3a7-80c4-48ba-95c9-a992c2eb7465)

Despacho conjunto nº 105/97 de 1 de julho. *Diário da República n.º 149/1997 – Série II*. Ministério da Educação - Secretário de Estado da Administração Educativa, Lisboa.

Dickson, P. (1972). *Think tanks*. New York: Ballantine Books.

Direção Geral da Educação (2018) *Para uma Educação Inclusiva: Manual de Apoio à Prática*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Direção Geral da Saúde (2020) *Relatório de Situação nº 006* Disponível em: <https://covid19.min-saude.pt/relatorio-de-situacao/>

Duarte, R., Lopes, F., Alves, F., Aguiar, A., Monteiro, H., Pinto, M., Felgueiras, O. (2022) *COVID-19 em Portugal – a estratégia*. Braga: UMinho Editora.

Education (Handicapped Children) Act (1970). The National Archives. <https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1970/52/enacted>

Franco, V. (2011) *Capítulo VIII – A Inclusão começa em casa...* .in D. Rodrigues *Educação Inclusiva (157-170)*. Lisboa: Instituto Piaget.

Freire, T. & Almeida, L.S. (2003) *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*.(3ª Edição Revista e Ampliada) Braga: Psiquilibrios.

Jones, E. (1999) *Terapia dos sistemas familiares*. Lisboa: Climepsi Editores.

Lei n.º 46/1986 de 14 de outubro. *Diário da República n.º 237/1986 – Série I*. Assembleia da República, Lisboa.

Lei n.º 9/89 de 2 de maio. *Diário da República n.º 100/1989 – Série I*.

Assembleia da República, Lisboa. [https://www.igf.gov.pt/leggeraldocs/LEI\\_009\\_89.htm](https://www.igf.gov.pt/leggeraldocs/LEI_009_89.htm)

Lei n.º 38/2004 de 18 de agosto. *Diário da República n.º 194/2004 – Série I - A*.

Assembleia da República, Lisboa. <https://files.dre.pt/1s/2004/08/194a00/52325236.pdf>

Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro. *Diário da República n.º 172/2012 – Série I*.

Assembleia da República, Lisboa. <https://files.dre.pt/1s/2012/09/17200/0510305119.pdf>

Lei n.º 116/2019, de 13 de setembro. *Diário da República n.º 176/2019, Série I*.

Assembleia da República, Lisboa. <https://data.dre.pt/eli/lei/116/2019/09/13/p/dre/pt/html>

Lobo Antunes, N. e a equipa técnica do PIN (2018) *Sentidos*. Alfragide: Lua de Papel.

Madureira, I. L. (2012). *Tornar-se Professor de Educação Especial – Uma abordagem biográfica*. Tese de Doutoramento, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa.

[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7316/1/ulsd063640\\_td\\_Isabel\\_Madureira.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7316/1/ulsd063640_td_Isabel_Madureira.pdf)

Madureira, Isabel Pizarro e Leite, Teresa Santos (2003). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Universidade Aberta.

Martínez N. et al., s.d. *Programa de Apoyo a Calidad de Vida Familiar*. Universidad de Deusto, Universidad del País Vasco, Gorabide.

McWilliam, R. A. (2012). *Trabalhar com as Famílias de Crianças com Necessidades Especiais*. Porto: Porto Editora.

Mesquita, M. H. (2001). *Educação especial em Portugal no último quarto do século XX*. Salamanca: US. Facultad de Educación. Departamento de Teoría e Historia de la Educación. 301 f. Tese de Doutoramento. <http://hdl.handle.net/10400.11/1506>

Monteiro, M., Matos, A. e Coelho, R. (2002). A adaptação psicológica de mães cujos filhos apresentam Paralisia Cerebral: revisão da literatura. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 4 (2).

Nadler, D. A. (1989). *Organizational Frame bending: Types of Change in the Complex Organization*. D. Nadler (Ed.) *Coorporate Transformation*, 66-83. Sam Francisco: Jossey-Bass.

Natário, S. (2013) *A inclusão de uma criança com multideficiência no Jardim de Infância de uma IPSS*. Instituto Politécnico de Castelo Branco Escola Superior de Educação. <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1783/1/Tese%20Final%20sara%20natário.pdf>

Nunes, C. (2001). *Aprendizagem Activa na Criança com Multideficiência – Um guia para educadores*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.

Nunes, C. (2002). *Crianças e jovens com multideficiência e surdocegueira Contributos para o sistema educativo*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.

Nunes, C. (2008). *Alunos com multideficiência e com surdocegueira congénita. Organização da resposta educativa*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Direcção de Serviços da Educação Especial e do Apoio Sócio-Educativo.

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (2020) *The impact of COVID-19 on education – insights from education at a glance 2020*. OCDE. <https://www.oecd.org/education/the-impact-of-covid-19-on-education-insights-education-at-a-glance-2020.pdf>

Organização Mundial da Saúde (1980), *International Classification of Impairments Disabilities and Handicaps. A Manual of Classification Relating to the Consequences of*

Diseases, OMS (Tradução Portuguesa do Secretariado Nacional de Reabilitação, Classificação Internacional das Deficiências, Incapacidades e Desvantagens, Lisboa, Secretariado Nacional de Reabilitação, 1989).

Organização Mundial da Saúde (2020, 21 de Janeiro). *Novel Coronavirus (2019-nCoV) Situation Report – 1*. <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200121-sitrep-1-2019-ncov.pdf>.

Organização das Nações Unidas. (1948). *Declaração Universal dos Direitos do Homem*. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2018/01/Declaracao-Universal-dos-Direitos-Humanos.pdf>

Organização das Nações Unidas. (1975). *Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência*. <https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/decl-dtosdeficientes.pdf>

Organização das Nações Unidas. (2006) *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. [https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/pessoas\\_d\\_eficiencia\\_convencao\\_sobre\\_direitos\\_pessoas\\_com\\_deficiencia.pdf](https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/pessoas_d_eficiencia_convencao_sobre_direitos_pessoas_com_deficiencia.pdf)

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2000) *Educação para todos: o compromisso de Dakar*. Dakar, Senegal.

Parrilla Latas, A. (2011) *Capítulo I – O Desenvolvimento Local - um argumento para uma Educação mais Inclusiva*. in D. Rodrigues *Educação Inclusiva* (pp. 17-28). Lisboa: Instituto Piaget.

Pereira F. (Coord.) (2018) *Para uma Educação Inclusiva: Manual de Apoio à Prática*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/manual\\_de\\_apoio\\_a\\_pratica.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/manual_de_apoio_a_pratica.pdf)

Portaria n.º 432/2006 de 3 de maio. *Diário da República n.º 85/2006 – Série I - B.*

Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, Lisboa.

<https://files.dre.pt/1s/2006/05/085b00/32143217.pdf>

Portaria n.º 70/2021 de 26 de março. *Diário da República n.º 60/2021 – Série I.*

Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, Lisboa.

<https://files.dre.pt/1s/2021/03/06000/0002300040.pdf>

Public Law 94-142 (1975) *Education for All Handicapped Children Act of 1975*, 94th Congress, First Session. <https://www.govinfo.gov/content/pkg/STATUTE-89/pdf/STATUTE-89-Pg773.pdf>

Rehabilitation Act (1973) *The Rehabilitation Act of 1973 - Sections 501 and 505*. U.S. Equal Employment Opportunity Commission.

<https://www.eeoc.gov/statutes/rehabilitation-act-1973>

Rodrigues, D. (2011) *Educação Inclusiva*. Lisboa: Instituto Piaget.

Rodrigues, D. e Lima-Rodrigues, L. (2011) *Capítulo IV – Formação de Professores e Inclusão: Como se reformam os reformadores?* in D. Rodrigues *Educação Inclusiva* (pp. 89-108). Lisboa: Instituto Piaget.

Rogers, C. R. (1961) *Tornar-se pessoa* (2.ª Ed.). Lisboa: Moraes Editores.

Santos, L.A.B., & Lima, J.M.M. (Coord.) (2019). *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação* (2.ª ed., revista e atualizada). Cadernos do IUM, 8. Lisboa: Instituto Universitário Militar. [https://www.ium.pt/s/wp-content/uploads/20190821\\_CAD-08\\_Miolo\\_WEB-1.pdf](https://www.ium.pt/s/wp-content/uploads/20190821_CAD-08_Miolo_WEB-1.pdf)

Saramago, A., Gonçalves, A., Nunes, C. Duarte, F., & Amaral, I. (2004). *Avaliação e Intervenção em Multideficiência*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Schein, E. (1992). *Organization Culture and Leadership*. San Francisco: Jossey – Bass.

Silva, Francisco Vaz da (2012). A Inclusão de Alunos com Problemáticas Graves: revisão de dissertações e projetos de investigação realizados no âmbito do Mestrado em Educação Especial da ESELx. *Da Investigação às Práticas*, II (II). 3-17.

Sprinthall, N.A. & Sprinthall, R. C. (1997). *Psicologia Educacional – Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Alfragide: McGraw-Hill.

Stake, R. E. (1994). *Case studies*. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 236–247). Sage Publications, Inc.

Stake, R. E. (1999) *Investigación com estudio de casos* (segunda edición). Madrid: Ediciones Morata, S. L.

Stoer, S. R. (2008). A Reforma de Veiga Simão no Ensino: projecto de desenvolvimento social, ou «disfarce humanista»? *Educação, Sociedade & Culturas*, nº26, 17-48.

Strecht, P. (2020). *COVID-19: Uma Lição de Esperança no Futuro – Análise Psicossocial da Pandemia*. Lisboa: Manufatura.

Vieira; F. & Pereira, M. (2007) “*Se houvera quem me ensinara...*” *A Educação de Pessoas com Deficiência Mental* (3.ª Ed.). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Von Bertalanffy, L. (1968) *General System Theory: Foundations, Development, Applications*. Penguin Books, Harmondsworth.

Warnock, H.M. (1978) *Special Educational Needs - Report of the Committee of Enquiry into the Education of Handicapped Children and Young People.*

<http://www.educationengland.org.uk/documents/warnock/warnock1978.html>

Zimerman, D., Osório, L.C. e colaboradores (1997) *Como trabalhamos com Grupos.*  
Editora Artes Médicas Sul Ltda. Porto Alegre, Brasil.

ANEXOS

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

ANEXO A – Questionário para os membros da Equipa Multidisciplinar

ANEXO B – Tabela de análise dos questionários

ANEXO C – Critérios usados na análise de conteúdo das reuniões

ANEXO D – Autorização do Instituto para a realização do estudo

ANEXO E – Protocolo da primeira reunião

ANEXO F – Análise de conteúdo da primeira reunião

ANEXO G – Protocolo da segunda reunião

ANEXO H – Análise de conteúdo da segunda reunião

ANEXO I – Protocolo da terceira reunião

ANEXO J – Análise de conteúdo da terceira reunião

ANEXO K – Protocolo da quarta reunião

ANEXO L – Análise de conteúdo da quarta reunião

ANEXO A - Questionário para os  
membros da Equipa Multidisciplinar

## Questionário

Este questionário visa recolher dados sobre as práticas e preocupações dos membros de uma equipa multidisciplinar no período entre 30 de março e 29 de abril de 2020, perante a pandemia do covid-19, contribuindo para o estudo do tema “**A inclusão de alunos com problemáticas graves – práticas e preocupações de uma equipa multidisciplinar em tempos de pandemia**” realizado no âmbito da dissertação de mestrado em Educação Especial da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Agradecemos a vossa colaboração e garantimos a confidencialidade dos dados.

1. Em relação ao **funcionamento interno** da instituição, quais as dimensões que em seu entender foram mais importantes entre 30 de março e 29 de abril de 2020?

- Classifique conforme o grau de importância, sendo (1) Pouco importante, (2) Importante, (3) Muito importante-

Organização das Reuniões	
Definição de prioridades, regras e princípios	
Reorganização de funções e tarefas	
Elaboração de Documentos	
Clarificação de conceitos	
Planificação de atividades	
Preparação de materiais	

- 1.1. Para além destas, existiram outras dimensões que em seu entender foram importantes entre 30 de março e 29 de abril de 2020? Se sim, quais?

---

---

2. Perante a pandemia e durante o período de 30 de março a 29 de abril de 2020, quais as **reações emocionais** que para si foram mais importantes?

- Classifique conforme o grau de importância, sendo (1) Pouco importante, (2) Importante, (3) Muito importante-

Medo de ficar infectado(a) e doente	
Sentimento de insegurança/stress face à pandemia	
Sentimento de receio face ao impacto da pandemia nos alunos e suas famílias	

- 2.1. Para além destas, existiram outras reações emocionais que para si foram importantes entre 30 de março e 29 de abril de 2020? Se sim, quais?

---

---

3. Perante a pandemia e durante o período de 30 de março a 29 de abril de 2020, que **apoios a alunos e suas famílias** da instituição foram mais importantes?

- Classifique conforme o grau de importância, sendo (1) Pouco importante, (2) Importante, (3) Muito importante-

Apoio alimentar	
Apoio com informação e documentação	
Disponibilização de medicação e outros bens de primeira necessidade	
Atenção às necessidades financeiras das famílias	
Acompanhamento personalizado	
Falta de interesse/participação das famílias	
Identificação de casos prioritários	

- 3.1. Para além destes, existiram outros apoios que para si foram importantes entre 30 de março e 29 de abril de 2020? Se sim, quais?

---



---

4. Perante a pandemia e durante o período de 30 de março a 29 de abril de 2020, com que instituição foi **importante colaborar**?

- Classifique conforme o grau de importância, sendo (1) Pouco importante, (2) Importante, (3) Muito importante-

Articulação com as Juntas de Freguesia	
Articulação com a Segurança Social	
Articulação com Projeto S.	
Articulação com o centro de saúde/outros serviços de saúde	
Articulação com as CPCJ's	
Articulação com Empresas/Mecenas	
Articulação com outras IPSS	
Articulação com o Ministério da Educação	

- 4.1. Para além destas, existiram outras instituições com que foi importante colaborar entre 30 de março e 29 de abril de 2020? Se sim, quais?

---



---

5. Perante a pandemia e durante o período de 30 de março a 29 de abril de 2020, existiram outras práticas e/ou preocupações que em seu entender foram importantes?

---



---

Muito obrigado pela vossa disponibilidade!

ANEXO B - Tabela de análise dos  
questionários

### Resultados do Questionário

- (1) Pouco importante, (2) Importante, (3) Muito importante -

		Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6
P1	OR	3	2	2	1	3	2
	PRP	3	3	3	3	3	3
	RFT	3	3	2	3	2	3
	ED	3	2	2	1	2	3
	CC	3	3	1	1	2	3
	PA	3	2	3	3	2	3
	PM	2	2	2	1	2	3
P1.1	Não		Trabalho em Equipa	NR	Articulação com entidades/instituições	Formação sobre Planos de Contingência	NR
P2	MI	3	3	1	2	3	3
	SI/S	2	3	1	3	2	3
	SRAF	2	3	3	3	2	3
P2.1	Não		Medo do desconhecido, separação necessária dos entes queridos, distância física dos outros.	NR	Sentimento de insegurança face ao futuro	Receio de ter a doença, do sofrimento e da morte	NR
P3	AA	3	3	3	3	3	3
	AID	3	2	2	2	2	3
	DMPN	2	3	3	3	3	3
	ANFF	2	3	3	2	3	3
	AP	3	2	3	2	2	3
	FI/PF	2	2	NR	1	1	NR
	ICP	3	3	3	3	3	3
P3.1	Sim: Apoio do IPO		Não: Foram feitos todos os esforços	NR	Apoiar algumas famílias com estratégias e informação	Apoio psicológico	NR
P4	AJF	2	3	3	3	3	3
	ASS	2	2	3	3	3	3
	APS	3	2	3	3	3	3
	ACS/SS	2	2	3	3	3	3
	ACPC J	1	2	3	3	2	3
	AEM	1	2	2	3	2	3

	AOIP SS	2	2	2	3	2	3
	AME	1	2	2	3	3	3
P4.1	Não		NR	NR	Nada a acrescentar	NR	NR
P5	O Encerramento do Instituto. Contato com famílias e utentes.		Não	NR	Reforço da relação com algumas famílias	Trabalho presencial com os técnicos específicos no apoio às famílias	Preocupação de ajudar/apoiar as famílias para aprenderem a higienizar, usar máscaras, vestirem e mudar calçado
		Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	
P1	OR	2	3	3	3	2	
	PRP	3	3	3	2	3	
	RFT	3	2	2	3	2	
	ED	2	1	1	3	3	
	CC	3	2	2	2	3	
	PA	2	2	3	1	2	
	PM	3	1	2	2	1	
P1.1	NR		Formação sobre o Plano de Contingência	NR	A inclusão de alunos com problemáticas graves	Levantamento das necessidades dos alunos, utentes e famílias/cuidadores e reorganização do funcionamento para ir ao encontro dessas necessidades	
P2	MI	2	3	1	3	1	
	SI/S	2	2	2	2	2	
	SRAF	2	1	3	3	3	
P2.1	NR		Pensei que fosse necessário comprar uma máquina para esterilizar tudo o que entrava em casa, mas com cautela tudo se acalmou.	Ajuda mútua	Sentimento de receio face ao impacto da pandemia nos alunos e suas famílias	Gestão do trabalho e tempo, considerando a necessidade de adaptação ao teletrabalho	
P3	AA	3	3	3	3	3	
	AID	3	2	2	2	2	
	DMP N	3	3	2	2	3	
	ANFF	3	3	1	2	3	
	AP	2	2	3	3	2	

	FI/PF	2	1	2	2	1
	ICP	3	2	2	3	3
P3.1	NR		Algumas práticas do dia-a-dia.	NR	Identificação de casos prioritários	NR
P4	AJF	2	3	3	1	3
	ASS	2	3	3	2	2
	APS	2	3	2	2	3
	ACS/SS	3	3	2	3	3
	ACPC J	2	3	2	3	3
	AEM	2	3	3	3	2
	AOIP SS	2	3	3	3	2
	AME	2	3	3	3	2
P4.1	NR		NR	Ministério a Educação, Banco Alimentar, Pingo Doce	NR	Núcleo de gestão de produtos de apoio da SCML
P5	NR		Visita presencial da equipa/terapeutas para apoio parental	Foi importante o intercâmbio de ideias a pôr em prática	Articulação com outras IPSS	Acompanhamento das famílias com recurso a videochamadas. Reuniões de equipa para discussão de casos
		Média Q1 a Q11	Observações			
P1	OR	2,36				
	PRP	2,91				
	RFT	2,55				
	ED	2,09				
	CC	2,27				
	PA	2,36				
	PM	1,91				
P1.1	Trabalho em Equipa; Articulação com entidades/instituições; Formação sobre Planos de Contingência (2); A inclusão de alunos com problemáticas graves; Levantamento das necessidades dos alunos, utentes e famílias/cuidadores e reorganização do funcionamento para ir ao encontro dessas necessidades.					
P2	MI	2,27				
	SI/S	2,18				
	SRAF	2,55				
P2.1	Medo do desconhecido, separação necessária dos entes queridos, distância física dos outros; Sentimento de insegurança face ao futuro; Receio de ter a doença, do					

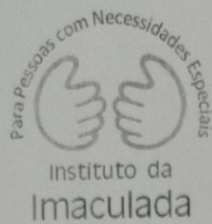
	sofrimento e da morte; Pensei que fosse necessário comprar uma máquina para esterilizar tudo o que entrava em casa, mas com cautela tudo se acalmou; Ajuda mútua; Sentimento de receio face ao impacto da pandemia nos alunos e suas famílias; Gestão do trabalho e tempo, considerando a necessidade de adaptação ao teletrabalho.	
P3	AA	3
	AID	2,27
	DMPN	2,73
	ANFF	2,55
	AP	2,45
	FI/PF	1,27
	ICP	2,82
P3.1	Apoio do IPO; Apoiar algumas famílias com estratégias e informação; Apoio psicológico; Algumas práticas do dia-a-dia; Identificação de casos prioritários.	
P4	AJF	2,64
	ASS	2,55
	APS	2,64
	ACS/S S	2,73
	ACPCJ	2,45
	AEM	2,36
	AOIPS S	2,45
	AME	2,45
P4.1	Ministério a Educação, Banco Alimentar, Pingo Doce; Núcleo de gestão de produtos de apoio da SCML.	
P5	O Encerramento do Instituto. Contato com famílias e utentes; Reforço da relação com algumas famílias; Trabalho presencial com os técnicos específicos no apoio às famílias; Preocupação de ajudar/apoiar as famílias para aprenderem a higienizar, usar máscaras, vestirem e mudar calçado; Visita presencial da equipa/terapeutas para apoio parental; Foi importante o intercâmbio de ideias a pôr em prática; Articulação com outras IPSS; Acompanhamento das famílias com recurso a videochamadas. Reuniões de equipa para discussão de casos.	

ANEXO C - Critérios usados na  
análise de conteúdo das reuniões

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Critério</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Critério</b>
<b>Preocupações e práticas</b>	1. Funcionamento interno	URs referentes ao funcionamento interno da organização	1.1. Organização das Reuniões de Equipa	URs referentes à organização interna das reuniões da equipa multidisciplinar
			1.2. Definição de prioridades, regras e princípios de funcionamento	URs referentes à definição de novas prioridades, regras e princípios de funcionamento da organização
			1.3. Reorganização de funções e tarefas	URs referentes a mudanças em funções e tarefas dos funcionários
			1.4. Elaboração de documentos	URs referentes à elaboração de novos documentos da organização
			1.5. Partilha de informações e clarificação de conceitos	URs referentes aos processos de partilha de informações e de clarificação de conceitos
			1.6. Planificação de atividades	URs referentes à planificação de novas atividades
			1.7. Preparação de materiais	URs referentes à preparação de novos materiais
	2. Reações emocionais	URs referentes a reações emocionais face à COVID-19	2.1. Medo de ficar infectado(a) e/ou doente	URs alusivos ao medo de ficar infectado ou doente com COVID-19
			2.2. Sentimento de insegurança/stress face à pandemia	URs referentes a um sentimento de insegurança ou stress face à pandemia
			2.3. Sentimento de receio face ao impacto da pandemia nos alunos e suas famílias	URs referentes ao receio manifestado de existir um impacto negativo da pandemia nos alunos e nas suas famílias
	3. Apoios a alunos e suas famílias	URs referentes aos apoios a alunos e utentes e às suas famílias	3.1. Apoio alimentar	URs referentes ao processo de apoio alimentar às famílias
			3.2. Apoio com informação e documentação	URs referentes à disponibilização às famílias de informação/documentação
			3.3. Disponibilização de medicação e outros bens	URs referentes à disponibilização às famílias de medicação e outros bens
			3.4. Atenção às necessidades financeiras das famílias	URs referentes às necessidades financeiras das famílias
			3.5. Acompanhamento personalizado	URs referentes ao Acompanhamento personalizado dos alunos/utentes e suas famílias
			3.6. Falta de interesse/participação das famílias	URs referentes à falta de interesse/participação por parte das famílias
			3.7. Burocracia e questões legais	URs referentes ao apoio a processos burocráticos e questões legais
	4. Cooperação com outras instituições	URs referentes Cooperação entre o Instituto e outras	4.1. Articulação com Juntas de Freguesia	URs referentes à articulação com diferentes Juntas de Freguesia
			4.2. Articulação com a	URs referentes à articulação com

		organizações	Segurança Social	os serviços e técnicos da Segurança Social
			4.3. Articulação com o Projeto S.	URs referentes à articulação com os membros do Projeto S.
			4.4. Articulação com Serviços de Saúde	URs referentes à articulação com membros e diferentes Serviços do Sistema Nacional de Saúde
			4.5. Articulação com CPCJ's	URs referentes à articulação com os membros das equipas da CPCJ
			4.6. Articulação com Empresas/Mecenas	URs referentes à articulação com diferentes Empresas/Mecenas
			4.7. Articulação com o Ministério da Educação	URs referentes à articulação com membros e diferentes Serviços do Ministério da Educação

ANEXO D - Autorização do Instituto  
para a realização do estudo



### DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos declara-se que Pedro Miguel Carolino Rodrigues está autorizado a consultar a documentação e a recolher dados referentes às atividades do Instituto da Imaculada para Pessoas com Necessidades Especiais que sejam necessários para a realização da sua dissertação de Mestrado em Educação Especial da Escola Superior de Educação de Lisboa. Pode referir explicitamente o nome do Instituto mas fica obrigado a respeitar a confidencialidade dos alunos, utentes e colaboradores do Instituto.

Por ser verdade e me ter sido pedido, assino e autentico a presente declaração com o carimbo da Instituição.

Lisboa, 5 de fevereiro de 2020

P'la Direção do Instituto da Imaculada

*Ana Rosa do Espírito Santo*  
Instituto da Imaculada

Ir. Ana Rosa do Espírito Santo

ANEXO E - Protocolo da primeira  
reunião

## Reunião de Equipa de 30 de março de 2020

P: Bom dia a todos, estou aqui com a IAR.

IAR.: Eu estou a passar o visto a isto tudo (risos)

P: Esta é a primeira reunião formal em teletrabalho, nós já fizemos uma antes, mas foi quase uma reunião experimental, para ver se tudo funcionava bem, estamos a utilizar o Microsoftteams e a ideia é ver se conseguimos fazer assim uma reunião uma vez por semana, pelo menos enquanto se mantiver o regime de teletrabalho. (1.1) Para a reunião de hoje, defini 4 pontos e queria ver se vocês concordam ou se querem acrescentar mais alguma coisa. (1.2)

O primeiro ponto é um ponto de informações, estão a acontecer várias coisas e acho que este será um bom momento para partilhar alguma informação. (1.3) O segundo ponto é verificar o funcionamento da plataforma e algumas regras de funcionamento desta reunião para ser funcional. (1.4) O terceiro ponto seria sobre o plano de sala do CAO 4, da sala da S. (1.5). Já existe uma proposta do Plano de Sala que está na plataforma para vossa consulta... e depois avançamos com as discussões dos casos do CAO 4. (1.6) Todos os pareceres técnicos, menos o do XZ, pois consideramos que como ele está a faltar muito não há condições para fazer neste momento um parecer técnico actualizado, e todos os PDI's estão na plataforma para nós falarmos um pouco sobre eles. (1.7) No ponto das informações, vamos falar de alguns casos específicos, como a situação do C., a IAR também tem aqui algumas informações para partilhar com vocês... e queria perceber se querem acrescentar algum ponto a esta ordem de trabalho, sendo que o ponto das informações é um ponto flexível. (1.8) Alguém quer acrescentar algum ponto de discussão? (1.9)

(pausa)

Ok, então vamos começar pelo ponto 1. IAR, quer começar? (1.10)

IAR – Bom dia! Eu enviei para o Dr. P. um email de uma nossa Irmã que era da Colômbia, na Colômbia temos uma comunidade de três irmãs. (1.11) Ela faleceu do dia 26 para 27, e foi uma coisa rápida (2.1), tinha-nos escrito uma carta a convidar-nos para os seus votos perpétuos, que estavam marcados para o dia 25, e faleceu logo a seguir (2.2). Nós não sabemos ao certo se foi do vírus (2.3), mas quando se sentiu mal

foi para o hospital e deixou de falar, de comunicar, estava já completamente sedada, e faleceu depois de ter feito hemodiálise (2.4). Foi tudo muito rápido. E agora está no céu (2.5).

P: Eu acho que esta notícia triste, que muito lamentamos, (2.6) também nos alerta para a necessidade de nós, para além de dar o nosso carinho e apoio, continuemos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para que estas situações não ocorram aqui (2.7). Todos nós que estamos em teletrabalho, se precisarmos de vir ao Instituto temos de ter muito cuidado. (2.8). Temos de diminuir a interação o mais possível, porque neste momento as coisas parece que vão piorar antes de melhorar (2.9). Nós já assumimos que vamos funcionar desta forma, pelo menos o mês de abril, e face às últimas informações que recebemos, é provável que esta situação se prolongue para o mês de maio (1.12). Portanto, todos nós vamos ter que nos organizar (1.13)...

IAR.: E vamos dando apoio e rezando umas pelas outras e pedindo a Deus que nos ajude, e às famílias dos nossos meninos e aos nossos meninos. (2.10)

P: Eu acho que nós podemos ter um papel importante ao nível do apoio (1.14), hoje já temos 4 pessoas a colaborar em projetos de apoio social (1.15). Está o J. e a C., que estiveram na semana passada a colaborar com o projeto da Junta de apoio às famílias (1.16), entretanto descobrimos que a família do M.A. estava a precisar de apoio específico, foi incluída nesse projeto e hoje deverá começar a receber apoio alimentar, fazendo parte da ronda da carrinha (3.1). A E. começou também a colaborar hoje com essa equipa de apoio (1.17), e a T. vai colaborar com o projeto de apoio domiciliário a famílias do Projeto SOU, que também começa hoje (1.18). Neste momento estão 10 pessoas aqui na reunião e vão começar mais 2 pessoas no teletrabalho, e nos próximos dias é possível que mais uma ou outra pessoa se junte (1.19). Em Abril vamos começar a ter algumas pessoas em situação de *lay off*, vamos também perceber como é que isso vai funcionar... (1.20)

(colega teve problemas na ligação...)

O nosso ponto de situação é que vamos ter algumas pessoas que vão estar a fazer apoio presencial, estando cedidas a projetos de apoio às famílias, e vamos manter aqui a M. e o J. pelo CEI+ (1.21). A M. a funcionar normalmente e a dar apoio às Irmãs, e vamos gerindo a situação, acompanhando-a muito de perto (1.22).

Ok, vamos então para o ponto 2 e ver algumas regras de funcionamento muito simples. Se existir feedback ou eco, têm de fechar o microfone, está bem? Se começarem a ter dificuldades na ligação, cortem a câmara e tentem acompanhar só com o som. (1.23)

L: Eu realmente em relação à câmara não sei o que dizer...

P: Deixar estar L., agora não é prioritário, o importante é conseguirmos comunicar e ter acesso aos documentos (1.24). Se houver situações mais pontuais... nós vamos falar aqui mais em grande grupo, pelo que se houver situações mais particulares, falamos fora da reunião(1.25). Continuamos a ter o whatsapp e outras formas de comunicação. Vamos manter esta reunião o mais produtiva possível e o objectivo é que ela seja útil para depois trabalharmos autonomamente alguns aspetos (1.26). Se surgirem dúvidas muito específicas, questões muito pessoais, remetam isso para outro momento que não este (1.27).

Havia um pedido para falarmos do C... A Mfs enviou-me uma mensagem a dizer que foi contactada pela mãe do C. durante o fim-de-semana, e depois a mãe do C. também me mandou uma mensagem a dizer que estava com receio de ir trabalhar e que queria ficar em casa com o filho para não o pôr em risco (2.11). Eu depois troquei algumas mensagens com ela, ela disse-me que tem contrato com a empresa, e eu combinei enviar-lhe alguma informação, à semelhança do que já fizemos noutros casos.(3.2) Até foi a L. que já enviou um email com essa informação detalhada (3.3). Vou juntar a documentação que ela tem de preencher e enviar para a senhora hoje à tarde para que ela a possa preencher e entregar na sua entidade patronal (3.4). Se ela tiver outro tipo de necessidade, ao nível de alimentos ou medicação, podemos falar com o projeto da Junta ou o projeto SOU e ir à residência entregar algumas refeições ou alguns bens de primeira necessidade que ela necessite. (3.5) Isso é válido para qualquer um dos nossos utentes ou jovens. (3.6) Este é o ponto de situação em relação ao C. Não sei se alguém quer acrescentar algo?

R: Em relação ao C. não, mas relativamente ao projeto da Junta e do Projeto SOU, tendo em conta que estamos a dar prioridade aos nossos, a L. mandou aquela mensagem no Grupo, a falar da família da T., que a mãe, pelos vistos, não está a trabalhar, e que para já tem medicação até ao final de abril, mas que estava com

alguma dificuldade em relação aos bens alimentares. Se calhar, seria também de se pensar em incluir a família da T, não? (3.7)

P: Mas a família tem de fazer o pedido formalmente. No caso da família do M. A. a mãe disse claramente, “Eu preciso de ajuda, por favor, isto está difícil”. (1.28).

L: Sim, Sim.

P: E a mãe da T. tem de fazer o mesmo. Não chega nós pensarmos que ela precisa de ajuda, ela tem de formalizar, ou seja dizer “Eu preciso de comida, de roupa, disto ou daquilo”. Aí sim tentamos ativar o apoio, ok? (1.29).

R: Está bem.

P: Ao sinalizarmos o caso da T., isso significa que a L. vai ter uma atenção particular a esta situação, e manter o contato com a mãe e dizer “Como é que é mãe, como é que estão a correr as coisas?” (3.8)

L: Eu falei com a V. (mãe da T.) e elas necessidade têm sempre, até porque nesta altura o salário é menor. (3.9) Ela está com a T. em casa e eu não sei qual é a situação, não aprofundi, se ela está com salário, como é que pagam e como é que não pagam. E isto não chega logo, o salário é como sabemos, através da Segurança Social, a comparticipação... mas eu posso aprofundar com ela, se quiserem, faço como fiz com a mãe do M., o que é que acham? (3.10)

P: Acho que sim, acho que sim... ajudem-me lá, a T. mora exatamente onde?

J: Na Buraca.

P: Na Buraca é Câmara da Amadora... tem que se ver a Junta de Freguesia... portanto nós podemos eventualmente ir lá uma vez, mas depois o apoio regular terá que ser assegurado pela junta local, porque eles têm serviços de apoio específicos. (4.1)

L: Aquilo é complicado...

P: Sim, mas nós podemos simplificar o processo. A partir do momento que detectemos o caso, podemos fazer o contato direto com a junta. (4.2)

R: Sinalizamos...

P: Vemos como é que eles se estão a organizar e depois vamos acompanhando com a família e vemos se o apoio está a ser efectivo. (4.3) Se não tiver a ser, nós pontualmente podemos lá passar... a ronda da junta já está... entre a semana passada e esta semana julgo que duplicaram os pedidos. Não vai ser possível ajudarmos pessoas que estão na margem sul, ou que estão noutra concelho... outra junta próxima talvez, agora outro concelho é mais complicado. (4.4)

L: A junta de freguesia da área de residência... (4.5)

P: Sim...

L: Por norma é assim...

P: Sim, mas nós podemos é assegurar-nos que isso está a acontecer. Porque o que acontece com estas famílias às vezes, principalmente em situações de carência, que é o que se verifica agora, é que as famílias que não fazem barulho são esquecidas. Portanto, nós fazemos barulho por eles. (3.11)

L: A T. era um caso que se a Junta da Estrela apoiasse numa fase inicial... (4.6)

P: Vamos passo a passo... apoiar é o quê? Levar refeições...

L: Não, não estou a falar propriamente de refeições, estou a falar de alguns produtos alimentares que se possam conservar... (3.12)

P: Isso pode ser possível, se a mãe da T. formalizar o pedido, eles estão a ir ao Pingo Doce, e nós podíamos fazer uma entrega que dê para 15 dias, em que fique com massa, arroz... (3.13)

L: Até pode ser para mais, pode ser mensal. (3.14)

P: Pronto, vamos passo a passo. Até porque a situação vai mudando muito rapidamente. (1.30).

R: Vamos acompanhando...

P: Está bem... mais alguma situação, para além da T.?

L: Eu hoje faço o contato, pode ser? (1.31).

P: Pode, faça o contato e depois diga-me... mais alguma situação? (1.32).

J: Ainda em relação ao C., eu já percebi que tens falado com a mãe e que vais enviar alguma documentação para ela, mas se calhar era importante que alguém tentasse falar por telefone com ela, porque ela tem muita dificuldade com o português, pelo que ela vai ter muita dificuldade em perceber aquilo que tu lhe vais enviar. E pode ter dúvidas que não consegue colocar por mensagem. (3.15)

P: Sim, eu falei com ela e perguntei-lhe se queria que eu lhe fizesse chegar os documentos em papel ou por email. Ela disse que pode ser por email, então vou-lhe mandar o email e depois ligo-lhe... (3.16)

J: Ok, é porque ela tem realmente muita dificuldade na língua. (3.17)

P: Está bem.

R: A propósito do email, o email da mãe do C. está naqueles emails que enviamos para os pais.

P: Está na lista, não é?

R: Quer que eu partilhe aqui? Quer que eu partilhe a lista dos emails?

P: Sim, obrigado.

R: Ok, então vou partilhar a lista dos emails.

P: Ok, então há mais alguma situação que vos deixe preocupadas?

(pausa)

P: Pronto, elas vão surgindo, isto não é um sprint, é uma maratona, vamos ter que nos manter sintonizados e vamos vendo como estas situações vão evoluindo (1.33). Então vamos passar para o Plano de Sala. Se forem aos ficheiros, está onde diz... Proposta Plano de Sala CAO 4. Este documento foi construído numa lógica de ideias partilhadas que andaram para trás e para a frente, mais entre mim e a S., houve outros contributos para além de nós... ainda está ao nível de proposta (1.34), vejo agora que a formatação saiu do sítio...

J: Podes não mexer, porque é mesmo do programa, desformata, mas quando se faz o download fica tudo bem. Pelo menos essa é a nossa experiência.

P: Ok, ok. Eu tenho-o gravado no computador e ele está formatado. Aqui na plataforma não está, mas vamos assumir que não há problema.

L: Eu enviei-lhe tardiamente os relatórios, já conseguiu ver?

P: Vi o email, mas ainda não os carreguei. Para nós não perdermos tempo agora a carregar, quando chegarmos à parte da discussão dos casos, peço à L. para introduzir a informação social que ache pertinente para a discussão.

L: Está bem.

P: Pronto, então vamos começar com o Projeto de Sala. Começa com o primeiro ponto “Contextualização”... (1.35)

C: Atenção que na terceira linha, onde diz vigor falta aí um espacinho... não sei se é uma questão de formatação... (1.36)

P: Sim... mas para já não vamos para a formatação, vamos para o conteúdo, está bem? (1.37)

C: Mas não sei se que queriam dizer “vigor e cumprindo” ou “vigor”...

P: Disseste no terceiro ponto?

C: No primeiro, na terceira linha.

P: Ah, tens razão...

R: É tirar o “e”... ah, “vigor e cumprindo”.

(Passa uma das irmãs da Comunidade e cumprimenta todos os participantes da reunião)

P: Então o primeiro ponto foi retirado do Projeto Institucional, que se calhar vai ter de ser actualizado, porque a parte do CAO era uma parte que ainda estava um pouco pobre (1.38), e espero que na sequência deste trabalho a gente possa enriquecer e clarificar o nosso modelo de intervenção na área do CAO (1.39). Aqui fazemos uma contextualização da situação atual, os dois acordos de cooperação com a Segurança Social e o Regulamento Interno. (1.40). Sei que a Segurança Social fez um relatório com algumas recomendações de melhoria para o CAO, porque li esse relatório, mas como está tudo entupido... o relatório foi feito em dezembro, estamos a chegar a Abril e ele ainda não chegou... o timing será a altura em que a Segurança Social enviar o relatório e depois temos ali 2 meses para fazer uma atualização(1.41). Depois o que é que nós assumimos? O horário e as 4 salas. E agora vamos focar-nos no grupo.

Portanto este (CAO 4) é um grupo que tem 2 monitoras e 10 utentes, com idades entre os 20 e os 44 anos... (1.42).

C: Eu peço desculpa por estar a interromper mais uma vez com questões de português, mas deve ser “tendo estas idades”, a gente não quer saber a idade das monitoras. (1.43).

P: É isso mesmo, continua C., estás *on fire* (1.44). “Os utentes têm alguma autonomia, conseguindo realizar tarefas simples como comer sozinhos e ir à casa de banho. No entanto, têm falta de iniciativa e necessitam de supervisão constante”. Segue-se um quadro síntese do grupo. Aqui falamos da descrição da incapacidade, porque os diagnósticos nem sempre estão completamente formalizados (1.45). Portanto, ao fazer uma descrição da incapacidade estamos a defender-nos um pouco, porque em alguns dos processos a documentação médica deixa algo a desejar. (1.46) Depois nas outras salas a ideia é fazer o mesmo, portanto o que ficar definido para esta sala vai ficar de base para as outras. (1.47) N., quando fizeres esta análise pensa também nos teus meninos, pois algo semelhante será feito na tua sala.

L: Posso colocar uma questão?

P: Diga.

L: É que a Lc. mandou-me uma mensagem, acho que não tem o programa instalado...

P: A Lc. está dispensada desta reunião, eu falo com ela mais tarde... a Lc e a Mpf estão dispensadas, não se preocupem... Eu já escrevi isso no grupo de teletrabalho.

R: A N. acabou de escrever...

P: E o que é que ela disse?

R: “P. depois envio a caracterização da minha sala para ver se está bem” (1.48).

P: Ok, preciso só de um momento...

(interrupção para atender um telefonema da Segurança Social)

P: Desculpem este pequeno intervalo, era da Segurança Social a fazer uma monitorização simpática, estive a fazer um ponto de situação com eles (4.7). E como estamos nós? Em que ponto é que estamos?

R: Veja o ponto 3... dos objetivos... do plano de sala da S. (1.49)

P: Sim...

R: A C. tinha sugerido... porque no primeiro objectivo e no terceiro, falava-se na parte individual de cada um, e depois no segundo falava-se no global. A sugestão foi manter-se esses três objetivos na mesma, mas passar-se o terceiro para segundo e o segundo para terceiro. (1.50)

P: Ok, já fizeram a alteração?

R: Já.

P: Ok, deixa-me só ver...

R: Desta forma ficaria... o primeiro objectivo é promover um percurso de inclusão adaptado às características de cada utente, assim a equipa multidisciplinar do instituto realiza o acompanhamento de cada situação, colaborando num segundo objectivo, a definição e elaboração do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), adaptado a cada um... a sala tem uma área de intervenção especializada em cerâmica, no qual se deduz um terceiro objectivo, desenvolver atividades na área da cerâmica, mas a sua intervenção não se limita a essas atividades, procura-se estabelecer uma aliança com as famílias e outros cuidadores, de forma a garantir uma complementaridade entre o trabalho diário no Instituto e o que se passa fora dele. (1.51)

P: Por mim está bem. IAR? Gosta destes objetivos?

IAR: Está tudo bem.

P: É importante haver um acordo em relação a isto, por isto vai condicionar o nosso trabalho no próximo ano. É importante que isto seja mais ou menos consensual. Se toda a gente concordar, avançamos. (1.52).

J: Desculpem voltar um bocadinho atrás, mas há uma coisa que eu não estou a gostar muito de ver...

P: Diz lá.

J: Não estou a conseguir encontrar outra palavra ou outra expressão, mas eu não gosto muito da descrição da incapacidade. Percebo que não lhe queiram chamar diagnóstico porque nem sempre temos relatórios médicos actualizados, mas isso é

muito redutor, isso no fundo é a descrição do problema de saúde que leva à incapacidade... (1.53)

P: Eu tive esta reflexão num encontro onde estive recentemente, onde estava uma senhora dos cuidados paliativos pediátricos, e na conversa que tivemos ao almoço abordou a questão de que o conceito que é agora mais aceite é o de incapacidade, e está-se a abandonar o conceito de deficiência, e a lógica é descrever o que a pessoa consegue e não consegue fazer... (1.54)

J: Eu percebo, é por isso que eu acho que o que está aqui escrito não é a incapacidade deles, a incapacidade deles para mim é aquilo que se vê nas competências, isso para mim não é incapacidade. (1.55)

A: E se puséssemos disfunção? É um pouco mais próximo das duas coisas, não é? Até porque a CIF era sobre as disfunções... (1.56)

P: Ok... mas a ideia é tentarmos ir ao encontro dos termos que se usam na literatura... (1.57)

C: Compromisso, também usamos essa palavra... (1.58)

P: Pronto... deixem-me só apresentar este argumento. Como estamos a fazer uma abertura para a academia, nós temos que usar expressões que sejam usadas pela academia, neste momento, palavras como “disfunção” e “compromisso”, apesar de fazerem todo o sentido, não são usadas nesse sentido. Como vamos ter pessoas a fazer teses de mestrado e outras investigações, eu defendia que usássemos nesta fase o conceito de incapacidade. Também pudemos colocar uma nota de rodapé a dizer que entendemos incapacidade mais como disfunção ou compromisso, mas eu acho que temos de usar a expressão que é mais aceite neste momento. Em Portugal ainda se usa muito o conceito de deficiência, nos fazemos parte do Grupo da Deficiência (na Rede Social da CMLx), mas a incapacidade é o termo que está a surgir, portanto eu queria manter esta palavra. (1.59)

J: Se calhar temos mesmo que fazer essa nota, porque incapacidade para mim... não é ausência de competência mas são alterações nas competências... e isto que está aqui é pouco... (1.60)

P: E se pusermos a nota? É porque tem sempre que ser um pouco redutor, é uma tabela. (1.61)

R: Consegues meter um asterisco e escrever debaixo da tabela?

J: Vou tentar.

P: Ok, então eu vou tirar a parte da descrição e fica só incapacidade com a nota de rodapé a descrever qual é a nossa interpretação do termo, e depois até pudemos escrever um artigo ou algo assim a defender a nossa visão. Acho que chegámos aqui a um compromisso (1.62). Avançamos?

Seguimos para o ponto 4?

R: Sim.

P: Ok, metodologia... a metodologia definida implica a identificação do potencial e das necessidades de cada utente, assim como das prioridades das famílias e cuidadores(1.63). Inclui uma agenda semanal com as atividades que foram consideradas adequadas para cada utente, sempre procurando promover o bem-estar e a comunicação e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais necessárias ao desenvolvimento da autonomia que permita uma progressiva inclusão social(1.64). O CAO do Instituto da Imaculada tem assim um modelo de intervenção centrada na pessoa, que se converte num modelo centrado na família sempre que possível... Eu queria ver quem é que concorda, quem é que não concorda, porque temos aqui muitas portas abertas e todos devem perceber as implicações de irmos por aí... portanto, o que é que têm a dizer sobre isto? (1.65).

(ninguém responde durante alguns segundos)

P: Eu posso fazer um ou outro comentário... reparem que a agenda semanal faz parte do PDI... alguns de vocês podem trata-los como documentos separados e a ideia é que não sejam...(1.66) N. estavas a tentar dizer alguma coisa?

N: Estão a ouvir-me?

P: Sim.

N: Eu agora não vos consigo ver...

P: Mas o importante é que consigas ouvir... Pronto, a primeira parte, que é a agenda semanal, vai ser sempre parte integrante do PDI, tal como na educativa, vai ser sempre que vai ser sempre parte integrante do PEI. (1.67) Tenham todos isso bem

presente. Não são documentos à parte... faz parte. Por isso mesmo, as atividades na agenda semanal devem ser as adequadas para os objetivos que põem no PDI. Se nós dizemos que estamos a promover a interação social, então eles têm que ter atividades em que estão a promover a interação social. (1.68) Não vamos já a um caso específico, mas lá iremos...

N: Isso da inclusão social é abrangente a todos os utentes do CAO, certo? (1.69)

P: Médio... é mais para ti e para o da S. (1.70)

N: E mesmo assim, tendo vários utentes na sala, é difícil... (1.71)

P: Sim...

N: Não há algo que seja abrangente a todos... (1.72)

P: Depois vai ser concretizado em cada um deles, mas os vossos dois CAO's... por exemplo, o Plano de Sala da S. neste momento claramente assume o objectivo de promover a inclusão social. O que é que isso significa? Significa que eles são prioritários para projetos no exterior. (1.73) Por exemplo, projetos como o SOU, ou os passeios, ou se surgirem no futuro atividades com outra escola, tudo o que seja uma atividade em que eles possam sair e possam interagir com os outros, os vossos CAO's vão ser os primeiros a ser convidados. Uma visita a um museu... (1.74)

N: Estás a falar mais em termos de atividades, mas não em termos do trabalho protegido ou algo assim... (1.75)

P: Isso era o ideal... a ideia é... repara que nós introduzimos o conceito de percurso de inclusão... o conceito de percurso de inclusão... (1.76)

N: Ok, já estou a perceber.

P: Pronto, é um caminho.

P: Outro foco que eu queria destacar é a questão da diferença entre o modelo centrado na pessoa e o modelo centrado na família. (1.77) O modelo centrado na pessoa... pronto, para quem gostar destas coisas, vem numa tradição humanista, vai ao Carl Rogers, implica pensarmos qual é o interesse para aquela pessoa(1.78). Isso tem haver com princípios como o superior interesse da criança, princípios muito marcados na nossa prática social. O modelo centrado na família é algo mais focado

nos objetivos familiares (1.79). O que é que nós na prática depois percebemos? Às vezes as famílias têm interesses diferentes das pessoas (1.80). Nós assumimos aqui que vamos defender sempre a pessoa e, sempre que possível, ajudar a família. (1.81) Mas se surgir uma situação de negligência, ou se surgir uma situação em que a própria família esteja a ser parte do problema, nós defendemos a pessoa, está bem? (1.82) É isso que estamos a assumir.

L: P?

P: Sim, diga.

L: Quando se fala nos PDI's, centrados na pessoa e na família, por norma a família deveria ter uma opinião sobre o PDI, antes dele ser realizado, se realmente concorda ou não. (1.83)

P: Mais do que isso, nós vamos assumir e está noutras partes do nosso projeto institucional que o PDI... que todos os planos individuais são construídos com a família, ou seja, não é ter uma opinião ou só dizer que se concorda, é a própria família ser introduzida no processo, ok? E só estamos no modelo centrado na família quando a família está introduzida no processo. (1.84) Estamos no modelo centrado na pessoa quando a família eventualmente só assina... mas o nosso objectivo... estarmos a trabalhar centrados na família... (1.85)

L: Aqui deviam ser os dois, não é? O objectivo devia ser o utente e a família, pronto. Mas é difícil, eu sei. (1.86)

P: É... na prática... e vocês conseguem pensar em várias situações em que eles têm interesses que são diferentes, não é? (1.87) O que não é assim tão estranho de perceber. A família às vezes...

N: E é quando sabemos os interesses...

P: Exatamente...

N: A maior parte dos responsáveis da minha sala nem aparecem para discutir qualquer situação. (3.18)

P: É verdade, e nós não podemos ficar paralisados por causa disso. Nós deixamos a porta aberta, se a família não aparece focamo-nos na pessoa que está à nossa frente. (3.19)

L: Exatamente. Concordo.

P: Pronto, vamos avançar. Isto está tudo tranquilo. Os Recursos Materiais, isto é mais descritivo, cada sala tem de fazer esta descrição (1.88). Os documentos institucionais, também não me parece que haja grandes questões... é o projeto, que entretanto vai sendo actualizado (1.89), o Plano de Atividades... o próprio Plano de Atividades está dentro do projeto, mas pronto, como ele vai mudando de ano para ano, acho que faz sentido estar aqui separado (1.90). E o Regulamento Interno, sim (1.91). E estes são os institucionais, mas existem outros documentos legais como a legislação, as indicações que recebemos da segurança social... (1.92). O processo de avaliação também já está claro... primeiro é contínuo, existindo momentos chave. A parte contínua passa por estas reuniões, ou seja, nas reuniões da equipa multidisciplinar, em que fazemos a discussão dos casos, em que estamos a discutir as nossas estratégias, aqui estamos também a fazer uma reavaliação das nossas estratégias e vamos mudando, se chegamos à conclusão de que alguma coisa não funciona reformulamos, está bem? (1.93) E depois temos as avaliações sistemáticas, uma em julho, que já fizemos algumas vezes, e estamos a assumir que isto faz parte da nossa metodologia, que no mês de julho nós reunimos e redefinimos as equipas de sala e os grupos de sala para o ano seguinte, até porque há entradas e saídas (1.94). Podemos manter, mas em alguns momentos temos de fazer trocas. Em outubro, novembro é a altura em que fazemos a avaliação do PDI do ano anterior (1.95). Aí já temos as atividades do ano definidas, porque normalmente no início de outubro conseguimos ter as atividades extra todas organizadas (1.96). E temos esses meses para organizar o PDI que entra depois em vigor em janeiro, está bem? (1.97) Só para clarificar, eu sei que isto é algo que faz alguma confusão, o CAO funciona em anos civis, é claro que na prática, as atividades são revistas segundo o ano letivo. (1.98) Mas na documentação do CAO temos que usar o ano de 2019 e depois a seguir o ano de 2020, está bem? (1.99) Muitos de vocês continuam a utilizar em alguns documentos o ano letivo... e não é para usar isso nos documentos do CAO, está bem? Nomeadamente nos PDI's, nas avaliações. (1.100) E pronto, é isso... o processo de avaliação envolve toda a equipa multidisciplinar e a família do utente. (1.101) Depois no plano institucional podemos elaborar um bocadinho mais e explicar a importância da família estar envolvida... mas isso só vamos rever quando vier o relatório da segurança social (1.102)... e se calhar isso só vem para... maio.

A: Não queres dizer que as discussões são quinzenais? (1.103)

P: Ah... não sinto essa necessidade, até porque neste momento as discussões são quinzenais, mas se surgir uma situação de necessidade, nós fazemos reuniões extra, quando surge uma situação de crise, nós reunimos com o responsável de sala e com as pessoas que estão a acompanhar, portanto também não é absolutamente certo que elas sejam só quinzenais. (1.104) Eventualmente podemos acrescentar aqui uma informação a dizer que podem existir reuniões extraordinárias em caso de necessidade, por exemplo, se há uma família que pede uma reunião, nós aceitamos a reunião (1.105) ...

A: Era só para mostrar a regularidade, nem em todos os lados se trabalha de 15 em 15 dias (1.106).

P: Ok... então e se pusermos assim...

A: Não gosto muito dos “momentos chave”, é por causa disso...

P: Ok... então e se pusermos no ponto que diz: “Nas reuniões da equipa multidisciplinar, normalmente ou habitualmente de 15 em 15 dias, ou realizadas de...” (1.107)

A: Quinzenais? (1.108)

M: Ou podíamos pôr, para não estar a especificar quinzenais, “em momentos regulares”... (1.109)

P: Eu julgo que o argumento da A. era valorizar que existe uma regularidade... e de facto a segurança social valoriza isso... (1.110) eu se calhar acrescentava que em casos... é um pouco a diferença entre as reuniões ordinárias e as reuniões extraordinárias... então, se calhar, para juntar as vossas ideias, podíamos dizer algo como “Nas reuniões da equipa multidisciplinar...”, “Nas reuniões quinzenais da equipa multidisciplinar, é feita a discussão dos casos e podem também ser realizadas reuniões extraordinárias” (1.111).

L: Ok, acho que sim, parece-me bem.

A: Ok.

P: Pronto, assim acho que já vai ao encontro do que disseram. Pronto, são 2, 3 folhinhas, uma vez que esteja fechado... a responsável de sala e o diretor do CAO... pronto (1.112). É possível que seja necessário fazer uma coisa destas para o Lar, R. mas esperamos pelo relatório da segurança social e depois logo vemos(1.113). Mas pelo menos para as 4 salas do CAO (1.114)...

R: Que venha ele primeiro...

P: Vamos esperar pelo relatório deles, mas acho que isto já dá um enquadramento e pelo menos clarifica o que queremos fazer no CAO (1.115). Querem acrescentar mais alguma coisa ao plano de sala? (1.116)

J: Aqui nas avaliações sistemáticas... em outubro e novembro temos de avaliar o PDI que passou e elaborar o seguinte, e quando é que o seguinte é apresentado às famílias? (1.117)

P: Vamos ver... a ideia é...

J: Eu percebo como funciona, mas no papel parece que não está cá, parece que só se avalia as coisas depois de estarem feitas para o ano seguinte. (1.118)

P: Ok... se calhar não está claro, mas qual é a nossa ideia? Primeiro é construir com as famílias, portanto não há um momento em que se apresenta às famílias, se as famílias fazem parte do processo... o documento final já é um documento feito com o acordo das famílias, senão não é final... (1.119) agora como é que nós podemos tornar isso mais explícito no texto? Vamos lá olhar para o texto... (1.120) J. se eu percebi a tua observação...

J: Por exemplo, qual era o objectivo da reunião em fevereiro com os pais do CAO? (1.121)

P: Em fevereiro? Deixa-me pensar... primeiro temos sempre o objectivo de fazer uma partilha de informação... (1.122)

J: Acho que foi apresentar os PDI's... (1.123)

P: Sim...

J: Acho que o objetivo foi apresentar os PDI's do ano corrente, de 2020 neste caso. (1.124)

P: Sim, nesse caso especificamente sim, mas eu aqui nem falo das reuniões com as famílias, é isso que estás a sentir falta, é isso? É que repara que isto é um ponto do processo de avaliação. O ponto 7 é o ponto do processo de avaliação, as reuniões com as famílias não é um momento de avaliação... é outro campeonato. (1.125)

J: Ok, ok... já percebi, já percebi. É só avaliação.

P: Isso que estás a dizer pode estar no Projeto Institucional, na parte do CAO, em que se explica qual é a estratégia, a comunicação com as famílias... mas aqui não. (1.126)

J: Certo, já percebi. Ok, é só avaliação.

P: Ok, então acham que isto está suficientemente sólido para avançarmos?

N: Sim, por mim tudo bem.

P: Ok...

J: Eu gostava só que fossem lá acima para reler a frase que eu escrevi para ver se faz algum sentido.

P: A nota de rodapé...

J: Eu tentei não entrar demasiado em pormenor...

P: Eu vou ler então: "Neste documento usamos o termo incapacidade para identificar as disfunções, compromissos, limitações relacionadas com as questões directamente ligadas à saúde de cada utente"... ok... (1.127)

L:P? Posso?

P: Pode, claro.

L: Olhe há um documento da Segurança Social, que eu tenho que pesquisar se ainda está atual... (1.128)

P: É o Guia, não é? (1.129)

L: Que tem a classificação... e que o P. sabe que tem de fazer quando manda para a segurança social... que tem a classificação deles em função de cada problemática, que tem que se classificar os utentes... eu tenho essa informação, não sei é se está actualizada. Não podemos chamar coisas bonitas a coisas que têm um nome técnico. (1.130)

P: Sim... eventualmente pode ver essa documentação e pôr na plataforma, mas deixe-me explicar qual é a minha...

L: Depois é pesquisar na Segurança Social a ver se realmente aquilo está actualizado.

P: Sim, mas **deixe-me explicar qual é a minha objecção em relação a isso. Os níveis de incapacidade, dos atestados de incapacidade, ou...** (1.131)

L: **Não fala disso... é mesmo a definição das deficiências... chamemos-lhe assim... há pessoas que fogem ao termo deficiência... mas ele existe... e a segurança social trata por esse... e nós que trabalhamos com a segurança social com o CAO, eles usam essa terminologia...** (1.132)

P: **Eu sugiro que a gente faça uma pesquisa, e na próxima reunião voltamos a esse ponto específico.** (1.133) No fundo, estamos a falar só da nota de rodapé.

L: Ok, isso depois depende de cada pessoa... as pessoas podem pôr o que quiserem...

P: Pois, mas nós temos que chegar aqui a um consenso...

L: Diga P.

P: As pessoas podem pôr o que quiserem, mas **nós aqui temos de chegar a um consenso institucional.** (1.134)

L: Exato...

P: Vamos ficar por aqui...

L: **Nós quando vamos classificar os utentes perante a segurança social usamos uma terminologia, por que é que usamos outra aqui mais pomposa nos relatórios?** (1.135)

P: **Aqui é suposto ser uma terminologia que seja útil para quem está na sala... ou seja, quando uma pessoa percebe que tem na sala uma pessoa com problemas cardíacos, ou com epilepsia ou com problemas comportamentais, isso dá alguma informação. Este tipo de descrição, da incapacidade, não ofende a parte teórica e a parte científica, e é útil para quem está na sala. É esse o objectivo desse ponto, ok?** (1.136)

L: Mas acha que vale a pena ir pesquisar?

P: Vale, depois na próxima reunião a gente faz um ponto em que falamos sobre isso, está bem? Eu também vou tentar ver isso.

L: Está bem.

P: Ok, então, eu queria...

J: Desculpa...

P: Diga, diga.

J: Recursos materiais... é só um pormenor, não é muito importante, mas pode ser em alguns casos. Nós dizemos "tem 2 portas sendo que uma delas tem acesso para o pátio interior..." (1.137)

P: Sim...

J: Se calhar podia ser interessante dizer que a outra tem acesso para o pátio exterior. É só um pormenor, mas para alguns casos é um pormenor importante. (1.138)

P: Está bem, faz a alteração no texto. É descritivo, portanto acho que sim.

N: Mas isso é só relativo à sala da S. (1.139)

P: Sim, depois na tua sala tens que fazer a mesma coisa (1.140)... pronto, ok. Eu estou a olhar aqui para o tempo e vou propor aqui uma redução... não é incomum eu ser demasiado ambicioso (risos)... tínhamos vários documentos para analisar, analisámos um... acho que foi produtivo (1.141)... então o que é que eu proponho? Proponho que entremos nos últimos 5 minutos da reunião, que não avancemos hoje para a discussão dos casos, e que a discussão de casos fique para a próxima reunião, eu se calhar ia propor que a reunião de equipa passe a ser à quarta-feira. (1.142)

Porquê quarta-feira? Nós vamos ter interrupções da Páscoa, e fechamos quinta, sexta e segunda. E então assim conseguimos fazer todas as quartas-feiras certinho, portanto ia propor que voltássemos a reunir na quarta-feira às 10h. (1.143)

R: Dia 1?

P: Dia 1 de abril... julgo que sim, exatamente.

L: Dia 1 é um dia mau, eu acho...

P: Porquê? É mentira?

L: É o dia da mentira...

R: Não é mentira, é verdade (risos)

L: Não vou acreditar em nada (risos).

P: Pronto, pronto... aqui os documentos não são pdf's, são editáveis, portanto se nós dissermos algum disparate, depois... (risos)

L: Há que ter humor em tempos de corona.

P: Exatamente, então a minha proposta é a seguinte, eu e a L. vamos pesquisar aquilo que tivemos aqui a ver sobre o conceito da segurança social, vocês podem ler os documentos e na quarta-feira às 10h, já com as colegas que entretanto estão a começar hoje em teletrabalho, vamos discutir casos, começamos com os casos... entretanto vou pôr os documentos que a L. enviou, os relatórios sociais, e depois vamos um caso de cada vez, está bem? (1.144) Acho que vai ser útil para vermos se as coisas estão a bater certo. O que é que nós pretendemos?...

L: P.?

P: Diga L.

L: Em relação aos relatórios sociais, como nós trabalhamos por ano civil, são relatórios sociais do fim do ano de 2019. (1.145)

P: Sim, tudo bem.

L: Algumas coisas não farão tanto sentido. Mas pronto, valem o que valem e há que actualizar situações. (1.146)

P: Claro, tudo bem. Nós vamos caso a caso, portanto quando tivermos a discutir o caso...

L: Não se altera muito...

P: Sim, imagine que tem a descrição de um caso e depois você quer actualizar "no mês passado esta família teve um divórcio, ou um falecimento..." então aí actualiza-se, está bem? (1.147)

L: Está bem.

P: Qual é o nosso objectivo de trabalho? É de facto que os pareceres técnicos e os relatórios sociais tragam informação útil para se aplicar nos PDI's e na nossa estratégia (1.148). Portanto o que é que eu vou pedir, se é que ainda não existe, e N. ficas já com as dicas do que vais ter de fazer na tua sala, as agendas semanais, de alguma forma, devem estar conectadas com os objetivos definidos do PDI. (1.149). Se começarmos a perceber que isso não está bem certo, é altura de começarmos a perceber que isso não está a bater bem certo, é altura de repensar, está bem? E como não estamos em atividade, acho que este é um momento em que temos uma oportunidade rara de pensar sobre a nossa prática. Vamos aproveitá-la. (1.150)

N: Vou só dizer uma coisa. Em relação à agenda semanal, isso às vezes tornasse um pouco difícil porque as atividades nem sempre são feitas... (1.151)

P: Sim, é verdade...

N: Este ano verificou-se isso. Como é que...

P: É verdade, mas qual é a conclusão a que a gente vai chegar? Se chegarmos à conclusão de que há uma discrepância, na planificação do próximo ano nós mudamos as atividades. (1.152) Ou seja, se chegamos à conclusão de que temos vários meninos que têm esta necessidade, e não temos nenhuma atividade que responda a essa necessidade, então para o ano, em vez de apostar nos passeios à quinta-feira, vamos apostar em ir ao museu à quinta-feira. E vamos ver o que temos de fazer para arranjar os recursos, às vezes não é impossível... (1.153)

N: Sim, e já não estou só a falar disso, estou a falar mesmo das atividades feitas em sala, na instituição, com pessoal da instituição, muitas delas não eram realizadas e não havia qualquer feedback de que aquela atividade não ia ser feita, percebes o que eu estou a dizer? (1.154)

P: Percebo, e isso é algo que a gente vai ter de melhorar, é uma das autocríticas que temos que fazer, não é? Por exemplo, o caso da dança que foi um caso com que nos confrontámos no último mês... (1.155)

N: Não estou a falar da dança, estou a falar das terapias (1.156)...

P: Sim, mas em relação às terapias a situação é diferente, vamos clarificar as terapias uma vez por todas... (1.157)

N: Eu estou a dizer isto porque nós pusemos em horário...

P: Eu sei...

N: E não nos foi dito que já não podia ser feito, para mim bastava isso... estás a perceber?

P: Estou...

N: Não estou a meter em causa se há terapias ou não há...

P: Eu concordo contigo, mas agora deixa-me propor uma estratégia para lidar com isso. Nós vamos actualizar essa agenda, ou seja, às vezes existem alterações... (barulho de fundo)...alguém tem o microfone aberto, se o puder fechar...

N: Eu não estou a ouvir nada...

A: Deve ser o pequenino da R.

R: Desculpem, é o H.

P: Olá, estás bom H?

L: Olá.

R: São os meus colegas. Diz adeus e vai lá brincar.

H: Olá...

(risos)

R: Desculpem.

P: Não faz mal. Então voltando à questão de definirmos atividades na agenda que depois não são realizadas. Isso acontece, então o que é que temos de fazer? Temos que ir actualizando constantemente o mapa de atividades. Em relação às atividades técnicas, muitas vezes, quando nós definimos um primeiro plano, e depois começam a surgir situações de SOS e eu peço às técnicas para irem às consultas, não podendo estar em dois sítios ao mesmo tempo, depois não se realizam os planos (1.158) . Qual é o nosso objetivo? O nosso objetivo é que no fim deste período de corona, haja uma maior ligação entre o que nós dizemos que vamos fazer e o que fazemos efectivamente (1.159). E isso vai acontecer como? Vai acontecer quando tivermos melhor qualidade ao nível da planificação, e formos mais realistas e se calhar não

podemos assumir que as técnicas que são só uma de cada especialidade vão ter todo o seu tempo para intervenção direta, se calhar têm que ter algum tempo de intervenção direta e algum tempo tem de estar solto para fazer relatórios... e isso tem que ser introduzido logo na planificação do trabalho (1.160). E depois temos de ir actualizando essas agendas em função da realidade. Se se chega à conclusão de que desaparece um professor de atividade extra que está doente, se calhar temos de mudar quando fazemos a agenda semanal... se calhar tem que se rever mensalmente, pelo menos (1.161). Vamos fazer o melhor possível, eu acho que faz sentido haver essa crítica porque de facto às vezes há coisas que são planificadas que não se concretizam, mas como é que nós ultrapassamos isso? Temos que ir actualizando. Neste momento é pouco provável que que a gente vá ter festa presencial em junho, está na nossa planificação, mas... (1.162).

N: Mas isso não tem nada haver com este assunto, acho eu...

P: Não, a ideia é a mesma...

N: Mas eu percebo...

P: Quando nós fazemos em outubro as agendas, é baseado num pressuposto, não é? Que se depois não se concretizar, temos de actualizar. Mas vamos tentar fazer o melhor possível, (1.163) está bem N? Será um dos objetivos.

N:Ok.

P: Ok... colegas, ficas por aqui hoje?

R: Eu tenho outro ponto...

P: Diz lá...

R: Tinha falado no nosso grupo do whastapp relativamente às férias...

P:Ok...

R: Eu tenho uma proposta, eu posso pôr agora, posso partilhar o documento... porque eu entretanto estive a fazer um documento, estive a fazer aqui uma tabela e posso partilhar aqui no Teams, e cada um vai preenchendo... (1.164)

P: R, eu tenho uma contraproposta...

R: Diga...

P: Como já há várias pessoas que já tiveram a acertar as coisas comigo, eu já tenho essa informação organizada, nós ao nível da equipa diretiva gerimos isso, está bem? Se alguém tiver dúvidas a esse nível, individualmente vem falar connosco, está bem? (1.165) Nós não estamos em intervenção direta e eu também fui fazer uma formação de proteção de dados, e a regra base da proteção de dados é que devemos preservar os dados individuais de cada um... e esse tipo de questões até pode ser discutível se a gente pode ou deve estar a divulgar... a gente deve ter acesso aos dados que são necessários para fazer o nosso trabalho, está bem? (1.166) Portanto a tarefa de organizar as férias cabe à equipa diretiva, então nós os três depois vemos isso. Se cada um de vocês individualmente tiver dúvidas, ou quiser ver algum aspeto, fale individualmente e nós vamos gerindo, está bem? Pode ser assim? (1.167)

R: E nós os 3 mantemo-nos em linha?

P: Sim, mais um bocadinho, se as colegas não tiverem mais questões...

J: Posso fazer uma pergunta?

P: Podes.

J: Nós vamos sempre fazer a reunião só neste horário? (1.168)

P: Eu uso a manhã porque há pessoas que o horário mais da parte da manhã... e a lógica do teletrabalho é manter...

J: Estou a perguntar porque como estamos em teletrabalho podíamos manter mais um bocadinho...

P: Vamos lá a ver... as nossas reuniões vão ser das 10:00 às 11:30, teoricamente às quartas-feiras, neste período de tempo, agora os vossos trabalhos paralelos, aí vocês podem gerir com mais flexibilidade. (1.169) Têm o horário de trabalho como referência, mas se num dia vão dar de comer aos vossos filhos ou... quer dizer não trabalham tanto de manhã e trabalham um bocadinho mais à tarde... (1.170)

J: Ok.

P: Há mais flexibilidade a esse nível.

P: Portanto, voltamos a reunir todos na quarta-feira das 10:00 às 11:30. Está bem? (1.171) Irmã, quer despedir-se das colegas?

IAR: Adeus... vocês falam muito (risos)

(Várias pessoas riem e dizem adeus)

ANEXO F - Análise de conteúdo da  
primeira reunião

## Análise da Reunião de 30 de março 2020

Tema	Categoria	Subcategoria
Preocupações e práticas	1. Funcionamento interno (171 UR – 82,2%)	Organização das reuniões (28 UR – 13,5%)
		Definição de prioridades, regras e princípios (14 UR – 6,7%)
		Clarificação de conceitos (41 UR – 19,7%)
		Reorganização de funções e tarefas (15 UR – 7,2%)
		Elaboração de Documentos (50 UR – 24%)
		Planificação de atividades (23 UR – 11,1%)
	2. Reações emocionais (11 UR – 5,3%)	Medo de ficar infectado(a) e doente (6 UR- 2,9%)
		Sentimento de insegurança/stress face à pandemia (3 UR- 1,4%)
		Sentimento de receio face ao impacto da pandemia nos alunos e nas suas famílias (2 UR - 1%)
	3. Apoios a alunos e suas famílias (19 UR – 9,1%)	Apoio alimentar (4 UR – 1,9%)
		Apoio com informação e documentação (3 UR- 1,4%)
		Disponibilização de medicação e outros bens de primeira necessidade (3 UR- 1,4%)
		Atenção às necessidades financeiras das famílias (2 UR - 1%)
		Acompanhamento personalizado (5 UR- 2,4%)
		Falta de interesse/participação das famílias (2 UR – 1%)
	4. Cooperação com outras instituições (7 UR – 3,4%)	Articulação com as Juntas de Freguesia (6 UR- 2,9%)
Articulação com a Segurança Social (1 UR – 0,5%)		
<b>Total de UR= 208</b>		

## Análise das UR

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
1. Funcionamento interno (171 UR)	Organização das reuniões (28 UR)	Esta é a primeira reunião formal em teletrabalho, nós já fizemos uma antes, mas foi quase uma reunião experimental, para ver se tudo funcionava bem, estamos a utilizar o Microsofteams e a ideia é ver se conseguimos fazer assim uma reunião uma vez por semana, pelo menos enquanto se mantiver o regime de teletrabalho. (1.1) – P
		Para a reunião de hoje, defini 4 pontos e queria ver se vocês concordam ou se querem acrescentar mais alguma coisa. (1.2) – P
		O primeiro ponto é um ponto de informações, estão a acontecer várias coisas e acho que este será um bom momento para partilhar alguma informação. (1.3) - P
		O segundo ponto é verificar o funcionamento da plataforma e algumas regras de funcionamento desta reunião para ser funcional. (1.4) – P
		O terceiro ponto seria sobre o plano de sala do CAO 4, da sala da S. (1.5) - P
		Já existe uma proposta do Plano de Sala que está na plataforma para vossa consulta... e depois avançamos com as discussões dos casos do CAO 4. (1.6) – P
		Todos os pareceres técnicos, menos o do XZ, pois consideramos que como ele está a faltar muito não há condições para fazer neste momento um parecer técnico actualizado, e todos os PDI's estão na plataforma para nós falarmos um pouco sobre eles. (1.7) - P
		No ponto das informações, vamos falar de alguns casos específicos, como a situação do C., a IAR também tem aqui algumas informações para partilhar com vocês... e queria perceber se querem acrescentar algum ponto a esta ordem de trabalho, sendo que o ponto das informações é um ponto flexível. (1.8) – P
		Alguém quer acrescentar algum ponto de discussão? (1.9) – P
		Ok, então vamos começar pelo ponto 1. IAR, quer começar? (1.10) – P
		Nós já assumimos que vamos funcionar desta forma, pelo menos o mês de abril, e face às últimas informações que recebemos, é provável que esta situação se prolongue para o mês de maio (1.12)-P
		todos nós vamos ter que nos organizar (1.13) – P

	<p>algumas regras de funcionamento muito simples. Se existir feedback ou eco, têm de fechar o microfone, está bem? Se começarem a ter dificuldades na ligação, cortem a câmara e tentem acompanhar só com o som. (1.23) – P</p> <p>o importante é conseguirmos comunicar e ter acesso aos documentos (1.24) - P</p> <p>nós vamos falar aqui mais em grande grupo, pelo que se houver situações mais particulares, falamos fora da reunião (1.25) – P</p> <p>Vamos manter esta reunião o mais produtiva possível e o objectivo é que ela seja útil para depois trabalharmos autonomamente alguns aspetos (1.26) – P</p> <p>Se surgirem dúvidas muito específicas, questões muito pessoais, remetam isso para outro momento que não este (1.27). – P</p> <p>Não queres dizer que as discussões são quinzenais? (1.103) – A</p> <p>Ah... não sinto essa necessidade, até porque neste momento as discussões são quinzenais, mas se surgir uma situação de necessidade, nós fazemos reuniões extra, quando surge uma situação de crise, nós reunimos com o responsável de sala e com as pessoas que estão a acompanhar, portanto também não é absolutamente certo que elas sejam só quinzenais. (1.104) – P</p> <p>Eventualmente podemos acrescentar aqui uma informação a dizer que podem existir reuniões extraordinárias em caso de necessidade, por exemplo, se há uma família que pede uma reunião, nós aceitamos a reunião (1.105) – P</p> <p>Era só para mostrar a regularidade, nem em todos os lados se trabalha de 15 em 15 dias (1.106) - P</p> <p>Proponho que entremos nos últimos 5 minutos da reunião, que não avancemos hoje para a discussão dos casos, e que a discussão de casos fique para a próxima reunião, eu se calhar ia propor que a reunião de equipa passe a ser à quarta-feira. (1.142) – P</p> <p>Nós vamos ter interrupções da Páscoa, e nós fechamos quinta, sexta e segunda. E então assim conseguimos fazer todas as quarta-feiras certinho, portanto ia propor que voltássemos a reunir na quarta-feira às 10h. (1.143) – P</p> <p>a minha proposta é a seguinte, eu e a L. vamos pesquisar aquilo que tivemos aqui a ver sobre o conceito da segurança social, vocês podem ler os documentos e na quarta-feira às 10h, já com as colegas que entretanto estão a começar hoje em teletrabalho, vamos discutir casos, começamos com os casos... entretanto vou pôr os documentos que a L. enviou, os relatórios sociais, e depois vamos um caso de cada vez, está bem? (1.144) – P</p> <p>Nós vamos sempre fazer a reunião só neste horário? (1.168) – J</p> <p>as nossas reuniões vão ser das 10:00 às 11:30, teoricamente às quartas-feiras, neste período de tempo, agora os vossos trabalhos paralelos, aí vocês podem gerir com mais flexibilidade. (1.169) - P</p> <p>Têm o horário de trabalho como referência, mas se num dia vão dar de comer aos vossos filhos ou... quer dizer não trabalham tanto de manhã e trabalham um bocadinho mais à tarde... (1.170) - P</p> <p>Portanto, voltamos a reunir todos na quarta-feira das 10:00 às 11:30. Está bem? (1.171) -P</p>
<p>Definição de prioridades, regras e princípios (14 UR)</p>	<p>Eu enviei para o Dr. P. um email de uma nossa Irmã que era da Colômbia, na Colômbia temos uma comunidade de três irmãs. (1.11) – IAR</p> <p>Eu acho que nós podemos ter um papel importante ao nível do apoio (1.14) – P</p> <p>Mas a família tem de fazer o pedido formalmente. No caso da família do M. A. a mãe disse claramente, “Eu preciso de ajuda, por favor, isto está difícil”. (1.28) – P</p> <p>E a mãe da T. tem de fazer o mesmo. Não chega nós pensarmos que ela precisa de ajuda, ela tem de formalizar, ou seja dizer “Eu preciso de comida, de roupa, disto ou daquilo”. Aí sim tentamos ativar o apoio, ok? (1.29) – P</p> <p>Pronto, vamos passo a passo. Até porque a situação vai mudando muito rapidamente. (1.30) – P</p> <p>isto não é um sprint, é uma maratona, vamos ter que nos manter sintonizados e vamos vendo como estas situações vão evoluindo (1.33) – P</p>

	<p>É importante haver um acordo em relação a isto, por isto vai condicionar o nosso trabalho no próximo ano. É importante que isto seja mais ou menos consensual. Se toda a gente concordar, avançamos. (1.52) – P</p> <p>Aqui nas avaliações sistemáticas... em outubro e novembro temos de avaliar o PDI que passou e elaborar o seguinte, e quando é que o seguinte é apresentado às famílias? (1.117)- J</p> <p>se calhar não está claro, mas qual é a nossa ideia? Primeiro é construir com as famílias, portanto não há um momento em que se apresenta às famílias, se as famílias fazem parte do processo... o documento final já é um documento feito com o acordo das famílias, senão não é final... (1.119) - P</p> <p>Por exemplo, qual era o objectivo da reunião em fevereiro com os pais do CAO? (1.121) - J</p> <p>Em fevereiro? Deixa-me pensar... primeiro temos sempre o objectivo de fazer uma partilha de informação... (1.122) – P</p> <p>Acho que foi apresentar os PDI's... (1.123) – J</p> <p>Acho que o objetivo foi apresentar os PDI's do ano corrente, de 2020 neste caso. (1.124) - J</p> <p>Se começarmos a perceber que isso não está bem certo, é altura de começarmos a perceber que isso não está a bater bem certo, é altura de repensar, está bem? E como não estamos em atividade, acho que este é um momento em que temos uma oportunidade rara de pensar sobre a nossa prática. Vamos aproveitá-la. (1.150) – P</p>
Clarificação de conceitos (41UR)	<p>espero que na sequência deste trabalho a gente possa enriquecer e clarificar o nosso modelo de intervenção na área do CAO (1.39) – P</p> <p>Portanto, ao fazer uma descrição da incapacidade estamos a defender-nos um pouco, porque em alguns dos processos a documentação médica deixa algo a desejar. (1.46) - P</p> <p>Depois nas outras salas a ideia é fazer o mesmo, portanto o que ficar definido para esta sala vai ficar de base para as outras. (1.47) – P</p> <p>Desta forma ficaria... o primeiro objectivo é promover um percurso de inclusão adaptado às características de cada utente, assim a equipa multidisciplinar do instituto realiza o acompanhamento de cada situação, colaborando num segundo objectivo, a definição e elaboração do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), adaptado a cada um... a sala tem uma área de intervenção especializada em cerâmica, no qual se deduz um terceiro objectivo, desenvolver atividades na área da cerâmica, mas a sua intervenção não se limita a essas atividades, procura-se estabelecer uma aliança com as famílias e outros cuidadores, de forma a garantir uma complementaridade entre o trabalho diário no Instituto e o que se passa fora dele. (1.51) - R</p> <p>Não estou a conseguir encontrar outra palavra ou outra expressão, mas eu não gosto muito da descrição da incapacidade. Percebo que não lhe queiram chamar diagnóstico porque nem sempre temos relatórios médicos actualizados, mas isso é muito redutor, isso no fundo é a descrição do problema de saúde que leva à incapacidade... (1.53) – J</p> <p>Eu tive esta reflexão num encontro onde estive recentemente, onde estava uma senhora dos cuidados paliativos pediátricos, e na conversa que tivemos ao almoço abordou a questão de que o conceito que é agora mais aceite é o de incapacidade, e está-se a abandonar o conceito de deficiência, e a lógica é descrever o que a pessoa consegue e não consegue fazer... (1.54) - P</p> <p>Eu percebo, é por isso que eu acho que o que está aqui escrito não é a incapacidade deles, a incapacidade deles para mim é aquilo que se vê nas competências, isso para mim não é incapacidade. (1.55) – J</p> <p>E se puséssemos disfunção? É um pouco mais próximo das duas coisas, não é? Até porque a CIF era sobre as disfunções... (1.56) – A</p> <p>Ok... mas a ideia é tentarmos ir ao encontro dos termos que se usam na literatura... (1.57) - P</p> <p>Compromisso, também usamos essa palavra... (1.58) – C</p> <p>Pronto... deixem-me só apresentar este argumento. Como estamos a fazer uma abertura para a academia, nós temos que usar expressões que sejam usadas pela</p>

	<p>academia, neste momento, palavras como “disfunção” e “compromisso”, apesar de fazerem todo o sentido, não são usadas nesse sentido. Como vamos ter pessoas a fazer teses de mestrado e outras investigações, eu defendia que usássemos nesta fase o conceito de incapacidade. Também pudemos colocar uma nota de rodapé a dizer que entendemos incapacidade mais como disfunção ou compromisso, mas eu acho que temos de usar a expressão que é mais aceite neste momento. Em Portugal ainda se usa muito o conceito de deficiência, nos fazemos parte do Grupo da Deficiência (na Rede Social da CMLx), mas a incapacidade é o termo que está a surgir, portanto eu queria manter esta palavra. (1.59) – P</p>
	<p>Se calhar temos mesmo que fazer essa nota, porque incapacidade para mim... não é ausência de competência mas são alterações nas competências... e isto que está aqui é pouco... (1.60) - J</p>
	<p>Ok, então eu vou tirar a parte da descrição e fica só incapacidade com a nota de rodapé a descrever qual é a nossa interpretação do termo, e depois até podemos escrever um artigo ou algo assim a defender a nossa visão. Acho que chegámos aqui a um compromisso (1.62) - P</p>
	<p>a metodologia definida implica a identificação do potencial e das necessidades de cada utente, assim como das prioridades das famílias e cuidadores(1.63) - P</p>
	<p>Inclui uma agenda semanal com as atividades que foram consideradas adequadas para cada utente, sempre procurando promover o bem-estar e a comunicação e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais necessárias ao desenvolvimento da autonomia que permita uma progressiva inclusão social (1.64) – P</p>
	<p>O CAO do Instituto da Imaculada tem assim um modelo de intervenção centrada na pessoa, que se converte num modelo centrado na família sempre que possível... Eu queria ver quem é que concorda, quem é que não concorda, porque temos aqui muitas portas abertas e todos devem perceber as implicações de irmos por aí... portanto, o que é que têm a dizer sobre isto? (1.65) - P</p>
	<p>Isso da inclusão social é abrangente a todos os utentes do CAO, certo? (1.69) - N</p>
	<p>Médio... é mais para ti e para o da S. (1.70) – P</p>
	<p>por exemplo, o Plano de Sala da S. neste momento claramente assume o objectivo de promover a inclusão social. O que é que isso significa? Significa que eles são prioritários para projetos no exterior. (1.73) – P</p>
	<p>Isso era o ideal... a ideia é... repara que nós introduzimos o conceito de percurso de inclusão... (1.76) – P</p>
	<p>Outro foco que eu queria destacar é a questão da diferença entre o modelo centrado na pessoa e o modelo centrado na família. (1.77) – P</p>
	<p>O modelo centrado na pessoa... pronto, para quem gostar destas coisas, vem numa tradição humanista, vai ao Carl Rogers, implica pensarmos qual é o interesse para aquela pessoa (1.78) - P</p>
	<p>Isso tem haver com princípios como o superior interesse da criança, princípios muito marcados na nossa prática social. O modelo centrado na família é algo mais focado nos objetivos familiares (1.79) – P</p>
	<p>O que é que nós na prática depois percebemos? Às vezes as famílias têm interesses diferentes das pessoas (1.80) – P</p>
	<p>Nós assumimos aqui que vamos defender sempre a pessoa e, sempre que possível, ajudar a família. (1.81) – P</p>
	<p>Mas se surgir uma situação de negligência, ou se surgir uma situação em que a própria família esteja a ser parte do problema, nós defendemos a pessoa, está bem? (1.82) - P</p>
	<p>Quando se fala nos PDI's, centrados na pessoa e na família, por norma a família deveria ter uma opinião sobre o PDI, antes dele ser realizado, se realmente concorda ou não. (1.83) - L</p>
	<p>todos os planos individuais são construídos com a família, ou seja, não é ter uma opinião ou só dizer que se concorda, é a própria família ser introduzida no processo, ok? E só estamos no modelo centrado na família quando a família está introduzida no processo. (1.84) - P</p>
	<p>Estamos no modelo centrado na pessoa quando a família eventualmente só assina... mas o nosso objectivo... estamos a trabalhar centrados na família... (1.85) - P</p>
	<p>Aqui deviam ser os dois, não é? O objectivo devia ser o utente e a família, pronto.</p>

		<p>Mas é difícil, eu sei. (1.86) – L</p> <p>vocês conseguem pensar em várias situações em que eles têm interesses que são diferentes, não é? (1.87) – P</p> <p>Só para clarificar, eu sei que isto é algo que faz alguma confusão, o CAO funciona em anos civis, é claro que na prática, as atividades são revistas segundo o ano letivo. (1.98)-P</p> <p>o processo de avaliação envolve toda a equipa multidisciplinar e a família do utente. (1.101) - P</p> <p>Depois no plano institucional podemos elaborar um bocadinho mais e explicar a importância da família estar envolvida... mas isso só vamos rever quando vier o relatório da segurança social (1.102)-P</p> <p>que tem a classificação deles em função de cada problemática, que tem que se classificar os utentes... eu tenho essa informação, não sei é se está actualizada. Não podemos chamar coisas bonitas a coisas que têm um nome técnico. (1.130) – L</p> <p>deixe-me explicar qual é a minha objecção em relação a isso. Os níveis de incapacidade, dos atestados de incapacidade, ou... (1.131) – P</p> <p>Não fala disso... é mesmo a definição das deficiências... chamemos-lhe assim... há pessoas que fogem ao termo deficiência... mas ele existe... e a segurança social trata por esse... e nós que trabalhamos com a segurança social com o CAO, eles usam essa terminologia... (1.132)- L</p> <p>Eu sugiro que a gente faça uma pesquisa, e na próxima reunião voltamos a esse ponto específico. (1.133) – P</p> <p>nós aqui temos de chegar a um consenso institucional. (1.134) – P</p> <p>Nós quando vamos classificar os utentes perante a segurança social usamos uma terminologia, por que é que usamos outra aqui mais pomposa nos relatórios? (1.135) -L</p> <p>Aqui é suposto ser uma terminologia que seja útil para quem está na sala... ou seja, quando uma pessoa percebe que tem na sala uma pessoa com problemas cardíacos, ou com epilepsia ou com problemas comportamentais, isso dá alguma informação. Este tipo de descrição, da incapacidade, não ofende a parte teórica e a parte científica, e é útil para quem está na sala. É esse o objectivo desse ponto, ok? (1.136) – P</p>
	<p>Reorganização de funções e tarefas (15 UR)</p>	<p>hoje já temos 4 pessoas a colaborar em projetos de apoio social (1.15) – P</p> <p>Está o J. e a C., que estiveram na semana passada a colaborar com o projeto da Junta de apoio às famílias (1.16) – P</p> <p>A E. começou também a colaborar hoje com essa equipa de apoio (1.17) - P</p> <p>a T. vai colaborar com o projeto de apoio domiciliário a famílias do Projeto S., que também começa hoje (1.18) – P</p> <p>Neste momento estão 10 pessoas aqui na reunião e vão começar mais 2 pessoas no teletrabalho, e nos próximos dias é possível que mais uma ou outra pessoa se junte (1.19) – P</p> <p>Em Abril vamos começar a ter algumas pessoas em situação de <i>lay off</i>, vamos também perceber como é que isso vai funcionar... (1.20) – P</p> <p>vamos ter algumas pessoas que vão estar a fazer apoio presencial, estando cedidas a projetos de apoio às famílias, e vamos manter aqui a M. e o J. pelo CEI+ (1.21) – P</p> <p>A M. a funcionar normalmente e a dar apoio às Irmãs, e vamos gerindo a situação, acompanhando-a muito de perto (1.22) – P</p> <p>Eu hoje faço o contato, pode ser? (1.31) – L</p> <p>Pode, faça o contato e depois diga-me... mais alguma situação? (1.32) – P</p> <p>É isso mesmo, continua C., estás <i>on fire</i> (1.44) – P</p> <p>Eu tenho uma proposta, eu posso pôr agora, posso partilhar o documento... porque eu entretanto estive a fazer um documento, estive a fazer aqui uma tabela e posso partilhar aqui no Teams, e cada um vai preenchendo... (1.164) – R</p> <p>Como já há várias pessoas que já tiveram a acertar as coisas comigo, eu já tenho essa informação organizada, nós ao nível da equipa diretiva gerimos isso, está bem? Se alguém tiver dúvidas a esse nível, individualmente vem falar connosco, está bem? (1.165) – P</p> <p>fui fazer uma formação de proteção de dados, e a regra base da proteção de dados</p>

	<p>é que devemos preservar os dados individuais de cada um... e esse tipo de questões até pode ser discutível se a gente pode ou deve estar a divulgar... a gente deve ter acesso aos dados que são necessários para fazer o nosso trabalho, está bem? (1.166) – P</p> <p>Portanto a tarefa de organizar as férias cabe à equipa diretiva, então nós os três depois vemos isso. Se cada um de vocês individualmente tiver dúvidas, ou quiser ver algum aspeto, fale individualmente e nós vamos gerindo, está bem? Pode ser assim? (1.167)-P</p>
Elaboração de Documentos (50 UR)	<p>Proposta Plano de Sala CAO 4. Este documento foi construído numa lógica de ideias partilhadas que andaram para trás e para a frente, mais entre mim e a S., houve outros contributos para além de nós... ainda está ao nível de proposta (1.34) – P</p> <p>Pronto, então vamos começar com o Projeto de Sala. Começa com o primeiro ponto “Contextualização”... (1.35) – P</p> <p>Atenção que na terceira linha, onde diz vigor falta aí um espacinho... não sei se é uma questão de formatação... (1.36) – C</p> <p>Sim... mas para já não vamos para a formatação, vamos para o conteúdo, está bem? (1.37)- P</p> <p>Então o primeiro ponto foi retirado do Projeto Institucional, que se calhar vai ter de ser actualizado, porque a parte do CAO era uma parte que ainda estava um pouco pobre (1.38) – P</p> <p>Aqui fazemos uma contextualização da situação atual, os dois acordos de cooperação com a Segurança Social e o Regulamento Interno. (1.40) – P</p> <p>Sei que a Segurança Social fez um relatório com algumas recomendações de melhoria para o CAO, porque li esse relatório, mas como está tudo entupido... o relatório foi feito em dezembro, estamos a chegar a Abril e ele ainda não chegou... o timing será a altura em que a Segurança Social enviar o relatório e depois temos ali 2 meses para fazer uma atualização (1.41) – P</p> <p>E agora vamos focar-nos no grupo. Portanto este (CAO 4) é um grupo que tem 2 monitoras e 10 utentes, com idades entre os 20 e os 44 anos... (1.42) – P</p> <p>Eu peço desculpa por estar a interromper mais uma vez com questões de português, mas deve ser “tendo estas idades”, a gente não quer saber a idade das monitoras. (1.43) – C</p> <p>Segue-se um quadro síntese do grupo. Aqui falamos da descrição da incapacidade, porque os diagnósticos nem sempre estão completamente formalizados (1.45) – P</p> <p>P. depois envio a caracterização da minha sala para ver se está bem (1.48) – N</p> <p>Veja o ponto 3... dos objetivos... do plano de sala da S. (1.49) – R</p> <p>A C. tinha sugerido... porque no primeiro objectivo e no terceiro, falava-se na parte individual de cada um, e depois no segundo falava-se no global. A sugestão foi manter-se esses três objetivos na mesma, mas passar-se o terceiro para segundo e o segundo para terceiro. (1.50) – R</p> <p>E se pusermos a nota? É porque tem sempre que ser um pouco redutor, é uma tabela. (1.61) - P</p> <p>reparem que a agenda semanal faz parte do PDI... alguns de vocês podem tratá-los como documentos separados e a ideia é que não sejam... (1.66) – P</p> <p>a primeira parte, que é a agenda semanal, vai ser sempre parte integrante do PDI, tal como na educativa, que vai ser sempre parte integrante do PEI. (1.67) – P</p> <p>Os Recursos Materiais, isto é mais descritivo, cada sala tem de fazer esta descrição (1.88) – P</p> <p>Os documentos institucionais, também não me parece que haja grandes questões... é o projeto, que entretanto vai sendo actualizado (1.89) – P</p> <p>o Plano de Atividades... o próprio Plano de Atividades está dentro do projeto, mas pronto, como ele vai mudando de ano para ano, acho que faz sentido estar aqui separado (1.90) – P</p> <p>E o Regulamento Interno, sim (1.91) – P</p> <p>E estes são os institucionais, mas existem outros documentos legais como a legislação, as indicações que recebemos da segurança social... (1.92)- P</p> <p>Mas na documentação do CAO temos que usar o ano de 2019 e depois a seguir o ano de 2020, está bem? (1.99)- P</p> <p>Muitos de vocês continuam a utilizar em alguns documentos o ano letivo... e não é</p>

	<p>para usar isso nos documentos do CAO, está bem? Nomeadamente nos PDI's, nas avaliações. (1.100)-P</p> <p>então e se pusermos no ponto que diz: "Nas reuniões da equipa multidisciplinar, normalmente ou habitualmente de 15 em 15 dias, ou realizadas de... (1.107) – P</p> <p>Quinzenais? (1.108) – A</p> <p>Ou podíamos pôr, para não estar a especificar quinzenais, "em momentos regulares"... (1.109) - M</p> <p>Eu julgo que o argumento da A. era valorizar que existe uma regularidade... e de facto a segurança social valoriza isso... (1.110) – P</p> <p>para juntar as vossas ideias, podíamos dizer algo como "Nas reuniões da equipa multidisciplinar...", "Nas reuniões quinzenais da equipa multidisciplinar, é feita a discussão dos casos e podem também ser realizadas reuniões extraordinárias" (1.111) – P</p> <p>Pronto, são 2, 3 folhinhas, uma vez que esteja fechado... a responsável de sala e o diretor do CAO... pronto (1.112) – P</p> <p>É possível que seja necessário fazer uma coisa destas para o Lar, R. mas esperamos pelo relatório da segurança social e depois logo vemos (1.113) – P</p> <p>Mas pelo menos para as 4 salas do CAO (1.114) – P</p> <p>Vamos esperar pelo relatório deles, mas acho que isto já dá um enquadramento e pelo menos clarifica o que queremos fazer no CAO (1.115) – P</p> <p>Querem acrescentar mais alguma coisa ao plano de sala? (1.116) – P</p> <p>Eu percebo como funciona, mas no papel parece que não está cá, parece que só se avalia as coisas depois de estarem feitas para o ano seguinte. (1.118) – J</p> <p>agora como é que nós podemos tornar isso mais explícito no texto? Vamos lá olhar para o texto... (1.120) – P</p> <p>repara que isto é um ponto do processo de avaliação. O ponto 7 é o ponto do processo de avaliação, as reuniões com as famílias não é um momento de avaliação... é outro campeonato. (1.125) – P</p> <p>Isso que estás a dizer pode estar no Projeto Institucional, na parte do CAO, em que se explica qual é a estratégia, a comunicação com as famílias... mas aqui não. (1.126) – P</p> <p>Eu vou ler então: "Neste documento usamos o termo incapacidade para identificar as disfunções, compromissos, limitações relacionadas com as questões directamente ligadas à saúde de casa utente"... ok... (1.127) – P</p> <p>Olhe há um documento da Segurança Social, que eu tenho que pesquisar se ainda está atual... (1.128) – L</p> <p>É o Guia, não é? (1.129) – P</p> <p>Recursos materiais... é só um pormenor, não é muito importante, mas pode ser em alguns casos. Nós dizemos "tem 2 portas sendo que uma delas tem acesso para o pátio interior..." (1.137) - J</p> <p>Se calhar podia ser interessante dizer que a outra tem acesso para o pátio exterior. É só um pormenor, mas para alguns casos é um pormenor importante. (1.138) – J</p> <p>Mas isso é só relativo à sala da S. (1.139) – N</p> <p>Sim, depois na tua sala tens que fazer a mesma coisa (1.140) – P</p> <p>tínhamos vários documentos para analisar, analisámos um... acho que foi produtivo (1.141) - P</p> <p>Em relação aos relatórios sociais, como nós trabalhamos por ano civil, são relatórios sociais do fim do ano de 2019. (1.145) – L</p> <p>Mas pronto, valem o que valem e há que actualizar situações. (1.146) – L</p> <p>imagine que tem a descrição de um caso e depois você quer actualizar "no mês passado esta família teve um divórcio, ou um falecimento..." então aí actualiza-se, está bem? (1.147) – P</p> <p>Qual é o nosso objectivo de trabalho? É de facto que os pareceres técnicos e os relatórios sociais trazem informação útil para se aplicar nos PDI's e na nossa estratégia (1.148) – P</p> <p>N. ficas já com as dicas do que vais ter de fazer na tua sala, as agendas semanais, de alguma forma, devem estar conectadas com os objetivos definidos do PDI. (1.149) – P</p>
	<p>as atividades na agenda semanal devem ser as adequadas para os objetivos que põem no PDI. Se nós dizemos que estamos a promover a interação social, então</p>
	<p>Planificação de</p>

atividades (23 UR)	eles têm que ter atividades em que estão a promover a interação social. (1.68) – P
	E mesmo assim, tendo vários utentes na sala, é difícil... (1.71) – N
	Não há algo que seja abrangente a todos... (1.72) – N
	Por exemplo, projetos como o SOU, ou os passeios, ou se surgirem no futuro atividades com outra escola, tudo o que seja uma atividade em que eles possam sair e possam interagir com os outros, os vossos CAO's vão ser os primeiros a ser convidados. Uma visita a um museu... (1.74) - P
	Estás a falar mais em termos de atividades, mas não em termos do trabalho protegido ou algo assim... (1.75) – N
	O processo de avaliação também já está claro... primeiro é contínuo, existindo momentos chave. A parte contínua passa por estas reuniões, ou seja, nas reuniões da equipa multidisciplinar, em que fazemos a discussão dos casos, em que estamos a discutir as nossas estratégias, aqui estamos também a fazer uma reavaliação das nossas estratégias e vamos mudando, se chegamos à conclusão de que alguma coisa não funciona reformulamos, está bem? (1.93) - P
	E depois temos as avaliações sistemáticas, uma em julho, que já fizemos algumas vezes, e estamos a assumir que isto faz parte da nossa metodologia, que no mês de julho nós reunimos e redefinimos as equipas de sala e os grupos de sala para o ano seguinte, até porque há entradas e saídas (1.94) – P
	Em outubro, novembro é a altura em que fazemos a avaliação do PDI do ano anterior (1.95) - P
	Aí já temos as atividades do ano definidas, porque normalmente no início de outubro conseguimos ter as atividades extra todas organizadas (1.96) – P
	E temos esses meses para organizar o PDI que entra depois em vigor em janeiro, está bem? (1.97) -P
	Em relação à agenda semanal, isso às vezes tornasse um pouco difícil porque as atividades nem sempre são feitas... (1.151) – N
	É verdade, mas qual é a conclusão a que a gente vai chegar? Se chegarmos à conclusão de que há uma discrepância, na planificação do próximo ano nós mudamos as atividades. (1.152)- P
	se chegamos à conclusão de que temos vários meninos que têm esta necessidade, e não temos nenhuma atividade que responda a essa necessidade, então para o ano, em vez de apostar nos passeios à quinta-feira, vamos apostar em ir ao museu à quinta-feira. E vamos ver o que temos de fazer para arranjar os recursos, às vezes não é impossível... (1.153) – P
	estou a falar mesmo das atividades feitas em sala, na instituição, com pessoal da instituição, muitas delas não eram realizadas e não havia qualquer feedback de que aquela atividade não ia ser feita, percebes o que eu estou a dizer? (1.154)- N
	isso é algo que a gente vai ter de melhorar, é uma das autocríticas que temos que fazer, não é? Por exemplo, o caso da dança que foi um caso com que nos confrontámos no último mês... (1.155) - P
	Não estou a falar da dança, estou a falar das terapias (1.156) – N
	Sim, mas em relação às terapias a situação é diferente, vamos clarificar as terapias uma vez por todas... (1.157) – P
Temos que ir actualizando constantemente o mapa de atividades. Em relação às atividades técnicas, muitas vezes, quando nós definimos um primeiro plano, e depois começam a surgir situações de SOS e eu peço às técnicas para irem às consultas, não podendo estar em dois sítios ao mesmo tempo, depois não se realizam os planos (1.158) – P	
O nosso objetivo é que no fim deste período de corona, haja uma maior ligação entre o que nós dizemos que vamos fazer e o que fazemos efectivamente (1.159) – P	
Vai acontecer quando tivermos melhor qualidade ao nível da planificação, e formos mais realistas e se calhar não podemos assumir que as técnicas que são só uma de cada especialidade vão ter todo o seu tempo para intervenção direta, se calhar têm que ter algum tempo de intervenção direta e algum tempo tem de estar solto para fazer relatórios... e isso tem que ser introduzido logo na planificação do trabalho (1.160) – P	
E depois temos de ir actualizando essas agendas em função da realidade. Se se chega à conclusão de que desaparece um professor de atividade extra que está doente, se calhar temos de mudar quando fazemos a agenda semanal... se calhar	

		<p>tem que se rever mensalmente, pelo menos(1.161)-P</p> <p>Temos que ir actualizando. Neste momento é pouco provável que que a gente vá ter festa presencial em junho, está na nossa planificação, mas... (1.162) - P</p> <p>Quando nós fazemos em outubro as agendas, é baseado num pressuposto, não é? Que se depois não se concretizar, temos de actualizar. Mas vamos tentar fazer o melhor possível (1.163) – P</p>
<p><b>2. Reações emocionais</b> (11 UR)</p>	<p><b>Medo de ficar infectado(a) e doente</b> (6 UR)</p>	<p>Ela faleceu do dia 26 para 27, e foi uma coisa rápida(2.1) – IAR</p>
		<p>tinha-nos escrito uma carta a convidar-nos para os seus votos perpétuos, que estavam marcados para o dia 25, e faleceu logo a seguir (2.2) – IAR</p>
		<p>Nós não sabemos ao certo se foi do vírus (2.3) – IAR</p>
		<p>mas quando se sentiu mal foi para o hospital e deixou de falar, de comunicar, estava já completamente sedada, e faleceu depois de ter feito hemodiálise (2.4) – IAR</p>
		<p>Foi tudo muito rápido. E agora está no céu (2.5) – IAR</p>
		<p>A Mfs enviou-me uma mensagem a dizer que foi contactada pela mãe do C. durante o fim-de-semana, e depois a mãe do C. também me mandou uma mensagem a dizer que estava com receio de ir trabalhar e que queria ficar em casa com o filho para não o pôr em risco (2.11) – P</p>
	<p><b>Sentimento de insegurança/stress face à pandemia</b> (3 UR)</p>	<p>Eu acho que esta notícia triste, que muito lamentamos (2.6)- P</p>
		<p>nos alerta para a necessidade de nós, para além de dar o nosso carinho e apoio, continuemos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para que estas situações não ocorram aqui (2.7)-P</p>
		<p>Todos nós que estamos em teletrabalho, se precisarmos de vir ao Instituto temos de ter muito cuidado. (2.8) – P</p>
<p><b>Sentimento de receio face ao impacto da pandemia nos alunos e suas famílias</b> (2 UR)</p>	<p>Temos de diminuir a interação o mais possível, porque neste momento as coisas parece que vão piorar antes de melhorar (2.9) – P</p>	
	<p>E vamos dando apoio e rezando umas pelas outras e pedindo a Deus que nos ajude, e às famílias dos nossos meninos e aos nossos meninos. (2.10) – IAR</p>	
<p><b>3. Apoios a alunos e suas famílias</b> (19 UR)</p>	<p><b>Apoio alimentar</b> (4 UR)</p>	<p>descobrimos que a família do M.A. estava a precisar de apoio específico, foi incluída nesse projeto e hoje deverá começar a receber apoio alimentar, fazendo parte da ronda da carrinha (3.1) – P</p>
		<p>Não, não estou a falar propriamente de refeições, estou a falar de alguns produtos alimentares que se possam conservar... (3.12) – L</p>
		<p>Isso pode ser possível, se a mãe da T. formalizar o pedido, eles estão a ir ao Pingo Doce, e nós podíamos fazer uma entrega que dê para 15 dias, em que fique com massa, arroz... (3.13) – P</p>
		<p>Até pode ser para mais, pode ser mensal. (3.14) – L</p>
	<p><b>Apoio com informação e documentação</b> (3 UR)</p>	<p>Eu depois troquei algumas mensagens com ela, ela disse-me que tem contrato com a empresa, e eu combinei enviar-lhe alguma informação, à semelhança do que já fizemos noutros casos. (3.2) – P</p>
		<p>Até foi a L. que já enviou um email com essa informação detalhada (3.3) – P</p>
		<p>Vou juntar a documentação que ela tem de preencher e enviar para a senhora hoje à tarde para que ela a possa preencher e entregar na sua entidade patronal (3.4) – P</p>
	<p><b>Disponibilização de medicação e outros bens de primeira necessidade</b></p>	<p>Se ela tiver outro tipo de necessidade, ao nível de alimentos ou medicação, podemos falar com o projeto da Junta ou o projeto SOU e ir à residência entregar algumas refeições ou alguns bens de primeira necessidade que ela necessite. (3.5) – P</p>
		<p>Isso é válido para qualquer um dos nossos utentes ou jovens. (3.6) – P</p>

	(3 UR)	relativamente ao projeto da Junta e do Projeto SOUMA, tendo em conta que estamos a dar prioridade aos nossos, a L. mandou aquela mensagem no Grupo, a falar da família da T., que a mãe, pelos vistos, não está a trabalhar, e que para já tem medicação até ao final de abril, mas que estava com alguma dificuldade em relação aos bens alimentares. Se calhar, seria também de se pensar em incluir a família da T, não? (3.7) – R
	Atenção às necessidades financeiras das famílias (2 UR)	Eu falei com a V. (mãe da T.) e elas necessidade têm sempre, até porque nesta altura o salário é menor. (3.9) – L o salário é como sabemos, através da Segurança Social, a comparticipação... mas eu posso aprofundar com ela, se quiserem, faço como fiz com a mãe do M., o que é que acham? (3.10)-L
	Acompanhamento personalizado (5 UR)	Ao sinalizarmos o caso da T., isso significa que a L. vai ter uma atenção particular a esta situação, e manter o contato com a mãe e dizer “Como é que é mãe, como é que estão a correr as coisas?” (3.8) – P Porque o que acontece com estas famílias às vezes, principalmente em situações de carência, que é o que se verifica agora, é que as famílias que não fazem barulho são esquecidas. Portanto, nós fazemos barulho por eles. (3.11) –P Ainda em relação ao C., eu já percebi que tens falado com a mãe e que vais enviar alguma documentação para ela, mas se calhar era importante que alguém tentasse falar por telefone com ela, porque ela tem muita dificuldade com o português, pelo que ela vai ter muita dificuldade em perceber aquilo que tu lhe vais enviar. E pode ter dúvidas que não consegue colocar por mensagem. (3.15) – J Sim, eu falei com ela e perguntei-lhe se queria que eu lhe fizesse chegar os documentos em papel ou por email. Ela disse que pode ser por email, então vou-lhe mandar o email e depois ligo-lhe... (3.16) – P Ok, é porque ela tem realmente muita dificuldade na língua. (3.17) – J
	Falta de interesse/participação o das famílias (2 UR)	A maior parte dos responsáveis da minha sala nem aparecem para discutir qualquer situação. (3.18) – N É verdade, e nós não podemos ficar paralisados por causa disso. Nós deixamos a porta aberta, se a família não aparece focamo-nos na pessoa que está à nossa frente. (3.19) – P
4. Cooperação com outras instituições (7 UR)	Articulação com as Juntas de Freguesia (6 UR)	Na Buraca é Câmara da Amadora... tem que se ver a Junta de Freguesia... portanto nós podemos eventualmente ir lá uma vez, mas depois o apoio regular terá que ser assegurado pela junta local, porque eles têm serviços de apoio específicos. (4.1)- P A partir do momento que detectemos o caso, podemos fazer o contato direto com a junta. (4.2) – P Vemos como é que eles se estão a organizar e depois vamos acompanhando com a família e vemos se o apoio está a ser efetivo. (4.3) – P Não vai ser possível ajudarmos pessoas que estão na margem sul, ou que estão noutro concelho... outra junta próxima talvez, agora outro concelho é mais complicado. (4.4) – P A junta de freguesia da área de residência... (4.5) – L A T. era um caso que se a Junta da Estrela apoiasse numa fase inicial... (4.6) – L
	Articulação com a Segurança Social (1 UR)	era da Segurança Social a fazer uma monitorização simpática, estive a fazer um ponto de situação com eles (4.7) – P

ANEXO G - Protocolo da segunda  
reunião

Reunião de Equipa de 1 de abril de 2020 através do *Microsoftteams*

(perdeu-se alguma informação na gravação do início da reunião onde se realizaram os cumprimentos e definiram os pontos da reunião)

P: Ok, Informações. Então a primeira informação do dia de hoje vem da sequência do que falamos ontem, e das mensagens que partilhamos no grupo do *whatsapp*, julgo que todos tiveram acesso, o Instituto da Imaculada fez a declaração oficial e mandou para a contabilidade que vai mandar para a segurança social, e diz assim: “O Instituto da Imaculada para Pessoas com Necessidades Especiais, na sequência do encerramento das suas atividades regulares desde 16 de março de 2020, vem por este meio solicitar o regime de *lay off* simplificado nos termos definidos pelo decreto-lei 10-G/2020, para os seus funcionários que têm tarefas não convertíveis em teletrabalho e que não estão destacados para projetos de apoio social. (1.1. – P) Por ser verdade, assino e carimbo a seguinte declaração.”. A declaração foi assinada pela Irmã, foi enviada para a contabilidade e vai entrar hoje na segurança social. O que é que isto significa? Significa que todas as pessoas que não estejam em teletrabalho, não estejam de férias, não estejam de baixa, ou não estejam destacadas para projetos de apoio social, neste momento temos 4 pessoas que estão com esse tipo de funções, automaticamente passam a estar em *lay off*, no dia 1 de abril, hoje. (1.2. – P) Nós já assumimos que estamos encerrados até ao fim do mês de abril, na última semana de abril vamos analisar a situação... com a informação que temos até este momento, é previsível que este encerramento se prolongue até ao mês de maio. (1.3. – P) Mas ainda não é altura de assumir isso. Portanto, neste momento a nossa expectativa de funcionarmos desta forma é a 2 meses (1.4. – P), está bem? Vamos organizar um mês de cada vez, mas... pronto. Já organizámos algumas coisas, e há pessoas que estão em situações diferentes. Algumas pessoas já marcaram férias, eu fiz uma recomendação de que todos marcassem pelo menos uma semana de férias, mas existem exceções, eu tenho falado individualmente com vocês (1.5. – P), porque é complicado falar de exceções quando estamos 14 ou 20... portanto... R., quando é que começa a tua semana de férias, ajuda-me lá...

R: Amanhã, de 2 a 8.

P: Portanto a recomendação para as pessoas que estão em teletrabalho, com que eu falei... se eu não falei, é porque não é para entrar. Portanto algumas pessoas vão começar já amanhã, mas o teletrabalho vai estar sempre a funcionar, eu queria se calhar marcar já com vocês já as reuniões gerais e definir aqui algumas regras de funcionamento para o teletrabalho (1.6. – P). Nós temos o grupo do *whatsapp* do teletrabalho, as pessoas que estão nesse grupo naturalmente estão em teletrabalho. Todos os dias têm que fazer um *check in*, portanto dizer um olá, o *check in* preferencialmente às 10 horas... (1.7. – P)

Mpf: P, diz-me só uma coisa, eu começo às 8, mando-te mensagem? (1.8. – Mpf)

P: Sim, é isso que eu queria dizer. As M., que estão a começar agora, pediram um ajuste no horário para começar às 8, que foi aceite, portanto vocês entram às 8. (1.9. – P)

Mpf: A M. hoje mandou a mensagem, eu não mandei logo porque tive algum receio de estar a acordar as pessoas.

P: Não te preocupes, manda, não há problema.

R: De manhã é que se começa o dia...

P: Quem não quiser ser acordado pelo telemóvel, tira o som, põe o nouro sítio, porque hoje em dia os telemóveis estão sempre a bombar, está bem?

AM: Mas achas que alguém acorda a esta hora?

L: M? Desde que não mandes às 3 da manhã (risos).

P: Vamos clarificar, o pressuposto do teletrabalho é manter o horário de referência, portanto teoricamente nós mantemos o nosso horário. Eu coloquei as 10 como o momento para dizer “olá, vou fazer isto” e às 4 para dizer “o dia está a terminar, foi isto que eu fiz” (1.10. – P). Agora o que é que vocês têm para poder gerir? Têm mais flexibilidade. Vocês podem... a questão da hora de almoço. Se têm crianças em casa, em vez de fazer do meio-dia à uma vocês fazem da uma às duas, isso cada um faz a sua gestão, está bem? E às vezes... estava a falar com a L. que às vezes as chamadas prolongam-se um bocadinho mais... pronto, vocês podem gerir isso... não há nenhum ponto digital neste momento a funcionar, está bem? A A. ontem fez uma tradução já fora de horas, vamos gerindo com alguma flexibilidade. Mas a referência

que têm é o vosso horário (1.11. – P), vão falando também comigo ou... porque eu também vou fazer uma semana de férias depois da Páscoa, nessa altura falam com a Rita, e nós vamos coordenando. Se vocês dizem que “Olha, tenho que ir ao médico, ou tenho que ir não sei o quê...”, vocês avisam e nós vamos gerindo, está bem?

L: Agora não há médicos, P.

P: Ainda há...

L: Só se forem em casos muito urgentes.

P: Esperemos que não seja necessário.

R: Ainda vai havendo...

P: Outra informação... cada um de vocês agora vai ter tarefas muito específicas. A maior parte de vocês agora já tem essas tarefas bem claras, outras que estão a começar agora ainda não, mas a ideia é agora, se calhar, rodarmos, e fazemos um ponto da situação, em termos do que estivemos a fazer até agora e quais são as perspetivas de trabalho (1.12. – P). Eu sugiro começar eu e depois podem ir rodando, está bem? Desde que evitem falar ao mesmo tempo. Se duas pessoas começarem a falar, damos a palavra a uma pessoa e depois... a gente vai gerindo. Portanto, até agora, o que é que estivemos a fazer? Estivemos a organizar a documentação e é isso que vamos continuar a fazer, vamos correr as 8 salas do Instituto, e nas 8 salas do Instituto nós vamos estar a rever os planos de sala, os pareceres técnicos e os planos individuais, quer sejam os PDI's no caso do CAO, começámos pelo CAO por disponibilidade e por causa das pessoas que estavam em teletrabalho na fase inicial, mas o objetivo ao longo deste mês, eventualmente dois meses, será correr todas as salas (1.13. – P). Quando acabarmos as salas, que eu espero que seja possível acabar as salas, vamos rever a documentação institucional toda, ok? (1.14. – P). Portanto vamos tentar regressar ao trabalho, previsivelmente em junho, se Deus quiser e correr tudo bem ainda em maio, com esta documentação toda certinha e toda revista, ok? Paralelamente, alguns de nós temos outro tipo de tarefas, nomeadamente acompanhamento de famílias, as pessoas das salas podem manter o contato pessoal com as famílias, não há problema nenhum (1.15. – P). Mas... Agora tenho aqui a L. a tentar entrar...

(conversa com a colega que está a tentar entrar na reunião mas que tem dificuldades técnicas)

P: Ok, julgo que estava a fazer uma síntese dos nossos objetivos e que de forma mais resumida, vai ser mais focada na análise documental, e na discussão dos casos, ok? Quem quer falar sobre o que tem estado a fazer e quais são os seus objetivos daqui para a frente? (1.16. – P).

(Silêncio)

P: R, queres dar o exemplo?

(Silêncio)

R: Posso falar... basicamente tenho estado a fazer um acompanhamento com as famílias, telefonicamente, dos meninos do Lar, também tive em conjunto com P. e a Irmã a tratar de outras questões, de documentação institucional, mais da parte da direcção, também temos estado a articular algumas coisas com a L., relativamente ao Lar e ao CAO, e acho que tem sido basicamente isso. (1.17. – R)

P: Ok, muito bem, quem se segue?

L: Posso ser eu P.

P: Força.

L: O meu trabalho tem sido centrado essencialmente no acompanhamento às famílias, e em toda a informação que tem sido necessário transmitir e também atender às questões que eles colocam e tentar ajudar. (1.18. – L) Já se falou de alguns casos, com certeza não é agora para falar deles, mas estive essencialmente com isso. Estive a rever algumas participações porque até aqui não era possível, por não haver documentação, consegui fazer alguns. Tivemos uma reunião sobre o Lar... e o Lar está arrumado relativamente às participações. Ainda iremos rever participações do CAO hoje, para ficar tudo definido. (1.19. – L) E tenho acompanhado de perto, quase diariamente, a avó do E... (3.1 – L)

P: Vamos falar dos casos a seguir, no ponto 3.

L: Pronto, tem sido isto, com as participações e com os relatórios já enviados. Penso que é isto e tem dado grande trabalho.

P: É verdade. Quem se segue?

C: Posso ser eu?

P: Fala C.

C: Ao longo destes últimos dias fiz a documentação da menina nova que entrou, a A., fiz a documentação do F., concluí-a ontem, não a coloquei ainda na plataforma porque preciso da ajuda das colegas terapeutas para esclarecer algumas questões e não cometer calinadas na escrita dos documentos. (1.20 – C)

P: Muito bem, quem se segue? Aqui a prioridade será para quem está em teletrabalho há mais tempo.

A: Posso falar eu?

P: A, força.

A: Eu iniciei com a M. a articulação para fazermos os pareceres técnicos de algumas salas, depois a J. juntou-se a nós e agora a Ma. (1.21 – A) E temos tentado fazer sala por sala, e para mim tem sido bom porque posso ver com calma e com outro rigor cada relatório, cada parecer técnico, e articular também com o que está escrito pela sala. Acho que permite outro cuidado, este tempo...

P: Muito bem, obrigado.

A: Acho que estamos ali com uns pareceres técnicos muito fixes! Tomara muitos sítios. Sinceramente... tenho orgulho. (1.22 – A)

P: Sim, já estive a ler alguns, é verdade. Ok, quem se segue?

N: Posso ser eu?

P: Podes, N.

N: Então eu estou com as avaliações do CAO, terminei ontem (1.23 – N), P. não sei se recebeste?

P: Recebi, mas ainda não consegui ver. Vou tentar ler hoje ao fim do dia.

N: Pronto, era só para dizer que já estão. Depois vê lá se há algo para corrigir. Agora estava a pensar ir para os PDI's, já tenho alinhavado, mas se calhar vou para o Plano de Sala (1.24 – N), porque não tenho nada disso...

P: Usa como base aquele que nós trabalhamos na reunião...

N: Sim, sim.

P: Muito bem. Ok, quem se segue?

S: Aqui é a S. Eu tive a trabalhar na documentação do meu CAO, já enviei todas as avaliações, os PDI's, o Plano de Sala, esse é um ponto da reunião para discutirmos hoje aqui, também tive a ver os pareceres técnicos, acho que tenho alguma informação dos pareceres técnicos na minha documentação, nos meus PDI's, mas temos que ver se é suficiente, ou se querem adicionar algo. Esta documentação está para ser revista hoje na reunião (1.25 – S). Também estou a fazer uns moldes, para quando voltarmos à normalidade eles poderem trabalhar (1.26 – S). E pronto, este tem sido o meu trabalho.

P: Muito bem.

S: Claro que se houver coisas em que eu possa ajudar da sala da Ir. M. ou da C., posso fazer isso.

P: Ok, obrigado. Quem se segue?

Mpf: Então posso falar eu?

P: Podes, podes.

Mpf: Eu também comecei esta semana, comecei ontem, estou a terminar a documentação da sala, os PEI, os PIT's e os RTP's, falta-me fazer o Plano de Sala. Só me falta um aluno, falta-me fazer o do R. e completar ali alguma informação do M. e falta-me fazer o plano de sala. (1.27 – Mpf) Existe algum modelo do Plano de Sala? (1.28 – Mpf)

P: Neste momento o mais aproximado do que nós pretendemos é o Plano de Sala que a C. fez. Se a C. te poder enviar, ficas com uma boa referência. (1.29 – P)

Mpf: Ela enviou, se ainda se mantiver o mesmo?

P: Sim, nós ainda não temos o modelo fechado, mas estamos a caminhar numa direcção, e dos que eu vi, e já vi três na Educativa, o mais próximo do caminho que estamos a definir é o da C, pelo que fica esse como referência. (1.30 – P)

Mpf: Ela já tinha enviado, ok.

P: Muito bem, quem se segue?

F: Posso?

P: Força.

F: Eu e a Lc. temos utilizado a plataforma, para mim é uma novidade e para a Lc. também. (1.31 – F) Ontem conseguimos pela primeira vez partilhar um documento, o que foi motivo de grande emoção! Já estamos a conseguir e agora é terminar as coisas que estão começadas (1.32 – F)...

P: Pronto, o objetivo está claro, que é rever o Plano de Sala e a documentação individual de cada um dos meninos (1.33 – P). Depois quando terminarem, qual é a expectativa? É ver um email que tenha essa informação toda organizada, está bem? E depois existirá uma reunião em que vamos discutir a vossa sala, tal como vamos correr as salas todas. (1.34 – P) Obrigado F. Quem se segue?

Mar: Posso ser eu?

P: Podes sim.

Mar: Pronto, como a A. já disse, nós iniciamos a revisão dos pareceres técnicos, começamos pelo CAO 4, a sala da S. e temos tentado rever e aprofundar... ser mais criteriosas na forma como os pareceres estão escritos (1.35 – Ma), porque sabemos que no dia-a-dia as coisas eram feitas de forma repartida, nunca era levado um parecer do princípio ao fim... e pronto, temos tentado avançar por salas e vamos complementando a informação. Passamos os relatórios umas pelas outras, e tentamos que os pareceres sejam o mais completos possível. (1.36 – Ma)

P: Ok, muito bem. Quem se segue?

(Silencio)

P: Quem é que ainda não falou? Por exemplo... J.

J: Estava a tentar ligar o microfone... já está. Pronto, na sequência do que têm estado a dizer, temos estado a fazer esta revisão dos pareceres técnicos, o que tem estado a ser bom, pois para além de estarmos a aprofundar um bocadinho aquilo que escrevemos, é muito giro porque conseguimos ver evoluções em relação ao que escrevemos e o que temos agora. (1.37 – J) O melhor disto tudo é conseguir ver que afinal o dia-a-dia vale a pena, e que por muito que as mudanças sejam poucas, existem e são boas. (1.38 – J) Pronto, temos estado a fazer o melhor que conseguimos para estar o mais completo possível. (1.39 – J)

P: Ok, muito bem. Obrigado J. Mfs?

Mfs: Olá, bom dia. Estão-me a ouvir bem, certo? Juntei-me ao grupo ontem, portanto ainda estou no início... até de perceber como gerir a rotina(1.40 – Mfs), mas sim, também tal como a J. referiu, e a A. e a M., também estou a ver aspetos positivos em poder, com calma e tranquilidade, poder rever aquilo que está escrito, e está a ser positivo. Ainda tenho muita coisa para rever, como só cheguei ontem, ainda falta muita coisa para rever. (1.41 – Mfs)

P: Ok, muito bem, obrigado. A. A., também começaste agora.

AM: Eu só comecei hoje, portanto... ainda nem explorei muito bem isto, nem muito bem, nem muito mal, ainda não explorei nada deste teams, mas pronto, estou à espera, para ver o que vocês têm para me dar, não sei muito bem o que é que tenho de fazer nesta fase. (1.42 – AM) Uma vez que eu, como não tenho sala, estou aqui um bocadinho às aranhas. aguardo as vossas instruções (1.43 – AM).

P: AM, estás em período de adaptação, eu depois falo individualmente contigo(1.44 – P).

AM.: Ok.

P. Obrigado AM. Não sei se queres acrescentar mais alguma coisa?

AM.: Não, não, obrigado.

P: De nada. Pronto, neste momento estamos a consolidar a nossa rotina, já marcámos de forma fixa a reunião às quartas-feiras, das 10:00 às 11:30, é possível que haja uma reunião suplementar às segundas-feiras, das 10:00 às 11:30, mas isso depois vamos vendo passo a passo (1.45 – P). Como vamos agora entrar agora numa rotina e

algumas pessoas vão fazer férias, vamos manter as quartas como a reunião fixa de equipa. Depois podemos fazer trabalhos em pequenos grupos (1.46 – P), ou seja, neste momento a F. e a Lc. estão a colaborar na sala, os pareceres técnicos pressupõem troca de informação... cada um de nós vai ter objetivos muito específicos, e vai ter de ir à procura da informação que precisa para atingir esses objetivos, falando com os colegas, está bem? (1.47 – P) Ok, se já fizemos um bom ponto da situação, íamos para o ponto 3, casos sociais. Nós estamos a acompanhar alguns casos que nos preocupam. Eu tenho informações sobre dois casos... L., quer começar você? (3.2 – P)

L: Portanto, o caso do M.A. já está resolvido, já não vale apenas falar mais... (3.3 – L)

P: Eu tenho informação nova sobre esse caso, mas já lá vou... (3.4 – P)

L: Pronto... esse caso julgo que ficou tratado... Falei com a mãe da T. relativamente às necessidades que estão a passar. E acho que ela pede ajuda com a alimentação. Se fosse possível ela agradecia. (3.5 – L) Devido ao título de residência foi-lhe cancelada a prestação social de inclusão. Ainda não retomou... ela também só recebe quinhentos e poucos euros porque só faz 7 horas e a empresa faz 2h, descansa 1h, as empresas jogam conforme acham melhor para não pagar sequer o salário mínimo. (3.6 – L) No caso da T. é preciso ajuda, não sei se particularmente podemos falar sobre ele... tínhamos falado em ver se a Junta poderia ajudar a mãe da T., seria mais rápido. Em relação à T. é só. (3.7 – L) Tenho o caso do O. P., o pai tem falado comigo várias vezes, e está muito preocupado e para além disso manifesta algum stress em relação à situação. (3.8 – L) Penso que se está a reformar, em finais de Abril, Maio, e o que ele diz é que vai ficar com uma pensão muito baixa, porque teve muitos anos em Angola a fazer descontos, e está em Portugal há poucos anos, pelo que em princípio fica com uma pensão muito baixa. Está desesperado para fazer frente às despesas mais a participação do O. (3.9 – L) Depois se calhar esta é uma questão para se ver mais tarde. Temos a situação do R., fiquei de falar com a mãe mas ainda não consegui. (3.10 – L) Ela deixou de receber o rendimento social de inserção porque estava no desemprego e o centro arranjou-lhe um trabalho. Só que, nem chegou ao fim de Janeiro, o contrato acabou. E agora não recebe nem rendimento social de inserção nem nada do desemprego, pois só estando a fazer 1 ano de descontos, não é? (3.11 – L) Temos também a situação do R., que fiquei de falar com a mãe mas ainda não consegui. Vou ter de falar com ela melhor para ver se a situação

se mantem. (3.12 – L) Também a mãe do Z.M., tenho tentado falar com ela mas ainda não consegui, porque ela não atendeu. Deixei uma mensagem de voz, mas ela não me devolveu a chamada. Falámos com o pai e ele diz que está tudo bem. O pai diz sempre que está tudo bem... (3.13 – L) no caso do E., é um caso que me preocupa bastante, ela na próxima quinta-feira vai mudar de quarto, vai deixar o quarto alugado e vai voltar para casa do primo. (3.14 – L)

R: Ela é a avó?

L: É a avó, e vai voltar para Mem Martins. E então depois, só a partir daí é que ela consegue deixar o E. com o primo e ir à empresa e preencher a declaração... está com bastantes dificuldades, a todos os níveis. (3.15 – L) Há outra questão que me preocupa, mas que eu nem partilhei com a avó, para não a preocupar ainda mais, é a questão de que o E. tinha junta médica no dia 7 de maio, e isso vai ser alterado com certeza... é tão importante e ele está à espera à tantos meses... e isto vai ser adiado com certeza. (3.16 – L)

MP: Mas pode ser que não...

L: E as pessoas que estão para trás? Aquilo depois vai ser um reagendamento das pessoas que não são atendidas. (3.17 – L)

M: L., eu creio que as juntas médicas não estão a ser adiadas... eles criaram outras equipas de saúde pública e de... pronto, outras equipas... mas não tenho a certeza. (3.18 – M)

L: Eu tive essa informação no Centro de Saúde. Eu vou ainda ligar para eles e vou ver o que é que me informam. Mas estou bastante preocupada por causa dessa situação, porque é uma situação que é muito importante por causa da habitação social... (3.19 – L) pronto, por várias razões. Os casos sociais são estes... haverá mais, mas então estaria aqui a falar imenso tempo sobre casos sociais.

P: Deixe-me então fazer alguns comentários e dar alguma informação. Em relação ao M.A., ele já está a receber apoio alimentar da Junta com a nossa carrinha. A C. e a L. tinham sinalizado o caso e a mãe formalizou o pedido de ajuda e já recebeu na sexta-feira apoio alimentar. (3.20 – P) Eu falei ontem com a Dr<sup>a</sup> A.R. que é a psicóloga da junta que coordena o projeto de apoio social nesta fase, e ela pediu-me um conjunto de dados que a L. também já me deu, como a morada, e portanto esta família vai ficar

inscrita no grupo de famílias apoiadas pela junta e vai ter direito a três refeições diárias, pequeno almoço, para além daquele cabaz de produtos... (4.1 – P)

L: Ótimo.

P: Quando acabarmos a reunião vou enviar o email com os dados para a colega, e nós vamos acompanhando porque temos lá, neste momento, na carrinha, o J. a C. e a E... O acordo com a junta... (4.2 – P)

L: Não tinha conhecimento.

P: Pronto, este caso julgo que está mais encaminhado. Em relação ao C., foi-me sinalizado no fim-de-semana, várias pessoas me referiram, mas estou-me a lembrar das mensagens que troquei com a M.F., depois a mãe também começou a trocar mensagens, também já tenho falado com a R. e com a L....(3.21 – P) no fundo a situação é a seguinte. A mãe quer ficar em casa porque está com medo que apanhe o vírus e que o passe para o filho, porque o filho é uma criança de risco. (2.1 – P) E tem razão... eu clarifiquei algumas dúvidas da mãe, porque ela tinha recebido a informação de que não podia ficar em casa durante as férias da Páscoa. (3.22 – P) Confirmei com ela, inclusivamente mandei-lhe a legislação para ela encaminhar para a entidade patronal, que ela tem direito porque a criança, tendo deficiência, tem direito ao apoio à família. Também clarifiquei com ela, e ela tem contrato de trabalho. Não está a recibos verdes, segundo a informação que ela me deu, portanto tem outro tipo de proteção. (3.23 – P) Disponibilizei-me para falar com a entidade laboral se fosse necessário, e ela ficou muito contente e disse que ia entregar a documentação. (3.24 – P) Eu depois já liguei para ela para ver como correu, mas ela não me atendeu. Esta informação foi de ontem, ainda não tenho feedback... se depois alguém quiser pegar nesta situação... L, se depois quiser ligar à D. M., para ver como correu a situação... se existir alguma dificuldade, a sugestão é que peça o contato da entidade laboral, telefone ou email, e eu falo directamente com a entidade laboral para tentar desbloquear alguma situação burocrática que exista, está bem? (3.25 – P)

L: Está bem, está bem.

P: Em relação à T., a partir do momento em que há um pedido de ajuda com alimentação, o que é que nós podemos fazer? (3.26 – P) Podemos fazer um contato com a Junta de Freguesia da E. para ver se é possível reunir um cabaz para a T. (4.3 – P) Eles podem fazer isso pontualmente, mas não podem fazer isso de forma regular

porque ela não pertence a esta junta de freguesia. Eles podem fazer isso numa colaboração connosco, pontualmente, mas não podem fazer de forma regular... nós podemos contactar a JF da B... (4.4 – P)

L: Uiii, isso a A... (4.5 – L)

P: Eu sei, mas todas as juntas de freguesia estão a organizar-se. Vamos contactar a junta de freguesia da área da residência. (4.6 – P) Confirme depois a morada dela, está bem L? E confirme os contactos da junta que eu depois faço o contato. (4.7 – P)

L: Sim.

P: Nós podemos colocar as coisas de forma a que a junta tenha mesmo que agir. A dificuldade é se eles nos atendem o telefone ou não. (4.8 – P) O plano B é a colaboração que estamos a ter com o projeto S. O Projeto S é um projeto onde os nossos meninos do CAO estavam a ir aos ateliers, e eles também têm um projeto de apoio social, (4.9 – P) nós destacámos a A.T. para estar a colaborar com eles, portanto se não conseguirmos de outra forma, eu acho que pontualmente podemos arranjar um cabaz alimentar para entregar lá, e na pior das hipóteses, pedimos ao J. para entregar o cabaz. (3.27 – P)

L: Pois, ela agradece seja o que for.

P: O que é que estamos a definir em relação à T.? Vamos fazer o contato com a junta local, (4.10 – P) mas vamos tentar arranjar, pelo menos, um cabaz de emergência esta semana, para entregar. (3.28 – P)

L: Ótimo, ela agradece seja o que for, porque ela diz que tudo é bom.

P: Pronto, ok. Depois vamos acompanhando a situação. Fica esta regra, qualquer família que esteja a pedir bens alimentares, vamos tentar usar esta estratégia. (1.48 – P) Fazer um cabaz de emergência para entregar no espaço de uma semana e tentar ativar os recursos de apoio local, porque eles existem. (1.49 – P) E é essa a estratégia, todas as juntas têm agora equipas de apoio local. Quando as juntas não têm a Câmara é obrigada a ter. (1.50 – P) Com um bocadinho de trabalho e persistência, vamos conseguir arranjar apoio mais tarde ou mais cedo. (1.51 – P) Em relação ao O.P., parece-me ser uma questão mais financeira, portanto sugiro que seja feita uma monitorização, se precisar de alimentos nós entregamos, depois o plano de

vida financeiro vai demorar mais tempo, tem de ser feito com mais calma. (3.29 – P)

Aí teremos que falar individualmente, está bem L?

L: E também ainda não sabemos quando é que ele se reforma. O stress já é pensar que se vai reformar... (3.30 – L) ele até me falou em roupa para o outro filho...

P: Pronto... só para nos organizarmos, nesta fase vamos pôr como prioridade as emergências alimentares, com o cabaz, (3.31 – P) e depois tentar ativar os recursos locais (4.11 – P).

Outro tipo de necessidades que já são a médio prazo, vamos com mais calma e vamos estudar a situação. (3.32 – P) Em relação à mãe do Z.M. sugiro que lhe mande uma mensagem de texto, para o telemóvel, a dizer algo como “estamos aqui à sua disposição, se precisar ligue”. (3.33 – P) O meu receio no caso do Z.M. é que ele agrida a mãe e o pai não esteja lá para ajudar. (3.34 – P)

L: Ele também não falou que está com ele, porque a mãe sozinha deve ser impossível. Está tudo bem, está tudo bem é a resposta dele. Vou mandar uma mensagem então à mãe. (3.35 – L)

P: É isso, mande uma mensagem para termos uma linha de diálogo, se ela ligar para aqui se calhar... (3.36 – P)

IAR: Ela não liga, ela só que falar com a A.T. (3.37 – IAR)

P: Pronto, se passar uma semana e não conseguirmos ter contato, se calhar peço à A.T. para falar directamente, porque ela tem uma ligação com a A.T., está bem? (3.38 – P)

L: Eu sei...

P: Mas tente mandar a mensagem escrita para ver se ela tem alguma reacção, e entretanto eu tenho que falar algumas coisas com a A.T., e depois mais à frente, se não houver novidades, eu peço para ela falar, está bem? (3.39 – P) Em relação ao E., é fazer o que está a fazer. É ligar ao Centro de Saúde e ver o que eles dizem e vamos monitorizando a situação. (4.12 – P)

L: Sim, pronto, está bem.

P: Em relação aos casos sociais, alguém sabe mais alguma coisa?

J: P, saltaste o R.

P: Saltei o R? Não, o R. está na mesma situação que o O.P., ou seja, é ver se existe uma emergência alimentar e tentar ativar os recursos locais. (3.40 – P) A regra é a seguinte: se qualquer família disser, eu preciso de ajuda para comer e formaliza isso, quero dizer, diz textualmente “eu preciso de ajuda”, nós ativamos um cabaz de emergência, vai lá alguém levar comida, e ativamos os recursos locais da junta de freguesia. (1.52 – P)

L: Ok.

P: Pronto, avançamos para os casos do CAO? Já só temos meia hora, vamos fazer para aí um ou dois. Vamos a isso? Ok. Isto trás outro desafio, vocês têm que ir aos ficheiros partilhados.

I.A.R.: A S.M.

P: Sim, posso falar da S.M. Só aqui uma observação, que a I.A.R me recordou. Se calhar pode contar.

I.A.R: Foi a mãe...

P: Pode dizer, chegue-se só mais perto do microfone para as colegas ouvirem bem.

I.A.R: Estou bem aqui?

P: Está bem, está. Pode falar.

IAR: Foi a mãe da S. que me ligou para dizer que a S. tem uma doença muito grave, e não se pode mexer, até de noite é a mãe que acorda para a mexer na cama... e visto ser assim e depois com as dificuldades financeiras que tem e tudo, está a pensar em que a S. deixe de vir para o Instituto. (3.41 – IAR) Eu disse que a S. até gosta de andar aqui... “Pois, eu sei, mas ela tem muita dificuldade”. Mas eu sei que ela também está com dificuldades dos bombeiros. Ela terá que pagar, porque eles também estão a falar em pagamento. E depois tem outra filha que é médica, que também está com baixa, que também tem muitos problemas em se mexer porque é doente dos ossos, e ficou assim. Mandou beijinhos, beijinhos, mas a ideia é que a S. deixe de frequentar o Instituto. (3.42 – IAR)

P: Em relação à situação da S. e de outras situações que podem surgir, eu interpreto isso como dificuldade financeira, e uma tentativa de reduzir os custos. Se as famílias assinalarem essa dificuldade, nós podemos definir medidas provisórias, reduzindo ou suspendendo o pagamento da mensalidade, e depois quando houver uma retoma fazemos uma reavaliação da situação. (3.43 – P) Portanto seria essa a minha proposta, se a Ir. concordar. Pronto, nesta altura não queremos que ninguém saia do Instituto ou deixe de ter o nosso apoio por razões financeiras, portanto qualquer família que esteja nessa situação, tem que o dizer, verbalizar, e nós podemos suspender o pagamento das mensalidades até haver a possibilidade de fazer reuniões presenciais e fazemos uma reavaliação da situação. Está bem? (3.44 – P)

L: P, queria só acrescentar. Eu não tinha conhecimento desse telefonema para a Ir., que não tenho que ter, não é? Eu tenho falado com a senhora e a única questão que ela me colocou é que a S. estava para ser intervencionada, tem um problema de coração, mas tem sido adiado devido a esta situação toda. Mas este caso comigo não comentou. Partilhou com a Ir., acho muito bem, foi com a pessoa certa... e é isso que eu tenho para acrescentar. (3.45 – L)

P: Pronto, quando falar com ela pode tranquiliza-la, a reunião de equipa também serve para nós partilharmos essa informação, e pode-lhe transmitir esta posição. (3.46 – P)

Neste momento, nós não queremos que ninguém...

L: É para suspender, não é? (3.47 – L)

P: Se ela o formalizar... porque eu tenho pais a dizer que até não querem pagar com a redução, querem pagar tudo porque percebem que o Instituto está numa fase complicada, portanto nós temos tomadas de posição diferentes. (3.48 – P) E o que é que nós estamos a tentar fazer? É adequar em função das circunstâncias de cada um. Neste caso há famílias que dizem que vão pagar por inteiro... e nós vamos agradecer a essas famílias... há outras famílias que dizem que não conseguem pagar, e assumindo isso, nós vamos suspender as prestações, pelo menos enquanto estivermos fechados. E depois fazemos uma reunião com eles e reavaliamos a situação. (3.49 – P) É uma situação de crise, vamos ter que ser muito flexíveis, tal como estamos a ser, estamos aqui a trabalhar desta forma diferente. (1.53 – P) Ok, então em termos dos casos sociais estamos arrumados por hoje, está bem? Obviamente que os casos sociais de emergência que surjam, nós por telefone vamos

logo atuando. Qualquer um de vocês... mais a L, a R e eu, mas qualquer um de vocês, se detectarem uma situação, façam o que estão a fazer, vão nos alertando e nós vamos atuando o mais rapidamente possível. (1.54 – P) Ok, então vamos tentar fazer uma outra atividade que pode ser gira. Portanto, no lado esquerdo, se carregarem em “Equipas” e depois, na parte de cima têm “Ficheiros”...

L: “Equipas” já está. E agora carrego nos “Ficheiros”?

P: “Ficheiros”, e agora vamos tentar escolher um caso. S. quer escolher um caso para começarmos a ver? Da sua sala? Quer começar por quem? (1.55 – P)

S: Vamos fazer por ordem alfabética. Começamos pelo E. (1.56 – S)

P: Pode ser, E. Então vamos todos... para isto fazer sentido vamos começar pelo parecer técnico do E... é só carregarem em cima e abrir...

P: Isto demora um bocadinho a carregar... eu como estou a ficar míope tenho que por isto um bocadinho maior, têm aqui uma lupa que precisar...

R: O meu também já apareceu...

M: É verdade, está um bocadinho pequenino.

P: Mas podes escolher o tamanho.

R: Em baixo dá para pôr em zoom...

M: Já percebi. Já está.

A.M.: Eu não estou a ver nada. (risos).

M: Calma A.

P: Tu estás no tablet...

L: Já está.

P: Vai variar a velocidade conforme a internet e...

A.M.: Vocês desculpem lá, que é o primeiro dia que estou nisto. Vamos a publicações, e depois?

M: Não é publicações, é ficheiros.

A.M.: Aqui nos ficheiros não me aparece nada, só me aparece partilhar ficheiros neste canal...

P: Pode ser por causa do tablet... se calhar a aplicação não dá para veres o ficheiro... então vamos fazer assim, eu vou fazer a leitura, desculpe lá.

N: A minha também não dá para ver...

P: Pronto, então eu vou fazer a leitura, julgo que todos me conseguem ouvir.

N: Pois, eu também não consigo ver.

R: Se calhar não dá para ver pelo tablet...

F: Eu estou no tablet e consigo ver.

P: Pois... depois há outras formas, quando estiverem a fazer trabalho individual estes ficheiros podem ser partilhados, até por email, e assim é mais fácil. Mas para já, vamos olhar para o E. Nós entretanto tivemos aqui alguma discussão sobre o nome destes documentos e chegámos ao nome de parecer técnico. (1.57 – P) No fundo, é um relatório feito com base na ficha de avaliação interna, competências e funcionalidade, o questionário inicial de avaliação, e também de outra informação que vai chegando, até alguma nestas reuniões. E foi construído pela equipa técnica do Instituto, pelas pessoas que estão a assinar em baixo. (1.58 – P) “O E. é um jovem muito bem disposto e colaborante, que está envolvido na maioria das atividades do Instituto. É comunicativo e tem uma interação social muito positiva com os pares, principalmente com o género feminino e com os adultos, ainda que por vezes tenha reparos críticos”... O que é que querem dizer com “reparos críticos”? (1.59 – P)

(silêncio)

P: Estou a fazer a pergunta às autoras do documento...

A: Ele por vezes faz uns comentários depreciativos. (1.60 – A)

P: “Comentários depreciativos”... como assim? (1.61 – P)

M: O E. muitas vezes faz comentários às colegas, por exemplo: “Estás muito gorda!” ou “És muito feia”. (1.62 – M)

L: Faz comentários depreciativos, exatamente. (1.63 – L)

P: Ok, a primeira sugestão que faço é que dêem exemplos concretos. Lembrem-se que este deve ser um documento lido pelas colegas, até pela auxiliar da sala, e que tem que ser compreensível para ela. (1.64 – P) Portanto sempre que vocês leiam qualquer coisa... às vezes quando estou a escrever um documento eu tenho que pedir a outra pessoa que o leia para ver se ficou claro. O documento está bom, que eu já o li, mas no futuro, e não quero dizer que vocês tenham já que mudar porque já fizeram não sei quantas actualizações, e os nossos documentos a partir de agora não vão ficar fechados, nós estamos num registo de melhoria contínua, portanto a única coisa que vai mudar é a data em que atualizamos, este documento para mim está pronto (1.65 – P). Mas no futuro, tentar pôr o mais explícito possível e dar exemplos concretos e tentar que seja compreensível... imaginem se o pai ou a mãe do E. lêem isto? (1.66 – P) Manter alguma linguagem técnica sim, mas depois explicá-la a seguir, para que possa ser o mais compreensível possível. Não está errada, mas vamos tentar ser mais claros. (1.67 – P) Eu vou continuar: “A nível motor demonstra algumas dificuldades na coordenação e equilíbrio, consegue subir e descer escadas a correr, tem encurtamento muscular a nível de cadeia posterior, revela dificuldades de planeamento e execução motora, por exemplo atar os sapatos, saltar à corda, etc”. Este é um bom exemplo do que eu estava a dizer. (1.68 – P) Ao colocarem exemplos concretos, mesmo que eu tenha dificuldade em perceber o que é o encurtamento muscular ao nível da cadeia posterior, já percebo quais são as limitações do E. Que não consegue saltar à corda, ou que tem dificuldade em fazer algumas dificuldades motoras (1.69 – P). Depois diz: “Tem muitas dificuldades na memorização, maioritariamente a curto prazo. Tem um défice ligeiro na atenção e concentração, revela dificuldades na sequenciação de tarefas. Procura envolver-se nas atividades e no ambiente circundante, no entanto, apesar da iniciativa, mostra dificuldades na execução das mesmas, apresenta dificuldades na resolução de problemas, atividades do dia a dia e no planeamento de tarefas”. Ok, está claro. (1.70 – P) É capaz de ser mais difícil de perceber para quem não está a ler porque o texto tem a sua complexidade, mas no fundo dizem que ele tem dificuldade na memória, tem dificuldade em manter-se concentrado nas coisas, em sequenciar atividades e em resolver problemas no dia a dia. É verdade, dizemos-lhe uma coisa e ele faz, e depois temos que lhe dizer a outra coisa. Não podemos dizer-lhe três coisas seguidas, porque ele vai se esquecer. (1.71 – P)

A.M: Também eu.

P: (risos) Pois... é verdade. Depois no tempo livre podem fazer os vossos pareceres técnicos pessoais, é uma atividade gira, de auto-análise (risos). Ok, vou continuar.

“Manifesta dificuldades na percepção e discriminação visual, por exemplo, não consegue emparelhar cartões de cores iguais, mas se corrigido, consegue rectificar. Quando apresentado um modelo de construção com cubos, demonstra muita dificuldade em reproduzi-lo, respeitando o código de cores e organização espacial”.

(1.72 – P) Pronto, esta informação parece-me adequada, depois quem a lê tem de perceber qual é a utilidade disto para as atividades, ele ter dificuldade em distinguir cores ou distinguir imagens, mas se o corrigir ele consegue chegar lá. (1.73 – P)

Portanto, estão aqui algumas pistas, e depois cabe às pessoas da sala. Se não é óbvio para vocês, devem ir falar com as colegas e tentar transformar isto em atividades. (1.74 – P) “Quanto à comunicação, é feita através de frases e palavras simples. Identifica e nomeia a letras do seu nome de forma escrita, não sendo consistente. Nas restantes, apenas as identifica com muita dificuldade. Compreende a negação em frases complexas. Tem dificuldade em descrever sequências de eventos, quer do dia-a-dia, quer de imagens apresentadas. Dificuldade em apresentar justificações para acontecimentos mais complexos, relação causa-efeito. Dificuldade em adequar o discurso em algumas situações, revelando que algumas regras sociais mais específicas se tornam demasiado complexas. Dizer a alguém que é feia ou gorda”... lá está, vocês já o tinham dito em cima e está repetido aqui. Portanto se calhar não se justifica fazer aquela alteração. (1.75 – P) “Demonstra interesse em adquirir vocabulário de Língua Gestual Portuguesa para poder comunicar com os colegas que usam esta língua. Gosta de ajudar os colegas nas tarefas e nas atividades diárias, sendo bastante eficaz nas que se revelam mais simples de executar pelo hábito”. Portanto, as rotinas, a importância das rotinas. (1.76 – P) “É autónomo nas atividades da vida diária, as AVD’s, mas precisa de supervisão e/ou ajuda física e/ou orientação verbal na preparação do contexto e materiais necessários para as atividades sempre que estas envolvam a sua segurança. Por exemplo, tomar banho. Tem dificuldades na adequação da escolha da roupa às necessidades e à meteorologia”. E depois tem aqui um segundo ponto que me parece ser muito importante, que são as recomendações. As salas devem focar-se muito na leitura deste ponto. (1.77 – P) “Deverá dar-se continuidade ao trabalho desenvolvido com o E. no que diz respeito à autonomia”, o que é coerente com alguns dos objetivos que já estamos a trabalhar. (1.78 – P) “Atividades como fazer recados aos adultos e ajudar

os colegas, ou outras de responsabilidade moderada, devem incluir as suas rotinas. Quando o E. apresentar um discurso desajustado, deve-lhe ser dada uma explicação do erro, e uma alternativa a utilizar”. Por exemplo, quando ele chama gorda à colega, a gente diz “Não podes chamar gorda à colega porque ela vai-se sentir triste, portanto diz antes algo como “estás muito bonita hoje”. Pronto, é uma sugestão. (1.79 – P)

“Uma vez que o utente manifesta muito interesse na Língua Gestual Portuguesa, deverá incentivar-se a sua aprendizagem. No entanto, a sua utilização deverá ser condicionada aos interlocutores em que é o único meio de comunicação. Todas as atividades que possam promover a coordenação motora e equilíbrio, são benéficas para o jovem, respeitando sempre os seus limites”, portanto a Educação Física, a dança, os passeios, são atividades que depois podem ser complementadas com atividades específicas que podem ser identificadas. (1.80 – P) “Atividades de sequenciação são importantes para desenvolver as competências do E. Por exemplo, apresentar um modelo de construção com cubos, pinos, imagens.” Eu aqui tentaria cruzar esta sugestão com atividades da vida diária. Por exemplo... arrumar coisas na sala, primeiro fazes isto, depois aquilo. Seria a minha sugestão. (1.81 – P) “Quando realizar atividades de mesa com folha de papel, não permitir que ela esteja solta e possível de rodar, prender com fita-cola ou bostick.” Ok, é uma boa pista. (1.82 – P) “E a consola Wii pode ser usada como uma estratégia de motivação”. Pronto, e depois está assinado pela M., pela A., pela J. e a M. Acho que este documento está muito bem escrito, é útil. (1.83 – P) Agora o que é que se pretende? Que isto vá ao encontro do PDI e pode ser complementado com Informação Social. (1.84 – P) L., em relação ao E., tem alguma informação que queira colocar aqui que seja pertinente para a gente falar ou levar em linha de conta quando olharmos para o PDI? (3.50– P)

L: Em relação ao E., eu falo do agregado familiar, quando veio para Portugal não foi fácil. Atualmente, a mãe... já lhe foi atribuída uma pequena pensão. Porque nem isso tinha. Portanto o que acontece é que ela tem um valor de renda de 252 €... portanto, ela tem mais despesas do que rendimentos. É uma situação de uma família que também me preocupa bastante, porque agora só estão eles os dois em casa. (3.51 – L) Mas eles vivem da ajuda dos outros filhos. E em função do que podem. Penso que em termos de participação à Instituição nem deve pagar nada. (3.52 – L)

IAR: L., de vez em quando, ele trás um envelope que entrega ao Sr. J. com 5 €. De vez em quando, não é todos os meses, é de vez em quando. Ninguém lhe pede. Mas passo-lhe recibo. (3.53 – IAR)

L: Eu acho que esta família vive abaixo do limiar da pobreza. Como sobrevivem a gente não sabe, só quem está lá dentro é que sabe. Mas a mãe tem sempre um sorriso. (3.54 – L)

A.M.: Peço desculpa interromper, e eles não seriam uma das famílias a precisar de alimentação? (3.55 – AM)

L: O que acontece é que a mãe do E. foi atendida pela Cruz Vermelha da Amadora. Enquanto estiveram lá os outros filhos... eles foram apoiados até certo momento.

(3.56 – L) A partir do momento que as famílias não fazem nada ou fazem pouco para

alterar a situação... a Cruz Vermelha deixou de os apoiar... (3.57 – L) porque eles

foram apoiados durante muito tempo, aliás foi a Cruz Vermelha que encaminhou o E. e a Segurança Social também, a Ir. deve-se lembrar que estivemos em reunião com

eles. Esta família já passou até pelo Rendimento Social de Inserção, falei com colegas várias vezes e é assim... eles acabam por dizer a mesma coisa. São famílias que se

mexem pouco. (3.58 – L) Ela também já tem idade, já tem mais de 65 anos. Também

já ninguém lhe dava trabalho... estas coisas não são fáceis de resolver. (3.59 – L) Ela

tem uma pequena reforma, é disso que vivem, e da ajuda de alguns filhos. (3.60 – L)

Já a A. que era uma das filhas que vivia com ela, tem também uma criança, que já deve ter alguns anos, pois teve uma bebé quando o E. entrou. A que é uma rapariga, se não estou em erro. E pronto, tem sido assim um envolver de problemas, e agora

acabaram por ficar só os dois. Mas mesmo assim não têm como sobreviver, a não ser com a ajuda dos filhos. (3.61 – L) E também têm outro problema, um dos filhos

também tem um problema de saúde, que é o A. que tem cancro. O problema do E.

também foi derivado a um tumor no cérebro, e o outro irmão também tem. Esse irmão é aquele que o E. fala que toca, canta, que é cantor. (3.62 – L) Mas eu acho que esta

família é muito, muito carenciada, no limiar da pobreza. (3.63 – L)

J: Desculpe a minha falta de conhecimento, mas o E. não pode receber a PSI? (3.64 – J)

L: O que é que acontece... eles recebem a PSI. É assim, às vezes se falamos de prestações sociais as pessoas pensam que eu quero saber quanto é que as pessoas

recebem. Quem tem títulos de residência, que é o caso do E., se o SEF não lhe renovar o título de residência atempadamente, corta. E depois passam tempo sem a prestação, e não há retroactivos para trás. Às vezes eles marcam com 7 meses de antecedência, mas não é suficiente para que não lhe cortem a PSI. (3.65 – L) Eu acho que eles vivem no limiar da pobreza, eles não têm 1 € por dia... (3.66 – L)

J: É que podia ser mais um apoio, percebe? (3.67 – J)

L: Eles têm. Até foram os colegas da área da Amadora que trataram da documentação da prestação que veio dar à PSI. Eu fiz lá um estágio curricular e profissional na Cruz Vermelha e conhecia bem a situação. O que a colega disse foi que não era possível continuar a apoiar esta família porque os filhos não se mexiam. Como sempre, ficam à espera que lhe dêem tudo de mão beijada sem fazerem nada. Agora há que realmente fazer esse contato, mas não quis estar a misturar assuntos. (3.68 – L)

P: Tudo bem L., deixe-me só fazer um comentário. Em relação à situação do E., vamos monitorizar esta situação de emergência, nos próximos meses, e aplica-se o mesmo critério. Se eles precisarem de comida levamos-lhe o cabaz de emergência e ativamos a junta local. É o mesmo critério que falámos para o O.P. e o R. (3.69 – P) Depois desta crise... quando houver a retoma, antecipo uma espécie de *reset*. Todas as instituições e estruturas de apoio social vão reavaliar as instituições. Portanto vamos ter a possibilidade de definir um plano de intervenção social para todos e inclusivamente para o E... (3.70 – P) temos 5 minutos para acabar, portanto hoje não vamos avançar pelo PDI, o PDI passa para a próxima reunião. Vamos falar sobre a nossa estratégia de apoio ao E. e queria ver alguns pontos com vocês. Em primeiro lugar queria ver se consideram que o E. poderia ter perfil para entrar num programa, como por exemplo, o J. entrou. ... (3.71 – P) Um CEI +, se ele conseguir ser autónomo nos transportes. Porque na minha leitura, percebendo as limitações e dificuldades que o E. tem, o E. poderia ter uma situação de emprego protegido a médio prazo. E podia, por exemplo, no próximo ano, em 2021, entrar num projeto parecido com um CEI+, ou com um estágio para inserção de pessoa com deficiência em que passaria a ganhar 400 e tal €. Isso iria ajudar a família, iria ajudá-lo a ele. E queria perceber o que acham deste objetivo de trabalho com o E. (3.72 – P)

L: Eu concordo plenamente, independentemente de tudo que as colegas escreveram estar certo, ele tem alguns problemas de memória, mas com rotinas... ele tem

capacidade para fazer muita coisa. Acho que em casa também ajuda. Eu acho que era um caso a pensar. Na minha opinião acho que ele era elegível. (3.73 – L)

Ma: Eu considero que sim até certo ponto. Porque as limitações que ele tem ao nível da memória podem comprometer um bocadinho. E as minhas colegas e a S. acho que podem confirmar. Se a S. o mandar à casa de banho e depois voltar e fazer um recado, ele vai à casa de banho e não volta, ou volta e não faz o recado. Certo S.?

(3.74 – Ma)

S: Sim... basta ele encontrar outra pessoa e o foco dele já mudou. Eu acho que o E. tem muitas capacidades, mas tal como eu tenho no PDI, a grande paixão dele é fazer massagens. Isso é algo que ele gosta. E se conseguíssemos arranjar algo nessa área, ele aprenderia com muita mais facilidade. (3.75 – S) Agora, por muito que eu goste de rapaz, mesmo com rotinas, não lhe é possível mesmo... Nós na sala trabalhamos a semana inteira na mesma coisa. Passa o fim-de-semana e na segunda-feira esqueceu tudo. É mesmo um problema com memorizar. É uma coisa muito estranha, mas é verdade. (3.76 – S)

P: Ok... a IAR também queria dizer algo...

IAR: Posso? Para a mãe do E. devia ser muito complicado. Ele teve para desistir da Instituição, no início, quando ainda não ia na carrinha, porque a mãe não queria que ele andasse sozinho em transportes públicos. E é muito aflitivo para ela a ideia de ele andar sozinho em transportes públicos. (3.77 – IAR)

L: Mas é a preocupação de quase todos os pais. Se eles não são treinados, é difícil. (3.78 – L)

Mpf: Podemos começar aqui no Instituto, dar mais autonomia aqui dentro, até fazer as tais massagens, e depois treinar outras coisas. Não é pô-lo a trabalhar fora do Instituto, por exemplo. (3.79 – Mpf)

P: Eu vou pôr as cartas na mesa, também não vamos tomar ainda nenhuma decisão, estamos ainda a pensar. O Instituto tem neste momento 2 CEI+, a D. e o J. A médio prazo, a ideia é isto ir rodando, manter sempre 2 estágios CEI+ e eventualmente ter 2 estágios de inserção de pessoa com deficiência. E nós vamos escolhendo os casos, ou dentro do CAO, ou podemos nós definir internamente um contexto. E depois eles têm de seguir um horário, passam a receber dinheiro (1.85 – P), e vocês viram a

evolução que a D. fez no espaço de 2 anos. É obvio que podemos chegar ali a um ponto em que não avançamos mais, mas eu neste momento vejo a D. como um caso de sucesso. Ou mesmo a evolução do J. Desde que o conheci há 3 anos e ele agora... (1.86 – P)

Mpf: Mas diz-me só uma coisa, quando termina este estágio, termina a D., depois renova para outro? (1.87 – Mpf)

P: Nós já temos uma rotina mais ou menos estabilizada, que fizemos com o A. e com a C. que é fazer o CEI+, depois fazer o estágio de inserção de pessoa com deficiência, e depois ou integrar ou encaminhar. (1.88– P)

L: Depois não há mais saídas em termos de estágios profissionais e o mercado de trabalho não os absorve. (1.89 – L)

P: Depende... há algumas mudanças que estão a acontecer. Já começam a surgir cotas para pessoas com deficiência em Instituições e nós no último ano contactado e sido contactados por algumas instituições que estão a abrir vagas. (1.90 – P) Eu imagino que no espaço de um ano ou dois seja possível encaminhar mais casos, desde que a gente não fique o resto da vida em isolamento... (1.91 – P) Ok, eu hoje acho que ficava por aqui, alguém quer fazer algum comentário final?

A: Quería só perguntar à IAR como é que está o J.? (3.80 – A)

IAR: Está na cama. Deita-se de madrugada, fica a ver filmes, eu já fui chamar por ele de manhã, mas ele vira a cara para o outro lado. (3.81 – IAR)

P: A. falaste com o J.? Como é que ele está a encaixar isto tudo? (3.82 – P)

A: Falei, é por isso que estou a perguntar, porque ele estava um pouco assustado. A achar que ia ficar doente, que ia morrer. Ele estava um bocadinho em stress. (2.2 – A) Depois estivemos um bocadinho à conversa e acho que ele ficou um bocadinho mais tranquilo quando eu lhe expliquei que ele estava dentro do Instituto, que não tinha contato com as pessoas, que é preciso estar próximo. Havia algumas coisas que ele não tinha noção, e creio que ele ficou mais calmo. (3.83 – A) Eu disse-lhe para ele me ligar por videochamada sempre que ele quisesse, e ele tentou, depois eu retribui e ele não viu, andamos desencontrados... mas digam-lhe que se ele quiser, para me voltar a ligar. (3.84 – A)

P: Sim, eu sugiro que, por *whatsapp* façás vídeos gravados, assim mesmo que não consigas fazer videochamada... (3.85 – P)

A: Boa ideia... por escrito não saímos muito do estás bem... (3.86 – A)

P: Tenta fazer assim porque acho que vai funcionar bem. O J. tem algumas coisas muito positivas agora... é uma das poucas pessoas que está destacada para apoiar a Comunidade das Irmãs, e isso significa que ele continua a receber o dinheiro por inteiro. Segunda-feira fomos ao banco, ele foi levantar dinheiro... (3.87 – P)

IAR: Ele não quis pegar no dinheiro. Eu dei-lhe o dinheiro para a mão na caixa e ele deu um salto para trás com medo (risos). (3.88 – IAR)

(...)

Mpf: Acho que era importante discutir aqui todas as problemáticas, e acho que vamos ter tempo, porque eu de facto não tenho muita noção do que é que os miúdos têm. Eu não tinha a noção de que o E. tinha estes problemas, achei que ele tinha hidrocefalia... era bom termos essa síntese. (1.92 – Mpf)

AM: Para os identificar a todos por problemáticas. (1.93 – AM)

M: Ou seja, dizer que a minha turma... uns têm autismo, outros têm paralisia...

P: O nosso objetivo com os Planos de Sala é também fazer a caracterização do grupo. (1.94 – P) Há alguma informação que não tem se ser partilhada, por causa da proteção de dados, mas vocês podem ter acesso à informação que é pertinente para a vossa intervenção. Portanto, cada responsável de sala vai caracterizar o seu grupo e pode pedir essa informação (1.95 – P) ...

Mpf: Na sala tens de ter isso, é verdade, mas acaba por ficar só na sala. Mais uma vez acabamos por não ter todos... não sei se é importante... (1.96 – Mpf)

P: Nós vamos partilhar a informação da sala. Por exemplo, em relação ao E., ele neste momento não tem um tumor que esteja a progredir, é uma situação que está estabilizada, tal como o Er. que já teve um tumor, foi operado... o que nos interessa agora é a descrição das suas capacidades. Quais são as limitações e potencialidades. A sala vai ter mais informação e depois faz uma síntese, que é o que está no plano de sala, e nos documentos partilhados podes ver já uma síntese da sala da S. Não tens necessariamente que saber todo o histórico clínico do E. (1.97 – P)

Mpf: Sim, Perturbação do Espectro do Autismo...

P: Mas é o que está nos planos de sala. E isso podes ter acesso, sim.

AM: Eu de qualquer maneira, ponho lá o mapa para quem quiser ver e pronto.

Mpf: Eu estive à procura e já não tenho.

AM: Está bem, eu depois partilho.

P: Mais alguém quer fazer um comentário antes de terminarmos?

L: Posso eu?

P: Pode.

L: Na educativa existe esse problema, de não saberem, por exemplo, do E. Portanto nós que temos trabalhado mais com o CAO e com o Lar, sentimos essa necessidade também de não termos a informação relativa à parte educativa. Todos os utentes do Lar e de o CAO têm um relatório social, e está nos processos, a parte médica também está no processo, se podem ou não consultar os processos... (1.98 – L)

P: Eu clarifico. Vamos aproveitar este espaço de tempo e rever os nossos regulamentos internos. Eu fui a uma formação de proteção de dados e temos de acrescentar alguns pontos ao nível da proteção de dados. (1.99 – P) O princípio é: Nós temos acesso à informação necessária para a nossa atividade. (1.100 – P) Neste momento, nas reuniões da equipa multidisciplinar há uma partilha, todos estamos sujeitos a confidencialidade, não podemos ir para fora e estar a partilhar informação e dizer que o E. tem isto e tem aquilo. (1.101 – P) Se uma professora da Educativa estiver num projeto que inclui o E., então faz sentido ela ter acesso. Agora se não tiver nenhuma participação com o E., para além de o ajudar a comer, então não... só tem que saber que ele come um prato e é alérgico às ervilhas, por exemplo. (1.102 – P)

L: (risos)

P: Portanto, é esse o critério. Mas agora durante este período, porque estamos neste contexto de reunião e teletrabalho, podemos partilhar mais informação. (1.103 – P)

Mpf: Eu continuo a achar que há muita informação dispersa. E acho que nós às vezes perdemos um bocadinho quando queremos ajudar outros que não são nossos. (1.104

– Mpf)

P: É verdade, e agora temos uma oportunidade de organizar a informação toda. É o grande objetivo destes meses de trabalho. (1.105 – P) Mais algum comentário?

F: Eu só queria dizer que que a entreatajuda ajuda muito e queria agradecer à C. e à Ma. pela ajuda. (1.106 – F)

Ma: Não é para agradecer, é mesmo assim. (1.107 – Ma)

P: Exatamente, a nossa prática profissional tem de ser colaborativa. Cada vez mais não há uma pessoa que é a única responsável por uma tarefa, eu posso fazer mas depois vocês têm que ver se eu estou a fazer bem. Não porque eu faça muita asneira, que às vezes também faço, mas porque todos vamos fazer alguns erros e se tivermos vários olhares, vamos fazer um melhor trabalho. E nesta fase vamos alinhar esta estratégia cada vez mais. (1.108 – P)

F: Está bem.

P:Portanto, obrigado a todos por isso. Pronto, vamos terminar por aqui? Bom almoço!

ANEXO H - Análise de conteúdo da  
segunda reunião

### Análise da Reunião de 1 de abril 2020

Tema	Categoria	Subcategoria
Preocupações e práticas	1. Funcionamento interno (108 UR – 51,4 %)	Definição de prioridades, regras e princípios (49 UR – 23,3%)
		Elaboração de documentos (46 UR – 21,9%)
		Preparação de materiais (1 UR – 0,5 %)
		Reorganização de funções e tarefas (8 UR – 3,8 %)
		Organização das reuniões (3 UR – 1,4%)
		Planificação de atividades (1 UR – 0,5 %)
	2. Reações emocionais (2 UR – 1 %)	Medo de ficar infectado(a) e doente (2 UR – 1 %)
	3. Apoios a alunos/utentes e suas famílias (88 UR – 41,9%)	Identificação de casos prioritários (13 UR – 6,2 %)
		Apoio alimentar (7 UR – 3,3%)
		Atenção às necessidades financeiras das famílias (20 UR – 9,5 %)
		Apoio com informação e documentação (13 UR – 6,2%)
	4. Cooperação com outras instituições (12 UR – 5,7 %)	Acompanhamento personalizado (35 UR – 16,7%)
		Articulação com as Juntas de Freguesia (10 UR – 4,8%)
Articulação com Projeto S. ( 1 UR – 0,5 %)		
		Articulação com o Centro de Saúde/outros serviços de saúde ( 1 UR – 0,5 %)
<b>Total UR = 210</b>		

### Análise das UR

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
1. Funcionamento interno (108 UR)	Definição de prioridades, regras e princípios (49 UR)	O Instituto da Imaculada para Pessoas com Necessidades Especiais, na sequência do encerramento das suas atividades regulares desde 16 de março de 2020, vem por este meio solicitar o regime de <i>lay off</i> simplificado nos termos definidos pelo decreto-lei 10-G/2020, para os seus funcionários que têm tarefas não convertíveis em teletrabalho e que não estão destacados para projetos de apoio social. (1.1. – P)
		Significa que todas as pessoas que não estejam em teletrabalho, não estejam de férias, não estejam de baixa, ou não estejam destacadas para projetos de apoio social, neste momento temos 4 pessoas que estão com esse tipo de funções, automaticamente passam a estar em <i>lay off</i> , no dia 1 de abril, hoje. (1.2. – P)
		Nós já assumimos que estamos encerrados até ao fim do mês de abril, na última semana de abril vamos analisar a situação... com a informação que temos até este momento, é previsível que este encerramento se prolongue até ao mês de maio. (1.3. – P)
		neste momento a nossa expectativa de funcionarmos desta forma é a 2 meses (1.4. – P)
		Já organizámos algumas coisas, e há pessoas que estão em situações diferentes. Algumas pessoas já marcaram férias, eu fiz uma recomendação de que todos marcassem pelo menos uma semana de férias, mas existem exceções, eu tenho falado individualmente com vocês (1.5. – P)
		Portanto algumas pessoas vão começar já amanhã, mas o teletrabalho vai estar sempre a funcionar, eu queria se calhar marcar já com vocês já as reuniões gerais e definir aqui algumas regras de funcionamento para o teletrabalho (1.6. – P).
		Nós temos o grupo do <i>whatsapp</i> do teletrabalho, as pessoas que estão nesse grupo naturalmente estão em teletrabalho. Todos os dias têm que fazer um <i>check in</i> , portanto dizer um olá, o <i>check in</i> preferencialmente às 10 horas... (1.7. – P)
		eu começo às 8, mando-te mensagem? (1.8. – Mpf)
		As M., que estão a começar agora, pediram um ajuste no horário para começar às 8, que foi aceite, portanto vocês entram às 8. (1.9. – P)
		Vamos clarificar, o pressuposto do teletrabalho é manter o horário de referência, portanto teoricamente nós mantemos o nosso horário. Eu coloquei as 10 como o momento para dizer “olá, vou fazer isto” e às 4 para dizer “o dia está a terminar, foi isto que eu fiz” (1.10. – P).

	<p>Têm mais flexibilidade. Vocês podem... a questão da hora de almoço. Se têm crianças em casa, em vez de fazer do meio-dia à uma vocês fazem da uma às duas, isso cada um faz a sua gestão, está bem? E às vezes... estava a falar com a L. que às vezes as chamadas prolongam-se um bocadinho mais... pronto, vocês podem gerir isso... não há nenhum ponto digital neste momento a funcionar, está bem? A A. ontem fez uma tradução já fora de horas, vamos gerindo com alguma flexibilidade. Mas a referência que têm é o vosso horário (1.11. – P)</p>
	<p>Outra informação... cada um de vocês agora vai ter tarefas muito específicas. A maior parte de vocês agora já tem essas tarefas bem claras, outras que estão a começar agora ainda não, mas a ideia é agora, se calhar, rodarmos, e fazermos um ponto da situação, em termos do que estivemos a fazer até agora e quais são as perspetivas de trabalho (1.12. – P)</p>
	<p>alguns de nós temos outro tipo de tarefas, nomeadamente acompanhamento de famílias, as pessoas das salas podem manter o contato pessoal com as famílias, não há problema nenhum (1.15. – P).</p>
	<p>Quem quer falar sobre o que tem estado a fazer e quais são os seus objetivos daqui para a frente? (1.16. – P).</p>
	<p>Posso falar... basicamente tenho estado a fazer um acompanhamento com as famílias, telefonicamente, dos meninos do Lar, também tive em conjunto com P. e a Irmã a tratar de outras questões, de documentação institucional, mais da parte da direcção, também temos estado a articular algumas coisas com a L., relativamente ao Lar e ao CAO, e acho que tem sido basicamente isso. (1.17. – R)</p>
	<p>O meu trabalho tem sido centrado essencialmente no acompanhamento às famílias, e em toda a informação que tem sido necessário transmitir e também atender às questões que eles colocam e tentar ajudar. (1.18. – L)</p>
	<p>O melhor disto tudo é conseguir ver que afinal o dia-a-dia vale a pena, e que por muito que as mudanças sejam poucas, existem e são boas. (1.38 – J)</p>
	<p>Fica esta regra, qualquer família que esteja a pedir bens alimentares, vamos tentar usar esta estratégia. (1.48 – P)</p>
	<p>Fazer um cabaz de emergência para entregar no espaço de uma semana e tentar ativar os recursos de apoio local, porque eles existem. (1.49 – P)</p>
	<p>E é essa a estratégia, todas as juntas têm agora equipas de apoio local. Quando as juntas não têm a Câmara é obrigada a ter. (1.50 – P)</p>
	<p>Com um bocadinho de trabalho e persistência, vamos conseguir arranjar apoio mais tarde ou mais cedo. (1.51 – P)</p>
	<p>A regra é a seguinte: se qualquer família disser, eu preciso de ajuda para comer e formaliza isso, quero dizer, diz textualmente "eu preciso de ajuda", nós ativamos um cabaz de emergência, vai lá alguém levar comida, e ativamos os recursos locais da junta de freguesia. (1.52 – P)</p>
	<p>É uma situação de crise, vamos ter que ser muito flexíveis, tal como estamos a ser, estamos aqui a trabalhar desta forma diferente. (1.53 – P)</p>
	<p>Obviamente que os casos sociais de emergência que surjam, nós por telefone vamos logo atuando. Qualquer um de vocês... mais a L, a R e eu, mas qualquer um de vocês, se detectarem uma situação, façam o que estão a fazer, vão nos alertando e nós vamos atuando o mais rapidamente possível. (1.54 – P)</p>
	<p>Agora o que é que se pretende? Que isto vá ao encontro do PDI e pode ser complementado com Informação Social. (1.84 – P)</p>
	<p>Eu vou pôr as cartas na mesa, também não vamos tomar ainda nenhuma decisão, estamos ainda a pensar. O Instituto tem neste momento 2 CEI+, a D. e o J. A médio prazo, a ideia é isto ir rodando, manter sempre 2 estágios CEI+ e eventualmente ter 2 estágios de inserção de pessoa com deficiência. E nós vamos escolhendo os casos, ou dentro do CAO, ou podemos nós definir internamente um contexto. E depois eles têm de seguir um horário, passam a receber dinheiro (1.85 – P)</p>
	<p>vocês viram a evolução que a D. fez no espaço de 2 anos. É obvio que podemos chegar ali a um ponto em que não avançamos mais, mas eu neste momento vejo a D. como um caso de sucesso. Ou mesmo a evolução do J. Desde que o conheci há 3 anos e ele agora... (1.86 – P)</p>
	<p>Mas diz-me só uma coisa, quando termina este estágio, termina a D., depois renova para outro? (1.87 – Mpf)</p>
	<p>Nós já temos uma rotina mais ou menos estabilizada, que fizemos com o A. e com a C. que é fazer o CEI+, depois fazer o estágio de inserção de pessoa com deficiência, e depois ou integrar ou encaminhar. (1.88 – P)</p>
	<p>Depois não há mais saídas em termos de estágios profissionais e o mercado de trabalho não</p>

	os absorve. (1.89 – L)
	Depende... há algumas mudanças que estão a acontecer. Já começam a surgir cotas para pessoas com deficiência em Instituições e nós no último ano contactado e sido contactados por algumas instituições que estão a abrir vagas. (1.90 – P)
	Eu imagino que no espaço de um ano ou dois seja possível encaminhar mais casos, desde que a gente não fique o resto da vida em isolamento... (1.91 – P)
	Acho que era importante discutir aqui todas as problemáticas, e acho que vamos ter tempo, porque eu de facto não tenho muita noção do que é que os miúdos têm. Eu não tinha a noção de que o E. tinha estes problemas, achei que ele tinha hidrocefalia... era bom termos essa síntese. (1.92 – Mpf)
	Para os identificar a todos por problemáticas. (1.93 – AM)
	O nosso objetivo com os Planos de Sala é também fazer a caracterização do grupo. (1.94 – P)
	Há alguma informação que não tem se ser partilhada, por causa da proteção de dados, mas vocês podem ter acesso à informação que é pertinente para a vossa intervenção. Portanto, cada responsável de sala vai caracterizar o seu grupo e pode pedir essa informação (1.95 – P)
	Na sala tens de ter isso, é verdade, mas acaba por ficar só na sala. Mais uma vez acabamos por não ter todos... não sei se é importante... (1.96 – Mpf)
	Nós vamos partilhar a informação da sala. Por exemplo, em relação ao E., ele neste momento não tem um tumor que esteja a progredir, é uma situação que está estabilizada, tal como o Er. que já teve um tumor, foi operado... o que nos interessa agora é a descrição das suas capacidades. Quais são as limitações e potencialidades. A sala vai ter mais informação e depois faz uma síntese, que é o que está no plano de sala, e nos documentos partilhados podes ver já uma síntese da sala da S. Não tens necessariamente que saber todo o histórico clínico do E. (1.97 – P)
	Na educativa existe esse problema, de não saberem, por exemplo, do E. Portanto nós que temos trabalhado mais com o CAO e com o Lar, sentimos essa necessidade também de não termos a informação relativa à parte educativa. Todos os utentes do Lar e de o CAO têm um relatório social, e está nos processos, a parte médica também está no processo, se podem ou não consultar os processos... (1.98 – L)
	Eu clarifico. Vamos aproveitar este espaço de tempo e rever os nossos regulamentos internos. Eu fui a uma formação de proteção de dados e temos de acrescentar alguns pontos ao nível da proteção de dados. (1.99 – P)
	O princípio é: Nós temos acesso à informação necessária para a nossa atividade. (1.100 – P)
	Neste momento, nas reuniões da equipa multidisciplinar há uma partilha, todos estamos sujeitos a confidencialidade, não podemos ir para fora e estar a partilhar informação e dizer que o E. tem isto e tem aquilo. (1.101 – P)
	Se uma professora da Educativa estiver num projeto que inclui o E., então faz sentido ela ter acesso. Agora se não tiver nenhuma participação com o E., para além de o ajudar a comer, então não... só tem que saber que ele come um prato e é alérgico às ervilhas, por exemplo. (1.102 – P)
	Portanto, é esse o critério. Mas agora durante este período, porque estamos neste contexto de reunião e teletrabalho, podemos partilhar mais informação. (1.103 – P)
	Eu continuo a achar que há muita informação dispersa. E acho que nós às vezes perdemos um bocadinho quando queremos ajudar outros que não são nossos. (1.104 – Mpf)
	É verdade, e agora temos uma oportunidade de organizar a informação toda. É o grande objetivo destes meses de trabalho. (1.105 – P)
	Eu só queria dizer que que a entreaduda ajuda muito e queria agradecer à C. e à Ma. pela ajuda. (1.106 – F)
	Não é para agradecer, é mesmo assim. (1.107 – Ma)
	Exatamente, a nossa prática profissional tem de ser colaborativa. Cada vez mais não há uma pessoa que é a única responsável por uma tarefa, eu posso fazer mas depois vocês têm que ver se eu estou a fazer bem. Não porque eu faça muita asneira, que às vezes também faço, mas porque todos vamos fazer alguns erros e se tivermos vários olhares, vamos fazer um melhor trabalho. E nesta fase vamos alinhar esta estratégia cada vez mais. (1.108 – P)
Elaboração de Documentos (46 UR)	Estivemos a organizar a documentação e é isso que vamos continuar a fazer, vamos correr as 8 salas do Instituto, e nas 8 salas do Instituto nós vamos estar a rever os planos de sala, os pareceres técnicos e os planos individuais, quer sejam os PDI's no caso do CAO, começámos

	<p>pelo CAO por disponibilidade e por causa das pessoas que estavam em teletrabalho na fase inicial, mas o objetivo ao logo deste mês, eventualmente dois meses, será correr todas as salas (1.13. – P)</p>
	<p>Quando acabarmos as salas, que eu espero que seja possível acabar as salas, vamos rever a documentação institucional toda, ok? (1.14. – P)</p>
	<p>Estive a rever algumas participações porque até aqui não era possível, por não haver documentação, consegui fazer alguns. Tivemos uma reunião sobre o Lar... e o Lar está arrumado relativamente às participações. Ainda iremos rever participações do CAO hoje, para ficar tudo definido. (1.19. – L)</p>
	<p>Ao longo destes últimos dias fiz a documentação da menina nova que entrou, a A., fiz a documentação do F., concluí-a ontem, não a coloquei ainda na plataforma porque preciso da ajuda das colegas terapeutas para esclarecer algumas questões e não cometer calinadas na escrita dos documentos. (1.20. – C)</p>
	<p>Eu iniciei com a M. a articulação para fazermos os pareceres técnicos de algumas salas, depois a J. juntou-se a nós e agora a Ma. (1.21 – A)</p>
	<p>Acho que estamos ali com uns pareceres técnicos muito fixes! Tomara muitos sítios. Sinceramente... tenho orgulho. (1.22 – A)</p>
	<p>Então eu estou com as avaliações do CAO, terminei ontem (1.23 – N)</p>
	<p>Agora estava a pensar ir para os PDI's, já tenho alinhavado, mas se calhar vou para o Plano de Sala (1.24 – N)</p>
	<p>Eu tive a trabalhar na documentação do meu CAO, já enviei todas as avaliações, os PDI's, o Plano de Sala, esse é um ponto da reunião para discutirmos hoje aqui, também tive a ver os pareceres técnicos, acho que tenho alguma informação dos pareceres técnicos na minha documentação, nos meus PDI's, mas temos que ver se é suficiente, ou se querem adicionar algo. Esta documentação está para ser revista hoje na reunião (1.25 – S)</p>
	<p>Eu também comecei esta semana, comecei ontem, estou a terminar a documentação da sala, os PEI, os PIT's e os RTP's, falta-me fazer o Plano de Sala. Só me falta um aluno, falta-me fazer o do R. e completar ali alguma informação do M. e falta-me fazer o plano de sala. (1.27 – Mpf)</p>
	<p>Existe algum modelo do Plano de Sala? (1.28 – Mpf)</p>
	<p>Neste momento o mais aproximado do que nós pretendemos é o Plano de Sala que a C. fez. Se a C. te poder enviar, ficas com uma boa referência. (1.29 – P)</p>
	<p>Sim, nós ainda não temos o modelo fechado, mas estamos a caminhar numa direcção, e dos que eu vi, e já vi três na Educativa, o mais próximo do caminho que estamos a definir é o da C, pelo que fica esse como referência. (1.30 – P)</p>
	<p>Pronto, o objetivo está claro, que é rever o Plano de Sala e a documentação individual de cada um dos meninos (1.33 – P)</p>
	<p>Pronto, como a A. já disse, nós iniciamos a revisão dos pareceres técnicos, começamos pelo CAO 4, a sala da S. e temos tentado rever e aprofundar... ser mais criteriosas na forma como os pareceres estão escritos (1.35 – Ma)</p>
	<p>temos tentado avançar por salas e vamos complementando a informação. Passamos os relatórios umas pelas outras, e tentamos que os pareceres sejam o mais completos possível. (1.36 – Ma)</p>
	<p>Pronto, na sequência do que têm estado a dizer, temos estado a fazer esta revisão dos pareceres técnicos, o que tem estado a ser bom, pois para além de estarmos a aprofundar um bocadinho aquilo que escrevemos, é muito giro porque conseguimos ver evoluções em relação ao que escrevemos e o que temos agora. (1.37 – J)</p>
	<p>Pronto, temos estado a fazer o melhor que conseguimos para estar o mais completo possível. (1.39 – J)</p>
	<p>“Ficheiros”, e agora vamos tentar escolher um caso. S. quer escolher um caso para começarmos a ver? Da sua sala? Quer começar por quem? (1.55 – P)</p>
	<p>Vamos fazer por ordem alfabética. Começamos pelo E. (1.56 – S)</p>
	<p>Mas para já, vamos olhar para o E. Nós entretanto tivemos aqui alguma discussão sobre o nome destes documentos e chegámos ao nome de parecer técnico. (1.57 – P)</p>
	<p>No fundo, é um relatório feito com base na ficha de avaliação interna, competências e funcionalidade, o questionário inicial de avaliação, e também de outra informação que vai chegando, até alguma nestas reuniões. E foi construído pela equipa técnica do Instituto, pelas pessoas que estão a assinar em baixo. (1.58 – P)</p>
	<p>“O E. é um jovem muito bem disposto e colaborante, que está envolvido na maioria das atividades do Instituto. É comunicativo e tem uma interação social muito positiva com os</p>

	<p>pares, principalmente com o género feminino e com os adultos, ainda que por vezes tenha reparos críticos"... O que é que querem dizer com "reparos críticos"? (1.59 – P)</p>
	<p>Ele por vezes faz uns comentários depreciativos. (1.60 – A)</p>
	<p>"Comentários depreciativos"... como assim? (1.61 – P)</p>
	<p>O E. muitas vezes faz comentários às colegas, por exemplo: "Estás muito gorda!" ou "És muito feia". (1.62 – M)</p>
	<p>Faz comentários depreciativos, exatamente. (1.63 – L)</p>
	<p>Ok, a primeira sugestão que faço é que dêem exemplos concretos. Lembrem-se que este deve ser um documento lido pelas colegas, até pela auxiliar da sala, e que tem que ser compreensível para ela. (1.64 – P)</p>
	<p>O documento está bom, que eu já o li, mas no futuro, e não quero dizer que vocês tenham já que mudar porque já fizeram não sei quantas actualizações, e os nossos documentos a partir de agora não vão ficar fechados, nós estamos num registo de melhoria contínua, portanto a única coisa que vai mudar é a data em que atualizamos, este documento para mim está pronto (1.65 – P).</p>
	<p>Mas no futuro, tentar pôr o mais explícito possível e dar exemplos concretos e tentar que seja compreensível... imaginem se o pai ou a mãe do E. lêem isto? (1.66 – P).</p>
	<p>Manter alguma linguagem técnica sim, mas depois explicá-la a seguir, para que possa ser o mais compreensível possível. Não está errada, mas vamos tentar ser mais claros. (1.67 – P)</p>
	<p>"A nível motor demonstra algumas dificuldades na coordenação e equilíbrio, consegue subir e descer escadas a correr, tem encurtamento muscular a nível de cadeia posterior, revela dificuldades de planeamento e execução motora, por exemplo atar os sapatos, saltar à corda, etc". Este é um bom exemplo do que eu estava a dizer. (1.68 – P)</p>
	<p>Ao colocarem exemplos concretos, mesmo que eu tenha dificuldade em perceber o que é o encurtamento muscular ao nível da cadeia posterior, já percebo quais são as limitações do E. Que não consegue saltar à corda, ou que tem dificuldade em fazer algumas dificuldades motoras (1.69 – P)</p>
	<p>Depois diz: "Tem muitas dificuldades na memorização, maioritariamente a curto prazo. Tem um défice ligeiro na atenção e concentração, revela dificuldades na sequenciação de tarefas. Procura envolver-se nas atividades e no ambiente circundante, no entanto, apesar da iniciativa, mostra dificuldades na execução das mesmas, apresenta dificuldades na resolução de problemas, atividades do dia a dia e no planeamento de tarefas". Ok, está claro. (1.70 – P)</p>
	<p>dizem que ele tem dificuldade na memória, tem dificuldade em manter-se concentrado nas coisas, em sequenciar atividades e em resolver problemas no dia a dia. É verdade, dizemos-lhe uma coisa e ele faz, e depois temos que lhe dizer a outra coisa. Não podemos dizer-lhe três coisas seguidas, porque ele vai se esquecer. (1.71 – P)</p>
	<p>Ok, vou continuar. "Manifesta dificuldades na percepção e discriminação visual, por exemplo, não consegue emparelhar cartões de cores iguais, mas se corrigido, consegue rectificar. Quando apresentado um modelo de construção com cubos, demonstra muita dificuldade em reproduzi-lo, respeitando o código de cores e organização espacial". (1.72 – P)</p>
	<p>Pronto, esta informação parece-me adequada, depois quem a lê tem de perceber qual é a utilidade disto para as atividades, ele ter dificuldade em distinguir cores ou distinguir imagens, mas se o corrigir ele consegue chegar lá. (1.73 – P)</p>
	<p>"Quanto à comunicação, é feita através de frases e palavras simples. Identifica e nomeia a letras do seu nome de forma escrita, não sendo consistente. Nas restantes, apenas as identifica com muita dificuldade. Compreende a negação em frases complexas. Tem dificuldade em descrever sequências de eventos, quer do dia-a-dia, quer de imagens apresentadas. Dificuldade em apresentar justificações para acontecimentos mais complexos, relação causa-efeito. Dificuldade em adequar o discurso em algumas situações, revelando que algumas regras sociais mais específicas se tornam demasiado complexas. Dizer a alguém que é feia ou gorda"... lá está, vocês já o tinham dito em cima e está repetido aqui. Portanto se calhar não se justifica fazer aquela alteração. (1.75 – P)</p>
	<p>"Demonstra interesse em adquirir vocabulário de Língua Gestual Portuguesa para poder comunicar com os colegas que usam esta língua. Gosta de ajudar os colegas nas tarefas e nas atividades diárias, sendo bastante eficaz nas que se revelam mais simples de executar pelo hábito". Portanto, as rotinas, a importância das rotinas. (1.76 – P)</p>
	<p>"É autónomo nas atividades da vida diária, as AVD's, mas precisa de supervisão e/ou ajuda física e/ou orientação verbal na preparação do contexto e materiais necessários para as atividades sempre que estas envolvam a sua segurança. Por exemplo, tomar banho. Tem dificuldades na adequação da roupa às necessidades e à meteorologia". E depois</p>

	<p>tem aqui um segundo ponto que me parece ser muito importante, que são as recomendações. As salas devem focar-se muito na leitura deste ponto. (1.77 – P)</p> <p>“Deverá dar-se continuidade ao trabalho desenvolvido com o E. no que diz respeito à autonomia”, o que é coerente com alguns dos objetivos que já estamos a trabalhar. (1.78 – P)</p> <p>“Atividades como fazer recados aos adultos e ajudar os colegas, ou outras de responsabilidade moderada, devem incluir as suas rotinas. Quando o E. apresentar um discurso desajustado, deve-lhe ser dada uma explicação do erro, e uma alternativa a utilizar”. Por exemplo, quando ele chama gorda à colega, a gente diz “Não podes chamar gorda à colega porque ela vai-se sentir triste, portanto diz antes algo como “estás muito bonita hoje”. Pronto, é uma sugestão. (1.79 – P)</p> <p>“Uma vez que o utente manifesta muito interesse na Língua Gestual Portuguesa, deverá incentivar-se a sua aprendizagem. No entanto, a sua utilização deverá ser condicionada aos interlocutores em que é o único meio de comunicação. Todas as atividades que possam promover a coordenação motora e equilíbrio, são benéficas para o jovem, respeitando sempre os seus limites”, portanto a Educação Física, a dança, os passeios, são atividades que depois podem ser complementadas com atividades específicas que podem ser identificadas. (1.80 – P)</p> <p>“Atividades de sequenciação são importantes para desenvolver as competências do E. Por exemplo, apresentar um modelo de construção com cubos, pinos, imagens.” Eu aqui tentaria cruzar esta sugestão com atividades da vida diária. Por exemplo... arrumar coisas na sala, primeiro fazes isto, depois aquilo. Seria a minha sugestão. (1.81 – P)</p> <p>“Quando realizar atividades de mesa com folha de papel, não permitir que ela esteja solta e possível de rodar, prender com fita-cola ou bostick.” Ok, é uma boa pista. (1.82 – P)</p> <p>“E a consola Wii pode ser usada como uma estratégia de motivação”. Pronto, e depois está assinado pela M., pela A., pela J. e a M. Acho que este documento está muito bem escrito, é útil. (1.83 – P)</p>
Preparação de materiais (1 UR)	Também estou a fazer uns moldes, para quando voltarmos à normalidade eles poderem trabalhar (1.26 – S)
Reorganização de funções e tarefas (8 UR)	<p>Eu e a Lc. temos utilizado a plataforma, para mim é uma novidade e para a Lc. também. (1.31 – F)</p> <p>Ontem conseguimos pela primeira vez partilhar um documento, o que foi motivo de grande emoção! Já estamos a conseguir e agora é terminar as coisas que estão começadas (1.32 – F)</p> <p>Juntei-me ao grupo ontem, portanto ainda estou no início... até de perceber como gerir a rotina (1.40 – Mfs)</p> <p>também estou a ver aspetos positivos em poder, com calma e tranquilidade, poder rever aquilo que está escrito, e está a ser positivo. Ainda tenho muita coisa para rever, como só cheguei ontem, ainda falta muita coisa para rever. (1.41 – Mfs)</p> <p>Eu só comecei hoje, portanto... ainda nem explorei muito bem isto, nem muito bem, nem muito mal, ainda não explorei nada deste teams, mas pronto, estou à espera, para ver o que vocês têm para me dar, não sei muito bem o que é que tenho de fazer nesta fase. (1.42 – AM)</p> <p>estou aqui um bocadinho às aranhas. Aguardo as vossas instruções (1.43 – AM)</p> <p>AM, estás em período de adaptação, eu depois falo individualmente contigo (1.44 – P)</p> <p>cada um de nós vai ter objetivos muito específicos, e vai ter de ir à procura da informação que precisa para atingir esses objetivos, falando com os colegas, está bem? (1.47 – P)</p>
Organização das reuniões (3 UR)	<p>E depois existirá uma reunião em que vamos discutir a vossa sala, tal como vamos correr as salas todas. (1.34 – P)</p> <p>Pronto, neste momento estamos a consolidar a nossa rotina, já marcámos de forma fixa a reunião às quartas-feiras, das 10:00 às 11:30, é possível que haja uma reunião suplementar às segundas-feiras, das 10:00 às 11:30, mas isso depois vamos vendo passo a passo (1.45 – P)</p> <p>Como vamos agora entrar agora numa rotina e algumas pessoas vão fazer férias, vamos manter as quartas como a reunião fixa de equipa. Depois podemos fazer trabalhos em pequenos grupos (1.46 – P)</p>
Planificação de atividades (1 UR)	Portanto, estão aqui algumas pistas, e depois cabe às pessoas da sala. Se não é óbvio para vocês, devem ir falar com as colegas e tentar transformar isto em atividades. (1.74 – P)

3. Apoios a alunos/utentes e suas famílias (95 UR)	Identificação de casos prioritários (13 UR)	E tenho acompanhado de perto, quase diariamente, a avó do E... (3.1 – L)	
		Nós estamos a acompanhar alguns casos que nos preocupam. Eu tenho informações sobre dois casos... L., quer começar você? (3.2 – P)	
		Portanto, o caso do M.A. já está resolvido, já não vale apenas falar mais... (3.3 – L)	
		Eu tenho informação nova sobre esse caso, mas já lá vou... (3.4 – P)	
		No caso da T. é preciso ajuda, não sei se particularmente podemos falar sobre ele... tínhamos falado em ver se a Junta poderia ajudar a mãe da T., seria mais rápido. Em relação à T. é só. (3.7 – L)	
		Tenho o caso do O. P., o pai tem falado comigo várias vezes, e está muito preocupado e para além disso manifesta algum stress em relação à situação. (3.8 – L)	
		Temos a situação do R., fiquei de falar com a mãe mas ainda não consegui. (3.10 – L)	
		Temos também a situação do R., que fiquei de falar com a mãe mas ainda não consegui. Vou ter de falar com ela melhor para ver se a situação se mantém. (3.12 – L)	
		Também a mãe do Z.M., tenho tentado falar com ela mas ainda não consegui, porque ela não atendeu. Deixei uma mensagem de voz, mas ela não me devolveu a chamada. Falámos com o pai e ele diz que está tudo bem. O pai diz sempre que está tudo bem... (3.13 – L)	
		no caso do E., é um caso que me preocupa bastante, ela na próxima quinta-feira vai mudar de quarto, vai deixar o quarto alugado e vai voltar para casa do primo. (3.14 – L)	
		É a avó, e vai voltar para Mem Martins. E então depois, só a partir daí é que ela consegue deixar o E. com o primo e ir à empresa e preencher a declaração... está com bastantes dificuldades, a todos os níveis. (3.15 – L)	
		Em relação ao C., foi-me sinalizado no fim-de-semana, várias pessoas me referiram, mas estou-me a lembrar das mensagens que troquei com a M.F., depois a mãe também começou a trocar mensagens, também já tenho falado com a R. e com a L.... (3.21 – P)	
		o R. está na mesma situação que o O.P., ou seja, é ver se existe uma emergência alimentar e tentar ativar os recursos locais. (3.40 – P)	
		Apoio alimentar (7 UR)	Falei com a mãe da T. relativamente às necessidades que estão a passar. E acho que ela pede ajuda com a alimentação. Se fosse possível ela agradecia. (3.5 – L)
			Em relação ao M.A., ele já está a receber apoio alimentar da Junta com a nossa carrinha. A C. e a L. tinham sinalizado o caso e a mãe formalizou o pedido de ajuda e já recebeu na sexta-feira apoio alimentar. (3.20 – P)
Em relação à T., a partir do momento em que há um pedido de ajuda com alimentação, o que é que nós podemos fazer? (3.26 – P)			
nós destacámos a A.T. para estar a colaborar com eles, portanto se não conseguirmos de outra forma, eu acho que pontualmente podemos arranjar um cabaz alimentar para entregar lá, e na pior das hipóteses, pedimos ao J. para entregar o cabaz. (3.27 – P)			
mas vamos tentar arranjar, pelo menos, um cabaz de emergência esta semana, para entregar. (3.28 – P)			
Pronto... só para nos organizarmos, nesta fase vamos pôr como prioridade as emergências alimentares, com o cabaz (3.31 – P)			
Peço desculpa interromper, e eles não seriam uma das famílias a precisar de alimentação? (3.55 – AM)			
Atenção às necessidades financeiras das famílias (20 UR)	Devido ao título de residência foi-lhe cancelada a prestação social de inclusão. Ainda não retomou... ela também só recebe quinhentos e poucos euros porque só faz 7 horas e a empresa faz 2h, descansa 1h, as empresas jogam conforme acham melhor para não pagar sequer o salário mínimo. (3.6 – L)		
	Penso que se está a reformar, em finais de Abril, Maio, e o que ele diz é que vai ficar com uma pensão muito baixa, porque teve muitos anos em Angola a fazer descontos, e está em Portugal há poucos anos, pelo que em princípio fica com uma pensão muito baixa. Está desesperado para fazer frente às despesas mais a comparticipação do O. (3.9 – L)		
	Ela deixou de receber o rendimento social de inserção porque estava no desemprego e o centro arranjou-lhe um trabalho. Só que, nem chegou ao fim de Janeiro, o contrato acabou. E agora não recebe nem rendimento social de inserção nem nada do desemprego, pois só estando a fazer 1 ano de descontos, não é? (3.11 – L)		
	Em relação ao O.P., parece-me ser uma questão mais financeira, portanto sugiro que seja feita uma monitorização, se precisar de alimentos nós entregamos, depois o plano de vida financeiro vai demorar mais tempo, tem de ser feito com mais calma. (3.29 – P)		

	<p>Foi a mãe da S. que me ligou para dizer que a S. tem uma doença muito grave, e não se pode mexer, até de noite é a mãe que acorda para a mexer na cama... e visto ser assim e depois com as dificuldades financeiras que tem e tudo, está a pensar em que a S. deixe de vir para o Instituto. (3.41 – IAR)</p> <p>Eu disse que a S. até gosta de andar aqui... “Pois, eu sei, mas ela tem muita dificuldade”. Mas eu sei que ela também está com dificuldades dos bombeiros. Ela terá que pagar, porque eles também estão a falar em pagamento. E depois tem outra filha que é médica, que também está com baixa, que também tem muitos problemas em se mexer porque é doente dos ossos, e ficou assim. Mandou beijinhos, beijinhos, mas a ideia é que a S. deixe de frequentar o Instituto. (3.42 – IAR)</p> <p>Em relação à situação da S. e de outras situações que podem surgir, eu interpreto isso como dificuldade financeira, e uma tentativa de reduzir os custos. Se as famílias assinalarem essa dificuldade, nós podemos definir medidas provisórias, reduzindo ou suspendendo o pagamento da mensalidade, e depois quando houver uma retoma fazemos uma reavaliação da situação. (3.43 – P)</p> <p>Portanto seria essa a minha proposta, se a Ir. concordar. Pronto, nesta altura não queremos que ninguém saia do Instituto ou deixe de ter o nosso apoio por razões financeiras, portanto qualquer família que esteja nessa situação, tem que o dizer, verbalizar, e nós podemos suspender o pagamento das mensalidades até haver a possibilidade de fazer reuniões presenciais e fazermos uma reavaliação da situação. Está bem? (3.44 – P)</p> <p>Eu não tinha conhecimento desse telefonema para a Ir., que não tenho que ter, não é? Eu tenho falado com a senhora e a única questão que ela me colocou é que a S. estava para ser intervencionada, tem um problema de coração, mas tem sido adiado devido a esta situação toda. Mas este caso comigo não comentou. Partilhou com a Ir., acho muito bem, foi com a pessoa certa... e é isso que eu tenho para acrescentar. (3.45 – L)</p> <p>É para suspender, não é? (3.47 – L)</p> <p>Se ela o formalizar... porque eu tenho pais a dizer que até não querem pagar com a redução, querem pagar tudo porque percebem que o Instituto está numa fase complicada, portanto nós temos tomadas de posição diferentes. (3.48 – P)</p> <p>E o que é que nós estamos a tentar fazer? É adequar em função das circunstâncias de cada um. Neste caso há famílias que dizem que vão pagar por inteiro... e nós vamos agradecer a essas famílias... há outras famílias que dizem que não conseguem pagar, e assumindo isso, nós vamos suspender as prestações, pelo menos enquanto estivermos fechados. E depois fazemos uma reunião com eles e reavaliamos a situação. (3.49 – P)</p> <p>Em relação ao E., eu falo do agregado familiar, quando veio para Portugal não foi fácil. Atualmente, a mãe... já lhe foi atribuída uma pequena pensão. Porque nem isso tinha. Portanto o que acontece é que ela tem um valor de renda de 252 €... portanto, ela tem mais despesas do que rendimentos. É uma situação de uma família que também me preocupa bastante, porque agora só estão eles os dois em casa. (3.51 – L)</p> <p>Mas eles vivem da ajuda dos outros filhos. E em função do que podem. Penso que em termos de participação à Instituição nem deve pagar nada. (3.52 – L)</p> <p>L., de vez em quando, ele trás um envelope que entrega ao Sr. J. com 5 €. De vez em quando, não é todos os meses, é de vez em quando. Ninguém lhe pede. Mas passo-lhe recibo. (3.53 – IAR)</p> <p>Eu acho que esta família vive abaixo do limiar da pobreza. Como sobrevivem a gente não sabe, só quem está lá dentro é que sabe. Mas a mãe tem sempre um sorriso. (3.54 – L)</p> <p>Ela tem uma pequena reforma, é disso que vivem, e da ajuda de alguns filhos. (3.60 – L)</p> <p>E pronto, tem sido assim um envolver de problemas, e agora acabaram por ficar só os dois. Mas mesmo assim não têm como sobreviver, a não ser com a ajuda dos filhos. (3.61 – L)</p> <p>Mas eu acho que esta família é muito, muito carenciada, no limiar da pobreza. (3.63 – L)</p> <p>Eu acho que eles vivem no limiar da pobreza, eles não têm 1 € por dia... (3.66 – L)</p>
<p>Apoio com informação e documentação (13 UR)</p>	<p>Há outra questão que me preocupa, mas que eu nem partilhei com a avó, para não a preocupar ainda mais, é a questão de que o E. tinha junta médica no dia 7 de maio, e isso vai ser alterado com certeza... é tão importante e ele está à espera à tantos meses... e isto vai ser adiado com certeza. (3.16 – L)</p> <p>Aquilo depois vai ser um reagendamento das pessoas que não são atendidas. (3.17 – L)</p> <p>L., eu creio que as juntas médicas não estão a ser adiadas... eles criaram outras equipas de</p>

	saúde pública e de... pronto, outras equipas... mas não tenho a certeza. (3.18 – M)
	Eu tive essa informação no Centro de Saúde. Eu vou ainda ligar para eles e vou ver o que é que me informam. Mas estou bastante preocupada por causa dessa situação, porque é uma situação que é muito importante por causa da habitação social... (3.19 – L)
	eu clarifiquei algumas dúvidas da mãe, porque ela tinha recebido a informação de que não podia ficar em casa durante as férias da Páscoa. (3.22 – P)
	Confirmei com ela, inclusivamente mandei-lhe a legislação para ela encaminhar para a entidade patronal, que ela tem direito porque a criança, tendo deficiência, tem direito ao apoio à família. Também clarifiquei com ela, e ela tem contrato de trabalho. Não está a recibos verdes, segundo a informação que ela me deu, portanto tem outro tipo de proteção. (3.23 – P)
	Disponibilizei-me para falar com a entidade laboral se fosse necessário, e ela ficou muito contente e disse que ia entregar a documentação. (3.24 – P)
	L, se depois quiser ligar à D. M., para ver como correu a situação... se existir alguma dificuldade, a sugestão é que peça o contato da entidade laboral, telefone ou email, e eu falo directamente com a entidade laboral para tentar desbloquear alguma situação burocrática que exista, está bem? (3.25 – P)
	E também ainda não sabemos quando é que ele se reforma. O stress já é pensar que se vai reformar... (3.30 – L)
	Desculpe a minha falta de conhecimento, mas o E. não pode receber a PSI? (3.64 – J)
	O que é que acontece... eles recebem a PSI. É assim, às vezes se falamos de prestações sociais as pessoas pensam que eu quero saber quanto é que as pessoas recebem. Quem tem títulos de residência, que é o caso do E., se o SEF não lhe renovar o título de residência atempadamente, corta. E depois passam tempo sem a prestação, e não há retroactivos para trás. Às vezes eles marcam com 7 meses de antecedência, mas não é suficiente para que não lhe cortem a PSI. (3.65 – L)
	É que podia ser mais um apoio, percebe? (3.67 – J)
	Eles têm. Até foram os colegas da área da Amadora que trataram da documentação da prestação que veio dar à PSI. Eu fiz lá um estágio curricular e profissional na Cruz Vermelha e conhecia bem a situação. O que a colega disse foi que não era possível continuar a apoiar esta família porque os filhos não se mexiam. Como sempre, ficam à espera que lhe dêem tudo de mão beijada sem fazerem nada. Agora há que realmente fazer esse contato, mas não quis estar a misturar assuntos. (3.68 – L)
Acompanhamento personalizado (35 UR)	Outro tipo de necessidades que já são a médio prazo, vamos com mais calma e vamos estudar a situação. (3.32 – P)
	Em relação à mãe do Z.M. sugiro que lhe mande uma mensagem de texto, para o telemóvel, a dizer algo como "estamos aqui à sua disposição, se precisar ligue". (3.33 – P)
	O meu receio no caso do Z.M. é que ele agrida a mãe e o pai não esteja lá para ajudar. (3.34 – P)
	Está tudo bem, está tudo bem é a resposta dele. Vou mandar uma mensagem então à mãe. (3.35 – L)
	É isso, mande uma mensagem para termos uma linha de diálogo, se ela ligar para aqui se calhar... (3.36 – P)
	Ela não liga, ela só que falar com a A.T. (3.37 – IAR)
	Pronto, se passar uma semana e não conseguirmos ter contato, se calhar peço à A.T. para falar directamente, porque ela tem uma ligação com a A.T., está bem? (3.38 – P)
	Mas tente mandar a mensagem escrita para ver se ela tem alguma reacção, e entretanto eu tenho que falar algumas coisas com a A.T., e depois mais à frente, se não houver novidades, eu peço para ela falar, está bem? (3.39 – P)
	Pronto, quando falar com ela pode tranquiliza-la, a reunião de equipa também serve para nós partilharmos essa informação, e pode-lhe transmitir esta posição. (3.46 – P)
	L., em relação ao E., tem alguma informação que queira colocar aqui que seja pertinente para a gente falar ou levar em linha de conta quando olharmos para o PDI? (3.50 – P)
	O que acontece é que a mãe do E. foi atendida pela Cruz Vermelha da Amadora. Enquanto estiveram lá os outros filhos... eles foram apoiados até certo momento. (3.56 – L)
	A partir do momento que as famílias não fazem nada ou fazem pouco para alterar a situação... a Cruz Vermelha deixou de os apoiar... (3.57 – L)

	<p>porque eles foram apoiados durante muito tempo, aliás foi a Cruz Vermelha que encaminhou o E. e a Segurança Social também, a Ir. deve-se lembrar que estivemos em reunião com eles. Esta família já passou até pelo Rendimento Social de Inserção, falei com colegas várias vezes e é assim... eles acabam por dizer a mesma coisa. São famílias que se mexem pouco. (3.58 – L)</p>
	<p>Ela também já tem idade, já tem mais de 65 anos. Também já ninguém lhe dava trabalho... estas coisas não são fáceis de resolver. (3.59 – L)</p>
	<p>E também têm outro problema, um dos filhos também tem um problema de saúde, que é o A. que tem cancro. O problema do E. também foi derivado a um tumor no cérebro, e o outro irmão também tem. Esse irmão é aquele que o E. fala que toca, canta, que é cantor. (3.62 – L)</p>
	<p>Em relação à situação do E., vamos monitorizar esta situação de emergência, nos próximos meses, e aplica-se o mesmo critério. Se eles precisarem de comida levamos-lhe o cabaz de emergência e ativamos a junta local. É o mesmo critério que falámos para o O.P. e o R. (3.69 – P)</p>
	<p>Depois desta crise... quando houver a retoma, antecipo uma espécie de <i>reset</i>. Todas as instituições e estruturas de apoio social vão reavaliar as instituições. Portanto vamos ter a possibilidade de definir um plano de intervenção social para todos e inclusivamente para o E... (3.70 – P)</p>
	<p>Vamos falar sobre a nossa estratégia de apoio ao E. e queria ver alguns pontos com vocês. Em primeiro lugar queria ver se consideram que o E. poderia ter perfil para entrar num programa, como por exemplo, o J. entrou... (3.71 – P)</p>
	<p>Um CEI +, se ele conseguir ser autónomo nos transportes. Porque na minha leitura, percebendo as limitações e dificuldades que o E. tem, o E. poderia ter uma situação de emprego protegido a médio prazo. E podia, por exemplo, no próximo ano, em 2021, entrar num projeto parecido com um CEI+, ou com um estágio para inserção de pessoa com deficiência em que passaria a ganhar 400 e tal €. Isso iria ajudar a família, iria ajudá-lo a ele. E queria perceber o que acham deste objetivo de trabalho com o E. (3.72 – P)</p>
	<p>Eu concordo plenamente, independentemente de tudo que as colegas escreveram estar certo, ele tem alguns problemas de memória, mas com rotinas... ele tem capacidade para fazer muita coisa. Acho que em casa também ajuda. Eu acho que era um caso a pensar. Na minha opinião acho que ele era elegível. (3.73 – L)</p>
	<p>Eu considero que sim até certo ponto. Porque as limitações que ele tem ao nível da memória podem comprometer um bocadinho. E as minhas colegas e a S. acho que podem confirmar. Se a S. o mandar à casa de banho e depois voltar e fazer um recado, ele vai à casa de banho e não volta, ou volta e não faz o recado. Certo S.? (3.74 – Ma)</p>
	<p>Sim... basta ele encontrar outra pessoa e o foco dele já mudou. Eu acho que o E. tem muitas capacidades, mas tal como eu tenho no PDI, a grande paixão dele é fazer massagens. Isso é algo que ele gosta. E se conseguíssemos arranjar algo nessa área, ele aprenderia com muita mais facilidade. (3.75 – S)</p>
	<p>Agora, por muito que eu goste de rapaz, mesmo com rotinas, não lhe é possível mesmo... Nós na sala trabalhamos a semana inteira na mesma coisa. Passa o fim-de-semana e na segunda-feira esqueceu tudo. É mesmo um problema com memorizar. É uma coisa muito estranha, mas é verdade. (3.76 – S)</p>
	<p>Para a mãe do E. devia ser muito complicado. Ele teve para desistir da Instituição, no início, quando ainda não ia na carrinha, porque a mãe não queria que ele andasse sozinho em transportes públicos. E é muito aflitivo para ela a ideia de ele andar sozinho em transportes públicos. (3.77 – IAR)</p>
	<p>Mas é a preocupação de quase todos os pais. Se eles não são treinados, é difícil. (3.78 – L)</p>
	<p>Podemos começar aqui no Instituto, dar mais autonomia aqui dentro, até fazer as tais massagens, e depois treinar outras coisas. Não é pô-lo a trabalhar fora do Instituto, por exemplo. (3.79 – Mpf)</p>
	<p>Queria só perguntar à IAR como é que está o J.? (3.80 – A)</p>
	<p>Está na cama. Deita-se de madrugada, fica a ver filmes, eu já fui chamar por ele de manhã, mas ele vira a cara para o outro lado. (3.81 – IAR)</p>
	<p>A. falou com o J.? Como é que ele está a encaixar isto tudo? (3.82 – P)</p>
	<p>Depois estivemos um bocadinho à conversa e acho que ele ficou um bocadinho mais tranquilo quando eu lhe expliquei que ele estava dentro do Instituto, que não tinha contato com as pessoas, que é preciso estar próximo. Havia algumas coisas que ele não tinha noção, e creio que ele ficou mais calmo. (3.83 – A)</p>

		<p>Eu disse-lhe para ele me ligar por videochamada sempre que ele quisesse, e ele tentou, depois eu retribui e ele não viu, andamos desencontrados... mas digam-lhe que se ele quiser, para me voltar a ligar. (3.84 – A)</p> <p>Sim, eu sugiro que, por <i>whatsapp</i> faça vídeos gravados, assim mesmo que não consiga fazer videochamada... (3.85 – P)</p> <p>Boa ideia... por escrito não saímos muito do estás bem... (3.86 – A)</p> <p>Tenta fazer assim porque acho que vai funcionar bem. O J. tem algumas coisas muito positivas agora... é uma das poucas pessoas que está destacada para apoiar a Comunidade das Irmãs, e isso significa que ele continua a receber o dinheiro por inteiro. Segunda-feira fomos ao banco, ele foi levantar dinheiro... (3.87 – P)</p> <p>Ele não quis pegar no dinheiro. Eu dei-lhe o dinheiro para a mão na caixa e ele deu um salto para trás com medo (risos). (3.88 – IAR)</p>
4. Cooperação com outras instituições (12 UR)	Articulação com as Juntas de Freguesia (10 UR)	<p>Eu falei ontem com a Dr<sup>a</sup> A.R. que é a psicóloga da junta que coordena o projeto de apoio social nesta fase, e ela pediu-me um conjunto de dados que a L. também já me deu, como a morada, e portanto esta família vai ficar inscrita no grupo de famílias apoiadas pela junta e vai ter direito a três refeições diárias, pequeno almoço, para além daquele cabaz de produtos... (4.1 – P)</p> <p>Quando acabarmos a reunião vou enviar o email com os dados para a colega, e nós vamos acompanhando porque temos lá, neste momento, na carrinha, o J. a C. e a E... O acordo com a junta... (4.2 – P)</p> <p>Podemos fazer um contato com a Junta de Freguesia da E. para ver se é possível reunir um cabaz para a T. (4.3 – P)</p> <p>Eles podem fazer isso pontualmente, mas não podem fazer isso de forma regular porque ela não pertence a esta junta de freguesia. Eles podem fazer isso numa colaboração connosco, pontualmente, mas não podem fazer de forma regular... nós podemos contactar a JF da B... (4.4 – P)</p> <p>Uiii, isso a A... (4.5 – L)</p> <p>Eu sei, mas todas as juntas de freguesia estão a organizar-se. Vamos contactar a junta de freguesia da área da residência. (4.6 – P)</p> <p>Confirme depois a morada dela, está bem L? E confirme os contatos da junta que eu depois faço o contato. (4.7 – P)</p> <p>Nós podemos colocar as coisas de forma a que a junta tenha mesmo que agir. A dificuldade é se eles nos atendem o telefone ou não. (4.8 – P)</p> <p>O que é que estamos a definir em relação à T.? Vamos fazer o contato com a junta local (4.10 – P)</p> <p>e depois tentar ativar os recursos locais(4.11 – P).</p>
	Articulação com Projeto S. (1 UR)	O plano B é a colaboração que estamos a ter com o projeto S. O Projeto S é um projeto onde os nossos meninos do CAO estavam a ir aos ateliers, e eles também têm um projeto de apoio social (4.9 – P)
	Articulação com Centro de Saúde/outros serviços de saúde (1 UR)	Em relação ao E., é fazer o que está a fazer. É ligar ao Centro de Saúde e ver o que eles dizem e vamos monitorizando a situação. (4.12 – P)
2. Reações emocionais (2 UR)	Medo de ficar infectado(a) e doente (2 UR)	<p>A mãe quer ficar em casa porque está com medo que apanhe o vírus e que o passe para o filho, porque o filho é uma criança de risco. (2.1 – P)</p> <p>Falei, é por isso que estou a perguntar, porque ele estava um pouco assustado. A achar que ia ficar doente, que ia morrer. Ele estava um bocadinho em stress. (2.2 – A)</p>

ANEXO I - Protocolo da terceira  
reunião

Reunião de 22 de Abril 2020

P: Bom dia a todas, espero que esteja toda a gente com boa saúde e boa disposição. Hoje a nossa proposta é começarmos por fazer um ponto de situação, e se calhar irmos rodando por todos, e depois no segundo ponto vamos falar sobre algumas informações e hipóteses de futuro sobre maio e junho e o que vamos ter que fazer para nos adaptarmos aos diferentes cenários que podem acontecer daqui para a frente. E um terceiro ponto é mais específico da educativa, porque já há indicações mais claras sobre o que a educativa vai ter de fazer daqui para a frente. Mas se calhar começávamos por fazer um ponto de situação... R., queres começar tu? (1.1 – P)

R: Sim, posso começar eu. Durante esta semana que passou, eu estive a fazer contatos com as famílias, entre outros assuntos. Conseguimos sinalizar entretanto o L. e a Y. Na segunda-feira tivemos a resposta de que eles já tinham recebido o cabaz, que eles tinham ficado todos satisfeitos. E entretanto, ontem, abriu uma nova candidatura do BPI e pronto, vamos a mais uma. (1.2 – R)

P: Muito bem. L., quer fazer também um ponto de situação uma vez que a parte social tem tido agora muito relevo.

L: Pois é P. Bom dia a todas. A parte social tem sido muito solicitada, não pelas melhores razões, mas é o que é. E ainda bem que existe a parte social. Portanto, eu na semana passada não fiz tantos contatos quanto era habitual. A partir do momento em que soube que os voluntários contactavam as famílias para saber se precisavam de alguma coisa... as famílias sinalizadas eles encarregaram-se de dar continuidade aos telefonemas, saber como estão, o que precisam, e essas coisas. (1.3 – L) Foi sinalizado o L. e a Y. na semana passada, como a R. disse, correu tudo bem, ficaram muito satisfeitos, a mãe da Y. como já não estavam a aparecer na hora que ela previa, ligou-me a perguntar se já não iam. Depois eu disse-lhe “Olhe, só por volta das três e tal é que devem aparecer”. Ela ficou toda radiante, telefonou de volta a agradecer e tudo correu bem. (3.1 – L) Agora houve uma solicitação por parte da mãe do F., que já está sinalizada. Era necessário saber quando é que ele pode começar a ser apoiado. (3.2 – L) A avó do E. que passou a ser apoiada... a L. P.C. passou a dar-lhe 100€ no mês de Abril e 100€ no mês de Maio e logo se verá. Vai ser também apoiado pela Junta de Freguesia, da área de residência, esperamos que contemple fraldas. Estou

para fazer o contato hoje para fazer um ponto da situação. (3.3 – L) O maior tempo foi mesmo para resolver o problema do E., que não foi fácil, visto que ele já não está a ser apoiado pelo IPO, foi preciso alguma persistência para convencer a assistente social de que o menino necessitava muito. Mas pronto, depois disso ela ligou-me a dizer que estavam encaminhados os 100€ mensais, e que lhe iam dar essa verba. (3.4 – L) Houve o problema que se colocou sobre como é que ela podia receber o dinheiro... depois percebeu-se mais tarde que ela tinha mesmo que assinar um documento do IPO, daí que ela foi lá. Deixou o menino com o primo e foi lá ao IPO... isto foi na sexta-feira passada, que ela foi lá receber o dinheiro e a senhora ficou toda feliz. (3.5 – L) Agora vamos ver a junta de freguesia e a assistente social do IPO, se realmente vai atuar, senão vou eu contatar a Junta de Freguesia. (4.1 – L) Penso que isto é o mais importante, o resto já tínhamos falado, parece-me que não vale a pena estar a repetir.

P: Ok, muito obrigado. Quem se segue? (silêncio) A., como está a correr o acompanhamento com o J. e a A.? (3.6 – P)

A: As vezes que falei com eles, eles pareceram muito bem. Tenho perguntado também à IAR., sabemos que ele está bem dentro do género, passa muito tempo no quarto. Ele tem iniciativa própria, de me mandar uma mensagem, umas vezes mesmo por videochamada e outras vezes por simples mensagem, só a perguntar se eu estou bem. (3.7 – A) A A. não tenho acompanhado assim tanto... (3.8 – A)

P: Sugiro que uses o whatsapp com a A., que ela vai aderir. (3.9 – P)

A: Sim, sim... ela não se mostra muito motivada... ela está tranquila, sem ninguém a chateá-la, no ritmo dela... (3.10 – A)

IAR: Ela está no quarto porque não tem mais nada do que fazer. Se lhe der outra tarefa para fazer e a acompanhar, ela está bem-disposta e faz tudo aquilo que lhe indicar. Quando não tem mais nada que fazer, estende-se na cama, está com o tablet a falar, está toda contente... (3.11 – IAR)

P: Muito bem...

A: Mas em relação ao resto, metade dos pareceres técnicos estão feitos, estão 4 salas e faltam 4 salas. (1.4 – A)

P: As 4 salas que estão feitas são?

A: São as salas sensoriais, as duas, o CAO 2 e o CAO 4. (1.5 – A)

P: Ok, quem se segue? (silêncio) Sugeria as salas que estão feitas... C.?

C: Bom dia.

P: Queres fazer um ponto de situação da tua sala?

C: Ok, a minha sala já tinha a documentação pronta. Foram acrescentadas algumas outras coisas, e entretanto tenho estado dedicada à questão do projeto sensorial. (1.6 – C) E também a rever o projeto Institucional, e já agora peço se é possível passar aí e pegar no projeto já impresso, porque ando no computador para a frente e para trás e custa-me um bocadinho. (1.7 – C)

P: Eu vou deixar aqui com a IAR, deixo aqui.

C: Obrigado.

P: Ok, muito bem. Só para clarificar, eu fiz um pedido para a C. e a Lc. para desenvolver um projeto especial para a parte sensorial, está bem? E se calhar sugeria à Lc. e a F. que dessem continuidade... (1.8 – P)

C: Eu vou enviar para o email do Instituto a parte que fiz entretanto, a parte do enquadramento. (1.9 – C)

P: Obrigado... Lc., como está a correr o trabalho?

Lc: Bom dia, outra vez, a todos. Eu, junto com a F., concluímos toda a documentação da sala. PEI's, RTP's, PIT's, horários, plano de sala, de acordo com os moldes que o P. indicou. (1.10 – Lc) Depois fizemos também o total das presenças e faltas. Não sabemos o que é que vai acontecer, mas de qualquer maneira já temos isso pronto...

(1.11 – Lc) E depois tivemos a rever o que a C. tem feito, do Projeto Sensorial, que está muito, muito bom...(1.12 – Lc) e tivemos a trabalhar também no projeto do Instituto, para podermos trabalhar junto com a C. E foi esse o nosso trabalho. (1.13 – Lc)

Já está tudo concluído, felizmente. Ok, muito bem. Não sei se a F. quer acrescentar alguma coisa?

F: Não, é como a L. diz, já está tudo revisto. Está tudo certo...

P: Ok, muito bem. Ia propor agora o CAO 2 e o CAO 4, que são os CAO's que conseguiram adiantar mais a documentação. S. quer começar?

S: Sim P. Como sabes a documentação do CAO 4 já está toda feita e entregue, comecei a fazer a documentação do CAO 3 e só me falta fazer os horários individuais, o resto já está tudo concluído. (1.14 – S)

P: Ok, muito bem, muito bem. N.? Consegues falar?

N: Eu estou a ouvir mal... conseguem ouvir-me?

R: Está a falar baixinho, mas consegue-se ouvir. Se falar mais próximo do microfone consegue-se ouvir

N: Então olhem, eu continuo com a sala da IM... fiz o plano de sala, vou enviar para o P., é um bocado difícil porque eu tenho não tenho muita informação... (1.15 – N)

P: Obrigado, é difícil estarmos a trabalhar numa sala que não é nossa com pouca informação, mas é uma base, depois complementamos.

N: É, assim custa um bocado.

P: Obrigado... e nisto acabámos por falar também no CAO I e do CAO III. Ok, então sala educativa III e sala educativa IV. Se calhar Mpf., já estás à mais tempo em teletrabalho, como é que está a correr?

Mpf. Eu terminei a documentação da minha sala. (1.16 – Mpf)

P: Ótimo.

Mpf: Já coloquei no Teams, depois verifica. Está lá o plano de sala, os PEI, os PIT's e os RTP's, os horários dos alunos e a agenda semanal. (1.17 – Mpf)

P: Ok, muito bem. Crs., chegaste à pouco tempo mas chegaste cheia de energia, como é que isso está a correr?

Crs: É assim, eu conclui os PEI's, os PIT's e tudo mais, e já fiz as recomendações para os pais e é para vocês também analisarem para ver se está certo ou não, porque eu entrei em teletrabalho à pouco tempo. (1.18 – Crs) Fiz também uma grelha geral dos alunos todos, com o diagnóstico, o telefone dos pais, mais a data de nascimento deles, para ficarmos com uma grelha que fale de uma forma geral dos alunos. Porque há pessoas que estão sempre a perguntar e assim em vez de estarem à procura têm essa grelha. (1.19 – Crs) Foi o que eu fiz até agora.

P: Ok Crs., muito bem. No fim da reunião vamos falar só sobre a educativa e depois vamos ter uma reunião na sexta-feira só de educativa, está bem? (1.20 – P)

C: Ok.

P: Pronto, e então as restantes técnicas? Por exemplo... Mtf, como tem estado a correr?

Mtf: Tem estado a correr bem, hoje termino a sala da Mpf, e faltam-me 3 CAOs. Não estão completos, mas alguns já dei uma vista de olhos. São relatórios que já estavam mais ou menos completos e que não demoram tanto tempo como os da educativa que demoraram mais algum tempo, porque precisaram de ser mais compostos. E outros feitos de raiz, portanto... completo só está o CAO 4. Os outros CAOs é para retomar já amanhã e penso que não deve demorar tanto tempo. (1.21 – Mtf)

P: Ok, muito bem. Obrigado.

Mtf: Entretanto, houve um contato da parte da Casa do A., e eu pedi a colaboração da J. e fizemos um pequeno documento, com algumas recomendações gerais e estratégias para a Casa usar... vou colocar se calhar aqui no Teams... junto da pasta do A. (1.22 – Mtf)

P: Sim, acho boa ideia... Ok... J, queres também fazer um ponto de situação?

J: Eu não tenho muito a dizer, mas peguei na sala da Mpf. Como a Mtf disse estivemos de volta do A. que é um relatório que teve de ser feito de raiz, e entretanto estou a continuar na sala da Mpf. O meu objetivo até ao final da semana é terminar a sala da Mpf. Para depois passar para os CAOs que faltam. (1.23 – J)

P: Ok, muito bem. Mfs?

Mfs: Olá, bom dia. Também regresssei ontem das férias, estou a terminar a sala sensorial dois. E também já tive a oportunidade de ver alguns PDIs da sala da S. Espero hoje concluir a sala sensorial 2, pergunto se avanço para os CAOS, ou se avanço para a sala da Mpf. (1.24 – Mfs)

P: Neste momento, a prioridade vai ter de ser a parte educativa.

Mfi: Ok. Então é isso que vai acontecer.

P: Ok, muito bem. Entretanto estou a ver que a A. não consegue entrar na reunião, portanto eu depois falo com ela. Também não tive resposta da S. pelo que também falo com ela depois...

Mtf: A A. está na reunião, não consegue é falar connosco.

P: Ah, ok... então eu já adiantei alguma informação com a A. ontem e depois falo individualmente com a A.

Mtf: E a mim está a aparecer que a Sf. está aqui...

P: A sério?

Sf: Estou aqui, estou aqui!

P: Olá S. tudo bem?

(várias saudações de vários participantes)

Sf: Então P. tens alguma coisa para mim?

P: Sim, eu acho que os colegas não têm percebido que tu tens feito um conjunto de publicações, e nós no dia 26 temos o aniversário da morte da Madre Francisca, se pudesses fazer uma publicação... (1.25 – P)

S: No dia? Desculpa, não apanhei...

P: No dia 26 de abril.

IAR: No próximo domingo.

S: Ok, ok.

P: Pronto, nós também vamos falar aqui de um conjunto de passos que vamos fazer e depois vamos precisar do teu apoio nessa divulgação, está bem? A tua contribuição tem sido muito útil nesta fase. (1.26 – P)

S: Sim, quando quiserem.

P: Ok, da minha parte, eu também estive um bocadinho nas Caraíbas, como alguns de vocês... (risos de vários participantes) ... e entretanto têm surgido algumas novidades... umas delas tem sido a relação com as CPCJs, ou seja, começam a surgir alguns casos em que nós temos de articular com as CPCJs, e fazer aqui alguns

relatórios. (4.2 – P) Tenho colaborado com a L. a esse nível, e com a R. também, e é algo que ainda vamos ter que continuar a trabalhar. Outra área são os apoios sociais... há cerca de 2 semanas nós fizemos um pedido para o Grupo A. e eles responderam à cerca de 2 dias, e o Grupo A. está disponível para apoiar com alimentos e compras... ou seja, eles dão-nos uma espécie de crédito...(4.3 – P) nesta fase, uma vez que é o Projeto S. que está a assegurar o apoio através dos cabazes, sugiro que a gente encaminhe esse apoio para o Projeto S. A R. é que tem feito a articulação agora com a MJ, julgo que hoje vais conseguir falar com ela, e vamos tentar articular isso. (4.4 – P)

R: Sim, está bem...

P: Se a MJ não tiver capacidade de resposta, nós podemos fazer um cabaz semelhante para os nossos jovens. Vamos ali ao J. que nos dá os alimentos e nós vamos levar à casa deles, não há problema nenhum. O Objetivo é que não haja nenhuma família que depois de uma semana em que peça ajuda não receba, pelo menos, um cabaz de alimentos. E isso neste momento é possível. (3.12 – P)

R: Ok.

P: Ok... Queria partilhar mais algumas informações... Nós fomos contactados pela segurança social a perguntar o que é que é preciso e quando é que nós estaremos disponíveis para reabrir, pelo menos a parte das respostas sociais. (4.5 – P) Nós vamos manter esta forma de funcionar, pelo menos até ao fim do mês de abril. A partir do mês de maio, estão a surgir uma data de interrogações. Qual é a estratégia que nós, equipa diretiva, já assumimos e já mandámos um email à segurança social? Foi de colocar um conjunto de condições para podermos reabrir em segurança. (4.6 – P) E essas condições são situações como realizar testes a todos os funcionários e a todos os utentes que regressem; pedir apoio técnico para a elaboração de um regulamento em que se vêem as distâncias de segurança, os procedimentos, etc, etc. Neste momento a referência que existe são as regras utilizadas nos Lares de idosos, nas ERPIS, se tiverem curiosidade, na Direção Geral de Saúde, existem lá vídeos e alguns guiões em termos dos procedimentos a adoptar, e isso é algo que vai acontecer... vamos tentar que isso aconteça só em junho, mas a segurança social poderá criar condições para que tenha de acontecer durante o mês de maio. (4.7 – P)

Mpf: O que é entendido como resposta social?

P: Vou chegar lá, vou chegar lá. Neste momento, o que é que está claro? O Ministério da Educação assumiu que o 1º ciclo não vai reabrir este ano letivo com aulas presenciais. Mas ainda não se pronunciou ao nível das necessidades educativas especiais. (4.8 – P) Isso ainda está a ser um pouco mastigado. A nível das respostas sociais, e nós somos uma IPSS, temos um acordo de cooperação com o Ministério de Educação, mas não somos uma escola, então eles ainda não sabem muito bem como lidar connosco... (4.9 – P) portanto, o que já fica claro é que nós temos de dar uma resposta adequada à parte educativa, e isso significa que vamos ter de fazer aquelas recomendações que já fizemos para o A., as fichinhas de recomendações como a C. começou a fazer...(1.27 – P) e vai ser esse o tema da reunião de sexta-feira, como é que a parte educativa vai lidar com esta questão daqui para a frente(1.28 – P). O que é que isto significa? Significa que não vamos ter aulas presenciais da vertente educativa até ao final do ano letivo, e que a educativa com aulas presenciais só vai reabrir em setembro. Isso já está claro. (1.29 – P). O que é que não está claro? É que as famílias podem pedir apoio social, e nós podemos ter de abrir algum tipo de resposta socioeducativa, que não são aulas mas são apoios. Poderá ser necessário reabrir o Lar e reabrir o CAO, que são respostas sociais. (1.30 – P). E o que nós podemos fazer? Podemos criar limitações e condicionantes, diminuir o número de meninos por sala, assegurar que todos são testados antes de entrar. E como sabem, hoje em dia não existem testes suficientes. E isso pode ser razão suficiente para nós adiarmos este processo ainda mais algum tempo... mas este é o ponto da situação (1.31 – P). O que é que estamos neste momento a preparar? Estamos a preparar-nos para como vamos funcionar quando reabirmos... estamos num processo delicado, em que cada um de nós, individualmente, tem de tomar algumas decisões... (1.32 – P) e as instituições têm de se organizar para o momento da reabertura com o covid... isto vai colocar alguns desafios... ainda não está nada fechado, vamos fazer um projeto sobre como reabrir em segurança...(1.33 – P) alguém quer fazer comentários ou perguntas?

A: A questão dos testes... eu tenho ouvido situações de pessoas que fazem o teste no início e depois ficam todas no mesmo sítio. E parece que é eficaz, porque como não há entradas e saídas, elas controlam uma vez e está controlado. No nosso caso, podemos fazer o teste à entrada uma vez, mas a verdade é que depois vamos para as famílias, portanto nunca sabemos... há sempre esta questão, não é? (1.34 – A)

Mpf: E depois andamos em transportes públicos, é muito difícil de gerir... (2.1 – Mpf)

A: Ainda ontem recebi aqui uma informação de um país que abriu a porta e neste momento já está com um grande número de infetados (2.2 – A). É uma chatice, este balanço de qual é a altura certa para sair para o exterior... é muito delicado (2.3 – A). Acho que Portugal vai acabar por se basear nos casos que já avançaram para estas situações antes de nós, portanto acho que daqui a 15 dias vamos ter uma noção do efeito do que é abrir portas antes de termos isto um bocadinho mais controlado. (2.4 – A) Acho que as pessoas têm de ter um comportamento exemplar, e que temos que ver o exemplo dos outros e perceber quando é a altura certa. (2.5 – A) Não vai haver um momento ideal, mas há de haver um momento em que a gente sinta que isto está mais controlado... (2.6 – A) com os nossos miúdos isto é muito complexo, porque eles não se sabem proteger... (2.7 – A) e há aí as Irmãs que são uma população mais idosa... (2.8 – A) há os nossos filhos... enfim, é delicado. (2.9 – A)

Mpf: Ao nível da organização eles tinham falado de fazer faseado, alternado... ou seja, fazer turnos, separar os grupos de trabalho... não sei... (2.10 – Mpf)

P: Nós vamos tentar fazer um pouco ao contrário... ou seja, nós vamos tentar negociar e impor condições para abrir. Nós já contactámos a empresa K. para tentar arranjar um formador na área e vamos fazer nós o projeto e o regulamento, vamos mandar para a Segurança Social que depois dá um parecer, vamos mandar para o delegado de saúde para dar um parecer... a nossa estratégia vai ser de colocar algumas condições de segurança, e este processo vai demorar um certo tempo. (1.35 – P)

Mpf: Mas nós não vamos conseguir controlar os meninos dentro da escola e a vida deles cá fora. (2.11 – Mpf) Eu acho que muitas famílias não vão cumprir estes cuidados... (2.12 – Mpf)

A: E o contato de uns com os outros... não conseguimos controlar a proximidade de uns com os outros. (2.13 – A)

P: Sim, é verdade. Deixem-me contextualizar... nós não vamos poder assumir uma posição de nós não abrimos, porque se assumirmos essa posição deixamos de receber financiamento e deixamos de conseguir pagar salários. (2.14 – P) A previsão de vacinas, neste momento é pelo menos para 1 ano. O Governo já está a dar indicações, que mesmo o *lay-off* simplificado é possível que deixe de estar disponível para as IPSS, neste momento ainda está. (2.15 – P) Nós estamos em teletrabalho e

estamos a receber por inteiro, mas as colegas de presencial, quem não está destacado, este mês só vai receber 2/3...(1.36 - P). Não me parece que o país consiga manter este funcionamento durante muito tempo. Na melhor das hipóteses conseguimos atrasar a reabertura, mas onde nos devemos focar é em definir procedimentos de funcionamento. (1.37 - P).

Mpf: Podíamos fazer máscaras. (1.38 - Mpf).

P: Sim, até porque toda a gente para entrar vai ter que ter máscaras, sejam as comunitárias, sejam as que são distribuídas às instituições. Vamos ter que ter batas, luvas... se quiserem perceber o tipo de funcionamento que nos espera, vão ver os vídeos de funcionamento previstos para os Lares de idosos, para as ERPIS, que neste momento é a referência que existe. Vai ser algo do género. (1.39 - P).

Mtf: Eu gostava só de fazer uma pergunta... qual é a quantidade de trabalhadores que vamos ter? Porque entre as pessoas que têm filhos em casa, que têm problemas de saúde, pessoas com mais de 60 anos, pessoas que estão em projetos, quantas pessoas nos sobram? (1.40 - Mtf).

P: Caros colegas, em primeiro lugar, cada um de nós tem de tomar uma decisão pessoal. E quando chegar a altura tem de tomar uma posição formal. (1.41 - P). Imaginem este cenário, a Segurança Social diz "Vocês vão abrir dia 18 de maio", por exemplo. E nós temos de dizer "Olhe, nós temos 35 funcionários, mas desses estão 30 de baixa, portanto eu não posso abrir.". Existem neste momento bolsas de voluntários e bolsas de pessoas que estavam em outras instituições e querem trabalhar. E eles podem fazer destacamentos. (1.42 - P). Por exemplo... se eles cancelarem o *Lay off*, vocês ou estão de baixa ou estão a trabalhar...(1.43 - P) o que nós vamos fazer agora é organizarmo-nos o melhor possível. Isto vai implicar a redução do número de jovens por sala, reorganizar os horários, a questão das refeições tem de ser mudada... (1.44 - P)

Mpf: Acho que nem devíamos estar nas salas, a minha sala é pequena... (2.16 – Mpf)

Mtf: A sala é pequena, mas também não vai ter os alunos todos... (2.17 – Mtf)

P: Sim, vamos ter que reduzir... (2.18 – P)

A: Sim, mas mesmo que tenhamos 3 alunos numa sala, não conseguimos manter as distâncias porque eles não estão quietos... (2.19 – A)

P: Sim, mas podes testar todas as pessoas antes... (2.20 – P)

A: Testas hoje, mas 15 dias depois já não tens garantia nenhuma... (2.21 – A)

P: Bem, este é o ponto da situação... vamos criar um conjunto de passos intermédios e até podemos reabrir só em setembro, mas vamos reabrir mais tarde ou mais cedo. (1.45 - P)

IAR: E eu queria dizer uma coisa. Não vamos negar-nos a nada que nos proponham, porque depois ficar sem ganhar nada é muito duro. (4.10 – IAR)

P: Mas vamos negociar para que a reabertura seja feita em segurança... (4.11 – P)

Mpf: Então os alunos da educativa que não estão em Lar de Apoio não iriam para o Instituto até ao fim do ano lectivo, é isso? (4.12 – Mpf)

P: Neste momento, nós temos 10 alunos que estão só na educativa. Vamos ter uma reunião de educativa e definir uma estratégia de acompanhamento desses alunos (1.46 - P). Vamos ter também que fazer uma reunião por zoom com os pais e vamos escrever uma carta aos pais e vamos dar-lhes uma semana para eles responderem. Nessa reunião vamos explicar-lhes como vemos a situação e os pais vão ter de assumir uma posição (3.13 – P). Podem dizer “Eu prefiro que o meu filho fique em casa”, mas nós temos famílias que nos dizem que estão com muitas dificuldades e que preferiam que os seus filhos viessem para o instituto. (3.14 – P) Essas famílias, à partida, vamos ter de receber esses meninos. Na nossa estimativa, por volta de 30 meninos viriam logo quando reabrirmos. Pode falhar um pouco, podem ser 40, podem ser 20, mas depois vamos ver caso a caso. (3.15 – P) E depois vamos criar equipas de trabalho. Tudo o que estamos a fazer é bom, mas muita coisa só vai ser implementada em setembro. Se reabrirmos vamos ter de ter um regulamento específico para este período, vamos ter de ter menos meninos por sala, vamos ter de reorganizar a nossa forma de estar (1.47 - P). As Irmãs vão ter que estar mais isoladas, as Irmãs não vão poder ter contato com os meninos. Portanto, muita coisa vai ter de mudar... (1.48 - P)

L: Posso?

P: Pode, diga.

L: Na questão das respostas sociais do Centro de Atividades Ocupacionais e do Lar de Apoio, se calhar há que analisar cada caso em particular dos utentes e os riscos que cada um apresenta. (3.16 - L)

P: Sim, é por isso que a L. agora tem de actualizar os relatórios sociais. (1.49 - P)

L: Sim, tenho estado a trabalhar neles... mas não tem sido fácil. (1.50 - L)

P: Eu sei, eu sei...

Mpf: Riscos em que sentido? Saúde ou de âmbito social? (1.51 - Mpf)

P: Os dois... vamos dar um exemplo... e mais uma vez recordo que esta conversa é confidencial... um caso social que está a surgir com uma CPCJ é o caso do DF. O DF é um jovem autista, que tem comportamentos agressivos, e neste momento agride a mãe e ele próprio. A mãe informou-nos por escrito, por email e nós encaminhámos isto para a CPCJ. (3.17 - P) A CPCJ também está em teletrabalho...

L: Pois, está tudo...

P: E neste momento ninguém sabe o que fazer com o rapaz.

IAR: Elas sabem quem é o DF?

P: Sabem... toda a gente conhece o DF?

Mpf: Sim, sim.

P: Pronto. Este é um caso extremo, e a colega da segurança social já estava “Mas vocês não podem ficar com ele?”. E eu disse “Não, não podemos.”. E expliquei porquê. Mas eles também não sabem o que fazer...(4.13 – P) e este é só um exemplo... mas outros exemplos... por exemplo o caso do A., já pediu apoio social... o E., o R. ... No caso do E., do ponto de vista médico faz sentido ele ficar em casa, mas do ponto de vista social ele aqui está mais protegido e a avó tem possibilidade de trabalhar... (3.18 - P)

L: Posso?

P: Pode.

L: Peço desculpa, a avó só faz 3 horas diárias... penso que é mais importante a saúde do E. do que as 3 horas de trabalho diárias... penso eu, não falei com ela... eu acho

que teria de se ver caso a caso e falar com as famílias... (3.19 - L) Daquilo que eu tenho acompanhado, há famílias que fizeram um esforço para ter os meninos em casa em condições muito difíceis, e se calhar também não estão interessados em colocar os meninos na instituição se não tiverem uma salvaguarda de que foram feitos os testes... que foram tomadas todas as providências... (3.20 - L)

P: Mas nós temos a responsabilidade de só reabrir o instituto se um conjunto de medidas for assegurado... (1.52 - P) é este o ponto de situação... já me mandaram alguns emails com alguns procedimentos em clínicas de fisioterapia, em hospitais ou em lares de idosos... Esse tipo de pesquisa é interessante porque todos nós vamos ser convidados a rever os procedimentos... Nos Estados Unidos já estão a reabrir algumas coisas e vamos aprender com a experiência deles... tenho falado com algumas colegas de Espanha, está tudo fechado. Mas já começam a surgir informações de que vão tentar reabrir em Itália e em Espanha gradualmente, durante o mês de maio... Vamos fazer formação interna sobre quais os procedimentos a adoptar, vamos fazer os contatos com os pais, vamos fazer o apoio *online*... Neste momento o nosso apoio social já passa as duas centenas de famílias, estamos a apoiar as nossas famílias, mas também famílias de fora, a nossa carrinha e os funcionários que estão a colaborar com a S. e a JF já apoiaram mais de 200 famílias... (1.53 - P) Não sei se querem fazer mais algum comentário?

(...)

P: No fundo vamos tentar testar todos os que entrem antes de reabrir... (1.54 - P)

L: E acho que isso é indispensável... não se pode abrir sem se fazer... (1.55 - L)

P:... eles estão a tentar testar todos os lares do país... só a partir daí é que eles vão passar para outras fases, e nós vamos entrar numa segunda linha. (1.56 - P)

SP: Só para vocês saberem, na SC o CAO também está fechado, mas já se começa a falar que as respostas sociais têm de reabrir. Também quando existirem procedimentos mais claros eu posso enviar para vocês. (1.57 - SP)

P: Sim, manda tudo para mim... como trabalhamos com deficiência profunda e temos a questão da comunidade das Irmãs, nós temos que ter medidas mais equiparadas às ERPIS... portanto não vamos aceitar receber pessoas com COVID-19 como outras instituições estão a fazer... o facto de trabalharmos com populações mais frágeis, vai

nos proteger de termos de dar respostas que na sequência do Estado de Emergência o governo podia pedir, como receber aqui pessoas de um lar de idosos ou receber aqui pessoas que estejam infetadas ou estejam sob suspeita e tenham de ser separadas... isso está a acontecer noutros sítios. (1.58 - P) Mas nós, ao assumirmos já uma estratégia de apoio social, ao ceder a nossa carrinha e ao estar a fazer outras coisas... em princípio não nos vão pedir essas coisas...(1.59 - P) agora o que nós temos de fazer é antecipar as medidas de reabertura... tudo o que seja informação neste momento vai ser útil, portanto, SP. vai-me enviando as coisas da SC por favor. (1.60 - P) Não sei se querem dizer mais alguma coisa?

IAR: Eu só quero dizer que a contabilidade está a tratar de processar os vossos vencimentos, está bem? É tudo através do NIB. Aqui ainda há uma pessoa que não me deu o NIB. (1.61 - IAR)

P: Sou eu, vou dar hoje.

(risos)

IAR: Depois eu aviso a uma e passam a informação pela comunicação dos telemóveis que vocês têm.

P: A IAR tem ideia do dia em que vão fazer os pagamentos? (1.62 - P)

IAR: Eles já estão a ensaiar, já mandei para lá os nib's quase todos, excepto o seu, e logo que tenham tudo já processado eles avisam e eu aviso a uma que tenha poder de comunicação com o telemóvel. (1.63 - IAR)

P: Em relação aos pagamentos, eu vou pedir a toda a gente que verifique bem esta transferência, porque é possível que ocorram pequenos erros que depois tenham de ser rectificadas, e estou a falar mais no caso das pessoas que estão em *lay off*, porque a formula de cálculo é complexa... (1.64 - P) nós que estamos em teletrabalho à partida não há problema, mas em relação às colegas... A., se calhar vou-te pedir ajuda com as colegas surdas, para fazeres o acompanhamento e a explicação usando LGP... (1.65 - P) para terem uma ideia, há colegas que estavam de baixa e depois entraram em *lay off*... é possível que haja alguma complexidade no cálculo...(1.66 - P) Então se não há mais questões, eu terminava a fazer um pedido específico para os técnicos e para a educativa, para se focarem em atividades que as famílias possam fazer em casa...(1.67 - P) eu julgo que a prioridade para quem tem jovem com autismo

ou quem tem jovens com multideficiência em casa pode ser organizar um horário de rotinas diárias... mas vão pensando nos meninos das vossas salas(1.68 - P). Se vocês vivessem com eles e estivessem fechados em casa... o que poderia ser útil? Se fosse eu, começava por definir um horário e depois propunha atividades(1.69 - P). A C. já colocou no *Teams* uma proposta de atividade que no fundo é uma história a contar o que é o coronavírus, e que também está em Língua Gestual, e depois tem algumas sugestões. Pareceu-me uma ideia interessante, mas tem de ser adaptada caso a caso (1.70 - P). Mas isso é algo para nós reflectirmos e na sexta-feira falamos sobre isso.

Mpf: P? Em relação a essas atividades para propor... nós temos de pensar bem que tipos de atividades vamos propor... se forem atividades escolares, os pais vão se sentir pressionados em cumprir, e se calhar não é isso que eles precisam... eles precisam é de acalmar os miúdos, gerir comportamento, e mais uma vez temos de ver caso a caso (1.71 - Mpf). Há meninos que conseguem ver um vídeo e há outros que passam o dia a gritar... temos de pensar bem nas atividades que se vão propor(1.72 - Mpf).

P: Estamos todos de acordo, é por isso que eu peço para não mandarem já as atividades para os pais... vamos refletir um bocadinho... (1.73 - P). eu tive uma reunião ontem com colegas de Educação Especial, e muitas delas trabalham em colégios privados, e outros estão no público. Então estes são alguns dos consensos... os colegas que estão no público estão a fazer mais um trabalho de consultoria técnica, ou seja, estão a apoiar as famílias... "como é que eu lido com o meu filho para fazer isto"... as dificuldades têm a ver com rotinas de higiene, alimentação, e então eles ouvem as dificuldades das famílias e propõem estratégias para que a rotina possa correr melhor... depois apostam muito no lúdico, se o menino gosta de dançar, então vamos criar um momento da dança, depois do pequeno-almoço, entre as 9:30 e as 10:00(1.74 - P). Se ele gosta de caminhar, escolher a altura em que se faz o tal passeio higiénico, se têm um cão passeiam o o cão, se não têm fazem um passeio... entre as 10:30 e as 11:00. Ajudar as famílias a desenvolver rotinas que as organizem, e depois o que acontece às vezes é fazer uma "hora do conto", um vídeo de dança... isso tem de ser adequado, como a Mpf está a dizer e muito bem, a cada uma das famílias. É essa a tarefa, adequar às famílias... (1.75 - P).

Mpf: Eu acho que nós enquanto mães já sentimos alguma dificuldade em apoiar os nossos filhos... temos de facto que ver se não vamos sobrecarregar mais os pais e de facto ajudá-los. (1.76 - Mpf).

P: Estamos todos de acordo Mpf.

L: Posso colocar uma questão? Não sei se vocês têm o contato do I. Eu não consigo falar nem com a mãe nem com a irmã... (3.21 - L)

Ma: A C. é capaz de ter...

L: Vou mandar uma mensagem à C....

IAR: Posso? O Dr. VM telefonou-me a perguntar se já estamos a processar os vencimentos ao pessoal e manda um beijinho para todas... e para todos... para o Dr. P um abraço...

P: (risos) Um abraço... muito bem... estávamos aqui a falar sobre o I. Tem alguma informação sobre o I.?

IAR: Eu telefono à mãe mas ela não me atende...

P: Nós se calhar temos de mandar uma carta, mas vamos aproveitar aquela comunicação que temos de fazer no dia 30 de abril, e mandamos-lhe a informação de que se precisarem de ajuda... é o que podemos fazer. (3.22 - P)

(...)

C: Posso dar uma sugestão?

P: Claro...

C: Por que é que nós não damos assistência online às famílias? (1.77 - C)

P: E vamos... isso vai ser uma das conclusões da reunião de sexta-feira... agora apenas algumas famílias vão conseguir aderir a isso... mas sim, vamos ter que ter várias respostas, mas como isso é uma coisa mais específica, na sexta-feira vamos falar sobre isso, está bem? (1.78 - C) Mas estás a pensar bem.

Mpf: As terapeutas vão estar presentes na sexta-feira? (1.79 - Mpf)

P: Sim... só vou dispensar as colegas do CAO. Das 10h às 11:30. (1.80 - P)

Ma: Vamos falar na reunião sobre esse apoio que a C. estava a falar? (1.81 - Ma)

P: Vamos falar sobre esse apoio, sim. Paralelamente vamos tendo conversas, isto vai dar trabalho mas vai ter de acontecer... (1.82 - P) se não há mais comentários, saúde para toda a gente, beijinhos e abraços...

IAR: Até à próxima.

P: Até breve, vamos falando...

(despedidas e fim de reunião)

ANEXO J - Análise de conteúdo da  
terceira reunião

### Análise da Reunião de 22 de abril 2020

Tema	Categoria	Subcategoria
Preocupações e práticas	1. Funcionamento interno (83 UR – 59,7%)	Organização das reuniões (8 UR – 5,8%)
		Reorganização de funções e tarefas (15 UR – 10,8%)
		Definição de prioridades, regras e princípios (27 UR – 19,4%)
		Elaboração de Documentos (22 UR – 15,8%)
		Clarificação de conceitos (1 UR – 0,7%)
		Planificação de atividades (10 UR – 7,2%)
	2. Reações emocionais (21 UR – 15,1%)	Medo de ficar infectado(a) e/ou doente (4 UR – 2,9%)
		Sentimento de insegurança/stress face à pandemia (17 UR – 12,2%)
	3. Apoios a alunos e suas famílias (22 UR - 15,8%)	Apoio alimentar (2 UR – 1,4%)
		Atenção às necessidades financeiras das famílias (4 UR – 2,9%)
		Acompanhamento personalizado (16 UR – 11,5%)
	4. Cooperação com outras instituições (13 UR - 9,4%)	Articulação com as Juntas de Freguesia (1 UR – 0,7%)
		Articulação com as CPCJ's (1 UR – 0,7%)
		Articulação com Empresas/Mecenas (1 UR – 0,7%)
		Articulação com outras IPSS (1 UR – 0,7%)
Articulação com a Segurança Social (6 UR – 4,3%)		
		Articulação com o Ministério da Educação (3 UR – 2,2%)
<b>Total de UR = 139</b>		

### Análise das UR

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
1. Funcionamento interno (83 UR)	Organização das reuniões (8 UR)	Hoje a nossa proposta é começarmos por fazer um ponto de situação, e se calhar irmos rodando por todos, e depois no segundo ponto vamos falar sobre algumas informações e hipóteses de futuro sobre maio e junho e o que vamos ter que fazer para nos adaptarmos aos diferentes cenários que podem acontecer daqui para a frente. E um terceiro ponto é mais específico da educativa, porque já há indicações mais claras sobre o que a educativa vai ter de fazer daqui para a frente. Mas se calhar começávamos por fazer um ponto de situação... R., queres começar tu? (1.1 – P)
		No fim da reunião vamos falar só sobre a educativa e depois vamos ter uma reunião na sexta-feira só de educativa, está bem? (1.20 – P)
		vai ser esse o tema da reunião de sexta-feira, como é que a parte educativa vai lidar com esta questão daqui para a frente? (1.28 – P)
		agora apenas algumas famílias vão conseguir aderir a isso... mas sim, vamos ter várias respostas, mas como isso é uma coisa mais específica, na sexta-feira vamos falar sobre isso, está bem? (1.78 - C)
		As terapeutas vão estar presentes na sexta-feira? (1.79 - Mpf)
		Sim... só vou dispensar as colegas do CAO. Das 10h às 11:30. (1.80 - P)
		Vamos falar na reunião sobre esse apoio que a C. estava a falar? (1.81 - Ma)
		Vamos falar sobre esse apoio, sim. Paralelamente vamos tendo conversas, isto vai dar trabalho mas vai ter de acontecer... (1.82 - P)
	Reorganização de funções e tarefas (15 UR)	Durante esta semana que passou, eu estive a fazer contatos com as famílias, entre outros assuntos. Conseguimos sinalizar entretanto o L. e a Y. Na segunda-feira tivemos a resposta de que eles já tinham recebido o cabaz, que eles tinham ficado todos satisfeitos. E entretanto, ontem, abriu uma nova candidatura do BPI e pronto, vamos a mais uma. (1.2 – R)
		Sim, eu acho que os colegas não têm percebido que tu tens feito um conjunto de publicações, e nós no dia 26 temos o aniversário da morte

	<p>da Madre Francisca, se pudesses fazer uma publicação... (1.25 – P)</p> <p>Pronto, nós também vamos falar aqui de um conjunto de passos que vamos fazer e depois vamos precisar do teu apoio nessa divulgação, está bem? A tua contribuição tem sido muito útil nesta fase. (1.26 – P)</p> <p>portanto, o que já fica claro é que nós temos de dar uma resposta adequada à parte educativa, e isso significa que vamos ter de fazer aquelas recomendações que já fizemos para o A., as fichinhas de recomendações como a C. começou a fazer... (1.27 – P)</p> <p>Podíamos fazer máscaras. (1.38 - Mpf)</p> <p>Sim, até porque toda a gente para entrar vai ter que ter máscaras, sejam as comunitárias, sejam as que são distribuídas às instituições. Vamos ter que ter batas, luvas... se quiserem perceber o tipo de funcionamento que nos espera, vão ver os vídeos de funcionamento previstos para os Lares de idosos, para as ERPIS, que neste momento é a referência que existe. Vai ser algo do género. (1.39 - P).</p> <p>qual é a quantidade de trabalhadores que vamos ter? Porque entre as pessoas que têm filhos em casa, que têm problemas de saúde, pessoas com mais de 60 anos, pessoas que estão em projetos, quantas pessoas nos sobram? (1.40 - Mtf).</p> <p>Neste momento, nós temos 10 alunos que estão só na educativa. Vamos ter uma reunião de educativa e definir uma estratégia de acompanhamento desses alunos (1.44 - P).</p> <p>Eu só quero dizer que a contabilidade está a tratar de processar os vossos vencimentos, está bem? É tudo através do NIB. Aqui ainda há uma pessoa que não me deu o NIB. (1.61 - IAR)</p> <p>A IAR tem ideia do dia em que vão fazer os pagamentos? (1.62 - P)</p> <p>Eles já estão a ensaiar, já mandei para lá os nib's quase todos, excepto o seu, e logo que tenham tudo já processado eles avisam e eu aviso a uma que tenha poder de comunicação com o telemóvel. (1.63 - IAR)</p> <p>Em relação aos pagamentos, eu vou pedir a toda a gente que verifique bem esta transferência, porque é possível que ocorram pequenos erros que depois tenham de ser rectificadas, e estou a falar mais no caso das pessoas que estão em <i>lay off</i>, porque a formula de cálculo é complexa... (1.64 - P)</p> <p>A., se calhar vou-te pedir ajuda com as colegas surdas, para fazeres o acompanhamento e a explicação usando LGP... (1.65 - P)</p> <p>há colegas que estavam de baixa e depois entraram em <i>lay off</i>... é possível que haja alguma complexidade no cálculo... (1.66 - P)</p> <p>Por que é que nós não damos assistência online às famílias? (1.77 - C)</p>
Definição de prioridades, regras e princípios (27 UR)	<p>A parte social tem sido muito solicitada, não pelas melhores razões, mas é o que é. E ainda bem que existe a parte social. Portanto, eu na semana passada não fiz tantos contatos quanto era habitual. A partir do momento em que soube que os voluntários contactavam as famílias para saber se precisavam de alguma coisa... as famílias sinalizadas eles encarregaram-se de dar continuidade aos telefonemas, saber como estão, o que precisam, e essas coisas. (1.3 – L)</p> <p>Significa que não vamos ter aulas presenciais da vertente educativa até ao final do ano letivo, e que a educativa com aulas presenciais só vai reabrir em setembro. Isso já está claro. (1.29 – P)</p> <p>O que é que não está claro? É que as famílias podem pedir apoio social, e nós podemos ter de abrir algum tipo de resposta socioeducativa, que não são aulas mas são apoios. Poderá ser necessário reabrir o Lar e reabrir o CAO, que são respostas sociais. (1.30 – P)</p> <p>E o que nós podemos fazer? Podemos criar limitações e condicionantes, diminuir o número de meninos por sala, assegurar que todos são testados antes de entrar. E como sabem, hoje em dia não</p>

	<p>existem testes suficientes. E isso pode ser razão suficiente para nós adiarmos este processo ainda mais algum tempo... mas este é o ponto da situação (1.31 - P)</p>
	<p>O que é que estamos neste momento a preparar? Estamos a preparar-nos para como vamos funcionar quando reabirmos... estamos num processo delicado, em que cada um de nós, individualmente, tem de tomar algumas decisões... (1.32 - P)</p>
	<p>as instituições têm de se organizar para o momento da reabertura com o covid... isto vai colocar alguns desafios... ainda não está nada fechado, vamos fazer um projeto sobre como reabrir em segurança... (1.33 - P)</p>
	<p>A questão dos testes... eu tenho ouvido situações de pessoas que fazem o teste no início e depois ficam todas no mesmo sítio. E parece que é eficaz, porque como não há entradas e saídas, elas controlam uma vez e está controlado. No nosso caso, podemos fazer o teste à entrada uma vez, mas a verdade é que depois vamos para as famílias, portanto nunca sabemos... há sempre esta questão, não é? (1.34 - A)</p>
	<p>Nós vamos tentar fazer um pouco ao contrário... ou seja, nós vamos tentar negociar e impor condições para abrir. Nós já contactámos a empresa K. para tentar arranjar um formador na área e vamos fazer nós o projeto e o regulamento, vamos mandar para a Segurança Social que depois dá um parecer, vamos mandar para o delegado de saúde para dar um parecer... a nossa estratégia vai ser de colocar algumas condições de segurança, e este processo vai demorar um certo tempo. (1.35 - P)</p>
	<p>Nós estamos em teletrabalho e estamos a receber por inteiro, mas as colegas de presencial, quem não está destacado, este mês só vai receber 2/3... (1.36 - P)</p>
	<p>Na melhor das hipóteses conseguimos atrasar a reabertura, mas onde nos devemos focar é em definir procedimentos de funcionamento. (1.37 - P)</p>
	<p>Caros colegas, em primeiro lugar, cada um de nós tem de tomar uma decisão pessoal. E quando chegar a altura tem de tomar uma posição formal. (1.41 - P)</p>
	<p>Imaginem este cenário, a Segurança Social diz "Você vão abrir dia 18 de maio", por exemplo. E nós temos de dizer "Olhe, nós temos 35 funcionários, mas desses estão 30 de baixa, portanto eu não posso abrir.". Existem neste momento bolsas de voluntários e bolsas de pessoas que estavam em outras instituições e querem trabalhar. E eles podem fazer destacamentos. (1.42 - P)</p>
	<p>Por exemplo... se eles cancelarem o <i>Lay off</i>, vocês ou estão de baixa ou estão a trabalhar... (1.43 - P)</p>
	<p>o que nós vamos fazer agora é organizarmo-nos o melhor possível. Isto vai implicar a redução do número de jovens por sala, reorganizar os horários, a questão das refeições tem de ser mudada... (1.44 - P)</p>
	<p>vamos criar um conjunto de passos intermédios e até podemos reabrir só em setembro, mas vamos reabrir mais tarde ou mais cedo. (1.45 - P)</p>
	<p>Neste momento, nós temos 10 alunos que estão só na educativa. Vamos ter uma reunião de educativa e definir uma estratégia de acompanhamento desses alunos (1.46 - P)</p>
	<p>E depois vamos criar equipas de trabalho. Tudo o que estamos a fazer é bom, mas muita coisa só vai ser implementada em setembro. Se reabirmos vamos ter de ter um regulamento específico para este período, vamos ter de ter menos meninos por sala, vamos ter de reorganizar a nossa forma de estar (1.47 - P)</p>
	<p>As Irmãs vão ter que estar mais isoladas, as Irmãs não vão poder ter contato com os meninos. Portanto, muita coisa vai ter de mudar... (1.48 - P)</p>
	<p>Mas nós temos a responsabilidade de só reabrir o instituto se um conjunto de medidas for assegurado... (1.52 - P)</p>

		<p>Vamos fazer formação interna sobre quais os procedimentos a adoptar, vamos fazer os contatos com os pais, vamos fazer o apoio <i>online</i>... Neste momento o nosso apoio social já passa as duas centenas de famílias, estamos a apoiar as nossas famílias, mas também famílias de fora, a nossa carrinha e os funcionários que estão a colaborar com a S. e a JF já apoiaram mais de 200 famílias... (1.53 - P)</p> <p>No fundo vamos tentar testar todos os que entrem antes de reabrir (1.54 - P)</p> <p>E acho que isso é indispensável... não se pode abrir sem se fazer... (1.55 - L)</p> <p>eles estão a tentar testar todos os lares do país... só a partir daí é que eles vão passar para outras fases, e nós vamos entrar numa segunda linha. (1.56 - P)</p> <p>Só para vocês saberem, na SC o CAO também está fechado, mas já se começa a falar que as respostas sociais têm de reabrir. Também quando existirem procedimentos mais claros eu posso enviar para vocês. (1.57 - SP)</p> <p>Sim, manda tudo para mim... como trabalhamos com deficiência profunda e temos a questão da comunidade das Irmãs, nós temos que ter medidas mais equiparadas às ERPIS... portanto não vamos aceitar receber pessoas com COVID-19 como outras instituições estão a fazer... o facto de trabalharmos com populações mais frágeis, vai nos proteger de termos de dar respostas que na sequência do Estado de Emergência o governo podia pedir, como receber aqui pessoas de um lar de idosos ou receber aqui pessoas que estejam infetadas ou estejam sob suspeita e tenham de ser separadas... isso está a acontecer noutros sítios. (1.58 - P)</p> <p>Mas nós, ao assumirmos já uma estratégia de apoio social, ao ceder a nossa carrinha e ao estar a fazer outras coisas... em princípio não nos vão pedir essas coisas... (1.59 - P)</p> <p>agora o que nós temos de fazer é antecipar as medidas de reabertura... tudo o que seja informação neste momento vai ser útil, portanto, SP. vai-me enviando as coisas da SC por favor. (1.60 - P)</p>
	<p><b>Elaboração de Documentos (22 UR)</b></p>	<p>Mas em relação ao resto, metade dos pareceres técnicos estão feitos, estão 4 salas e faltam 4 salas. (1.4 - A)</p> <p>São as salas sensoriais, as duas, o CAO 2 e o CAO 4. (1.5 - A)</p> <p>Ok, a minha sala já tinha a documentação pronta. Foram acrescentadas algumas outras coisas, e entretanto tenho estado dedicada à questão do projeto sensorial. (1.6 - C)</p> <p>E também a rever o projeto Institucional, e já agora peço se é possível passar aí e pegar no projeto já impresso, porque ando no computador para a frente e para trás e custa-me um bocadinho. (1.7 - C)</p> <p>Só para clarificar, eu fiz um pedido para a C. e a L. para desenvolver um projeto especial para a parte sensorial, está bem? E se calhar sugeria à L. e a F. que dessem continuidade... (1.8 - P)</p> <p>Eu vou enviar para o email do Instituto a parte que fiz entretanto, a parte do enquadramento. (1.9 - C)</p> <p>Eu, junto com a F., concluímos toda a documentação da sala. PEI's, RTP's, PIT's, horários, plano de sala, de acordo com os moldes que o P. indicou. (1.10 - Lc)</p> <p>Depois fizemos também o total das presenças e faltas. Não sabemos o que é que vai acontecer, mas de qualquer maneira já temos isso pronto... (1.11 - Lc)</p> <p>E depois tivemos a rever o que a C. tem feito, do Projeto Sensorial, que está muito, muito bom... (1.12 - Lc)</p> <p>tivemos a trabalhar também no projeto do Instituto, para podermos trabalhar junto com a C. E foi esse o nosso trabalho. (1.13 - Lc)</p> <p>Como sabes a documentação do CAO 4 já está toda feita e entregue, comecei a fazer a documentação do CAO 3 e só me falta fazer os horários individuais, o resto já está tudo concluído. (1.14 - S)</p>

		<p>Então olhem, eu continuo com a sala da IM... fiz o plano de sala, vou enviar para o P., é um bocado difícil porque eu tenho não tenho muita informação... (1.15 – N)</p> <p>Eu terminei a documentação da minha sala. (1.16 – Mpf)</p> <p>Já coloquei no Teams, depois verifica. Está lá o plano de sala, os PEI, os PIT's e os RTP's, os horários dos alunos e a agenda semanal. (1.17 – Mpf)</p> <p>É assim, eu concluí os PEI's, os PIT's e tudo mais, e já fiz as recomendações para os pais e é para vocês também analisarem para ver se está certo ou não, porque eu entrei em teletrabalho à pouco tempo. (1.18 – Crs)</p> <p>Fiz também uma grelha geral dos alunos todos, com o diagnóstico, o telefone dos pais, mais a data de nascimento deles, para ficarmos com uma grelha que fale de uma forma geral dos alunos. Porque há pessoas que estão sempre a perguntar e assim em vez de estarem à procura têm essa grelha. (1.19 – Crs)</p> <p>Tem estado a correr bem, hoje termino a sala da Mpf, e faltam-me 3 CAOs. Não estão completos, mas alguns já dei uma vista de olhos. São relatórios que já estavam mais ou menos completos e que não demoram tanto tempo como os da educativa que demoraram mais algum tempo, porque precisaram de ser mais compostos. E outros feitos de raiz, portanto... completo só está o CAO 4. Os outros CAOs é para retomar já amanhã e penso que não deve demorar tanto tempo. (1.21 – Mtf)</p> <p>Entretanto, houve um contato da parte da Casa do A., e eu pedi a colaboração da J. e fizemos um pequeno documento, com algumas recomendações gerais e estratégias para a Casa usar... vou colocar se calhar aqui no Teams... junto da pasta do A. (1.22 – Mtf)</p> <p>Eu não tenho muito a dizer, mas peguei na sala da Mpf. Como a Mtf disse estivemos de volta do A. que é um relatório que teve de ser feito de raiz, e entretanto estou a continuar na sala da Mpf. O meu objetivo até ao final da semana é terminar a sala da Mpf. Para depois passar para os CAOs que faltam. (1.23 – J)</p> <p>Também regresséi ontem das férias, estou a terminar a sala sensorial dois. E também já tive a oportunidade de ver alguns PDIs da sala da S. Espero hoje concluir a sala sensorial 2, pergunto se avanço para os CAOS, ou se avanço para a sala da Mpf. (1.24 – Mfs)</p> <p>Sim, é por isso que a L. agora tem de actualizar os relatórios sociais. (1.49 - P)</p> <p>Sim, tenho estado a trabalhar neles... mas não tem sido fácil. (1.50 - L)</p>
	Clarificação de conceitos (1 UR)	Riscos em que sentido? Saúde ou de âmbito social? (1.51 - Mpf)
	Planificação de atividades (10 UR)	<p>eu terminava a fazer um pedido específico para os técnicos e para a educativa, para se focarem em atividades que as famílias possam fazer em casa... (1.67 - P)</p> <p>eu julgo que a prioridade para quem tem jovem com autismo ou quem tem jovens com multideficiência em casa pode ser organizar um horário de rotinas diárias... mas vão pensando nos meninos das vossas salas (1.68 - P)</p> <p>Se vocês vivessem com eles e estivessem fechados em casa... o que poderia ser útil? Se fosse eu, começava por definir um horário e depois propunha atividades (1.69 - P).</p> <p>A C. já colocou no Teams uma proposta de atividade que no fundo é uma história a contar o que é o coronavírus, e que também está em Língua Gestual, e depois tem algumas sugestões. Pareceu-me uma ideia interessante, mas tem de ser adaptada caso a caso (1.70 - P)</p> <p>nós temos de pensar bem que tipos de atividades vamos propor... se forem atividades escolares, os pais vão se sentir pressionados em cumprir, e se calhar não é isso que eles precisam... eles precisam é de</p>

		<p>acalmar os miúdos, gerir comportamento, e mais uma vez temos de ver caso a caso (1.71 - Mpf)</p> <p>temos de pensar bem nas atividades que se vão propor (1.72 - Mpf)</p> <p>Estamos todos de acordo, é por isso que eu peço para não mandarem já as atividades para os pais... vamos refletir um bocadinho... (1.73 - P)</p> <p>os colegas que estão no público estão a fazer mais um trabalho de consultoria técnica, ou seja, estão a apoiar as famílias... "como é que eu lido com o meu filho para fazer isto"... as dificuldades têm a ver com rotinas de higiene, alimentação, e então eles ouvem as dificuldades das famílias e propõem estratégias para que a rotina possa correr melhor... depois apostam muito no lúdico, se o menino gosta de dançar, então vamos criar um momento da dança, depois do pequeno-almoço, entre as 9:30 e as 10:00 (1.74 - P)</p> <p>Ajudar as famílias a desenvolver rotinas que as organizem, e depois o que acontece às vezes é fazer uma "hora do conto", um vídeo de dança... isso tem de ser adequado, como a Mpf está a dizer e muito bem, a cada uma das famílias. É essa a tarefa, adequar às famílias... (1.75 - P)</p> <p>Eu acho que nós enquanto mães já sentimos alguma dificuldade em apoiar os nossos filhos... temos de facto que ver se não vamos sobrecarregar mais os pais e de facto ajudá-los. (1.76 - Mpf)</p>
3. Apoios a alunos e suas famílias (22 UR)	Apoio alimentar (2 UR)	<p>Foi sinalizado o L. e a Y. na semana passada, como a R. disse, correu tudo bem, ficaram muito satisfeitos, a mãe da Y. como já não estavam a aparecer na hora que ela previa, ligou-me a perguntar se já não iam. Depois eu disse-lhe "Olhe, só por volta das três e tal é que devem aparecer". Ela ficou toda radiante, telefonou de volta a agradecer e tudo correu bem. (3.1 - L)</p> <p>Se a MJ não tiver capacidade de resposta, nós podemos fazer um cabaz semelhante para os nossos jovens. Vamos ali ao J. que nos dá os alimentos e nós vamos levar à casa deles, não há problema nenhum. O Objetivo é que não haja nenhuma família que depois de uma semana em que peça ajuda não receba, pelo menos, um cabaz de alimentos. E isso neste momento é possível. (3.12 - P)</p>
	Atenção às necessidades financeiras das famílias (4 UR)	<p>Agora houve uma solicitação por parte da mãe do F., que já está sinalizada. Era necessário saber quando é que ele pode começar a ser apoiado. (3.2 - L)</p> <p>A avó do E. que passou a ser apoiada... a L. P.C. passou a dar-lhe 100€ no mês de Abril e 100€ no mês de Maio e logo se verá. Vai ser também apoiado pela Junta de Freguesia, da área de residência, esperamos que contemple fraldas. Estou para fazer o contato hoje para fazer um ponto da situação. (3.3 - L)</p> <p>O maior tempo foi mesmo para resolver o problema do E., que não foi fácil, visto que ele já não está a ser apoiado pelo IPO, foi preciso alguma persistência para convencer a assistente social de que o menino necessitava muito. Mas pronto, depois disso ela ligou-me a dizer que estavam encaminhados os 100€ mensais, e que lhe iam dar essa verba. (3.4 - L)</p> <p>Houve o problema que se colocou sobre como é que ela podia receber o dinheiro... depois percebeu-se mais tarde que ela tinha mesmo que assinar um documento do IPO, daí que ela foi lá. Deixou o menino com o primo e foi lá ao IPO... isto foi na sexta-feira passada, que ela foi lá receber o dinheiro e a senhora ficou toda feliz. (3.5 - L)</p>
	Acompanhamento personalizado (16 UR)	<p>A., como está a correr o acompanhamento com o J. e a A.? (3.6 - P)</p> <p>As vezes que falei com eles, eles pareceram muito bem. Tenho perguntado também à IAR., sabemos que ele está bem dentro do género, passa muito tempo no quarto. Ele tem iniciativa própria, de me mandar uma mensagem, umas vezes mesmo por videochamada e outras vezes por simples mensagem, só a perguntar se eu estou bem.</p>

		(3.7 – A)
		A A. não tenho acompanhado assim tanto... (3.8 – A)
		Sugiro que uses o whatsapp com a A., que ela vai aderir. (3.9 – P)
		Sim, sim... ela não se mostra muito motivada... ela está tranquila, sem ninguém a chateá-la, no ritmo dela... (3.10 – A)
		Ela está no quarto porque não tem mais nada do que fazer. Se lhe der outra tarefa para fazer e a acompanhar, ela está bem-disposta e faz tudo aquilo que lhe indicar. Quando não tem mais nada que fazer, estende-se na cama, está com o tablet a falar, está toda contente... (3.11 – IAR)
		Vamos ter também que fazer uma reunião por zoom com os pais e vamos escrever uma carta aos pais e vamos dar-lhes uma semana para eles responderem. Nessa reunião vamos explicar-lhes como vemos a situação e os pais vão ter de assumir uma posição (3.13 – P).
		Podem dizer “Eu prefiro que o meu filho fique em casa”, mas nós temos famílias que nos dizem que estão com muitas dificuldades e que preferiam que os seus filhos viessem para o instituto. (3.14 – P)
		Essas famílias, à partida, vamos ter de receber esses meninos. Na nossa estimativa, por volta de 30 meninos viriam logo quando reabrimos. Pode falhar um pouco, podem ser 40, podem ser 20, mas depois vamos ver caso a caso. (3.15 – P)
		Na questão das respostas sociais do Centro de Atividades Ocupacionais e do Lar de Apoio, se calhar há que analisar cada caso em particular dos utentes e os riscos que cada um apresenta. (3.16 - L)
		Os dois... vamos dar um exemplo... e mais uma vez recordo que esta conversa é confidencial... um caso social que está a surgir com uma CPCJ é o caso do DF. O DF é um jovem autista, que tem comportamentos agressivos, e neste momento agride a mãe e ele próprio. A mãe informou-nos por escrito, por email e nós encaminhámos isto para a CPCJ. (3.17 - P)
		por exemplo o caso do A., já pediu apoio social... o E., o R. ... No caso do E., do ponto de vista médico faz sentido ele ficar em casa, mas do ponto de vista social ele aqui está mais protegido e a avó tem possibilidade de trabalhar... (3.18 - P)
		Peço desculpa, a avó só faz 3 horas diárias... penso que é mais importante a saúde do E. do que as 3 horas de trabalho diárias... penso eu, não falei com ela... eu acho que teria de se ver caso a caso e falar com as famílias... (3.19 - L)
		Daquilo que eu tenho acompanhado, há famílias que fizeram um esforço para ter os meninos em casa em condições muito difíceis, e se calhar também não estão interessados em colocar os meninos na instituição se não tiverem uma salvaguarda de que foram feitos os testes... que foram tomadas todas as providências... (3.20 - L)
		Não sei se vocês têm o contato do I. Eu não consigo falar nem com a mãe nem com a irmã... (3.21 - L)
		Nós se calhar temos de mandar uma carta, mas vamos aproveitar aquela comunicação que temos de fazer no dia 30 de abril, e mandamos-lhe a informação de que se precisarem de ajuda... é o que podemos fazer. (3.22 - P)
4. Cooperação com outras instituições (13 UR)	Articulação com as Juntas de Freguesia (1 UR)	Agora vamos ver a junta de freguesia e a assistente social do IPO, se realmente vai atuar, senão vou eu contactar a Junta de Freguesia. (4.1 – L)
	Articulação com as CPCJ's (1 UR)	entretanto têm surgido algumas novidades... umas delas tem sido a relação com as CPCJ's, ou seja, começam a surgir alguns casos em que nós temos de articular com as CPCJ's, e fazer aqui alguns relatórios. (4.2 – P)

	Articulação com Empresas/Mecenas (1 UR)	há cerca de 2 semanas nós fizemos um pedido para o Grupo A. e eles responderam à cerca de 2 dias, e o Grupo A. está disponível para apoiar com alimentos e compras... ou seja, eles dão-nos uma espécie de crédito... (4.3 – P)
	Articulação com outras IPSS (1 UR)	uma vez que é o Projeto S. que está a assegurar o apoio através dos cabazes, sugiro que a gente encaminhe esse apoio para o Projeto S. A R. é que tem feito a articulação agora com a MJ, julgo que hoje vais conseguir falar com ela, e vamos tentar articular isso. (4.4 – P)
	Articulação com a Segurança Social (6 UR)	Nós fomos contactados pela segurança social a perguntar o que é que é preciso e quando é que nós estaremos disponíveis para reabrir, pelo menos a parte das respostas sociais. (4.5 – P)
		Qual é a estratégia que nós, equipa diretiva, já assumimos e já mandámos um email à segurança social? Foi de colocar um conjunto de condições para podermos reabrir em segurança. (4.6 – P)
		vamos tentar que isso aconteça só em junho, mas a segurança social poderá criar condições para que tenha de acontecer durante o mês de maio. (4.7 – P)
		Não vamos negar-nos a nada que nos proponham, porque depois ficar sem ganhar nada é muito duro. (4.10 – IAR)
		Mas vamos negociar para que a reabertura seja feita em segurança... (4.11 – P)
		Este é um caso extremo, e a colega da segurança social já estava "Mas vocês não podem ficar com ele?". E eu disse "Não, não podemos.". E expliquei porquê. Mas eles também não sabem o que fazer... (4.13 – P)
	Articulação com o Ministério da Educação (3 UR)	O Ministério da Educação assumiu que o 1º ciclo não vai reabrir este ano letivo com aulas presenciais. Mas ainda não se pronunciou ao nível das necessidades educativas especiais. (4.8 – P)
		A nível das respostas sociais, e nós somos uma IPSS, temos um acordo de cooperação com o Ministério de Educação, mas não somos uma escola, então eles ainda não sabem muito bem como lidar connosco... (4.9 – P)
		Então os alunos da educativa que não estão em Lar de Apoio não iriam para o Instituto até ao fim do ano lectivo, é isso? (4.12 – Mpf)
2. Reações emocionais (21 UR)	Medo de ficar infectado(a) e doente (4 UR)	E depois andamos em transportes públicos, é muito difícil de gerir... (2.1 – Mpf)
		com os nossos miúdos isto é muito complexo, porque eles não se sabem proteger... (2.7 – A)
		há aí as Irmãs que são uma população mais idosa... (2.8 – A)
		há os nossos filhos... enfim, é delicado. (2.9 – A)
	Sentimento de insegurança/stress face à pandemia (17 UR)	Ainda ontem recebi aqui uma informação de um país que abriu a porta e neste momento já está com um grande número de infetados (2.2 – A).
		É uma chatice, este balanço de qual é a altura certa para sair para o exterior... é muito delicado (2.3 – A)
		Acho que Portugal vai acabar por se basear nos casos que já avançaram para estas situações antes de nós, portanto acho que daqui a 15 dias vamos ter uma noção do efeito do que é abrir portas antes de termos isto um bocadinho mais controlado. (2.4 – A)
		Acho que as pessoas têm de ter um comportamento exemplar, e que temos que ver o exemplo dos outros e perceber quando é a altura certa. (2.5 – A)
		Não vai haver um momento ideal, mas há de haver um momento em que a gente sinta que isto está mais controlado... (2.6 – A)
		Ao nível da organização eles tinham falado de fazer faseado, alternado... ou seja, fazer turnos, separar os grupos de trabalho... não

		sei... (2.10 – Mpf)
		Mas nós não vamos conseguir controlar os meninos dentro da escola e a vida deles cá fora. (2.11 – Mpf)
		Eu acho que muitas famílias não vão cumprir estes cuidados... (2.12 – Mpf)
		E o contato de uns com os outros... não conseguimos controlar a proximidade de uns com os outros. (2.13 – A)
		nós não vamos poder assumir uma posição de nós não abrimos, porque se assumirmos essa posição deixamos de receber financiamento e deixamos de conseguir pagar salários. (2.14 – P)
		A previsão de vacinas, neste momento é pelo menos para 1 ano. O Governo já está a dar indicações, que mesmo o <i>lay-off</i> simplificado é possível que deixe de estar disponível para as IPSS, neste momento ainda está. (2.15 – P)
		Acho que nem devíamos estar nas salas, a minha sala é pequena... (2.16 – Mpf)
		A sala é pequena, mas também não vai ter os alunos todos... (2.17 – Mtf)
		Sim, vamos ter que reduzir... (2.18 – P)
		Sim, mas mesmo que tenhamos 3 alunos numa sala, não conseguimos manter as distâncias porque eles não estão quietos... (2.19 – A)
		Sim, mas podes testar todas as pessoas antes... (2.20 – P)
		Testas hoje, mas 15 dias depois já não tens garantia nenhuma... (2.21 – A)

ANEXO K - Protocolo da quarta  
reunião

4ª Reunião - 29 de Abril 2020

P: Bom dia a todas, estou a gravar esta reunião, mas em princípio deve ser das últimas que tenho que gravar... IAR, quer chegar-se à frente para as colegas a verem?

(...)

IAR: Bom dia, eu sou quase invisível... mas aqui já se vê... metade da cabeça (risos).

P: Já se vê um bocadinho e as colegas também já a vêem... pronto, então hoje íamos falar de algumas coisas importantes: ponto 1-Informações, ponto 2 – Vamos falar da informação para os pais, vamos falar da informação que vamos dar aos pais e da informação que vamos dar aos funcionários. Eu posso escrever no chat, se for mais fácil, e depois no ponto 4 vamos falar da resposta que vamos dar à DGESTE, e no ponto 5 – outros assuntos. Temos muita coisa para fazer hoje. Portanto, recapitulando... ponto 1 – Informações; ponto 2 – Comunicação para os pais; ponto 3 – Comunicação para os funcionários; ponto 4 – Resposta à DGESTE; e ponto 5 – Outros assuntos. Depois se tiverem outras temáticas podem integra-las aí... (1.1.-P) Portanto, ponto 1 – Informações... a R. faz anos e a IAR tinha dado a ideia de cantarmos os parabéns... (1.2.-P)

IAR: Vamos cantar os parabéns com vozes afinadinhas. (1.3.-IAR)

P: Vamos lá então...

R: Vai ser interessante...

P: Vai ser uma experiência multissensorial... vamos a isso, 1,2,3...

(todos cantam os parabéns à R. com risos e batem palmas no final).

A: P. põe aí na formação interna aulas de coro. (risos) (1.4 - A)

P: É o *delay*, a culpa é do *delay*. (risos) Ok, temos muitas informações para partilhar. Temos cartas a marcar consultas, temos aqui consultas para o F., para o E. (1.5 - P)

IAR: O F. é só em julho. (1.6 - IAR)

P: Em julho, sim. Existe uma mensagem do SEF para o J. de coisas que temos de fazer em junho, temos aí a carta que veio do Externato B. (1.7 - IAR)

IAR: Da CP...

P: Sim... para terem uma ideia do que se está a passar nos outros colégios, o B. mandou uma carta aos pais e nós recebemos também porque temos cá meninos do B. E diz assim... desde que o Ministério da Educação o impôs os alunos estão confinados em casa. Neste terceiro período escolar, os professores e os técnicos têm feito diligências para estarem em permanente comunicação com os alunos e proporcionar-lhes atividades e exercícios educativos por diversos meios, plataformas de ensino, email, telefone, videoconferência e por correio. O nosso desejo seria abrir rapidamente o externato, todavia isso só seria possível para um grupo pequeno de alunos e em rigorosa situação de segurança... portanto, eles vão acolher alunos em situações prioritárias... (1.8 - IAR)

L: Eu peço desculpa, peço desculpa... houve aqui um...

P: L. eu já recupero, deixe-me só acabar o raciocínio e depois eu faço uma síntese está bem? Senão vou ter que estar sempre a repetir.

L: Está bem, peço desculpa.

P: Pronto, então o B. o que é que diz? Diz que pode assegurar a alimentação de alunos e que está disponível para acolher alguns alunos que tenham condições sociais mais complicadas. Isto é coerente com a informação que me está a chegar de outros colégios. (3.1 - P) E no fundo vai ser um pouco esta a regra para a Educação Especial. (1.9 - P) Nós recebemos há dois dias um email da DGESTE... nós estamos ainda a organizar a informação... e é possível que tenhamos de dar resposta a alguns casos sociais... (4.1 - P) alguns desses casos já estão identificados, a L. mandou-me uma lista de meninos que estão a receber apoio social, e esses à partida serão casos que serão prioritários, e poderão, em situações bem específicas, retomar ao instituto... (3.2 - P) sendo que não vamos retomar aulas, vamos retomar com uma espécie de atividades de acolhimento socioeducativo. (1.10 - P) (...) Alguém tem alguma informação pertinente que queira partilhar com as colegas? (...) Muito bem, então nós já temos aqui um rascunho de carta para os pais... Esta é a primeira versão: Caros pais/encarregados de educação/responsáveis legais... O Instituto da Imaculada continua a monitorizar a evolução da pandemia do COVID-19 em Portugal, procurando

*fornecer a informação disponível com o máximo de antecipação possível para que as famílias dos nossos alunos e utentes se possam organizar. Existe neste momento uma expectativa de que o governo português irá definir novas directrizes de funcionamento, que irão implicar uma reabertura gradual de alguns sectores da nossa sociedade.*

(1.11 - P) Ontem, não sei se todos ouviram, o Presidente da República já assumiu que não vai dar continuidade ao estado de emergência. *O Instituto da Imaculada está*

*atento a este processo, pelo que convoca todos os pais e encarregados de educação e responsáveis legais para participarem numa reunião através da plataforma online zoom na quinta-feira, 7 de maio, às 4 horas.*(1.12 - P) Nesta reunião será abordado o

*plano de funcionamento do Instituto da Imaculada para os meses de junho, julho e setembro de 2020.* (1.13 - P) Esse plano ainda não existe, está em processo de

elaboração... já temos alguns princípios acordados... mas vamos ter de o fazer até lá.

*O Instituto da Imaculada assume também que irá permanecer encerrado pelo menos até dia 8 de maio, não estando neste momento ainda definido ainda o dia de abertura das atividades presenciais.* (1.14 - P) Com os melhores cumprimentos, e este sugiro

que seja a IAR a assinar pela Direção... e esta é a informação que vamos divulgar, provavelmente hoje... ou o mais tardar amanhã. *Até agora só dissemos aos pais que*

*estamos encerrados até ao fim do mês de abril. E os pais têm que pôr baixa para*

*assistência à família... neste momento estamos a assumir que estamos encerrados*

*pelo menos até dia 8, e ao longo da próxima semana vamos receber informações mais concretas do governo, da segurança social e do ministério da educação...* (1.15 - P) *Eu*

*e a R. vamos retomar o trabalho presencial na próxima segunda-feira, e o Instituto vai terminar o regime de lay off no mês de maio...* (1.16 - P) *agora a carta para os*

*funcionários... que deverá seguir hoje. Caros colaboradores do Instituto da Imaculada, continuamos a monitorizar a evolução da pandemia do COVID-19 em Portugal*

*procurando fornecer a informação disponível com o máximo de antecipação possível para que todos nos possamos organizar. Existe neste momento uma expectativa de*

*que o governo português irá definir novas directrizes de funcionamento, com uma*

*reabertura gradual de alguns sectores da nossa sociedade. Apesar de não sabermos ainda em que data vamos reabrir e quais as novas regras que vamos ter de respeitar,*

*é já claro que o Instituto vai reabrir de forma parcial em breve, e que temos que nos*

*preparar para essa nova realidade. Desta forma, todos os colaboradores do Instituto*

*estão convocados para participar numa reunião através da plataforma online Zoom na*

*quinta-feira, dia 30 de abril, que é já amanhã, às 10 horas.* (1.17 - P) *Esta carta vai*

seguir hoje à tarde... eu vou pôr no grupo de *Whatsapp* dos funcionários, se houver alguém que sentem que não está a receber essa informação, tentem fazer-lhe chegar essa informação... para o máximo de pessoas serem informadas desta reunião e participarem... (1.18 - P) Diz ainda aqui nesta carta: *Nesta reunião será abordado o plano de funcionamento do Instituto da Imaculada para os meses de maio, junho, julho e setembro de 2020. O Instituto da Imaculada assume também que em maio não irá ter a modalidade de lay off, pelo que desta forma, todos os trabalhadores presenciais, têm que se apresentar no Instituto da Imaculada em horário a combinar individualmente, de forma a não juntar um grupo grande de pessoas. Quem não o fizer tem de justificar a sua ausência nos termos previstos da lei.* (1.19 - P) O que é que tem de ficar claro? (...) Vai ser possível manter o teletrabalho, sendo que vão começar a surgir situações pontuais... por exemplo, eu estou em teletrabalho e estou aqui, portanto apesar de a base ser em teletrabalho, poderão ser solicitados para fazer atividades presenciais, conforme as necessidades que vão surgindo. (1.20 - P) Os colegas que estão em trabalho presencial não têm essa opção. E eu vou pedir a vossa ajuda para que eles percebam quais são as alternativas que têm e depois tomem escolhas informadas. (1.21 - P) Portanto, as alternativas que eu conheço neste momento são as seguintes. Uma pessoa tem um contrato de trabalho e a instituição reabre. Tem que se apresentar presencialmente seguindo as indicações... (1.22 - P)

R: A partir de 1 de maio...

P: Dia 1 é feriado, logo dia 4 será o primeiro dia. Nós vamos explicar isto na reunião e se houver alguém que não consiga estar, que é possível que aconteça, vamos fazer grupos na segunda-feira dia 4, em que eu e a R. vamos ter que estar a gerir esses grupos, em que vamos esclarecer como é que as coisas vão funcionar, e vamos dar quase como trabalhos de casa. (1.23 - P) As pessoas vêm cá na segunda-feira, recebem alguma informação, como é que vamos funcionar daqui, e vão ter alguns trabalhos de casa, documentos que vão ter de ler, etc. Na segunda semana de maio, nós vamos começar a nossa formação interna (1.24 - P). Estamos em negociações para essa formação ficar pronta, ainda não está, mas vai estar... portanto a segunda semana de maio vai ser de formação e vamos ter grupos presenciais e vou tentar que também exista um grupo *online*... (1.25 - P)

IAR: As que vierem tem que se saber com antecedência por causa do almoço. (1.26 - IAR)

P: Sim, nesta segunda-feira temos uma previsão de 15 a 20 pessoas, que são as pessoas que estão em trabalho presencial. (1.27 - P) Vocês não terão de vir, poderá haver uma ou outra exceção que a gente depois fala à parte... (1.28 - P) A informação que na segunda-feira vai ser transmitida é no fundo informação que nós não conseguimos transmitir através das reuniões *online* e é informação muito específica sobre estas colegas que têm trabalho presencial... vão surgir dificuldades muito específicas (1.29 - P). Portanto a segunda-feira é apenas para elas se apresentarem ao trabalho, e definirmos um plano individualizado de como é que elas vão fazer. Depois vão receber tarefas para fazer em casa, mais de leitura de procedimentos de segurança... e depois, na segunda semana de maio vai ser a formação... (1.30 - P) só é previsível haver entrada de meninos a partir de dia 18. Pode ser a partir de dia 18 ou depois disso. (1.31 - P) Porque está dependente dos serviços da saúde conseguirem testar todas as pessoas que estão cá e todas as que vão entrar, e termos acesso aos equipamentos de segurança necessários (4.2 - P). Nestas duas semanas vou pedir a vossa ajuda para fazer uma triagem da informação pertinente... muita informação vai surgir, peço-lhes que façam uma triagem dessa informação e aquela informação que for pertinente, façam-na chegar. (1.32 - P) Aquela que não é pertinente, ajudem-nos nesse processo de triagem. E pronto, este é o plano. Vamos mandar hoje a carta para os pais e a carta para os funcionários, já assinamos uma senha para a Zoom para não termos o limite dos 40 minutos e termos um mês da plataforma Zoom à nossa conta. (1.33 - P) Já ontem eu e a R. fizemos alguns testes e correram bem. (1.34 - P) Questões, dúvidas?

Mpf: Eu tenho duas questões. Em relação ao regresso ao trabalho, se seria possível nós todos reduzirmos o horário de trabalho... eu estou a pensar em formas de haver menos riscos... pensei nisto... (1.35 - Mpf)

P: Vamos por etapas. A primeira etapa vai ser identificarmos as pessoas que vêm trabalhar, esse vai ser o passo 1. O passo 2 de redução, de turnos... é pouco provável, porque o nosso horário de referência é o horário do CAO, que é das 9:30 às 17:00. (1.36 - P) E em relação ao COVID, a rotação de pessoas aumenta o risco. Portanto a recomendação é não haver rotação de pessoas. Portanto... considerando o número de baixas que estamos a antecipar, é muito pouco provável que seja possível haver redução dos horários de trabalho... mas vamos ver (1.37 - P).

Mpf: Está bem, está bem. Outra questão que eu também pensei é que eles estão a fazer testes a todos os lares de idosos de Lisboa, nós não podemos ser considerados também um Lar? (4.3 – Mpf).

P: É esse o plano. Assim que eles terminem os testes aos Lares, o que é suposto demorar mais uma semana ou duas, nós estamos na segunda linha. (4.4 – P). Eles começaram hoje a fazer limpezas às escolas, portanto antes de nós abriremos eles vêm cá e fazem uma limpeza profunda, aplicam os testes às pessoas todas na semana antes, e dão os equipamentos de segurança. Nós vamos fazer pressão para que isso aconteça. A partir do momento em que isso acontece, nós somos obrigados a abrir. (1.38 – P)

L: Pois, mas sem isso... (1.39 – L)

P: Sem isso... há níveis intermédios... ou seja... podemos pedir apoio à Junta ou a Câmara, e algumas Câmaras e Juntas têm feito isso. Nós não podemos dizer *se isto não acontece, a gente não vai abrir*. Podemos é dizer, *se isto não é possível, nós propomos isto*. (1.40 – P) O nosso objetivo é que toda a gente seja testada e toda a gente tenha equipamentos de segurança. Agora, se o governo não nos dá, talvez a Câmara possa dar, podemos pedir a um mecenas, temos alguns parceiros como a G., o B... (1.41 – P) espero que as coisas apareçam de um lado ou de outro... de uma forma ou de outra essas soluções vão ter de surgir. O que nós vamos fazer é prepararmo-nos para lidar com esta realidade quando tivermos cá os meninos... e vamos ter que nos reorganizar a nível de horários, a nível da gestão das salas... e esse será o trabalho da semana da formação (1.42 – P). E há uma parte em que somos nós a construir... as pessoas da sala vão construir a dinâmica da sala, vão ter tempo para reorganizar a sala. Vão ter que estar cá, antes dos meninos, e vamos reorganizar o espaço (1.43 – P). Se na outra reunião falávamos de 5 jovens e 2 adultos por sala, agora temos que olhar para a sala e pensar em como reorganizamos as salas para ter mais ou menos uma distância de segurança... junho, julho e setembro são meses em que vamos ter uma forma de funcionar completamente diferente. 5 meninos por sala, 2 adultos... (1.44 – P) a recomendação aos pais vai ser que neste momento é mais seguro estar em casa, mas se precisarem nós vamos criar aqui algumas respostas. (1.45 – P) E considerando que estamos com vinte e tal famílias a serem apoiadas, na educativa menos, mas no total umas vinte... pelo menos esses casos temos de receber. (1.46 – P) E depois podem haver outras

situações, famílias que se organizam muito bem, mas se calhar precisam que o filho fique aqui uma semana... (1.47 – P) eu vou falar com os pais na reunião e vou sugerir que quem puder ficar com os filhos em casa até junho que fique, que é para nos dar tempo...(1.48 – P) a primeira semana vai ser a semana mais complicada, a primeira semana que abrimos... porque vai ser estranho para todos. Portanto... vamos ter de vir antes dos meninos... (1.49 – P) por agora continuamos em teletrabalho, mas quem vai estar em intervenção directa vai ter de vir alguns dias da semana antes... para organizar o espaço, para se organizar, para acertarmos horários e dinâmicas... E depois é a gestão do dia. (1.50 – P) O que é que é importante que todas as pessoas clarifiquem agora nestes próximos dias? Como é que querem gerir estes próximos meses...(1.51 – P) Quais são as vossas opções? Há pessoas que vão meter baixa por assistência à família... clarifiquem isso para nós nos organizarmos, nós temos de saber com quantas pessoas é que vamos contar no terreno. Eu estou a prever que pelo menos 6 salas vão ter de estar a funcionar, para mantermos cerca de 20... (1.52 – P)

IAR: E não vai haver Lar de Apoio a funcionar? (1.53 – IAR)

P: A nossa proposta é que o Lar de Apoio não funcione até setembro, porque o Lar de Apoio, na sua origem, foi de apoio à vertente educativa... (1.54 – P) o que é que eles podem pedir... o que é que é expectável? Eles identificarem dois ou três casos em que a família não se consegue organizar... estou a pensar no E., no R., ... e eles podem pedir para que eles fiquem cá. (3.3 – P) A ideia é que o Lar de Apoio não volte a abrir com 22 vagas. Nós tivemos a fazer medições, e para mantermos as distâncias de segurança, nós teríamos que reduzir para 18... e é essa a expectativa para o próximo ano. (1.55 – P) O Lar vai ter de reduzir o número de pessoas. Isso implica que a Segurança Social faça um recálculo do valor que atribui a cada utente... portanto isto vai dar muita volta... (1.56 – P) Em junho e julho, a minha previsão é que eles nos peçam para ficarmos com 3 ou 4 meninos no Lar de Apoio... se surgirem essas situações vamos estudar caso a caso... (3.4 – P) O que é que é provável? É o CAO abrir e alguns meninos da educativa virem passar o dia das 9:00 às 17:00, depois com a carrinha e os transportes pode ser um bocadinho mais tarde. E esse provavelmente será o nosso junho e julho. (1.57 – P) E em setembro com o Lar também. É importante irmos amadurecendo estas ideias, porque quando isto for tranquilo para vocês, vai ser

mais fácil ser tranquilo para os vossos colegas, que não têm acesso a esta informação até agora. (1.58 – P)

Ma.: Na reunião passada tinhas falado para se pensar em propostas para haver rotatividade dos alunos pelas salas, pelas atividades... mas agora disseste uma informação que pode ser um bocadinho contraditória. (1.59 – Ma)

P: Tens razão Ma. a evolução da reflexão vai nesse sentido, de teres grupos estanques... (1.60 – P) nós já cancelamos a atividade do *Mexe Comigo*... já avisei a S., falei com ela ontem, já mandamos um email para a Câmara, estamos a fechar essa situação...(1.61 – P) Estamos a considerar a hipótese do professor de Educação Física, do professor P., ele já se mostrou disponível para colaborar connosco em junho e julho, de ele poder ter uma atividade para pequenos grupos, por exemplo grupos de sala, e ele apoiar um pouco à distância a atividade que é assegurada pela sala. (1.62 – P) Imagina que vamos fazer um passeio ali na tapada. Quem tem de ir tem de ser o monitor da sala, o auxiliar e depois o professor P. em apoio. É obvio que o professor P. vai ter de ter formação, vai ter de usar equipamento de segurança, e não vai poder estar a ter o contato que se calhar tinha dantes quando ensinava os miúdos a saltar do trampolim. Eu acho que pode ser útil existir alguma atividade externa para quebrar a monotonia da rotina da sala... (1.63 – P)

Mpf: Nós podemos continuar a ter momentos fora de sala? (1.64 – Mpf)

P: Claro, claro... (1.65 – P)

Mpf: Podemos ir ao recreio? (1.66 – Mpf)

P: Claro, é saudável ir ao recreio. (1.67 – P)

Mpf: Mas, ou seja, não pode haver encontros, é isso? (1.68 – Mpf)

P: As directrizes passam por não haver grupos superiores a 10. Portanto, o que faria sentido é cada sala ter um horário específico, comendo juntos, ir ao recreio juntos, fazer a atividade juntos. Isso é algo que nós ainda estamos aqui a pensar. (1.69 – P) Não vai ser possível fazer a rotação da hora de almoço como a gente costumava fazer, ok? Ainda não temos as respostas sobre qual é a melhor solução, estamos a tentar ver o que se está a fazer em outros sítios. (1.70 – P) Uma das coisas que estamos a perceber é que vocês consigam assegurar uma forma de entrar diferente. (1.71 – P) Estamos a tentar arranjar uma forma de vestiário para trocarmos de roupa e

vestir os Equipamentos de Proteção assim que entramos, e o mesmo no processo de saída... estávamos a conversar sobre a hipótese de criar ali um espaço na salinha de entrada... (1.72 – P)

IAR: Eu pensei no palco... (1.73 – IAR)

P: O palco pode ser uma zona de vestiário a ser utilizada... ou seja, nós vamos ter que mudar... quase tudo. (1.74 – P)

R: O palco fica do outro lado do Instituto... assim temos de atravessar o Instituto todo. (1.75 – R)

P: Sim... vamos ter tempo para ver o que funciona e não funciona. (1.76 – P)

Ma: Ou a enfermaria... tem casa de banho para podermos lavar as mãos e meter o material de proteção. (1.77 – Ma)

P: Vamos fazer isto passo a passo... há decisões que se tentamos tomar agora, quando ainda não temos as directrizes do governo, depois vamos ter de estar a voltar atrás. O que temos agora é uma espécie de calendário, o momento para tomar essas decisões é a segunda semana de maio... (1.78 – P) quais são os factores que vamos levar em linha de conta? Vamos levar em linha de conta as recomendações e directrizes do governo, e a forma como isso vai chegar à Segurança Social, à Educação e a nós. (1.79 – P) E muito provavelmente vamos ter de seguir a referência da SC... vamos tentar ativar o grupo da Deficiência da Rede Social de Lisboa, e deverão existir directrizes comuns para Instituições como a nossa. (1.80 – P) Não vamos estar sozinhos... será esse o processo... Dia 4 de maio as pessoas vão ter de assumir uma posição. Vou dar um exemplo, a D... vai retomar o estágio CEI+ no dia 4 de maio. É uma decisão pessoal da D. Fiz alguma pesquisa e não parece haver nenhuma relação que indique que a epilepsia aumenta o grau de risco face ao COVID, portanto não tenho nenhuma razão para lhe negar este estágio... (1.81 – P) e esta é uma situação com que vamos ter de conviver pelo menos durante um ano... temos mesmo de arranjar estratégias para lidar com isto... (1.82 – P) ok, mais questões?

Mpf: Ontem ouvi a ministra do trabalho a dizer para quem tem filhos... as escolas agora estão encerradas até ao fim do ano... que até ao fim do ano se pode apresentar aquela declaração... que eles apresentaram quando as escolas encerraram. (1.83 –

Mpf) De qualquer forma informem-se melhor, mas acaba por ser outra opção, para além da baixa, da assistência à família... (1.84 – Mpf)

P: Têm é que ter presente que são cerca de 66% do ordenado, sendo que garantem o ordenado mínimo. (1.85 – P)

Mpf: É 66% do ordenado, a assistência à família é 100%, mas são só 30 dias... (1.86 – Mpf)

L: Exatamente. (1.87 – L)

(...)

P: Pronto, é isso que vocês têm que definir e têm que nos informar... para contarmos as pessoas que estão disponíveis. Se for preciso ir buscar pessoas, vamos buscar pessoas, se não for preciso, não vamos. (1.88 – P)

Ma: Posso só colocar uma questão? Talvez a L. consiga ajudar... a baixa de assistência à família... não é colocada quando há doença? Ou pode ser colocada quando não há doença? (1.89 – Ma)

L: A baixa por assistência à família é colocada quando há doença... ou uma hospitalização... (1.90 – L)

Ma: Então quer dizer que essa não é uma possibilidade. (1.91 – Ma)

L: A baixa por assistência à família depende do médico... só se tem direito a 30 dias por ano, ou então, se for um internamento, é o tempo que estiver internado. (1.92 – L)

Ma: Ok, obrigado.

L: De nada.

P: A segurança social disse que ia montar linhas de apoio, esclarecimento de dúvidas por videoconferência, portanto se houver uma caso muito específico, nós pomos por escrito, mandamos para a segurança social e eles respondem. E a coisa fica clarificada. (4.5 – P) Muito bem, mais alguma questão em relação a isso?

C: Só uma questão, nós quando começarmos a trabalhar temos de ter proteção... as nossas batas, sinceramente, não vão proteger imenso... (2.1 – C)

P: Estamos todos de acordo, para começarmos a trabalhar temos todos que ter equipamentos de proteção. (2.2 – P)

C: Como usam nos lares de idosos, tal e qual o equipamento hospitalar. (2.3 – C)

P: Pronto... o equipamento a ser definido... neste momento a referência é o equipamento usado nos lares de idosos. Nós vamos estar dependentes da lei que venha a sair para a reabertura, mas neste momento a expectativa é máscara, luvas, avental... e ainda se fala de proteção de cabeça, viseira e de protecções de pés, mas isso ainda não é bem claro... (1.93 – P)

C: Quem é que nos fornece esse material? (1.94 – C)

P: Vocês vão receber esse material, ainda não é claro quem é que o vai fornecer, se vai ser a Câmara, a Junta, a Segurança Social... mas será fornecido. (1.95 – P)

A: P, viste no site da OPP as recomendações para os cuidadores de pessoas com deficiência? (1.96 – A)

P: Tenho estado a ver, mas não sei se estás a falar de alguma coisa específica. (1.97 – P)

A: Eu descarreguei mas ainda não vi...

P: Eu tenho estado a ver...

A: Vou dar uma olhada também.

P: Ok... outra informação é que o estágio da V. vai recomeçar também no dia 4. A V. também nos vai ajudar a fazer a ligação com essas recomendações e com a OPP.

(1.98 – P) E uma das áreas será apoiar os funcionários neste regresso... (1.99 – P) muito bem, mais alguma questão? Vamos avançar para a DGESTE?

C: Só uma questão, amanhã é para participar na reunião de pais? (1.100 – C)

P: Eu vou voltar a explicar, amanhã não é reunião de pais, amanhã é reunião de funcionários. E sendo uma reunião geral de funcionários, todos vocês podem participar. (1.101 – P) Hoje à tarde vou estar com a R. a fazer o agendamento, depois vamos enviar para os vossos emails e contatos. (1.102 – P) Vocês, sendo funcionários podem, e se calhar devem, participar... A reunião vai ser no fundo passar a

informação da carta que eu vos li e que também vai ser enviada... e depois tentar explicar... (1.103 – P)

IAR: A que horas vai ser essa reunião? (1.104 – IAR)

P: Às 10h. Eu vou estar aqui com a IAR às 10h e nós abrimos a reunião, ok? (1.105 – P)

IAR: Recomendo outra vez, quem vier tem de avisar com tempo para o almoço. (1.106 – IAR)

P: Sim, mas estes colegas a vir é no computador. Estes colegas comem em casa que é a comida mais saudável. (1.107 – P)

IAR: Não está sujeita a vírus. (risos) (1.108 – IAR)

P: Já agora... alguma informação que me tem chegado. A maior parte das novas infecções tem surgido em casa... (2.4 – P) A nossa estratégia aqui no Instituto vai ser baseada em criar o máximo de distância de segurança, na utilização de equipamentos de segurança, estamos a pensar em verificar a temperatura à entrada, um processo de desinfeção, troca de roupa, etc... estes são os cuidados que estão a ser feitos noutros sítios... (1.109 – P) e assim que surgir uma situação suspeita, a pessoa ou as crianças serão imediatamente isoladas, e vamos tentar criar um protocolo que nos permita testar as pessoas rapidamente. (1.110 – P) Ou seja, a partir do momento que existe reabertura... eles já sabem que vão aparecer mais casos... nós temos de proteger as pessoas com mais de 70 anos, por isso a Congregação vai ter que ter um circuito separado do nosso. (2.5 – P) E depois, se surgir, ou quando surgir um caso suspeito, nós fazemos isolamento e vamos tentar fazer um acordo para que seja imediatamente testado... (1.111 – P) se surgir um caso, faz-se o isolamento, testam-se as pessoas em volta e vemos se não há mais, se surge mais do que um caso, fecha-se outra vez tudo até ser possível reabrir em segurança... se o país aumentar agora durante o mês de junho e julho... se calhar volta a fechar tudo outra vez. (1.112 – P) Mas julgo que havia mais questões?

Mpf: Sim P, eu queria... eu estava aqui a pensar. Eu acho que era importante que cada aluno que regressa, nós percebermos o contexto em que eles estão, o percurso que fazem até à escola, se vêm de transportes, se não vão... para termos um bocadinho de noção... e nós também, nós funcionários... (2.6 – Mpf)

P: Estamos de acordo... o que é que está a ser pensado a esse nível? Nesta fase, se for possível, não usem transportes públicos. Se tiverem que usar transportes públicos, têm que usar sempre máscara e luvas, e depois chegam aqui e trocam essa máscara e essas luvas. Os próprios transportes públicos já diminuiram a lotação... (1.113 – P) em relação aos nossos meninos, vamos falar com todos... vamos ver caso a caso. (3.5 – P) A primeira recomendação é que sejam os pais a trazer-los. Nas situações em que os pais não os podem trazer, o transporte ou é assegurado por nós, e vamos ter que reduzir o número de meninos na carrinha, ou é assegurado pelos transportes sociais das Câmaras e das Juntas. (1.114 – P) Que também vão ter de reduzir o número de meninos nas carrinhas. Aqueles que conseguem usar uma máscara poem a máscara... e outros não vão conseguir usar. Vamos apostar no distanciamento... não estarem ali juntinhos na carrinha. (1.115 – P) Mas antes de reabrirmos, a própria SC vai emitir directrizes... risco zero não existe... (2.7 – P)

L: P, não sei se tem fundamento aquilo que vou dizer... falei com a minha médica conforme lhe tinha dito... quando os espaços são reduzidos... os funcionários podem trabalhar uns de manhã e uns de tarde. Eu estou a referir-me ao nosso gabinete, por exemplo. (1.116 – L)

P: Em relação ao nosso gabinete nós temos outra estratégia, o gabinete fica no máximo só para duas pessoas, e as outras duas pessoas vão ter outro espaço. (1.117 – P)

L: Não sei se terá as dimensões... (1.118 – L)

P: Tem, tem... acho que temos é que ter uma distância de 2 metros... (1.119 – P)

L: Bem, era para partilhar esta ideia que ela me falou...

P: Sim... mas nós não temos uma estrutura que permita uma rotação... pensem em funções em que só temos uma pessoa. Temos uma assistente social, temos uma psicóloga, temos uma terapeuta ocupacional... vou rodar com quem? (1.120 – P)

L: Não, rodar no espaço. (1.121 – L)

P: O consenso é que a rotação de espaços aumenta o risco porque aumenta o número de contactos. Ou seja, cada um deve ficar no seu espaço o mais isolado possível e devemos definir regras de higiene... (1.122 – P) por exemplo, a pessoa ao entrar usa

um spray e um pano descartável, passa na mesa de trabalho, deita fora o pano e só aí é que começa a trabalhar. E no fim do dia é a mesma coisa... (1.123 – P)

L: O que eu estava a dizer e ela falou era uns trabalharem de manhã e os outros trabalharem de tarde. (1.124 – L)

P: Eu percebo o princípio... aplica-se em outras situações... com a informação que eu tenho acesso... nós temos outras soluções que são mais eficazes, nomeadamente estar cada um no seu espaço (1.125 – P). Muito bem, vamos avançar para a lista da DGESTE? Têm mais alguma questão?

Lc: P, o que eu queria saber era em relação à formação. Como vai ser? (1.126 – Lc)  
Não escutei...

P: Pronto, deixem-me então fazer uma síntese. Conforme expliquei, mas acredito que alguns possam não ter ouvido devido a problemas da internet, a formação ainda está a ser planeada. O que já está definido é que a formação será na segunda semana de maio, uns colegas vão fazer a formação presencialmente... eu vou tentar que seja possível que o turno da tarde seja feito online, ok? (1.127 – P)

Lc: Ok.

P: Agora... não vai ser possível que seja tudo feito online, porque parte da formação inclui a adaptação dos espaços, as pessoas que vão fazer trabalho presencial vão ter que vir fisicamente ao Instituto, pelo menos parte do tempo, para podermos fazer a adaptação do espaço. (1.128 – P)

Lc: O P é quem vai definir os grupos? (1.129 – Lc)

P: Isso vai ficar definido durante a primeira semana de Maio... e quais são as variáveis? Primeiro vamos receber as baixas de todas das pessoas que vão optar por ficar em casa. E depois vamos ver as pessoas que temos. (1.130 – P) Vamos também perceber junto aos pais quem é que quer que os seus filhos venham. Neste momento, o que está encima da mesa, são os 37 meninos do CAO. Mas nós vamos falar individualmente com os pais do CAO e vamos fazer recomendações, há pais do CAO que se calhar podem ficar com os filhos em casa, pelo menos nesta primeira fase. (1.131 – P) E eventualmente podemos até dar apoio remoto a eles, que é mais seguro. (1.132 – P) Portanto, vamos tentar baixar o número de meninos que apoiamos nesta fase para um número mais próximo dos 20. E depois, gradualmente, ir reabrindo. Se

calhar, em junho e julho já podemos chegar aos 30. E se calhar, em setembro, já podemos estar mais próximos dos 40 ou dos 50. Depende de como nos organizarmos.

(1.133 – P)

S: P, ontem eu já tive a falar com os pais dos meus meninos, e tenho 5 que seria melhor eles virem para a escola. (3.6 – S) A T., o P., o E., estão a ficar muito stressados por estarem em casa... (2.8 – S) o JM, falei com a mãe dele que disse que vai falar com o pai, mas provavelmente só vão querer que ele regresse à escola em junho, porque a Dr. C. está ainda em teletrabalho, mas provavelmente aí nos finais de maio já vai dar algumas aulas presenciais. (3.7 – S) O OP também tem um comportamento assim mais complicado, porque também está contido, e o M. preferia que ele voltasse, mas depende de ele ter transporte para a escola, portanto 5 dos meus querem vir (3.8 – S). Os outros, os pais não querem, preferem que fiquem em casa. A única pessoa com quem eu não consegui falar, e tentei o pai e a mãe, foi a T., os outros falei com eles todos. (3.9 – S)

P: Ok, isso já nos dá pistas sobre o que vai acontecer na sua sala. (1.134 – P)

S: Sim, por isso é que eu fiz isso ontem para tentar organizar... (1.135 – S)

P: Então vamos dar aqui um exemplo para as colegas ficarem com uma ideia mais clara. É provável que no dia 18 você abra com esses 5 e que tenha uma outra auxiliar... Portanto no dia 18 você entra, faz a mudança da roupa, põe os equipamentos de segurança, tem os seus meninos em sala, depois é só combinar a rotina da sala, e ao fim do dia eles vão para casa e você vai para casa. (1.136 – P)

S: Sim, eles já estão organizados, mas também tenho uma questão do pai do P. que quis saber quanto é que ele tinha de pagar para o mês de maio. (1.137 – S)

P: Em relação ao mês de maio, nós ainda não sabemos. O que é que nós definimos? Nós definimos que no mês de março os pais tinham um desconto de 25%. No mês de abril tinham um desconto de 50%. Se a data de 18 se mantiver, por coerência, faz sentido eles terem um desconto de 25%, que foi o princípio que aplicámos em março.

(1.138 – P)

S: Ok, temos de confirmar isso com ele, porque ele gostaria de pagar. (1.139 – S)

P: Isso será confirmado apenas na reunião dos pais, no dia 8, portanto de amanhã a 8... amanhã é com os funcionários, 1 semana depois é com os pais. Só aí é que

vamos confirmar isso, porque só aí é que vamos ter uma data de abertura, está bem?

(1.140 – P)

S: Ok, ótimo. Obrigado.

P: De nada. Avançamos para a DGESTE? Vamos a isso. Temos aqui uma lista de alunos... (1.141 – P) IP... C.?

C: Sim?

P: Conseguiste falar com a mãe? O que é que a mãe diz? (3.10 – P)

C: Consegui falar com a mãe, eu enviei o apanhado... (3.11 – C)

P: Eu sei, mas é mais rápido se disseres e eu vou preenchendo. (1.142 – P)

C: A mãe diz que a IP não está a dar muito trabalho, para além da questão do peso, ela está um bocadinho mais gordinha, tem estado bem-disposta. A principal dificuldade da mãe, tal como noutras famílias dos meninos lá da sala, não tem haver com os meninos propriamente ditos, neste caso não tem haver com a IP, tem haver com a gestão do resto da casa.(3.12 – C) Ela em teletrabalho, o pai em teletrabalho, e o mano em isolamento, o que se torna sempre mais difícil. A IP não lhe põe problemas de especial... a mãe tem muito receio do regresso, diz que quando estão em casa estão bem... a IP é uma menina de risco, como é que será o regresso dela. (3.13 – C)

P: A nossa sugestão é que o regresso seja só em setembro... (3.14 – P)

C: Sim... o que eu percebi é que a mãe, tendo possibilidade, preferiria que a IP continuasse resguardada em casa. (3.15 – C)

P: Ok, então em relação à IP vamos fazer só um contato uma vez por semana, só para fazer um ponto da situação, ok? (3.16 – P)

C: Diga-me só uma coisa, esse contato é para ser feito por vocês, por mim? Só para não estarmos aqui a... (1.143 – C)

P: É a sala, fazes tu o contato, está bem? (1.144 – P)

Mpf: Desculpa lá, esse contato é como? É telefónico? Ou é de mandar atividades? Não percebi bem. (1.145 – Mpf)

P: Vamos lá a ver... vocês podem escolher. (1.146 – P) No caso da IP eu acho que faz mais sentido ligar. É o que a mãe quer. C, concordas? (1.147 – P)

C: Sim, sim, até porque a mãe precisava um bocadinho de falar. (1.148 – C)

P: No teu grupo, Mpf, se calhar faz sentido apostares no grupo whatsapp, que já conversámos sobre isso. E isso é válido como um contato. (1.149 – P)

Mpf: Temos de falar sobre isso, porque também senti que com alguns pais estava tudo bem e também estão assoberbados com outras questões, como o teletrabalho... e eu também acho que tenho que pensar muito bem sobre isso. Acho que o contato telefónico é uma coisa positiva, mas enviar atividades para casa... tenho de pensar muito bem sobre isso. (1.150 – Mpf)

P: Mas não tens de enviar... por exemplo, neste caso a C. não vai enviar atividades para a IP. (1.151 – P)

Mpf: Mas o grupo da C. é diferente... (1.152 – Mpf)

P: Ok... não estamos a dizer coisas diferentes, eu acho que estamos de acordo. Imagina que tens o teu grupo de sala no whatsapp... tal como nós no grupo do teletrabalho que temos de ir fazendo pontos de situação, tu pelo menos uma vez por semana tens que fazer isso no teu grupo de sala, e já estás a cumprir o critério de haver um contato não presencial uma vez por semana, que é o mínimo... (1.153 – P) bem, deixem-me continuar aqui. O mesmo critério aplica-se à S., não é? (1.154 – P) S. que fez aninhos ontem, estava tão gira.

C: Sim... no fundo, de um modo geral... na sala os meninos estão tranquilos em casa. Os meninos que têm irmãos, são os irmãos que neste momento estão a causar mais dificuldades às famílias. É o caso da S., do R... (3.17 – C)

P: C, eu tenho uma lista de 30 e tal alunos e tenho que a seguir um a um, está bem? (1.155 – P)

C: Ah, estava só a resumir... (1.156 – C)

P: Eu sei, mas como eu tenho que preencher esta lista, tenho que ser um pouco chato. (1.157 – P) Portanto, em relação à S., o acompanhamento vai ser 1 vez por semana? A mãe já assumiu comigo que vai ficar com ela em casa, e a previsão é que regresse

em setembro. Estamos todos de acordo? Boa. (3.18 – P) E em relação ao GB? (3.19 – P)

C: O GB foi o que a mãe levantou mais dificuldades. Manifestou uma certa vontade de que ele regressasse à escola, uma vez que ela vai iniciar o estágio curricular em creche no mês de Maio e Junho. (3.20 – C)

P: E se negociarmos com a mãe ele regressar só em junho? Assim temos um período de adaptação... achas que era possível? (3.21 – P)

C: O regresso dele em junho? Vou conversar com a mãe nesse sentido... e outra coisa que podia ficar clara, como é a modalidade? Ele vai e volta? O GB é um menino interno... (3.22 – C)

P: De preferência ir e vir... o Lar vai estar fechado até setembro. Poderemos criar condições para pernoitar em algumas situações, mas neste caso, ele até fica bem com a mãe, o problema era o transporte, e o transporte se calhar eu consigo arranjar. (3.23 – P)

Ma: Desculpem só meter-me... mas será que a mãe vai mesmo de estágio? (3.24 – Ma)

P: Está previsto as creches abrirem... (3.25 – P)

C: As creches vão abrir. (3.26 – C)

P: E tal como a D. está a retomar o estágio... os estágios vão reabrir. (3.27 – P)

(...)

P: Vamos tentar negociar com ela, perceber que o GB é uma criança com risco acrescido, é mais seguro ficar em casa. Se ela disser “não tenho condições para o ter em casa”... ok, pelo menos não venha em maio, para nós nos adaptarmos. E quando vier, que não fique a dormir, vem só passar o dia... e estás a falar com ela uma vez por semana, também? (3.28 – P)

C: Falei com ela no final da semana passada. (3.29 – C)

P: Ok, e agora? Qual é o nosso protocolo? Vamos actualizar a informação uma vez por semana? (3.30 – P)

C: Sim, até porque no caso da mãe do GB sinto que é uma pessoa que está mais preocupada em voltar a colocar o GB na instituição. (3.31 – C)

P: Vamos sugerir que o regresso seja feito o mais tarde possível, nunca antes de junho, pode ser? (3.32 – P)

C: Ok... ir e vir? (3.33 – C)

P: Sim, ir e vir. (3.34 – P)

C: Relativamente ao transporte, se ela colocar essa questão posso dizer para ela falar consigo? (3.35 – C)

P: Sim, sim... (3.36 – P)

Ma: Na sequência disto do GB, deixa-me só fazer uma pergunta... o GB é um dos casos que está a receber apoio do cabaz, não é? (3.37 – Ma)

L: Não, o GB não está. (3.38 – L)

P: Mas olhe que ele está na lista... (3.39 – P)

L: Só se eu me enganei, às vezes faço confusão com o GE. (3.40 – L)

P: Então este é o momento para confirmar isto. Eu tenho que mandar esta informação para o Ministério da Educação. O GB está a receber apoio social? Sim ou não? (3.41 – P)

L: Não está. (3.42 – L)

P: Não está, ok.

Ma: Mas posso fazer a pergunta à mesma. O que é que acontece às famílias que estão a receber o cabaz a partir do momento em que começam a frequentar a escola? (1.158 – Ma)

P: Vamos ter que fazer uma análise para ver se se mantem a necessidade de apoio social ou não. Se a família disser que sim, têm direito a continuar a receber o cabaz. Se a família disser que não, não recebem. (1.159 – P)

Ma: Mas eles estando a frequentar o instituto... (1.160 – Ma)

P: O cabaz é para a família, não é só para a criança... (1.161 – P)

Ma: Não é isso, muitos deles se calhar os pais vão começar a trabalhar e são capazes de não dizer que já não precisam desse apoio, digo eu... (1.162 – Ma)

P: Para receberem apoio têm de assumir que têm carência social. Se a família disser “Eu agora começo a trabalhar e já não preciso”. Se disser “Eu preciso” e justifica de forma correta continua a receber. (1.163 – P)

L: Quase todos os que estão a receber o cabaz estão no limiar da pobreza. Quem ganha o salário mínimo enquadra-se nesses parâmetros. (1.164 – L)

P: Pronto... eu tenho aqui uma tabela e tenho que responder sim ou não. O GB é não... eu agora vou acelerar um bocadinho senão não vamos chegar ao fim. O PS... C? (1.165 – P)

C: O PS está bem, eles estão neste momento numa moradia nos arredores de Lisboa, com espaço ajardinado. Conseguem fazer o isolamento com possibilidade de apanhar ar. O PS tem estado bem, não tem tido crises, está a disfrutar da presença dos manos... ele já passou 6 anos, quase 7, em casa, pelo que estar com ele em casa não é novidade para a mãe. A mãe agradeceu o contato, pediu para eu vos enviar um beijo muito grande para a equipa. (3.43 – C)

P: Pronto, muito bem. Contato uma vez por semana, só para dar um beijinho, ver como estão as coisas, e em Setembro vemos como estão as coisas. O PS é um dos meninos com maior grau de risco nesta fase... (3.44 – P)

C: Felizmente tem uma família que pode suportar esta situação toda... (3.45 – C)

P: Graças a Deus, ainda bem. O C... já é da L... nós não vamos falar do pré-escolar nesta fase... (1.166 – P)

C: Ok.

P: L.? F.?

F: A L. entrou em contato com as mães dos alunos da sala e perguntou se eles precisavam de algum apoio. E elas disseram que tudo o que viesse da escola, qualquer apoio... elas iriam agradecer. A mãe do C. vai estar em casa a dar apoio a ele e queria continuar. (3.46 – F)

P: A pergunta que eu tenho de fazer a todos é a seguinte: Chega uma vez por semana, ou precisa de ser duas vezes por semana? Vamos simplificar o processo. Com o C., vão falar com a mãe dele uma vez ou duas vezes por semana? Qual é a sua opinião F? (3.47 – P)

F: Eu acho que uma vez por semana é suficiente. (3.48 – F)

P: Uma vez, ok, vamos seguir. E o C. está a receber apoio social, não é? (3.49 – P)

L: Está, está. A mãe ontem mandou-me uma mensagem a dizer que tinha recebido e a agradecer. (3.50 – L)

P: Agora temos de fazer outra questão: Quando é que o C. volta à escola? O que é que é previsível? Junho? Setembro? (3.51 – P)

Ma: Eu também queria passar uma informação a quem falar com a mãe do C. (3.52 – Ma)

P: As pessoas que vão falar uma vez por semana são as pessoas da sala, pode ser a F. ou a L.. (3.53 – P)

Ma: É só porque eu não sei qual é o *timing*... (3.54 – Ma)

P: O *timing* vai ser na próxima semana... do que eu conheço da situação do C., se calhar é previsível que ele volte em junho. O que é que vocês acham? (3.55 – P)

F: A mãe prefere ficar com ele em casa... (3.56 – F)

P: Então vamos apontar para setembro, é isso? (...) O C. está a receber apoio social, vai receber um contato uma vez por semana e é previsível que ele volte em setembro, a não ser que surja uma situação social que exija que ele volte mais cedo. Faz sentido? (3.57 – P)

L: Estão a ouvir? Em relação ao C... ele está bem, tem uma rotina normal, faz o *standing*, a mãe estava trabalhando mas agora está de baixa e vai continuar porque a filha que estava a cuidar do C. não consegue assegurar as necessidades do C. Então a mãe disse que preferia ficar de baixa e assim vai continuar. O que me deu a entender foi que aceita qualquer ajuda que a escola possa fornecer, mas não sinalizaram nada. Se as técnicas também pudessem uma vez ou outra... por causa das mudanças... (3.58 – L) no caso do R. também... então se houvesse algum apoio

técnico, as mães também ficariam gratas, principalmente no caso do C. e do R. (3.59 – L) ... Estão ouvindo?

P: Sim, ficou muito claro, posso fazer uma síntese?

L: Pode...

P: O que eu percebi do C. foi o seguinte. A mãe neste momento está em casa... e terá a ideia de ficar com o menino em casa até setembro. O que é que pode mudar? Junho e julho. Vamos acompanhar a situação de perto, e se surgir necessidade, nos recebemos o menino cá durante o dia, faz sentido? (3.60 – P)

L: Ele também não é do Lar. (3.61 – L)

P: Sim, é verdade... pronto, nós temos de assumir uma estratégia para cada caso e esta é a nossa estratégia para este caso, está bem? (3.62 – P)

L: Ok P.

P: E agora vamos para o R. (3.63 – P)

L: O R. e a mãe estão bem, agradecem imenso o apoio que a escola tem dado, agradece a cadeira também que foi emprestada, o R. faz o *standing*, faz o que é preciso fazer, os exercícios dele, mas tem é dificuldade em andar. A mãe diz que é mesmo uma questão da anca, da doença dele se estar agravando... ele tem muita vontade, caminha, está-se alimentando muito bem, está até gordinho... tem o irmão em casa e um faz companhia para o outro. A mãe diz que vai voltar ao trabalho agora. (3.64 – L)

P: Vai voltar quando? (3.65 – P)

L: Agora em maio. No início de maio ela diz que retorna ao trabalho. E quem vai ficar com ele é uma menina, uma prima que está lá, que está com ela agora. Essa prima está fazendo um curso em Coimbra e foi exatamente nessa interrupção que essa prima está com ela. Não sei o que é que vai acontecer depois. (3.66 – L)

P: Vamos tentar propor o regresso em junho, pode ser L? (3.67 – P)

IAR: E o R. dorme cá. (3.68 – IAR)

P: Em relação à dormida, era preferível que ele pudesse ir e vir todos os dias. Só se nós não conseguirmos arranjar solução é que ele ficaria cá... vamos tentar que ele

não fique cá... só se a mãe disser que não tem condições para o ter em casa... Neste momento estamos numa situação excepcional... portanto vamos tentar que o R. venha só em junho, e vamos tentar que ele vá dormir a casa. (3.69 – P)

L: E o C. também, em junho? (3.70 – L)

P: O C. é setembro... mais cedo só se a situação se complicar. Está bem? (3.71 – P)

L: Ok P. (3.72 – L)

P: Portanto agora tem de manter um contato mínimo uma vez por semana com estas famílias. O T., o que é feito do rapaz? (3.73 – P)

L: O T... senti que a mãe estava mais ansiosa. Ela diz que o T. está bem, que trabalha com ele dentro do possível, ela trabalha num infantário, mas que gostaria muito que ele voltasse à escola. (3.74 – L) Entretanto, tem receio... e as outras mães também. (2.9 – L) Ele está bem, pelo que eu entendi, ele fica uma semana com a mãe e outra semana com o pai. (3.75 – L) Mas como ela está com os dois, o T. e o irmão do T., que tem necessidades ainda maiores do que o T., diz que está muito ansiosa porque não consegue sair com o T., nem para fazer um passeio para fazer a higiene mental... (2.10 – L) para onde quer que ele vá ele põe tudo na boca... mas fora disso ele está bem, vê televisão, ela vai fazendo alguma atividade... e ficou muito contente de termos contactado. E disse que se a escola puder dar algum tipo de apoio, ela fica felicíssima... porque está mesmo precisando. Eu acredito que essa mãe... e a gente sente, ela está muito cansada. (3.76 – L)

P: Existe uma resposta que nós ainda não temos, que se chama descanso do cuidador, a L. Já me falou várias vezes dela... (3.77 – P)

L: Sim, sim.

P: E poderá fazer sentido nós criarmos uma resposta para alguns casos a esse nível. E então, eventualmente, escolher ali umas duas semanas em julho... e eventualmente propor isso à mãe... se calhar nas duas últimas semanas de julho já vamos ter meninos que se calhar vão de férias e conseguimos reduzir o número de meninos... acha que isso poderia fazer sentido? Podemos pensar nisto com mais calma... (3.78 – P)

Lc: Eu acho que sim, o que ela me disse foi que gostaria que o T. fosse para a escola, porque está muito cansada... além do T. ainda tem o outro... e eu acho que essa mãe foi a que eu senti mais... a precisar de um SOS. (3.79 – Lc)

P: Ok... agora vou ter de acelerar um pouco e vou pedir um poder de síntese, senão não vamos conseguir cobrir os casos todos que temos de cobrir (1.167 – P). Em relação ao T. estamos a dizer que vai contactar pelo menos uma vez por semana, vamos propor à mãe o regresso às aulas só em setembro, e vamos tentar encontrar um período de descanso do cuidador, talvez em julho... mas ainda temos de perceber em que formato, porque isso ainda não existe. Tem de ser algo que vamos ainda organizar. Faz sentido? (3.80 – P)

Lc: Eu penso que sim...

P: Vamos então avançar para o F... (3.81 – P)

Lc: O F. está com a C. (3.82 – Lc)

C: A J. é que fez o contato... (3.83 – C)

Ma: Mas falo eu porque a J. está off... mas ela está ao telefone comigo.

P: Se puseres a chamada em alta voz junto do computador devemos conseguir ouvi-la.

J: Não sei se me conseguem ouvir?

P: Sim.

J: Em relação ao F. eu vou ser muito rápida. Para já o F. está a receber todos os cuidados, apesar de ter dificuldade em saber como mobilizá-lo e que atividades fazer com ele de forma a não pôr em risco a sua segurança... (3.84 – J) essa é a dificuldade deles... depois se calhar falava um bocadinho contigo P., para perceber um bocadinho melhor que posição podemos tomar, porque é um caso muito específico. Então se calhar falávamos depois... (3.85 – J)

P: Ok, só queria assumir aqui o compromisso de haver, pelo menos, um contato por semana... (3.86 – P)

J: Eu vou estar em contato com a A. pelo menos uma vez por semana, até porque fiquei de mandar uma lista de recomendações para eles... até para termos *feedback* da situação... (3.87 – J)

P: Ok, e a retoma à escola e ao Lar só em Setembro é tranquilo para a A.? (3.88 – P)

J: É assim... o caso do F. é um caso muito específico. Se calhar temos de conversar um bocadinho melhor depois. (3.89 – J)

P: Ok... mas eu tenho de assumir algumas posições com o Ministério da Educação... podemos usar o mesmo critério que estamos a usar para o C... se a A. assumir que não tem capacidade de estar com ele, podemos criar uma resposta específica... ou fazer uma visita domiciliária... há aqui alguns mecanismos que podemos ativar, mas se calhar, neste momento, vamos assumir setembro, revendo a situação, está bem? (3.90 – P)

J: A questão é aquilo que tu consideras ter ou não capacidade de prestar cuidados... (1.168 – J)

P: Não sou eu que tenho que assumir, tem que ser a Instituição a assumir essa posição. O F. é menor e está a cargo do Estado. O Estado delegou na A. a responsabilidade legal. Portanto, se a A. assumir perante o Estado que não tem capacidade, então tem que se gerar uma nova resposta, se eles não assumirem isso, eles assumem a responsabilidade. (1.169 – P) Nós vamos apoiar a A. e as outras instituições o máximo que conseguirmos, mas não podemos sobrepor-nos a eles. Tal como um pai ou uma mãe, eles é que têm que dizer “eu preciso de ajuda, consigo ou não consigo...” e é em função disso que nós conseguimos depois arranjar alternativas. (1.170 – P)

J: Estou 100% de acordo... a questão é se pode haver alternativa, percebes? Aquilo que nós definimos como fim de linha não é o mesmo que eles definem... (1.171 – J)

P: Neste momento, nós não somos resposta de Lar... talvez até setembro... Não temos educativa nem Lar... e é isso que vamos dizer à A. e aos pais todos... (1.172 – P) bem, vamos avançar... a JS? Lc? Também é sua, não é?

F: A JS parece ser a mais organizada. Tem rotinas, está com os pais, está com o irmão, tem hora de ginástica... (3.91 – F)

- P: Então pelo que eu percebi, estão a falar com ela e está tudo bem. Falam com ela uma vez por semana e volta só em setembro, é isso? (3.92 – P)
- F: Sim, os dois casos que poderiam ser só em setembro, seria só a JS e a D. (3.93 – F)
- P: A D. é um caso mais bicudo, porque se me recordo bem este é o último ano, certo? (3.94 – P)
- R: Sim... (3.95 – R)
- F: Mas a mãe não pensa muito nisso... (3.96 – F)
- P: O que vamos dizer à mãe da D.? A educativa vai estar encerrada até setembro e ela está inscrita em lista de espera para o CAO. Se houver vaga nós chamamos, mas a D., em princípio, já não volta. (3.97 – P)
- F: Está bem. (3.98 – F)
- P: Então pelo menos uma vez por semana vocês ligam, podem dar algumas ideias de atividades, das rotinas... e tudo o que seja o futuro da D., a mãe da D. tem o meu número direto, ela que me ligue e esclareça as dúvidas... (3.99 – P) vamos avançar, o E., vocês estão a falar uma vez por semana... vamos tentar que ele volte em junho? (3.100 – P)
- L: Eu tenho falado todos os dias. (3.101 – L)
- P: Sim, mas este contato é para a educativa. Você fala todos os dias porque é a questão social... (3.102 – P)
- L: Sim, sim...
- P: Continue, não há problema. Mas a sala tem que falar uma vez por semana, até para não sobrecarregar a senhora que fala comigo, fala consigo, com outras colegas... ok, então vamos propor ao E. regressar em junho? (3.103 – P)
- L: Eu acho que sim. (3.104 – L)
- P: Eu vou tentar arranjar transporte para ele ir e vir... a avó está organizada, se a gente o puser lá à porta dele, a avó organiza-se. Assim voltava ao Lar só em setembro, junho volta só durante o dia... (3.105 – P) ok, o A.? (3.106 – P)

Mpf: O A. é da C.

P: Sim... C.?

C: É assim... eu falei com os pais... está tudo bem, ele brinca com os irmãos, ajuda lá em casa... mas não perguntou nada acerca de voltar para a escola nem nada. O A... (3.107 – C)

R: É o último ano também... (3.108 – R)

P: O A... falas uma vez por semana com ele? (3.109 – P)

C: Eu só comecei a fazer chamadas na semana passada. (3.110 – C)

P: Mas está tudo certo, antes disso foram as férias da Páscoa. (3.111 – P)

R: Antes disso eu fiz o contato. (3.112– R)

P: Então o que estamos a dizer é que o A. já não volta, é isso? (3.113– P)

C: Eu acho que é melhor, porque como ele anda e como vai nos transportes... temos de analisar esta situação, porque ele vai de transportes com o pai, e vai a pé até à Instituição. E é uma grande dificuldade para ele em termos de equilíbrio... anda muito a pé... (3.114 – C)

P: Está bem.

C: Posso avançar para os outros meninos? (3.115 – C)

P: Sim, para o Ed. (3.116 – P)

C: O Ed. A mãe diz que está tudo bem, está tudo controlado dentro do possível... ela diz que tem uma prima que apoia em casa, que lhe vai levar as compras, porque a mãe também não pode sair à rua porque tem problemas cardíacos e é de risco... (3.117 – C) e a mãe perguntou quando é que a Instituição ia abrir. E eu disse que isso é uma coisa que temos de falar em direcção e em equipa para ver quando é que vamos abrir... (3.118 – C) e como sabemos o Ed. Também é uma situação de risco, e a mãe tem consciência de que o Ed. Tem uma situação de risco... é o babar, é o espirrar... mas ela tem feito atividades com o menino... desenhos, jogos no tablet... eu não tenho dado recomendações... (3.119 – C)

P: Sim... eu agora preciso de combinar a estratégia de regresso... o Ed. regressa em setembro? Parece-te bem? (3.120 – P)

C: Sim. (3.121 – C)

P: Pronto, o Drt... (3.122 – P)

R: Último ano... (3.123 – P)

P: O Drt é o último ano de educativa... é possível que ele tenha vaga para o CAO, mas essa vaga só se vai ativar em setembro... fica em casa e volta em setembro para o CAO, porque em princípio vamos ter vaga, porque ele é dos primeiros da fila... pode ser? (3.124 – P)

R: Primeiro temos o T. e depois temos o Drt. (3.125 – R)

P: Sim, mas entram os dois. (3.126 – P)

C: A mãe diz que ele tem estado bem, mas está um bocadinho farto de estar em casa. Quer ir visitar os avós, quer ir para a escola... (3.127 – C) a mãe vai passear com ele de carro, só para dar uma voltinha... experimentou meter-lhe uma máscara, mas o menino arranca a máscara a toda a hora. Não quer nada com a máscara... (3.128 – C) tem feito atividades com o pai, porque a mãe trabalha... a mãe faz as compras e o menino fica acompanhado com o pai. Quando a mãe regressa está com o Drt, e o Drt ajuda nas tarefas em casa, e tudo mais... tem alturas em que a mãe está a arrumar e ele a desarrumar... (3.129 – C) a mãe pede propostas para trabalhar com o Drt em casa... e eu disse à mãe que íamos ver e íamos mandar documentação para casa. Ela tem visto vídeos e fotografias que tenho estado a partilhar com a mãe... desde que nós tivemos as aulas presenciais... e é tudo do Drt que eu tenho. (3.130 – C)

P: Ok, muito bem. Pronto, em relação ao Drt... ele volta em setembro para o CAO, eu depois falo com os pais para ver os procedimentos... vais contactar uma vez por semana, mas podes disponibilizar fichas de atividades facultativas, está bem? (3.131 –

P) Podes até falar com a F. e a Lc. e vocês as três têm muitas atividades... fazer fichas de atividades... e fazer uma espécie de base de dados de fichas de atividades que podem circular entre vocês, a mãe do Drt vai querer fichas com fatura. (3.132 –

P)

Ma: Queria só fazer um apontamento em relação às recomendações... no manual de doenças raras, que a C. fez o *download* e pôs lá no grupo, eu tive a dar uma vista de olhos, e uma das coisas que diz é que para os autistas se deve evitar a exposição excessiva às tecnologias. (1.173 – Ma) E eu acho que deveria ser uma boa recomendação, para deixarmos as tecnologias para momentos de lazer e não para atividades propostas, para não haver muita sobrecarga, senão eles não conseguem fazer a distinção, porque o acesso à tecnologia depois cria aquele vício, não é? Pois até a transição para a escola fica mais complicada... (1.174 – Ma)

C: O problema da tecnologia é que há muitos pais que dizem que os médicos querem que eles usem a tecnologia, jogos de causa e efeito, para poderem trabalhar a fala. Mas os pais têm esse acompanhamento, e têm jogos adaptados para isso. (1.175 – C)

Ma: Mas isso é uma coisa, fazer atividades muito direccionadas, outra coisa é, por tudo e por nada utilizarem tecnologias, eu acho que devia ser uma recomendação, haver se calhar um limite de horas... (1.176 – Ma)

C: O sentido de lhes contar histórias é uma forma de ajudar os pais... a tecnologia vai ajudar... (1.177 – C)

Mpf: Temos de ver se os pais podem acompanhar as atividades ou não, porque estar a passar atividades em que os pais têm de estar ali ao lado deles... eu acho que nem todos os pais podem... temos de pensar naquilo que mandamos e a quantidade que vai para casa... (1.178 – Mpf)

P: Eu vou ser o mais claro possível. Indicações para o apoio remoto aos pais: Ponto 1. As atividades são todas facultativas – já tivemos esta conversa várias vezes, isto é um dado adquirido, não temos que voltar a este tema sistematicamente, as atividades são todas facultativas, os pais fazem se quiserem, se acharem que não é adequado não fazem. (1.179 – P) Ponto 2. Percebo a validade da discussão das tecnologias, mas agora não vamos explorar esse debate. A nossa recomendação é de atividades curtas, o filme que a C. mandou tinha no máximo 5 minutos... menos, cerca de 3 minutos. (1.180 – P) Portanto, quando se manda *links* de histórias, normalmente estamos a falar de pequenos filmes do *youtube*, não estamos a falar de longas metragens. São coisinhas pequeninas, facultativas... cabe a cada uma de vocês, na relação direta com a mãe, ou com o pai, ir adequando. (1.181 – P) No caso da mãe do

Drt... imagino que vá pedir um bocadinho mais, e não há problema nenhum em dar um bocadinho mais... (3.133 – P)

C: É uma ajuda... (3.134 – C)

P: Pronto, acho que estamos de acordo... vamos para o E. (3.135 – P)

C: Falei com a mãe, que diz que está em *lay off*, ela trabalha num Lar, e diz que o E. tem estado bem... brinca e vai ter com os irmãos... e é só isso que eu tenho. (3.136 – C)

P: A minha pergunta é: Ela pode esperar por setembro, ou vai ter que retomar mais cedo? (3.137 – P)

C: Acho que sim, mas eu também não sei se ela vai começar a trabalhar... (3.138 – C)

P: Então vamos pôr setembro, se ela voltar a trabalhar recebemo-lo durante o dia. Faz sentido? (3.139 – P)

Mpf: Se o R. vier... (3.140 – Mpf)

IAR: Em vez de ficar a dormir aqui vai para casa, não é? (3.141 – IAR)

P: Sim, vai e vem... o Lar vai ficar fechado. Só se surgir uma situação muito especial é que temos alguém aqui a dormir. (3.142 – P) Ok... e o F.? (3.143 – P)

C: O F. tem estado bem... tem feito atividades em casa com a mãe... ajuda a mãe em casa... e tem sido positivo. (3.144 – C)

P: Também pode esperar por setembro? (3.145 – P)

C: Ele em casa está bem, está descansado... sim, pode ser. (3.146 – C)

P: Ok... e a Y.? (3.147 – P)

C: A Y. a mãe diz que está bem... mas de vez enquanto tem de sair com ela, quando ela entra em stress... a mãe agradece imenso o cabaz, tem ajudado, e é só isso que eu tenho da mãe... mas a mãe também não fala muito porque eu não chego a perceber se ela percebeu ou não percebeu... (3.148 – C)

P: O que é que a mãe faz? (3.149 – P)

L: **Eu já a vou entendendo... eu repito aquilo que ela diz e peço-lhe para confirmar.**

(3.150 – L)

P: **Mas qual é o trabalho da mãe?** (3.151 – P)

L: **A mãe está desempregada. Acabou o contrato durante a gravidez...** (3.152 – L)

P: **Então vai ficar em casa e a Y. também. Volta em setembro, pode ser?** (3.153 – P)

L: **Pronto, ela está sem trabalhar.** (3.154 – L)

P: **Pronto, ok. Estas situações podem ser revistas caso haja uma dificuldade da família e a família diga algo como “eu preciso de descansar um bocadinho”.** (3.155 – P)

R: Sim...

P: O L...

C: **O L. está gordinho. Eu fiz uma videochamada para o L. ter acesso...** (3.156 – C)

P: **O L. está gordinho? Boa!** (3.157 – P)

L: Então não têm o que fazer, comem (risos).

(Risos)

C: **Está tudo bem com ele, na altura em que eu falei com ele, estava a mãe a ir à farmácia. Entretanto, a mãe abriu o vídeo para eu falar com o L. que olhou muito estranho, o que é que é isto? (risos).** (3.158 – C)

P: **C, ele pode voltar só em setembro?** (3.159 – P)

C: **Poder pode...** (3.160 – C)

L: Posso?

P: Pode.

L: **A mãe do L. começou a trabalhar... o trabalho dela também não lhe dará grande flexibilidade para ficar até setembro... não sei, digo eu.** (3.161 – L)

P: **Qual é o trabalho?** (3.162 – P)

C: **O L. tem uma irmã. Que fica com ele, às vezes.** (3.163 – C)

L: **Tem uma irmã? Desconheço... não, são só eles os dois.** (3.164 – L)

C: Só se estou a confundir... (3.165 – C)

P: Vamos simplificar... a recomendação para a mãe do L. é que ele volte em setembro... se percebermos que a mãe precisa de trabalhar, vamos recebe-lo... a partir de junho. Pode ser? (3.166 – P)

IAR: E ficava cá a dormir? (3.167 – IAR)

P: Nesta fase não. Ele vai e vem. Nesta altura para alguém ficar cá a dormir, é porque a família está mesmo desorganizada... (3.168 – P)

C: Falei entretanto com a mãe do GB... expliquei-lhe a situação, ela estaria interessada, independentemente de fazer estágio ou não em maio ou junho, porque também não sabe se as creches abrem ou não... em maio ficaria com ele mas estaria interessada que em junho ele frequentasse a escola. (3.169 – C) Segundo a neurologista, ele está muito agitado pela falta de contato com os colegas. Já está ciente que, se ele vier em junho, não fica cá a dormir, mas a mãe depois organiza-se nesse sentido. (3.170 – C)

P: Está bem, ok. Obrigado C. Estávamos a falar do L., vamos propor à mãe que ele volte em setembro, se a mãe disser que precisa de ir trabalhar, a gente recebe-o a partir de junho. Pode ser? (3.171 – P) (...) Ok, em relação ao A.? (3.172 – P)

Mpf: Já tínhamos falado, está tudo bem, eles agora estão a seguir as recomendações que as terapeutas deram... para que ele faça mais atividades ao longo do dia... está tudo bem, tem algumas crises, mas não de forma regular... está tudo a correr bem. (3.173 – Mpf) Não sei se aceitam que ele volte em setembro... (3.174 – Mpf) eu tenho um bocado a ideia de que as instituições... em relação ao A. era um menino que nunca faltava... não sei, eu não falei sobre isso... de qualquer forma pode-se propor isso, vir em setembro. (3.175 – Mpf)

P: Pronto, essa é a nossa proposta inicial, com as instituições, se for necessário fazemos uma reunião à parte, já fizemos uma reunião com a FS. por exemplo. (1.182 – P) As instituições que não concordem, podem marcar connosco e com a responsável de sala, uma reunião via zoom, ou via o que for, e discutimos o caso específico, mas a proposta é receber só os “casos sociais”. Uma casa de acolhimento já é uma resposta social, portanto... (1.183 – P)

Mpf: É verdade, no fundo é uma instituição... (3.176 – Mpf)

P: Exatamente, é diferente. Então fazemos assim, se eles estiverem muito atrapalhados, marcamos uma reunião só com eles, está bem? (3.177 – P)

R: Eles pareceram-me estar um bocadinho atrapalhados quando eu falei com o educador M. (3.178 – R)

P: Pronto, então marcamos a reunião para depois. As instituições não serão convocadas para a reunião de pais e familiares, senão vai ser muito confuso... (1.184 – P) o Ar?

Mpf: O Ar. está com o pai e os dois irmãos. Também está tudo bem. Ele está bem durante o dia, brinca muito com os irmãos, está em constante movimento, ou seja, aquela necessidade que ele tem de correr, de se mexer... ele anda pelo corredor, os irmãos jogam à bola e ele corre atrás da bola... (3.179 – Mpf)

P: Este pai não trabalha? (3.180 – P)

Mpf: Ele deu-me a entender que não... o pai foi um pouco evasivo, “está tudo bem, está tudo bem”... (3.181 – Mpf)

P: Ok... então propomos ao pai do A. que ele volte em setembro? Se ele entretanto precisar de apoio social acolhemos o menino mais cedo, durante o dia só. Pode ser? (3.182 – P)

Mpf: Sim, está bem. (3.183 – Mpf)

L: Mpf? Consegui finalmente falar com o pai. (3.184 – L)

Mpf: Consegui? E então? (3.185 – Mpf)

L: Ele já cá está desde janeiro... (3.186 – L)

Mpf: Quando a mãe foi para Angola, o A. ficou logo com o pai... ficou com o pai desde janeiro. (3.187 – Mpf)

P: Vamos acompanhando a situação, pelo menos uma vez por semana... (3.188 – P)

Mpf:... Eu tenho falado com o apoio, para ver se existem algumas necessidades... mas proponho que ele venha em setembro, e se tiver alguma necessidade de apoio... (3.189 – Mpf)

P: É isso mesmo. O CA? (3.190 – P)

Mpf: O CA tem estado bem, muito acarinhado e bem cuidado pela mãe. Não tem tido crises, aquelas crises... está tudo normal... mas come muito, está a aumentar o peso. Mas tirando isso está bem. Então ele só volta em setembro... ou não? (3.191 – Mpf)

P: Ou não. Lá está, o CA está no último ano... (3.192 – P)

Mpf: A mãe está com essa esperança... (3.193 – Mpf)

R: Mas eu acho que não vai acontecer... (3.194 – R)

P: Ela pode falar comigo, eu não sei em que número é que ela está, em número 4 ou número 5... (3.195 – P)

R: Deixe-me ver... tenho aqui a lista... o CA é o número 4 da lista. É o T. e o Drt., depois está o Alb. e depois é que está o CA. (3.196 – R)

Mpf: E achas que é importante eu falar com a mãe e lembrar... (3.197 – Mpf)

P: Podes dar-lhe o meu número e ela fala directamente comigo. Eu já lhe disse isso várias vezes, e neste momento o que é previsível, é saírem 2 do CAO e entrarem 2. Neste momento, os primeiros da lista são o T. e o Drt. é isso que é previsível... há aqui alguns meninos que falham um bocadinho... portanto, temos que ver... (3.198 – P)

Mpf: Eu falo como ela para depois entrar em contato contigo, é melhor... (3.199 – Mpf)

P: Sim... então o CA... vai ficar em casa... 3.200 – P)

Mpf: Sim, a mãe disse que ele fica, ela está muito preocupada, tem receio, portanto ela disse que ele fica até setembro. (3.201 – Mpf)

P: Ok, muito bem... o Crt? (3.202 – P)

Mpf: O Crt... também está tudo bem... gosta muito de brincadeiras com água, com objetos com movimento. O Crt. lá é o mesmo que aqui na escola. (3.203 – Mpf) Estão a ter dificuldade em leva-lo à casa de banho, ou seja, em treinar o desfralde, ele não aceita ficar na sanita... a escovagem dos dentes... dificuldades sentidas também aí na escola. (3.204 – Mpf) Aceitam as recomendações, e penso que faria sentido ser da mesma forma que se faz para o Agl. (3.205 – Mpf)

P: Está bem.

Mpf: E pronto. Também não falei nada do regresso. (3.206 – Mpf)

P: Setembro. Parece-te bem? (3.207 – P)

Mpf: Sim, eu entro em contato com eles e digo-lhes isso. (3.208 – Mpf)

R: Posso fazer aqui um aparte... eu ao meio-dia e meia tenho que ir com a minha filha às vacinas...

P: está bem, estamos quase a acabar...

IAR: E tem que ir comer o bolo, hoje é dia de comer o bolo.

R: Eu andei dois dias a ligar para o Centro de Saúde para conseguir a marcação...

P: R., se tiveres de sair, dás beijinhos a toda a gente e depois à tarde falamos mais um bocadinho. Nós continuamos, está bem?

R: Ok, e depois falamos pelas duas, duas e um quarto, pelo zoom?

P: Sim... algo do género, depois combinamos.

R: Pronto, um beijinho, até já.

(várias pessoas dizem adeus)

P: Portanto... Car...

Mpf: O Car. também está bem, tem o dia bastante ocupado, está sempre a fazer coisas. Ocupa-se no pátio a brincar com o cão, anda de bicicleta, joga playstation, ajuda a mãe... aparentemente está tudo bem. (3.209 – Mpf) A mãe está em teletrabalho, o pai está duas semanas fora e uma semana em casa... acho que é assim... mas está tudo bem. (3.210 – Mpf)

P: O Car. também já não volta. (3.211 – P)

Mpf: Já não volta... eu falei com o pai à um tempo atrás, que disse que ainda não tinha arranjado nenhuma instituição lá na zona deles. Eu disse para falar com vocês, mas acho que não falou... (3.212 – Mpf)

P: Também não temos muito que fazer nesta altura... (3.213 – P)

L: O Car. é Setúbal, não é? (3.214 – L)

Mpf: Sim... imagina que o pai arranjava forma de o trazer e buscar todos os dias... não sei... eu gostaria muito que p Car. continuasse na nossa Instituição. Sou sincera... (3.215 – Mpf)

P: Mas é pouco provável... (3.216 – P)

L: Eles moram muito longe... (3.217 – L)

Mpf: Mas vou falar novamente com a mãe e pergunto como está a situação dele para setembro, para o futuro dele... (3.218 – Mpf)

P: Muito bem... e o GE? (3.219 – P)

Mpf: O GE... foi a mãe que eu senti mais cansada, a mãe está sozinha, o pai não está cá... ela tem mais 2 filhos que estão em telescola e ela diz que está a ser muito difícil acompanhá-los. (3.220 – Mpf) O GE parece que é o que está a dar menos trabalho. Fica a ver televisão, fica no computador, a comer muito... portanto... (3.221 – Mpf)

P: Regressar em junho? (3.222 – P)

Mpf: Sim... talvez. Acho que sim. (3.223 – Mpf)

P: Vamos-lhe propor o regresso em junho... (3.224 – P)

Mpf: Ir e vir todos os dias... temos que pensar que esta mãe não terá a possibilidade... digo eu, não sei... ela trabalha numa lavandaria de uma instituição... e ela teve de meter baixa, ou assistência à família, para ficar com os 3 filhos. Deve receber pouco... eles estão a receber o cabaz... (3.225 – Mpf)

L: Ela recebe o salário mínimo. (3.226 – L)

Mpf: Pois, é uma família que precisa de apoio. (3.227 – Mpf)

P: Pronto, então vamos propor-lhe junho, é o máximo que podemos fazer nesta fase, está bem? (3.228 – P) O Mrc?

Mpf: O Mrc... não consegui entrar em contato... (3.229 – Mpf)

P: Ok... vamos tentar enviar um email... e o Rmd? (3.230 – P)

Mpf: Eu falei com a mãe que diz que está tudo bem. Ela disse que ele está ao pé do colinho da mãe, portanto está bem. Não tem tido crises... (3.231 – Mpf) Ela disse “de

vez enquanto ele surta”, foi o que ela disse, mas depois fica tudo bem. Está sempre naqueles seus jogos que ele faz, mesmo aí na escola... (3.232 – Mpf)

P: Qual é o trabalho da mãe? (3.233 – P)

L: Desempregada. (3.234 – L)

P: Então está em casa... (3.235 – P)

Mpf: A mãe estava muito bem-disposta e tranquila... (3.236 – Mpf)

L: Eu sei, ela está sempre bem-disposta e tranquila... (3.237 – L)

IAR: Mas ele fez a carta de condução. (3.238 – IAR)

P: Eu sugiro o seguinte... vamos propor setembro, se a situação social se degradar, recebemos o menino em junho. Faz sentido? Ela está a receber comida em casa... (3.239 – P)

L: Está a receber está, está a receber o cabaz. (3.240 – L)

IAR: Aqui há tempos estava a tirar a carta de condução... (3.241 – IAR)

P: Vamos ver se passou o exame... vamos propor setembro e fica a opção de junho se for necessário... (3.242 – P) A mãe parece que está organizada, apesar de estar desempregada está a receber comida em casa... vamos tentar ver na parte social se conseguimos reforçar os subsídios que ela recebe... (3.243 – P)

Mpf: Ok, está bem. (3.244 – Mpf)

P: Ok, eu acho que falamos de todos os meninos da educativa... falta falar do pré-escolar, que também é educativa mas têm uma ligação à segurança social... C? Como estão as coisas? (1.185 – P)

(...)

C: Não consegui falar ainda com a AO, que é a pessoa com quem falo em relação às miúdas. (3.245 – C) Mas se hoje não conseguir falar com ela, ligo directamente para a Casa P. (1.246 – C)

P: É isso... se não conseguires falar directamente com ela liga para o geral... isso aplica-se tanto para a R. como para a Vv., não é? (3.247 – P)

C: Sim, sim.

P: E o Ry. já tinhas falado um bocadinho... tens falado com a mãe, não é? (3.248 – P)

C: Tenho falado com a mãe, entretanto a mãe pediu algum apoio no sentido da questão das posturas, de como deve posicionar o Ry... fazer alguns exercícios. (3.249 – C) E a Mfis fez uns vídeos muito simpáticos, e enviou à mãe, a mãe já aplicou as estratégias que foram indicadas. (3.250 – C)

P: Boa... o que podemos dizer aqui... a Vv para o ano tem que ser inscrita no 1º ciclo, que ela já não tem idade para estar no pré-escolar... (3.251 – P)

(...)

C: Em relação à Ar. que também é pré-escolar, contatei a CJ. Ela diz que a dificuldade não é a Ar., é gerir o resto das crianças que estão em isolamento... (3.252 – C) ela já tinha um plano de estimulação próprio, feito lá na CC., eles têm estado a tentar cumprir esse plano. (3.253 – C) Qual é a condicionante? Neste momento, com todos os meninos em casa não têm a mesma disponibilidade para dar uma atenção tão individualizada. (3.254 – C) Então é ali por volta da hora do lanche que conseguem dar uma atenção mais exclusiva à Ar. Mas de resto ela tem estado bem. (3.255 – C)

P: Pronto, então vamos só fazer uma clarificação... a Ar. veio dois dias e depois nós fechámos... portanto no fundo a Ar. vai começar em setembro... (3.256 – P)

C: Ficámos apenas a conhecer a miúda. (3.257 – C)

P: Pode então iniciar no dia 2 de setembro a frequentar o Instituto... (3.258 – P)

IAR: Mas tem que ter encaminhamento? (3.259 – IAR)

P: É pré-escolar... eles não encaminham pré-escolar... (3.260 – P) em relação à Vv... nós vamos ter que ter uma reunião com a CP... temos de fazer o pedido de encaminhamento do Ministério da Educação... vamos ter de fazer um relatoriozinho, e eles têm de fazer um relatoriozinho... (3.261 – P) e temos de mandar isto directamente para Alvalade, para eles não mandarem a rapariga para um Agrupamento qualquer para o caso ser avaliado e depois só daqui a 6 meses é que ela volta. (3.262 – P)

C: E da minha parte, relativamente ao relatório, o que é que é preciso? (1.186 – C)

P: Da tua parte, para já... é preciso combinares uma reunião em que participes tu, a CP., provavelmente a AO que é a representante legal que eles indicaram, e eu e a IAR. Vamos combinar isso na primeira semana de Maio, se possível. Está bem? Se não for possível, na segunda semana de Maio. Em Maio temos de resolver isso, está bem? (1.187 – P)

C: Ok... então se calhar até fazia uma coisa... como é a sua agenda que está um bocadinho mais condicionada... (1.188 – C)

P: Marca para a parte da tarde e eu organizo-me. Se for à tarde, com tempo, não há problema. (1.189 – P)

C: E essa reunião seria presencial aí no Instituto? (1.190 – C)

P: Não, por zoom. (1.191 – P)

C: Por zoom... ok. (1.192 – C)

P: Eu vou estar aqui no Instituto com a IAR... e tu podes estar em casa... vamos tentar então marcar. Quais são as opções: a primeira semana de maio à tarde... qualquer dia às 3. Desde que me digas com antecedência consigo organizar-me. Se eles não puderem na primeira semana de maio... que seja na segunda, ok? Tentar não passar disso. (1.193 – P) Isso para a Vv... (3.263 – P) a Rt continua, não é?... Em setembro também... estas 3 meninas é em setembro. (3.264 – P) Em relação ao Ry, a mãe está organizada? (3.265 – P)

C: Sim, sim... a mãe diz que de facto a maior dificuldade não é o Ry, é a mana. (3.266 – C) Diz que espera agora, no mês de maio, sair com os miúdos e dar alguns passeios pequeninos à volta de casa com eles, sobretudo pela irmã, para que gaste energias, os horários estão a ser muito difíceis porque a miúda deita-se tarde e depois tem a telescola. (3.267 – C) A dificuldade de facto não é o Ry, está tudo bem com o Ry, ele só teve uma crise ao logo deste tempo, está bem-disposto. Eu ouvi-o ao telefone, risonho, feliz. Com o Ry está tudo bem. (3.268 – C)

P: Então vamos propor que ele volte só em setembro, está bem? (3.269 – P)

C: Sim, penso que a mãe também ficará mais tranquila... (3.270 – C)

P: Ficamos todos... (3.271 – P)

Mpf: P., diz-me só uma coisa, em setembro o vírus ainda anda aí... acho que setembro vai ser muito mais preocupante, digo eu... (2.11 – Mpf)

P: Sim, mas até setembro penso que as coisas vão mudar um bocadinho, devem surgir outros medicamentos... (2.12 – P)

Lc: Vamos ter esperança... (2.13 – Lc)

P: Sim... felizmente conseguimos evitar a situação de crise maior, como aconteceu em Itália e Espanha... mas em setembro reavaliamos a situação. (2.14 – P) Temos no dia 1 de setembro a nossa reunião... (1.194 – P) pronto, eu hoje não vos chateava mais... alguém tem alguma questão ou algum comentário final?

Mar: Eu tenho só uma questão... esta informação de que pode voltar em junho se precisar, ou volta só em setembro, é uma informação que vai ser dada aos pais antes de sabermos quantos funcionários temos no efectivo? (1.195 – Mar)

P: Sim... vamos ver... (1.196 – P)

Mar: É que nós estamos a assumir que são 2 adultos e 5 crianças, jovens ou utentes por sala... e de repente aumentámos aqui o número e não sei se conseguimos ter esse... (1.197 – Mar)

P: Esse rácio. O que é que estamos a planear? Nós vamos desdobrar as salas e vamos falar com os colegas do CAO e vamos fazer o mesmo tipo de proposta a alguns utentes do CAO. (1.198 – P) Ficar em casa é mais seguro se a família está organizada, eventualmente podem tirar algum tempo para descanso do cuidador, e até podemos fazer isso de forma rotativa entre eles... (1.199 – P) nós vamos chegar a um ponto em que vamos definir uma nova lotação máxima, que era de 70... e que deve andar à volta de 30. O ideal é estarmos na casa dos 20... se tivermos mais do que 30 temos de abrir mais salas. (1.200 – P) Eu estava a pensar abrir só 6 salas, mas podemos abrir 8, até podemos abrir 9 ou 10, se contarmos com a sala da televisão e a sala da informática, para manter esse rácio... (1.201 – P) em relação aos funcionários, se os funcionários puserem baixa, a segurança social é que cobre o valor dos funcionários... (1.202 – P) e neste momento eu já estou a receber pedidos de pessoas que querem trabalhar porque ficaram sem trabalho... se chegarmos à conclusão de que temos uma enorme necessidade social e não temos capacidade de resposta... vamos então tentar arranjar capacidade de resposta. (1.203 – P) É óbvio que isso não

é imediato, porque as pessoas têm que ter formação, mas a partir do momento em que precisamos de um monitor, vem um monitor, fica uma semana a acompanhar um funcionário, tem uma formação específica e depois começa a trabalhar como monitor. Até o próprio centro de emprego te encaminha candidatos... (1.204 – P) portanto, o que é que vamos dizer às pessoas, só para clarificar... estamos a avaliar necessidades... e depois em função das necessidades identificadas vamos tentar encontrar respostas. (1.205 – P Neste momento, o tipo de respostas que estamos a pensar são exequíveis, até porque nós fechámos o Lar, portanto os horários vão ser reorganizados para reforçar o trabalho das 9:30 às 5. (1.206 – P) No fundo, o que é que estamos a dizer? Nós só trabalhamos, em junho e julho, das 9:30 às 5. Todos os funcionários presenciais vão ser reunidos nesse horário, pelo que, neste momento, eu estou relativamente confortável em relação a isso... (1.207 – P) lá está, as pessoas na próxima semana têm que assumir posições pessoais e têm de dizer o que é que querem fazer, se querem ficar de baixa, se querem trabalhar... e em função disso nós organizamo-nos. (1.208 – P) Está bem?

Mar: Eu assumo já que quero trabalhar. (1.209 – Mar)

P: Pronto, obrigado, eu também. (1.210 – P)

L: Eu também. (1.211 – L)

P: Mas eu sei que algumas pessoas têm de refletir, falar com a família... (1.212 – P)

Mpf: Eu preciso de refletir... (1.213 – Mpf)

P: Não há problema, estás à vontade, faz o que achares melhor para ti e para a tua família. (1.214 – P)

Mpf: Se o B. que começou a trabalhar agora continuar a fazer o horário da noite... os meus filhos já não vão à escola este ano... portanto durante o dia eu não teria com quem os deixar... se conseguirmos gerir a vida desta maneira... e mesmo assim temos de conversar... (1.215 –Mpf)

P: Façam essa reflexão, está bem? (1.216 – P)

Mpf: Ok.

P: Pronto, ficamos por aqui hoje, que temos que ir almoçar...

Mpf: Diz-me só mais uma coisa, a reunião amanhã é para todos os funcionários?

(1.217 – Mpf)

P: É para todos os funcionários, no Zoom, vão receber um convite no email. (1.218 – P)

Mpf: Será que podes enviar um convite para nós criarmos o Zoom? (1.219 – Mpf)

Mar: O Zoom não é preciso instalar, o P. manda um link, tu acessas ao link... poderá ser preciso pôr ID, mas à partida não... à partida tu carregas no link e entras direto na sala de reunião. (1.220 – Mar)

Mpf: É só porque se calhar eu preciso da tarde toda para fazer isso, eu tenho que me antecipar nestas coisas... (1.221 – Mpf)

Mar: Mas à partida não será preciso instalar nada... até pode mandar o convite por whatsapp... eu estou por computador, não consigo entrar por whatsapp, mas se mandar por email... (1.222 – Mar)

(...)

F: E a que horas é a reunião? (1.223 – F)

P: É às 10. E se alguém não conseguir participar, eu vou ter alternativas na segunda-feira, mais pensadas para as pessoas com funções presenciais... (1.224 – P)

(...)

P: Vamos então ficar por aqui... ainda vou ter que falar com a A. e a C. à parte, porque temos alguns colegas surdos e ainda temos de combinar como vamos fazer com esses colegas. Mas isso falamos à tarde. (1.225 – P) Agora vamos almoçar... bom almoço!

(Várias despedidas e fim da reunião).

ANEXO L - Análise de conteúdo da  
quarta reunião



### Análise da Reunião de 29 de abril 2020

Tema	Categoria	Subcategoria
Preocupações e práticas	1. <b>Funcionamento interno</b> (225 UR – 43,8%)	Organização das reuniões (21 UR- 4,1%)
		Definição de prioridades, regras e princípios (131 UR – 25,5%)
		Elaboração de documentos (11 UR – 2,1%)
		Reorganização de funções e tarefas (62 UR – 12,1%)
	2. <b>Reações emocionais</b> (14 UR – 2,7 %)	Sentimento de insegurança/stress face à pandemia (12 UR – 2,3%)
		Medo de ficar infectado(a) e doente (2UR – 0,4%)
	3. <b>Apoios a alunos e suas famílias</b> (270 UR– 52,5 %)	Apoio alimentar (1 UR – 0,2%)
		Identificação de casos prioritários (46 UR – 8,9 %)
		Acompanhamento personalizado (223 UR – 43,4 %)
	4. <b>Cooperação com outras instituições</b> (5 UR – 1,0 %)	Articulação com o Ministério da Educação (1 UR – 0,2%)
		Articulação com o centro de saúde/ outros serviços de saúde (3 UR – 0,6%)
		Articulação com a Segurança Social (1 UR – 0,2%)
<b>Total de UR = 514</b>		

### Análise das UR

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
1. <b>Funcionamento interno</b> (225 UR)	Organização das Reuniões (21 UR)	pronto, então hoje íamos falar de algumas coisas importantes: ponto 1- Informações, ponto 2 – Vamos falar da informação para os pais, vamos falar da informação que vamos dar aos pais e da informação que vamos dar aos funcionários. Eu posso escrever no chat, se for mais fácil, e depois no ponto 4 vamos falar da resposta que vamos dar à DGESTE, e no ponto 5 – outros assuntos. Temos muita coisa para fazer hoje. Portanto, recapitulando... ponto 1 – Informações; ponto 2 – Comunicação para os pais; ponto 3 – Comunicação para os funcionários; ponto 4 – Resposta à DGESTE; e ponto 5 – Outros assuntos. Depois se tiverem outras temáticas podem integra-las aí... (1.1 - P)
		ponto 1 – Informações... a R. faz anos e a IAR tinha dado a ideia de cantarmos os parabéns... (1.2.-P)
		Vamos cantar os parabéns com vozes afinadinhas. (1.3 - IAR)
		P. põe aí na formação interna aulas de coro. (risos) (1.4 - A)
		Ok, temos muitas informações para partilhar. Temos cartas a marcar consultas, temos aqui consultas para o F., para o E. (1.5 - P)
		O F. é só em julho. (1.6 - IAR)
		Em julho, sim. Existe uma mensagem do SEF para o J. de coisas que temos de fazer em junho, temos aí a carta que veio do Externato B. (1.7 - IAR)
		Avançamos para a DGESTE? Vamos a isso. Temos aqui uma lista de alunos... (1.141 - P)
		O C... já é da L... nós não vamos falar do pré-escolar nesta fase... (1.166 – P)
		Ok... agora vou ter de acelerar um pouco e vou pedir poder de síntese, senão não vamos conseguir cobrir os casos todos que temos de cobrir (1.167 – P)
		Ok, eu acho que falamos de todos os meninos da educativa... falta falar do pré-escolar, que também é educativa mas têm uma ligação à segurança social... C? Como estão as coisas? (1.185 – P)
		Temos no dia 1 de setembro a nossa reunião... (1.194 – P)
		Diz-me só mais uma coisa, a reunião amanhã é para todos os funcionários? (1.217 – Mpf)
		É para todos os funcionários, no Zoom, vão receber um convite no email. (1.218 – P)
		Será que podes enviar um convite para nós criarmos o Zoom? (1.219 – Mpf)
O Zoom não é preciso instalar, o P. manda um link, tu acessas ao link... poderá ser preciso pôr ID, mas à partida não... à partida tu carregas no link e entras direto na sala de reunião. (1.220 – Mar)		

	<p>É só porque se calhar eu preciso da tarde toda para fazer isso, eu tenho que me antecipar nestas coisas... (1.221 – Mpf)</p> <p>Mas à partida não será preciso instalar nada... até pode mandar o convite por whatsapp... eu estou por computador, não consigo entrar por whatsapp, mas se mandar por email... (1.222 – Mar)</p> <p>E a que horas é a reunião? (1.223 – F)</p> <p>É às 10. E se alguém não conseguir participar, eu vou ter alternativas na segunda-feira, mais pensadas para as pessoas com funções presenciais... (1.224 – P)</p> <p>Vamos então ficar por aqui... ainda vou ter que falar com a A. e a C. à parte, porque temos alguns colegas surdos e ainda temos de combinar como vamos fazer com esses colegas. Mas isso falamos à tarde. (1.225 – P)</p>
<p>Definição de prioridades, regras e princípios (131 UR)</p>	<p>o B. mandou uma carta aos pais e nós recebemos também porque temos cá meninos do B. E diz assim... <i>desde que o Ministério da Educação o impôs os alunos estão confinados em casa. Neste terceiro período escolar, os professores e os técnicos têm feito diligências para estarem em permanente comunicação com os alunos e proporcionar-lhes atividades e exercícios educativos por diversos meios, plataformas de ensino, email, telefone, videoconferência e por correio. O nosso desejo seria abrir rapidamente o externato, todavia isso só seria possível para um grupo pequeno de alunos e em rigorosa situação de segurança...</i> portanto, eles vão acolher alunos em situações prioritárias... (1.8 - IAR)</p> <p>E no fundo vai ser um pouco esta a regra para a Educação Especial. (1.9 - P)</p> <p>sendo que não vamos retomar aulas, vamos retomar com uma espécie de atividades de acolhimento socioeducativo. (1.10 - P)</p> <p>Até agora só dissemos aos pais que estamos encerrados até ao fim do mês de abril. E os pais têm que pôr baixa para assistência à família... neste momento estamos a assumir que estamos encerrados pelo menos até dia 8, e ao longo da próxima semana vamos receber informações mais concretas do governo, da segurança social e do ministério da educação... (1.15 - P)</p> <p>Os colegas que estão em trabalho presencial não têm essa opção. E eu vou pedir a vossa ajuda para que eles percebam quais são as alternativas que têm e depois tomem escolhas informadas. (1.21 - P)</p> <p>Uma pessoa tem um contrato de trabalho e a instituição reabre. Tem que se apresentar presencialmente seguindo as indicações... (1.22 - P)</p> <p>portanto antes de nós abriremos eles vêm cá e fazem uma limpeza profunda, aplicam os testes às pessoas todas na semana antes, e dão os equipamentos de segurança. Nós vamos fazer pressão para que isso aconteça. A partir do momento em que isso acontece, nós somos obrigados a abrir. (1.38 – P)</p> <p>Pois, mas sem isso... (1.39 – L)</p> <p>Sem isso... há níveis intermédios... ou seja... podemos pedir apoio à Junta ou a Câmara, e algumas Câmaras e Juntas têm feito isso. Nós não podemos dizer <i>se isto não acontece, a gente não vai abrir</i>. Podemos é dizer, <i>se isto não é possível, nós propomos isto</i>. (1.40 – P)</p> <p>O nosso objetivo é que toda a gente seja testada e toda a gente tenha equipamentos de segurança. Agora, se o governo não nos dá, talvez a Câmara possa dar, podemos pedir a um mecenas, temos alguns parceiros como a G., o B... (1.41 – P)</p> <p>a recomendação aos pais vai ser que neste momento é mais seguro estar em casa, mas se precisarem nós vamos criar aqui algumas respostas. (1.45 – P)</p> <p>E considerando que estamos com vinte e tal famílias a serem apoiadas, na educativa menos, mas no total umas vinte... pelo menos esses casos temos de receber. (1.46 – P)</p> <p>E depois podem haver outras situações, famílias que se organizam muito bem, mas se calhar precisam que o filho fique aqui uma semana... (1.47 – P)</p> <p>eu vou falar com os pais na reunião e vou sugerir que quem puder ficar com os filhos em casa até junho que fique, que é para nos dar tempo... (1.48 – P)</p> <p>a primeira semana vai ser a semana mais complicada, a primeira semana que abrimos... porque vai ser estranho para todos. Portanto... vamos ter de vir antes dos meninos... (1.49 – P)</p>

	<p>por agora continuamos em teletrabalho, mas quem vai estar em intervenção directa vai ter de vir alguns dias da semana antes... para organizar o espaço, para se organizar, para acertarmos horários e dinâmicas... E depois é a gestão do dia. (1.50 – P)</p>
	<p>O que é que é importante que todas as pessoas clarifiquem agora nestes próximos dias? Como é que querem gerir estes próximos meses... (1.51 – P)</p>
	<p>Quais são as vossas opções? Há pessoas que vão meter baixa por assistência à família... clarifiquem isso para nós nos organizarmos, nós temos de saber com quantas pessoas é que vamos contar no terreno. Eu estou a prever que pelo menos 6 salas vão ter de estar a funcionar, para mantermos cerca de 20... (1.52 – P)</p>
	<p>E não vai haver Lar de Apoio a funcionar? (1.53 – IAR)</p>
	<p>A nossa proposta é que o Lar de Apoio não funcione até setembro, porque o Lar de Apoio, na sua origem, foi de apoio à vertente educativa... (1.54 – P)</p>
	<p>A ideia é que o Lar de Apoio não volte a abrir com 22 vagas. Nós tivemos a fazer medições, e para mantermos as distâncias de segurança, nós teríamos que reduzir para 18... e é essa a expectativa para o próximo ano. (1.55 – P)</p>
	<p>O Lar vai ter de reduzir o número de pessoas. Isso implica que a Segurança Social faça um recálculo do valor que atribui a cada utente... portanto isto vai dar muita volta... (1.56 – P)</p>
	<p>O que é que é provável? É o CAO abrir e alguns meninos da educativa virem passar o dia das 9:00 às 17:00, depois com a carrinha e os transportes pode ser um bocadinho mais tarde. E esse provavelmente será o nosso junho e julho. (1.57 – P)</p>
	<p>E em setembro com o Lar também. É importante irmos amadurecendo estas ideias, porque quando isto for tranquilo para vocês, vai ser mais fácil ser tranquilo para os vossos colegas, que não têm acesso a esta informação até agora. (1.58 – P)</p>
	<p>Na reunião passada tinhas falado para se pensar em propostas para haver rotatividade dos alunos pelas salas, pelas atividades... mas agora disseste uma informação que pode ser um bocadinho contraditória. (1.59 – Ma)</p>
	<p>Tens razão Ma. a evolução da reflexão vai nesse sentido, de teres grupos estanques... (1.60 – P)</p>
	<p>nós já cancelamos a atividade do <i>Mexe Comigo</i>... já avisei a S., falei com ela ontem, já mandamos um email para a Câmara, estamos a fechar essa situação... (1.61 – P)</p>
	<p>As directrizes passam por não haver grupos superiores a 10. Portanto, o que faria sentido é cada sala ter um horário específico, comendo juntos, ir ao recreio juntos, fazer a atividade juntos. Isso é algo que nós ainda estamos aqui a pensar. (1.69 – P)</p>
	<p>Não vai ser possível fazer a rotação da hora de almoço como a gente costumava fazer, ok? Ainda não temos as respostas sobre qual é a melhor solução, estamos a tentar ver o que se está a fazer em outros sítios. (1.70 – P)</p>
	<p>Uma das coisas que estamos a perceber é que vocês consigam assegurar uma forma de entrar diferente. (1.71 – P)</p>
	<p>Estamos a tentar arranjar uma forma de vestiário para trocarmos de roupa e vestir os Equipamentos de Protecção assim que entramos, e o mesmo no processo de saída... estávamos a conversar sobre a hipótese de criar ali um espaço na salinha de entrada... (1.72 – P)</p>
	<p>Eu pensei no palco... (1.73 – IAR)</p>
	<p>O palco pode ser uma zona de vestiário a ser utilizada... ou seja, nós vamos ter que mudar... quase tudo. (1.74 – P)</p>
	<p>O palco fica do outro lado do Instituto... assim temos de atravessar o Instituto todo. (1.75 – R)</p>
	<p>Sim... vamos ter tempo para ver o que funciona e não funciona. (1.76 – P)</p>
	<p>Ou a enfermaria... tem casa de banho para podermos lavar as mãos e meter o material de protecção. (1.77 – Ma)</p>
	<p>Vamos fazer isto passo a passo... há decisões que se tentarmos tomar agora, quando ainda não temos as directrizes do governo, depois vamos ter de estar a</p>

	<p>voltar atrás. O que temos agora é uma espécie de calendário, o momento para tomar essas decisões é a segunda semana de maio... (1.78 – P)</p>
	<p>Vamos levar em linha de conta as recomendações e diretrizes do governo, e a forma como isso vai chegar à Segurança Social, à Educação e a nós. (1.79 – P)</p>
	<p>E muito provavelmente vamos ter de seguir a referência da SC... vamos tentar ativar o grupo da Deficiência da Rede Social de Lisboa, e deverão existir diretrizes comuns para Instituições como a nossa. (1.80 – P)</p>
	<p>Dia 4 de maio as pessoas vão ter de assumir uma posição. Vou dar um exemplo, a D... vai retomar o estágio CEI+ no dia 4 de maio. É uma decisão pessoal da D. Fiz alguma pesquisa e não parece haver nenhuma relação que indique que a epilepsia aumenta o grau de risco face ao COVID, portanto não tenho nenhuma razão para lhe negar este estágio... (1.81 – P)</p>
	<p>... e esta é uma situação com que vamos ter de conviver pelo menos durante um ano... temos mesmo de arranjar estratégias para lidar com isto... (1.82 – P)</p>
	<p>Ontem ouvi a ministra do trabalho a dizer para quem tem filhos... as escolas agora estão encerradas até ao fim do ano... que até ao fim do ano se pode apresentar aquela declaração... que eles apresentaram quando as escolas encerraram. (1.83 – Mpf)</p>
	<p>De qualquer forma informem-se melhor, mas acaba por ser outra opção, para além da baixa, da assistência à família... (1.84 – Mpf)</p>
	<p>Têm é que ter presente que são cerca de 66% do ordenado, sendo que garantem o ordenado mínimo. (1.85 – P)</p>
	<p>É 66% do ordenado, a assistência à família é 100%, mas são só 30 dias... (1.86 – Mpf)</p>
	<p>Exatamente. (1.87 – L)</p>
	<p>Pronto, é isso que vocês têm que definir e têm que nos informar... para contarmos as pessoas que estão disponíveis. Se for preciso ir buscar pessoas, vamos buscar pessoas, se não for preciso, não vamos. (1.88 – P)</p>
	<p>Posso só colocar uma questão? Talvez a L. consiga me ajudar... a baixa de assistência à família... não é colocada quando há doença? Ou pode ser colocada quando não há doença? (1.89 – Ma)</p>
	<p>A baixa por assistência à família é colocada quando há doença... ou uma hospitalização... (1.90 – L)</p>
	<p>Então quer dizer que essa não é uma possibilidade. (1.91 – Ma)</p>
	<p>A baixa por assistência à família depende do médico... só se tem direito a 30 dias por ano, ou então, se for um internamento, é o tempo que estiver internado. (1.92 – L)</p>
	<p>Pronto... o equipamento a ser definido... neste momento a referência é o equipamento usado nos lares de idosos. Nós vamos estar dependentes da lei que venha a sair para a reabertura, mas neste momento a expectativa é máscara, luvas, avental... e ainda se fala de proteção de cabeça, viseira e de protecções de pés, mas isso ainda não é bem claro... (1.93 – P)</p>
	<p>Quem é que nos fornece esse material? (1.94 – C)</p>
	<p>Vocês vão receber esse material, ainda não é claro quem é que o vai fornecer, se vai ser a Câmara, a Junta, a Segurança Social... mas será fornecido. (1.95 – P)</p>
	<p>P, viste no site da OPP as recomendações para os cuidadores de pessoas com deficiência? (1.96 – A)</p>
	<p>Tenho estado a ver, mas não sei se estás a falar de alguma coisa específica. (1.97 – P)</p>
	<p>A nossa estratégia aqui no Instituto vai ser baseada em criar o máximo de distância de segurança, na utilização de equipamentos de segurança, estamos a pensar em verificar a temperatura à entrada, um processo de desinfeção, troca de roupa, etc... estes são os cuidados que estão a ser feitos noutros sítios... (1.109 – P)</p>
	<p>e assim que surgir uma situação suspeita, a pessoa ou as crianças serão imediatamente isoladas, e vamos tentar criar um protocolo que nos permita testar as pessoas rapidamente. (1.110 – P)</p>
	<p>E depois, se surgir, ou quando surgir um caso suspeito, nós fazemos isolamento e vamos tentar fazer um acordo para que seja imediatamente testado... (1.111 – P)</p>

	<p>se surgir um caso, faz-se o isolamento, testam-se as pessoas em volta e vemos se não há mais, se surge mais do que um caso, fecha-se outra vez tudo até ser possível reabrir em segurança... se o país aumentar agora durante o mês de junho e julho... se calhar volta a fechar tudo outra vez. (1.112 – P)</p>
	<p>Nesta fase, se for possível, não usem transportes públicos. Se tiverem que usar transportes públicos, têm que usar sempre máscara e luvas, e depois chegam aqui e trocam essa máscara e essas luvas. Os próprios transportes públicos já diminuíram a lotação... (1.113 – P)</p>
	<p>A primeira recomendação é que sejam os pais a trazê-los. Nas situações em que os pais não os podem trazer, o transporte ou é assegurado por nós, e vamos ter que reduzir o número de meninos na carrinha, ou é assegurado pelos transportes sociais das Câmaras e das Juntas. (1.114 – P)</p>
	<p>Que também vão ter de reduzir o número de meninos nas carrinhas. Aqueles que conseguem usar uma máscara poem a máscara... e outros não vão conseguir usar. Vamos apostar no distanciamento... não estarem ali juntinhos na carrinha. (1.115 – P)</p>
	<p>P, não sei se tem fundamento aquilo que vou dizer... falei com a minha médica conforme lhe tinha dito... quando os espaços são reduzidos... os funcionários podem trabalhar uns de manhã e uns de tarde. Eu estou a referir-me ao nosso gabinete, por exemplo. (1.116 – L)</p>
	<p>Em relação ao nosso gabinete nós temos outra estratégia, o gabinete fica no máximo só para duas pessoas, e as outras duas pessoas vão ter outro espaço. (1.117 – P)</p>
	<p>Não sei se terá as dimensões... (1.118 – L)</p>
	<p>Tem, tem... acho que temos é que ter uma distância de 2 metros... (1.119 – P)</p>
	<p>Sim... mas nós não temos uma estrutura que permita uma rotação... pensem em funções em que só temos uma pessoa. Temos uma assistente social, temos uma psicóloga, temos uma terapeuta ocupacional... vou rodar com quem? (1.120 – P)</p>
	<p>Não, rodar no espaço. (1.121 – L)</p>
	<p>O consenso é que a rotação de espaços aumenta o risco porque aumenta o número de contatos. Ou seja, cada um deve ficar no seu espaço o mais isolado possível e devemos definir regras de higiene... (1.122 – P)</p>
	<p>por exemplo, a pessoa ao entrar usa um spray e um pano descartável, passa na mesa de trabalho, deita fora o pano e só aí é que começa a trabalhar. E no fim do dia é a mesma coisa... (1.123 – P)</p>
	<p>O que eu estava a dizer e ela falou era uns trabalharem de manhã e os outros trabalharem de tarde. (1.124 – L)</p>
	<p>Eu percebo o princípio... aplica-se em outras situações... com a informação que eu tenho acesso... nós temos outras soluções que são mais eficazes, nomeadamente estar cada um no seu espaço. (1.125 – P)</p>
	<p>Isso vai ficar definido durante a primeira semana de Maio... e quais são as variáveis? Primeiro vamos receber as baixas de todas das pessoas que vão optar por ficar em casa. E depois vamos ver as pessoas que temos. (1.130 – P)</p>
	<p>Vamos também perceber junto aos pais quem é que quer que os seus filhos venham. Neste momento, o que está em cima da mesa, são os 37 meninos do CAO. Mas nós vamos falar individualmente com os pais do CAO e vamos fazer recomendações, há pais do CAO que se calhar podem ficar com os filhos em casa, pelo menos nesta primeira fase. (1.131 – P)</p>
	<p>E eventualmente podemos até dar apoio remoto a eles, que é mais seguro. (1.132 – P)</p>
	<p>Portanto, vamos tentar baixar o número de meninos que apoiamos nesta fase para um número mais próximo dos 20. E depois, gradualmente, ir reabrindo. Se calhar, em junho e julho já podemos chegar aos 30. E se calhar, em setembro, já podemos estar mais próximos dos 40 ou dos 50. Depende de como nos organizarmos. (1.133 – P)</p>
	<p>Ok, isso já nos dá pistas sobre o que vai acontecer na sua sala. (1.134 – P)</p>
	<p>Sim, por isso é que eu fiz isso ontem para tentar organizar... (1.135 – S)</p>
	<p>Sim, eles já estão organizados, mas também tenho uma questão do pai do P. que quis saber quanto é que ele tinha de pagar para o mês de maio. (1.137 – S)</p>

	<p>Em relação ao mês de maio, nós ainda não sabemos. O que é que nós definimos? Nós definimos que no mês de março os pais tinham um desconto de 25%. No mês de abril tinham um desconto de 50%. Se a data de 18 se mantiver, por coerência, faz sentido eles terem um desconto de 25%, que foi o princípio que aplicámos em março. (1.138 – P)</p>
	<p>Ok, temos de confirmar isso com ele, porque ele gostaria de pagar. (1.139 – S)</p>
	<p>Isso será confirmado apenas na reunião dos pais, no dia 8, portanto de amanhã a 8... amanhã é com os funcionários, 1 semana depois é com os pais. Só aí é que vamos confirmar isso, porque só aí é que vamos ter uma data de abertura, está bem? (1.140 – P)</p>
	<p>Temos de falar sobre isso, porque também senti que com alguns pais estava tudo bem e também estão assoberbados com outras questões, como o teletrabalho... e eu também acho que tenho que pensar muito bem sobre isso. Acho que o contato telefónico é uma coisa positiva, mas enviar atividades para casa... tenho de pensar muito bem sobre isso. (1.150 – Mpf)</p>
	<p>Ok... não estamos a dizer coisas diferentes, eu acho que estamos de acordo. Imagina que tens o teu grupo de sala no whatsapp... tal como nós no grupo do teletrabalho que temos de ir fazendo pontos de situação, tu pelo menos uma vez por semana tens que fazer isso no teu grupo de sala, e já estás a cumprir o critério de haver um contato não presencial uma vez por semana, que é o mínimo... (1.153 – P)</p>
	<p>Mas posso fazer a pergunta à mesma. O que é que acontece às famílias que estão a receber o cabaz a partir do momento em que começam a frequentar a escola? (1.158 – Ma)</p>
	<p>Vamos ter que fazer uma análise para ver se se mantem a necessidade de apoio social ou não. Se a família disser que sim, têm direito a continuar a receber o cabaz. Se a família disser que não, não recebem. (1.159 – P)</p>
	<p>Mas eles estando a frequentar o instituto... (1.160 – Ma)</p>
	<p>O cabaz é para a família, não é só para a criança... (1.161 – P)</p>
	<p>Não é isso, muitos deles se calhar os pais vão começar a trabalhar e são capazes de não dizer que já não precisam desse apoio, digo eu... (1.162 – Ma)</p>
	<p>Para receberem apoio têm de assumir que têm carência social. Se a família disser "Eu agora começo a trabalhar e já não preciso". Se disser "Eu preciso" e justifica de forma correta continua a receber. (1.163 – P)</p>
	<p>Quase todos os que estão a receber o cabaz estão no limiar da pobreza. Quem ganha o salário mínimo enquadra-se nesses parâmetros. (1.164 – L)</p>
	<p>A questão é aquilo que tu consideras ter ou não capacidade de prestar cuidados... (1.168 – J)</p>
	<p>Não sou eu que tenho que assumir, tem que ser a Instituição a assumir essa posição. O F. é menor e está a cargo do Estado. O Estado delegou na A. a responsabilidade legal. Portanto, se a A. assumir perante o Estado que não tem capacidade, então tem que se gerar uma nova resposta, se eles não assumirem isso, eles assumem a responsabilidade. (1.169 – P)</p>
	<p>Nós vamos apoiar a A. e as outras instituições o máximo que conseguirmos, mas não podemos sobrepor-nos a eles. Tal como um pai ou uma mãe, eles é que têm que dizer "eu preciso de ajuda, consigo ou não consigo..." e é em função disso que nós conseguimos depois arranjar alternativas. (1.170 – P)</p>
	<p>Estou 100% de acordo... a questão é se pode haver alternativa, percebes? Aquilo que nós definimos como fim de linha não é o mesmo que eles definem... (1.171 – J)</p>
	<p>Neste momento, nós não somos resposta de Lar... talvez até setembro... Não temos educativa nem Lar... e é isso que vamos dizer à A. e aos pais todos... (1.172 – P)</p>
	<p>no manual de doenças raras, que a C. fez o <i>download</i> e pôs lá no grupo, eu tive a dar uma vista de olhos, e uma das coisas que diz é que para os autistas se deve evitar a exposição excessiva às tecnologias. (1.173 – Ma)</p>
	<p>E eu acho que deveria ser uma boa recomendação, para deixarmos as tecnologias para momentos de lazer e não para atividades propostas, para não haver muita sobrecarga, senão eles não conseguem fazer a distinção, porque o acesso à</p>

	<p>tecnologia depois cria aquele vício, não é? Pois até a transição para a escola fica mais complicada... (1.174 – Ma)</p>
	<p>O problema da tecnologia é que há muitos pais que dizem que os médicos querem que eles usem a tecnologia, jogos de causa e efeito, para poderem trabalhar a fala. Mas os pais têm esse acompanhamento, e têm jogos adaptados para isso. (1.175 – C)</p>
	<p>Mas isso é uma coisa, fazer atividades muito direccionadas, outra coisa é, por tudo e por nada utilizarem tecnologias, eu acho que devia ser uma recomendação, haver se calhar um limite de horas... (1.176 – Ma)</p>
	<p>O sentido de lhes contar histórias é uma forma de ajudar os pais... a tecnologia vai ajudar... (1.177 – C)</p>
	<p>Temos de ver se os pais podem acompanhar as atividades ou não, porque estar a passar atividades em que os pais têm de estar ali ao lado deles... eu acho que nem todos os pais podem... temos de pensar naquilo que mandamos e a quantidade que vai para casa... (1.178 – Mpf)</p>
	<p>Eu vou ser o mais claro possível. Indicações para o apoio remoto aos pais: Ponto 1. As atividades são todas facultativas – já tivemos esta conversa várias vezes, isto é um dado adquirido, não temos que voltar a este tema sistematicamente, as atividades são todas facultativas, os pais fazem se quiserem, se acharem que não é adequado não fazem. (1.179 – P)</p>
	<p>Ponto 2. Percebo a validade da discussão das tecnologias, mas agora não vamos explorar esse debate. A nossa recomendação é de atividades curtas, o filme que a C. mandou tinha no máximo 5 minutos... menos, cerca de 3 minutos. (1.180 – P)</p>
	<p>Portanto, quando se manda <i>links</i> de histórias, normalmente estamos a falar de pequenos filmes do <i>youtube</i>, não estamos a falar de longas metragens. São coisinhas pequeninas, facultativas... cabe a cada uma de vocês, na relação direta com a mãe, ou com o pai, ir adequando. (1.181 – P)</p>
	<p>Pronto, essa é a nossa proposta inicial, com as instituições, se for necessário fazemos uma reunião à parte, já fizemos uma reunião com a FS. por exemplo. (1.182 – P)</p>
	<p>As instituições que não concordem, podem marcar connosco e com a responsável de sala, uma reunião via <i>zoom</i>, ou via o que for, e discutimos o caso específico, mas a proposta é receber só os “casos sociais”. Uma casa de acolhimento já é uma resposta social, portanto... (1.183 – P)</p>
	<p>Pronto, então marcamos a reunião para depois. As instituições não serão convocadas para a reunião de pais e familiares, senão vai ser muito confuso... (1.184 – P)</p>
	<p>esta informação de que pode voltar em junho se precisar, ou volta só em setembro, é uma informação que vai ser dada aos pais antes de sabermos quantos funcionários temos no efectivo? (1.195 – Mar)</p>
	<p>Sim... vamos ver... (1.196 – P)</p>
	<p>É que nós estamos a assumir que são 2 adultos e 5 crianças, jovens ou utentes por sala... e de repente aumentámos aqui o número e não sei se conseguimos ter esse... (1.197 – Mar)</p>
	<p>Esse rácio. O que é que estamos a planear? Nós vamos desdobrar as salas e vamos falar com os colegas do CAO e vamos fazer o mesmo tipo de proposta a alguns utentes do CAO. (1.198 – P)</p>
	<p>Ficar em casa é mais seguro se a família está organizada, eventualmente podem tirar algum tempo para descanso do cuidador, e até podemos fazer isso de forma rotativa entre eles... (1.199 – P)</p>
	<p>nós vamos chegar a um ponto em que vamos definir uma nova lotação máxima, que era de 70... e que deve andar à volta de 30. O ideal é estarmos na casa dos 20... se tivermos mais do que 30 temos de abrir mais salas. (1.200 – P)</p>
	<p>Eu estava a pensar abrir só 6 salas, mas podemos abrir 8, até podemos abrir 9 ou 10, se contarmos com a sala da televisão e a sala da informática, para manter esse rácio... (1.201 – P)</p>
	<p>em relação aos funcionários, se os funcionários puserem baixa, a segurança social é que cobre o valor dos funcionários... (1.202 – P)</p>

	<p>eu já estou a receber pedidos de pessoas que querem trabalhar porque ficaram sem trabalho... se chegarmos à conclusão de que temos uma enorme necessidade social e não temos capacidade de resposta... vamos então tentar arranjar capacidade de resposta. (1.203 – P)</p> <p>É óbvio que isso não é imediato, porque as pessoas têm que ter formação, mas a partir do momento em que precisamos de um monitor, vem um monitor, fica uma semana a acompanhar um funcionário, tem uma formação específica e depois começa a trabalhar como monitor. Até o próprio centro de emprego te encaminha candidatos... (1.204 – P)</p> <p>estamos a avaliar necessidades... e depois em função das necessidades identificadas vamos tentar encontrar respostas. (1.205 – P)</p> <p>Neste momento, o tipo de respostas que estamos a pensar são exequíveis, até porque nós fechámos o Lar, portanto os horários vão ser reorganizados para reforçar o trabalho das 9:30 às 5. (1.206 – P)</p> <p>Nós só trabalhamos, em junho e julho, das 9:30 às 5. Todos os funcionários presenciais vão ser reunidos nesse horário, pelo que, neste momento, eu estou relativamente confortável em relação a isso... (1.207 – P)</p> <p>lá está, as pessoas na próxima semana têm que assumir posições pessoais e têm de dizer o que é que querem fazer, se querem ficar de baixa, se querem trabalhar... e em função disso nós organizamo-nos. (1.208 – P)</p> <p>Eu assumo já que quero trabalhar. (1.209 – Mar)</p> <p>Pronto, obrigado, eu também. (1.210 – P)</p> <p>Eu também. (1.211 – L)</p> <p>Mas eu sei que algumas pessoas têm de refletir, falar com a família... (1.212 – P)</p> <p>Eu preciso de refletir... (1.213 – Mpf)</p> <p>Não há problema, estás à vontade, faz o que achares melhor para ti e para a tua família. (1.214 – P)</p> <p>Se o B. que começou a trabalhar agora continuar a fazer o horário da noite... os meus filhos já não vão à escola este ano... portanto durante o dia eu não teria com quem os deixar... se conseguirmos gerir a vida desta maneira... e mesmo assim temos de conversar... (1.215 – Mpf)</p> <p>Façam essa reflexão, está bem? (1.216 – P)</p>
<p>Elaboração de documentos (11 UR)</p>	<p>nós já temos aqui um rascunho de carta para os pais... Esta é a primeira versão: <i>Caros pais/encarregados de educação/responsáveis legais... O Instituto da Imaculada continua a monitorizar a evolução da pandemia do COVID-19 em Portugal, procurando fornecer a informação disponível com o máximo de antecipação possível para que as famílias dos nossos alunos e utentes se possam organizar. Existe neste momento uma expectativa de que o governo português irá definir novas directrizes de funcionamento, que irão implicar uma reabertura gradual de alguns sectores da nossa sociedade.</i> (1.11 - P)</p> <p><i>O Instituto da Imaculada assume também que irá permanecer encerrado pelo menos até dia 8 de maio, não estando neste momento ainda definido ainda o dia de abertura das atividades presenciais.</i> (1.14 - P)</p> <p>agora a carta para os funcionários... que deverá seguir hoje. <i>Caros colaboradores do Instituto da Imaculada, continuamos a monitorizar a evolução da pandemia do COVID-19 em Portugal procurando fornecer a informação disponível com o máximo de antecipação possível para que todos nos possamos organizar. Existe neste momento uma expectativa de que o governo português irá definir novas directrizes de funcionamento, com uma reabertura gradual de alguns sectores da nossa sociedade. Apesar de não sabermos ainda em que data vamos reabrir e quais as novas regras que vamos ter de respeitar, é já claro que o Instituto vai reabrir de forma parcial em breve, e que temos que nos preparar para essa nova realidade. Desta forma, todos os colaboradores do Instituto estão convocados para participar numa reunião através da plataforma online Zoom na quinta-feira, dia 30 de abril, que é já amanhã, às 10 horas.</i> (1.17 - P)</p> <p>Esta carta vai seguir hoje à tarde... eu vou pôr no grupo de <i>Whatsapp</i> dos funcionários, se houver alguém que sentem que não está a receber essa informação, tentem fazer-lhe chegar essa informação... para o máximo de pessoas</p>

		serem informadas desta reunião e participarem... (1.18 - P)
		Nesta reunião será abordado o plano de funcionamento do Instituto da Imaculada para os meses de maio, junho, julho e setembro de 2020. O Instituto da Imaculada assume também que em maio não irá ter a modalidade de lay off, pelo que desta forma, todos os trabalhadores presenciais, têm que se apresentar no Instituto da Imaculada em horário a combinar individualmente, de forma a não juntar um grupo grande de pessoas. Quem não o fizer tem de justificar a sua ausência nos termos previstos da lei. (1.19 - P)
		Eu sei, mas é mais rápido se disseres e eu vou preenchendo (1.142- P)
		C, eu tenho uma lista de 30 e tal alunos e tenho que a seguir um a um, está bem? (1.155- P)
		Ah, estava só a resumir... (1.156- C)
		Eu sei, mas como eu tenho de preencher esta lista, tenho que ser um pouco chato. (1.157 - P)
		Pronto... eu tenho aqui uma tabela e tenho que responder sim ou não. O GB é não... eu agora vou acelerar um bocadinho senão não vamos chegar ao fim. O PS... C? (1.165 - P)
		E da minha parte, relativamente ao relatório, o que é que é preciso? (1.186 - C)
	Reorganização de funções e tarefas (62 UR)	O Instituto da Imaculada está atento a este processo, pelo que convoca todos os pais e encarregados de educação e responsáveis legais para participarem numa reunião através da plataforma online zoom na quinta-feira, 7 de maio, às 4 horas. (1.12 - P)
		Nesta reunião será abordado o plano de funcionamento do Instituto da Imaculada para os meses de junho, julho e setembro de 2020. (1.13 - P)
		Eu e a R. vamos retomar o trabalho presencial na próxima segunda-feira, e o Instituto vai terminar o regime de lay off no mês de maio... (1.16 - P)
		Vai ser possível manter o teletrabalho, sendo que vão começar a surgir situações pontuais... por exemplo, eu estou em teletrabalho e estou aqui, portanto apesar de a base ser em teletrabalho, poderão ser solicitados para fazer atividades presenciais, conforme as necessidades que vão surgindo. (1.20 - P)
		Nós vamos explicar isto na reunião e se houver alguém que não consiga estar, que é possível que aconteça, vamos fazer grupos na segunda-feira dia 4, em que eu e a R. vamos ter que estar a gerir esses grupos, em que vamos esclarecer como é que as coisas vão funcionar, e vamos dar quase como trabalhos de casa. (1.23 - P)
		As pessoas vêm cá na segunda-feira, recebem alguma informação, como é que vamos funcionar daqui, e vão ter alguns trabalhos de casa, documentos que vão ter de ler, etc. Na segunda semana de maio, nós vamos começar a nossa formação interna (1.24 - P)
		Estamos em negociações para essa formação ficar pronta, ainda não está, mas vai estar... portanto a segunda semana de maio vai ser de formação e vamos ter grupos presenciais e vou tentar que também exista um grupo online... (1.25 - P)
		As que vierem tem que se saber com antecedência por causa do almoço. (1.26 - IAR)
		Sim, nesta segunda-feira temos uma previsão de 15 a 20 pessoas, que são as pessoas que estão em trabalho presencial. (1.27 - P)
		Vocês não terão de vir, poderá haver uma ou outra exceção que a gente depois fala à parte... (1.28 - P)
		A informação que na segunda-feira vai ser transmitida é no fundo informação que nós não conseguimos transmitir através das reuniões online e é informação muito específica sobre estas colegas que têm trabalho presencial... vão surgir dificuldades muito específicas (1.29 - P)
		Portanto a segunda-feira é apenas para elas se apresentarem ao trabalho, e definirmos um plano individualizado de como é que elas vão fazer. Depois vão receber tarefas para fazer em casa, mais de leitura de procedimentos de segurança... e depois, na segunda semana de maio vai ser a formação... (1.30 - P)
		só é previsível haver entrada de meninos a partir de dia 18. Pode ser a partir de dia 18 ou depois disso. (1.31 - P)
		Nestas duas semanas vou pedir a vossa ajuda para fazer uma triagem da informação pertinente... muita informação vai surgir, peço-lhes que façam uma

		<p>triagem dessa informação e aquela informação que for pertinente, façam-na chegar. (1.32 - P)</p> <p>Vamos mandar hoje a carta para os pais e a carta para os funcionários, já assinamos uma senha para a Zoom para não termos o limite dos 40 minutos e termos um mês da plataforma Zoom à nossa conta. (1.33 - P)</p> <p>Já ontem eu e a R. fizemos alguns testes e correram bem. (1.34 - P)</p> <p>Eu tenho duas questões. Em relação ao regresso ao trabalho, se seria possível nós todos reduzirmos o horário de trabalho... eu estou a pensar em formas de haver menos riscos... pensei nisto... (1.35 - Mpf)</p> <p>Vamos por etapas. A primeira etapa vai ser identificarmos as pessoas que vêm trabalhar, esse vai ser o passo 1. O passo 2 de redução, de turnos... é pouco provável, porque o nosso horário de referência é o horário do CAO, que é das 9:30 às 17:00. (1.36 - P)</p> <p>E em relação ao COVID, a rotação de pessoas aumenta o risco. Portanto a recomendação é não haver rotação de pessoas. Portanto... considerando o número de baixas que estamos a antecipar, é muito pouco provável que seja possível haver redução dos horários de trabalho... mas vamos ver (1.37 - P)</p> <p>O que nós vamos fazer é prepararmo-nos para lidar com esta realidade quando tivermos cá os meninos... e vamos ter que nos reorganizar a nível de horários, a nível da gestão das salas... e esse será o trabalho da semana da formação (1.42 - P)</p> <p>E há uma parte em que somos nós a construir... as pessoas da sala vão construir a dinâmica da sala, vão ter tempo para reorganizar a sala. Vão ter que estar cá, antes dos meninos, e vamos reorganizar o espaço (1.43 - P)</p> <p>Se na outra reunião falávamos de 5 jovens e 2 adultos por sala, agora temos que olhar para a sala e pensar em como reorganizamos as salas para ter mais ou menos uma distância de segurança... junho, julho e setembro são meses em que vamos ter uma forma de funcionar completamente diferente. 5 meninos por sala, 2 adultos... (1.44 - P)</p> <p>Estamos a considerar a hipótese do professor de Educação Física, do professor P., ele já se mostrou disponível para colaborar connosco em junho e julho, de ele poder ter uma atividade para pequenos grupos, por exemplo grupos de sala, e ele apoiar um pouco à distância a atividade que é assegurada pela sala. (1.62 - P)</p> <p>Imagina que vamos fazer um passeio ali na tapada. Quem tem de ir tem de ser o monitor da sala, o auxiliar e depois o professor P. em apoio. É obvio que o professor P. vai ter de ter formação, vai ter de usar equipamento de segurança, e não vai poder estar a ter o contato que se calhar tinha dantes quando ensinava os miúdos a saltar do trampolim. Eu acho que pode ser útil existir alguma atividade externa para quebrar a monotonia da rotina da sala... (1.63 - P)</p> <p>Nós podemos continuar a ter momentos fora de sala? (1.64 - Mpf)</p> <p>Claro, claro... (1.65 - P)</p> <p>Podemos ir ao recreio? (1.66 - Mpf)</p> <p>Claro, é saudável ir ao recreio. (1.67 - P)</p> <p>Mas, ou seja, não pode haver encontros, é isso? (1.68 - Mpf)</p> <p>Ok... outra informação é que o estágio da V. vai recomeçar também no dia 4. A V. também nos vai ajudar a fazer a ligação com essas recomendações e com a OPP. (1.98 - P)</p> <p>E uma das áreas será apoiar os funcionários neste regresso... (1.99 - P)</p> <p>Só uma questão, amanhã é para participar na reunião de pais? (1.100 - C)</p> <p>Eu vou voltar a explicar, amanhã não é reunião de pais, amanhã é reunião de funcionários. E sendo uma reunião geral de funcionários, todos vocês podem participar. (1.101 - P)</p> <p>Hoje à tarde vou estar com a R. a fazer o agendamento, depois vamos enviar para os vossos emails e contatos. (1.102 - P)</p> <p>Vocês, sendo funcionários podem, e se calhar devem, participar... A reunião vai ser no fundo passar a informação da carta que eu vos li e que também vai ser enviada... e depois tentar explicar... (1.103 - P)</p> <p>A que horas vai ser essa reunião? (1.104 - IAR)</p> <p>Às 10h. Eu vou estar aqui com a IAR às 10h e nós abrimos a reunião, ok? (1.105 - P)</p>
--	--	---

		<p>Recomendo outra vez, quem vier tem de avisar com tempo para o almoço. (1.106 – IAR)</p> <p>Sim, mas estes colegas a vir é no computador. Estes colegas comem em casa que é a comida mais saudável. (1.107 – P)</p> <p>Não está sujeita a vírus. (risos) (1.108 – IAR)</p> <p>P, o que eu queria saber era em relação à formação. Como vai ser? (1.126 – Lc)</p> <p>Conforme expliquei, mas acredito que alguns possam não ter ouvido devido a problemas da internet, a formação ainda está a ser planeada. O que já está definido é que a formação será na segunda semana de maio, uns colegas vão fazer a formação presencialmente... eu vou tentar que seja possível que o turno da tarde seja feito online, ok? (1.127 – P)</p> <p>Agora... não vai ser possível que seja tudo feito online, porque parte da formação inclui a adaptação dos espaços, as pessoas que vão fazer trabalho presencial vão ter que vir fisicamente ao Instituto, pelo menos parte do tempo, para podermos fazer a adaptação do espaço. (1.128 – P)</p> <p>O P é quem vai definir os grupos? (1.129 – Lc)</p> <p>Então vamos dar aqui um exemplo para as colegas ficarem com uma ideia mais clara. É provável que no dia 18 você abra com esses 5 e que tenha uma outra auxiliar... Portanto no dia 18 você entra, faz a mudança da roupa, põe os equipamentos de segurança, tem os seus meninos em sala, depois é só combinar a rotina da sala, e ao fim do dia eles vão para casa e você vai para casa. (1.136 – P)</p> <p>Diga-me só uma coisa, esse contato é para ser feito por vocês, por mim? Só para não estarmos aqui a... (1.143 – C)</p> <p>É a sala, fazes tu o contato, está bem? (1.144 – P)</p> <p>Desculpa lá, esse contato é como? É telefónico? Ou é de mandar atividades? Não percebi bem. (1.145 – Mpf)</p> <p>Vamos lá a ver... vocês podem escolher. (1.146 – P)</p> <p>No caso da IP eu acho que faz mais sentido ligar. É o que a mãe quer. C, concordas? (1.147 – P)</p> <p>Sim, sim, até porque a mãe precisava um bocadinho de falar. (1.148 – C)</p> <p>No teu grupo, Mpf, se calhar faz sentido apostares no grupo whatsapp, que já conversámos sobre isso. E isso é válido como um contato. (1.149 – P)</p> <p>Mas não tens de enviar... por exemplo, neste caso a C. não vai enviar atividades para a IP. (1.151 – P)</p> <p>Mas o grupo da C. é diferente... (1.152 – Mpf)</p> <p>O mesmo critério aplica-se à S., não é? (1.153 – P)</p> <p>P: Da tua parte, para já... é preciso combinares uma reunião em que participes tu, a CP., provavelmente a AO que é a representante legal que eles indicaram, e eu e a IAR. Vamos combinar isso na primeira semana de Maio, se possível. Está bem? Se não for possível, na segunda semana de Maio. Em Maio temos de resolver isso, está bem? (1.187 – P)</p> <p>Ok... então se calhar até fazia uma coisa... como é a sua agenda que está um bocadinho mais condicionada... (1.188 – C)</p> <p>Marca para a parte da tarde e eu organizo-me. Se for à tarde, com tempo, não há problema. (1.189 – P)</p> <p>E essa reunião seria presencial aí no Instituto? (1.190 – C)</p> <p>Não, por zoom. (1.191 – P)</p> <p>Por zoom... ok. (1.192 – C)</p> <p>Eu vou estar aqui no Instituto com a IAR... e tu podes estar em casa... vamos tentar então marcar. Quais são as opções: a primeira semana de maio à tarde... qualquer dia às 3. Desde que me digas com antecedência consigo organizar-me. Se eles não puderem na primeira semana de maio... que seja na segunda, ok? Tentar não passar disso. (1.193 – P)</p>
3. Apoios a alunos e suas famílias (243UR)	Apoio alimentar (1 UR)	<p>Pronto, então o B. o que é que diz? Diz que pode assegurar a alimentação de alunos e que está disponível para acolher alguns alunos que tenham condições sociais mais complicadas. Isto é coerente com a informação que me está a chegar de outros colégios. (3.1 - P)</p>

	<p>Identificação de casos prioritários (46 UR)</p>	<p>alguns desses casos já estão identificados, a L. mandou-me uma lista de meninos que estão a receber apoio social, e esses à partida serão casos que serão prioritários, e poderão, em situações bem específicas, retomar ao instituto... (3.2 – P)</p> <p>o que é que eles podem pedir... o que é que é expectável? Eles identificarem dois ou três casos em que a família não se consegue organizar... estou a pensar no E., no R., ... e eles podem pedir para que eles fiquem cá. (3.3 – P)</p> <p>Em junho e julho, a minha previsão é que eles nos peçam para ficarmos com 3 ou 4 meninos no Lar de Apoio... se surgirem essas situações vamos estudar caso a caso... (3.4 – P)</p> <p>em relação aos nossos meninos, vamos falar com todos... vamos ver caso a caso. (3.5 – P)</p> <p>P, ontem eu já tive a falar com os pais dos meus meninos, e tenho 5 que seria melhor eles virem para a escola. (3.6 – S)</p> <p>o JM, falei com a mãe dele que disse que vai falar com o pai, mas provavelmente só vão querer que ele regresse à escola em junho, porque a Dr. C. está ainda em teletrabalho, mas provavelmente aí nos finais de maio já vai dar algumas aulas presenciais. (3.7 – S)</p> <p>O OP também tem um comportamento assim mais complicado, porque também está contido, e o M. preferia que ele voltasse, mas depende de ele ter transporte para a escola, portanto 5 dos meus querem vir (3.8 – S)</p> <p>Os outros, os pais não querem, preferem que fiquem em casa. A única pessoa com quem eu não consegui falar, e tentei o pai e a mãe, foi a T., os outros falei com eles todos. (3.9 – S)</p> <p>Conseguiste falar com a mãe? O que é que a mãe diz? (3.10 – P)</p> <p>Conseguí falar com a mãe, eu enviei o apanhado... (3.11 – C)</p> <p>A mãe diz que a IP não está a dar muito trabalho, para além da questão do peso, ela está um bocadinho mais gordinha, tem estado bem-disposta. A principal dificuldade da mãe, tal como noutras famílias dos meninos lá da sala, não tem haver com os meninos propriamente ditos, neste caso não tem haver com a IP, tem haver com a gestão do resto da casa. (3.12 – C)</p> <p>Ela em teletrabalho, o pai em teletrabalho, e o mano em isolamento, o que se torna sempre mais difícil. A IP não lhe põe problemas de especial... a mãe tem muito receio do regresso, diz que quando estão em casa estão bem... a IP é uma menina de risco, como é que será o regresso dela. (3.13 – C)</p> <p>A nossa sugestão é que o regresso seja só em setembro... (3.14 – P)</p> <p>Sim... o que eu percebi é que a mãe, tendo possibilidade, preferiria que a IP continuasse resguardada em casa. (3.15 – C)</p> <p>Ok, então em relação à IP vamos fazer só um contato uma vez por semana, só para fazer um ponto da situação, ok? (3.16 – P)</p> <p>Sim... no fundo, de um modo geral... na sala os meninos estão tranquilos em casa. Os meninos que têm irmãos, são os irmãos que neste momento estão a causar mais dificuldades às famílias. É o caso da S., do R... (3.17 – C)</p> <p>Portanto, em relação à S., o acompanhamento vai ser 1 vez por semana? A mãe já assumiu comigo que vai ficar com ela em casa, e a previsão é que regresse em setembro. Estamos todos de acordo? Boa. (3.18 – P)</p> <p>E em relação ao GB? (3.19 – P)</p> <p>O GB foi o que a mãe levantou mais dificuldades. Manifestou uma certa vontade de que ele regressasse à escola, uma vez que ela vai iniciar o estágio curricular em creche no mês de Maio e Junho. (3.20 – C)</p> <p>E se negociarmos com a mãe ele regressar só em junho? Assim temos um período de adaptação... achas que era possível? (3.21 – P)</p> <p>O regresso dele em junho? Vou conversar com a mãe nesse sentido... e outra coisa que podia ficar clara, como é a modalidade? Ele vai e volta? O GB é um menino interno... (3.22 – C)</p> <p>De preferência ir e vir... o Lar vai estar fechado até setembro. Poderemos criar condições para pernoitar em algumas situações, mas neste caso, ele até fica bem com a mãe, o problema era o transporte, e o transporte se calhar eu consigo arranjar. (3.23 – P)</p> <p>Desculpem só meter-me... mas será que a mãe vai mesmo de estágio? (3.24 – Ma)</p>
--	--	---

		<p>Está previsto as creches abrirem... (3.25 – P)</p> <p>As creches vão abrir. (3.26 – C)</p> <p>Tal como a D. está a retomar o estágio... os estágios vão reabrir. (3.27 – P)</p> <p>Vamos tentar negociar com ela, perceber que o GB é uma criança com risco acrescido, é mais seguro ficar em casa. Se ela disser “não tenho condições para o ter em casa”... ok, pelo menos não venha em maio, para nós nos adaptarmos. E quando vier, que não fique a dormir, vem só passar o dia... e estás a falar com ela uma vez por semana, também? (3.28 – P)</p> <p>Falei com ela no final da semana passada. (3.29 – C)</p> <p>Ok, e agora? Qual é o nosso protocolo? Vamos actualizar a informação uma vez por semana? (3.30 – P)</p> <p>Sim, até porque no caso da mãe do GB sinto que é uma pessoa que está mais preocupada em voltar a colocar o GB na instituição. (3.31 – C)</p> <p>Vamos sugerir que o regresso seja feito o mais tarde possível, nunca antes de junho, pode ser? (3.32 – P)</p> <p>Ok... ir e vir? (3.33 – C)</p> <p>Sim, ir e vir. (3.34 – P)</p> <p>Relativamente ao transporte, se ela colocar essa questão posso dizer para ela falar consigo? (3.35 – C)</p> <p>Sim, sim... (3.36 – P)</p> <p>Na sequência disto do GB, deixa-me só fazer uma pergunta... o GB é um dos casos que está a receber apoio do cabaz, não é? (3.37 – Ma)</p> <p>Não, o GB não está. (3.38 – L)</p> <p>Mas olhe que ele está na lista... (3.39 – P)</p> <p>Só se eu me enganei, às vezes faço confusão com o GE. (3.40 – L)</p> <p>Então este é o momento para confirmar isto. Eu tenho que mandar esta informação para o Ministério da Educação. O GB está a receber apoio social? Sim ou não? (3.41 – P)</p> <p>Não está. (3.42 – L)</p> <p>Pronto, muito bem. Contato uma vez por semana, só para dar um beijinho, ver como estão as coisas, e em Setembro vemos como estão as coisas. O PS é um dos meninos com maior grau de risco nesta fase... (3.44 – P)</p> <p>Felizmente tem uma família que pode suportar esta situação toda... (3.45 – C)</p> <p>E o C. está a receber apoio social, não é? (3.49 – P)</p> <p>Está, está. A mãe ontem mandou-me uma mensagem a dizer que tinha recebido e a agradecer. (3.50 – L)</p> <p>Eu acho que sim, o que ela me disse foi que gostaria que o T. fosse para a escola, porque está muito cansada... além do T. ainda tem o outro... e eu acho que essa mãe foi a que eu senti mais... a precisar de um SOS. (3.79 – Lc)</p>
	<p>Acompanhamento personalizado (223 UR)</p>	<p>O PS está bem, eles estão neste momento numa moradia nos arredores de Lisboa, com espaço ajardinado. Conseguem fazer o isolamento com possibilidade de apanhar ar. O PS tem estado bem, não tem tido crises, está a disfrutar da presença dos manos... ele já passou 6 anos, quase 7, em casa, pelo que estar com ele em casa não é novidade para a mãe. A mãe agradeceu o contato, pediu para eu vos enviar um beijo muito grande para a equipa. (3.43 – C)</p> <p>A L. entrou em contato com as mães dos alunos da sala e perguntou se eles precisavam de algum apoio. E elas disseram que tudo o que viesse da escola, qualquer apoio... elas iriam agradecer. A mãe do C. vai estar em casa a dar apoio a ele e queria continuar. (3.46 – F)</p> <p>A pergunta que eu tenho de fazer a todos é a seguinte: Chega uma vez por semana, ou precisa de ser duas vezes por semana? Vamos simplificar o processo. Com o C., vão falar com a mãe dele uma vez ou duas vezes por semana? Qual é a sua opinião F? (3.47 – P)</p> <p>Eu acho que uma vez por semana é suficiente. (3.48 – F)</p> <p>Agora temos de fazer outra questão: Quando é que o C. volta à escola? O que é que é previsível? Junho? Setembro? (3.51 – P)</p> <p>Eu também queria passar uma informação a quem falar com a mãe do C. (3.52 – Ma)</p>

		As pessoas que vão falar uma vez por semana são as pessoas da sala, pode ser a F. ou a L... (3.53 – P)
		É só porque eu não sei qual é o <i>timing</i> ... (3.54 – Ma)
		O <i>timing</i> vai ser na próxima semana... do que eu conheço da situação do C., se calhar é previsível que ele volte em junho. O que é que vocês acham? (3.55 – P)
		A mãe prefere ficar com ele em casa... (3.56 – F)
		Então vamos apontar para setembro, é isso? (...) O C. está a receber apoio social, vai receber um contato uma vez por semana e é previsível que ele volte em setembro, a não ser que surja uma situação social que exija que ele volte mais cedo. Faz sentido? (3.57 – P)
		Em relação ao C... ele está bem, tem uma rotina normal, faz o <i>standing</i> , a mãe estava trabalhando mas agora está de baixa e vai continuar porque a filha que estava a cuidar do C. não consegue assegurar as necessidades do C. Então a mãe disse que preferia ficar de baixa e assim vai continuar. O que me deu a entender foi que aceita qualquer ajuda que a escola possa fornecer, mas não sinalizaram nada. Se as técnicas também pudessem uma vez ou outra... por causa das mudanças... no caso do R. também... então se houvesse algum apoio técnico, as mães também ficariam gratas, principalmente no caso do C. e do R. (3.58 – L)
		no caso do R. também... então se houvesse algum apoio técnico, as mães também ficariam gratas, principalmente no caso do C. e do R. (3.59 – L)
		O que eu percebi do C. foi o seguinte. A mãe neste momento está em casa... e terá a ideia de ficar com o menino em casa até setembro. O que é que pode mudar? Junho e julho. Vamos acompanhar a situação de perto, e se surgir necessidade, nos recebermos o menino cá durante o dia, faz sentido? (3.60 – P)
		Ele também não é do Lar. (3.61 – L)
		Sim, é verdade... pronto, nós temos de assumir uma estratégia para cada caso e esta é a nossa estratégia para este caso, está bem? (3.62 – P)
		E agora vamos para o R. (3.63 – P)
		O R. e a mãe estão bem, agradecem imenso o apoio que a escola tem dado, agradece a cadeira também que foi emprestada, o R. faz o <i>standing</i> , faz o que é preciso fazer, os exercícios dele, mas tem é dificuldade em andar. A mãe diz que é mesmo uma questão da anca, da doença dele se estar agravando... ele tem muita vontade, caminha, está-se alimentando muito bem, está até gordinho... tem o irmão em casa e um faz companhia para o outro. A mãe diz que vai voltar ao trabalho agora. (3.64 – L)
		Vai voltar quando? (3.65 – P)
		Agora em maio. No início de maio ela diz que retorna ao trabalho. E quem vai ficar com ele é uma menina, uma prima que está lá, que está com ela agora. Essa prima está fazendo um curso em Coimbra e foi exatamente nessa interrupção que essa prima está com ela. Não sei o que é que vai acontecer depois. (3.66 – L)
		Vamos tentar propor o regresso em junho, pode ser L? (3.67 – P)
		E o R. dorme cá. (3.68 – IAR)
		Em relação à dormida, era preferível que ele pudesse ir e vir todos os dias. Só se nós não conseguirmos arranjar solução é que ele ficaria cá... vamos tentar que ele não fique cá... só se a mãe disser que não tem condições para o ter em casa... Neste momento estamos numa situação excepcional... portanto vamos tentar que o R. venha só em junho, e vamos tentar que ele vá dormir a casa. (3.69 – P)
		E o C. também, em junho? (3.70 – L)
		O C. é setembro... mais cedo só se a situação se complicar. Está bem? (3.71 – P)
		Ok P. (3.72 – L)
		Portanto agora tem de manter um contato mínimo uma vez por semana com estas famílias. O T., o que é feito do rapaz? (3.73 – P)
		O T... senti que a mãe estava mais ansiosa. Ela diz que o T. está bem, que trabalha com ele dentro do possível, ela trabalha num infantário, mas que gostaria muito que ele voltasse à escola. (3.74 – L)

	<p>para onde quer que ele vá ele põe tudo na boca... mas fora disso ele está bem, vê televisão, ela vai fazendo alguma atividade... e ficou muito contente de termos contactado. E disse que se a escola puder dar algum tipo de apoio, ela fica felicíssima... porque está mesmo precisando. Eu acredito que essa mãe... e a gente sente, ela está muito cansada. (3.76 – L)</p>
	<p>Existe uma resposta que nós ainda não temos, que se chama descanso do cuidador, a L. Já me falou várias vezes dela... (3.77 – P)</p>
	<p>E poderá fazer sentido nós criarmos uma resposta para alguns casos a esse nível. E então, eventualmente, escolher ali umas duas semanas em julho... e eventualmente propor isso à mãe... se calhar nas duas últimas semanas de julho já vamos ter meninos que se calhar vão de férias e conseguimos reduzir o número de meninos... acha que isso poderia fazer sentido? Podemos pensar nisto com mais calma... (3.78 – P)</p>
	<p>Em relação ao T. estamos a dizer que vai contactar pelo menos uma vez por semana, vamos propor à mãe o regresso às aulas só em setembro, e vamos tentar encontrar um período de descanso do cuidador, talvez em julho... mas ainda temos de perceber em que formato, porque isso ainda não existe. Tem de ser algo que vamos ainda organizar. Faz sentido? (3.80 – P)</p>
	<p>Vamos então avançar para o F... (3.81 – P)</p>
	<p>O F. está com a C. (3.82 – Lc)</p>
	<p>A J. é que fez o contato... (3.83 – C)</p>
	<p>Em relação ao F. eu vou ser muito rápida. Para já o F. está a receber todos os cuidados, apesar de ter dificuldade em saber como mobilizá-lo e que atividades fazer com ele de forma a não pôr em risco a sua segurança... (3.84 – J)</p>
	<p>essa é a dificuldade deles... depois se calhar falava um bocadinho contigo P., para perceber um bocadinho melhor que posição podemos tomar, porque é um caso muito específico. Então se calhar falávamos depois... (3.85 – J)</p>
	<p>Ok, só queria assumir aqui o compromisso de haver, pelo menos, um contato por semana... (3.86 – P)</p>
	<p>Eu vou estar em contato com a A. pelo menos uma vez por semana, até porque fiquei de mandar uma lista de recomendações para eles... até para termos feedback da situação... (3.87 – J)</p>
	<p>Ok, e a retoma à escola e ao Lar só em Setembro é tranquilo para a A.? (3.88 – P)</p>
	<p>É assim... o caso do F. é um caso muito específico. Se calhar temos de conversar um bocadinho melhor depois. (3.89 – J)</p>
	<p>Ok... mas eu tenho de assumir algumas posições com o Ministério da Educação... podemos usar o mesmo critério que estamos a usar para o C... se a A. assumir que não tem capacidade de estar com ele, podemos criar uma resposta específica... ou fazer uma visita domiciliária... há aqui alguns mecanismos que podemos ativar, mas se calhar, neste momento, vamos assumir setembro, revendo a situação, está bem? (3.90 – P)</p>
	<p>A JS parece ser a mais organizada. Tem rotinas, está com os pais, está com o irmão, tem hora de ginástica... (3.91 – F)</p>
	<p>Então pelo que eu percebi, estão a falar com ela e está tudo bem. Falam com ela uma vez por semana e volta só em setembro, é isso? (3.92 – P)</p>
	<p>Sim, os dois casos que poderiam ser só em setembro, seria só a JS e a D. (3.93 – F)</p>
	<p>A D. é um caso mais bicudo, porque se me recordo bem este é o último ano, certo? (3.94 – P)</p>
	<p>Sim... (3.95 – R)</p>
	<p>Mas a mãe não pensa muito nisso... (3.96 – F)</p>
	<p>O que vamos dizer à mãe da D.? A educativa vai estar encerrada até setembro e ela está inscrita em lista de espera para o CAO. Se houver vaga nós chamamos, mas a D., em princípio, já não volta. (3.97 – P)</p>
	<p>Está bem. (3.98 – F)</p>

	Então pelo menos uma vez por semana vocês ligam, podem dar algumas ideias de atividades, das rotinas... e tudo o que seja o futuro da D., a mãe da D. tem o meu número direto, ela que me ligue e esclareça as dúvidas... (3.99 – P)
	o E., vocês estão a falar uma vez por semana... vamos tentar que ele volte em junho? (3.100 – P)
	Eu tenho falado todos os dias. (3.101 – L)
	Sim, mas este contato é para a educativa. Você fala todos os dias porque é a questão social... (3.102 – P)
	Continue, não há problema. Mas a sala tem que falar uma vez por semana, até para não sobrecarregar a senhora que fala comigo, fala consigo, com outras colegas... ok, então vamos propor ao E. regressar em junho? (3.103 – P)
	Eu acho que sim. (3.104 – L)
	P: Eu vou tentar arranjar transporte para ele ir e vir... a avó está organizada, se a gente o puser lá à porta dele, a avó organiza-se. Assim voltava ao Lar só em setembro, junho volta só durante o dia... (3.105 – P)
	ok, o A.? (3.106 – P)
	É assim... eu falei com os pais... está tudo bem, ele brinca com os irmãos, ajuda lá em casa... mas não perguntou nada acerca de voltar para a escola nem nada. O A... (3.107 – C)
	É o último ano também... (3.108 – R)
	O A... falas uma vez por semana com ele? (3.109 – P)
	Eu só comecei a fazer chamadas na semana passada. (3.110 – C)
	Mas está tudo certo, antes disso foram as férias da Páscoa. (3.111 – P)
	Antes disso eu fiz o contato. (3.112 – R)
	Então o que estamos a dizer é que o A. já não volta, é isso? (3.113 – P)
	Eu acho que é melhor, porque como ele anda e como vai nos transportes... temos de analisar esta situação, porque ele vai de transportes com o pai, e vai a pé até à Instituição. E é uma grande dificuldade para ele em termos de equilíbrio... anda muito a pé... (3.114 – C)
	Posso avançar para os outros meninos? (3.115 – C)
	Sim, para o Ed. (3.116 – P)
	O Ed. A mãe diz que está tudo bem, está tudo controlado dentro do possível... ela diz que tem uma prima que apoia em casa, que lhe vai levar as compras, porque a mãe também não pode sair à rua porque tem problemas cardíacos e é de risco... (3.117 – C)
	a mãe perguntou quando é que a Instituição ia abrir. E eu disse que isso é uma coisa que temos de falar em direcção e em equipa para ver quando é que vamos abrir... (3.118 – C)
	como sabemos o Ed. Também é uma situação de risco, e a mãe tem consciência de que o Ed. Tem uma situação de risco... é o babar, é o espirrar... mas ela tem feito atividades com o menino... desenhos, jogos no tablet... eu não tenho dado recomendações... (3.119 – C)
	Sim... eu agora preciso de combinar a estratégia de regresso... o Ed. regressa em setembro? Parece-te bem? (3.120 – P)
	Sim. (3.121 – C)
	Pronto, o Drt... (3.122 – P)
	Último ano... (3.123 – P)
	O Drt é o último ano de educativa... é possível que ele tenha vaga para o CAO, mas essa vaga só se vai ativar em setembro... fica em casa e volta em setembro para o CAO, porque em princípio vamos ter vaga, porque ele é dos primeiros da fila... pode ser? (3.124 – P)
	Primeiro temos o T. e depois temos o Drt. (3.125 – R)
	Sim, mas entram os dois. (3.126 – P)
	A mãe diz que ele tem estado bem, mas está um bocadinho farto de estar em casa. Quer ir visitar os avós, quer ir para a escola... (3.127 – C)

	<p>a mãe vai passear com ele de carro, só para dar uma voltinha... experimentou meter-lhe uma máscara, mas o menino arranca a máscara a toda a hora. Não quer nada com a máscara... (3.128 – C)</p>
	<p>tem feito atividades com o pai, porque a mãe trabalha... a mãe faz as compras e o menino fica acompanhado com o pai. Quando a mãe regressa está com o Drt, e o Drt ajuda nas tarefas em casa, e tudo mais... tem alturas em que a mãe está a arrumar e ele a desarrumar... (3.129 – C)</p>
	<p>a mãe pede propostas para trabalhar com o Drt em casa... e eu disse à mãe que íamos ver e íamos mandar documentação para casa. Ela tem visto vídeos e fotografias que tenho estado a partilhar com a mãe... desde que nós tivemos as aulas presenciais... e é tudo do Drt que eu tenho. (3.130 – C)</p>
	<p>Ok, muito bem. Pronto, em relação ao Drt... ele volta em setembro para o CAO, eu depois falo com os pais para ver os procedimentos... vais contactar uma vez por semana, mas podes disponibilizar fichas de atividades facultativas, está bem? (3.131 – P)</p>
	<p>Podes até falar com a F. e a Lc. e vocês as três têm muitas atividades... fazer fichas de atividades... e fazer uma espécie de base de dados de fichas de atividades que podem circular entre vocês, a mãe do Drt vai querer fichas com fatura. (3.132 – P)</p>
	<p>No caso da mãe do Drt... imagino que vá pedir um bocadinho mais, e não há problema nenhum em dar um bocadinho mais... (3.133 – P)</p>
	<p>É uma ajuda... (3.134 – C)</p>
	<p>Pronto, acho que estamos de acordo... vamos para o E. (3.135 – P)</p>
	<p>Falei com a mãe, que diz que está em <i>lay off</i>, ela trabalha num Lar, e diz que o E. tem estado bem... brinca e vai ter com os irmãos... e é só isso que eu tenho. (3.136 – C)</p>
	<p>A minha pergunta é: Ela pode esperar por setembro, ou vai ter que retomar mais cedo? (3.137 – P)</p>
	<p>Acho que sim, mas eu também não sei se ela vai começar a trabalhar... (3.138 – C)</p>
	<p>Então vamos pôr setembro, se ela voltar a trabalhar recebemo-lo durante o dia. Faz sentido? (3.139 – P)</p>
	<p>Se o R. vier... (3.140 – Mpf)</p>
	<p>Em vez de ficar a dormir aqui vai para casa, não é? (3.141 – IAR)</p>
	<p>Sim, vai e vem... o Lar vai ficar fechado. Só se surgir uma situação muito especial é que temos alguém aqui a dormir. (3.142 – P)</p>
	<p>Ok... e o F.? (3.143 – P)</p>
	<p>O F. tem estado bem... tem feito atividades em casa com a mãe... ajuda a mãe em casa... e tem sido positivo. (3.144 – C)</p>
	<p>Também pode esperar por setembro? (3.145 – P)</p>
	<p>Ele em casa está bem, está descansado... sim, pode ser. (3.146 – C)</p>
	<p>Ok... e a Y.? (3.147 – P)</p>
	<p>A Y. a mãe diz que está bem... mas de vez enquanto tem de sair com ela, quando ela entra em stress... a mãe agradece imenso o cabaz, tem ajudado, e é só isso que eu tenho da mãe... mas a mãe também não fala muito porque eu não chego a perceber se ela percebeu ou não percebeu... (3.148 – C)</p>
	<p>O que é que a mãe faz? (3.149 – P)</p>
	<p>Eu já a vou entendendo... eu repito aquilo que ela diz e peço-lhe para confirmar. (3.150 – L)</p>
	<p>Mas qual é o trabalho da mãe? (3.151 – P)</p>
	<p>A mãe está desempregada. Acabou o contrato durante a gravidez... (3.152 – L)</p>
	<p>Então vai ficar em casa e a Y. também. Volta em setembro, pode ser? (3.153 – P)</p>
	<p>Pronto, ela está sem trabalhar. (3.154 – L)</p>
	<p>Pronto, ok. Estas situações podem ser revistas caso haja uma dificuldade da família e a família diga algo como "eu preciso de descansar um bocadinho". (3.155 – P)</p>

	O L. está gordinho. Eu fiz uma videochamada para o L. ter acesso... (3.156 – C)
	O L. está gordinho? Boal! (3.157 – P)
	Está tudo bem com ele, na altura em que eu falei com ele, estava a mãe a ir à farmácia. Entretanto, a mãe abriu o vídeo para eu falar com o L. que olhou muito estranho, o que é que é isto? (risos). (3.158 – C)
	C, ele pode voltar só em setembro? (3.159 – P)
	Poder pode... (3.160 – C)
	A mãe do L. começou a trabalhar... o trabalho dela também não lhe dará grande flexibilidade para ficar até setembro... não sei, digo eu. (3.161 – L)
	Qual é o trabalho? (3.162 – P)
	O L. tem uma irmã. Que fica com ele, às vezes. (3.163 – C)
	L: Tem uma irmã? Desconheço... não, são só eles os dois. (3.164 – L)
	Só se estou a confundir... (3.165 – C)
	Vamos simplificar... a recomendação para a mãe do L. é que ele volte em setembro... se percebermos que a mãe precisa de trabalhar, vamos recebe-lo... a partir de junho. Pode ser? (3.166 – P)
	E ficava cá a dormir? (3.167 – IAR)
	Nesta fase não. Ele vai e vem. Nesta altura para alguém ficar cá a dormir, é porque a família está mesmo desorganizada... (3.168 – P)
	Falei entretanto com a mãe do GB... expliquei-lhe a situação, ela estaria interessada, independentemente de fazer estágio ou não em maio ou junho, porque também não sabe se as creches abrem ou não... em maio ficaria com ele mas estaria interessada que em junho ele frequentasse a escola. (3.169 – C)
	Segundo a neurologista, ele está muito agitado pela falta de contato com os colegas. Já está ciente que, se ele vier em junho, não fica cá a dormir, mas a mãe depois organiza-se nesse sentido. (3.170 – C)
	Está bem, ok. Obrigado C. Estávamos a falar do L., vamos propor à mãe que ele volte em setembro, se a mãe disser que precisa de ir trabalhar, a gente recebe-o a partir de junho. Pode ser? (3.171 – P)
	Ok, em relação ao A.? (3.172 – P)
	Já tínhamos falado, está tudo bem, eles agora estão a seguir as recomendações que as terapeutas deram... para que ele faça mais atividades ao longo do dia... está tudo bem, tem algumas crises, mas não de forma regular... está tudo a correr bem. (3.173 – Mpf)
	Não sei se aceitam que ele volte em setembro... (3.174 – Mpf)
	eu tenho um bocado a ideia de que as instituições... em relação ao A. era um menino que nunca faltava... não sei, eu não falei sobre isso... de qualquer forma pode-se propor isso, vir em setembro. (3.175 – Mpf)
	É verdade, no fundo é uma instituição... (3.176 – Mpf)
	Exatamente, é diferente. Então fazemos assim, se eles estiverem muito atrapalhados, marcamos uma reunião só com eles, está bem? (3.177 – P)
	Eles pareceram-me estar um bocadinho atrapalhados quando eu falei com o educador M. (3.178 – R)
	O Ar. está com o pai e os dois irmãos. Também está tudo bem. Ele está bem durante o dia, brinca muito com os irmãos, está em constante movimento, ou seja, aquela necessidade que ele tem de correr, de se mexer... ele anda pelo corredor, os irmãos jogam à bola e ele corre atrás da bola... (3.179 – Mpf)
	Este pai não trabalha? (3.180 – P)
	Ele deu-me a entender que não... o pai foi um pouco evasivo, "está tudo bem, está tudo bem"... (3.181 – Mpf)
	Ok... então propomos ao pai do A. que ele volte em setembro? Se ele entretanto precisar de apoio social acolhemos o menino mais cedo, durante o dia só. Pode ser? (3.182 – P)
	Sim, está bem. (3.183 – Mpf)

	Mpf? Consegui finalmente falar com o pai. (3.184 – L)
	Conseguiste? E então? (3.185 – Mpf)
	Ele já cá está desde janeiro... (3.186 – L)
	Quando a mãe foi para Angola, o A. ficou logo com o pai... ficou com o pai desde janeiro. (3.187 – Mpf)
	Vamos acompanhando a situação, pelo menos uma vez por semana... (3.188 – P)
	Eu tenho falado com o apoio, para ver se existem algumas necessidades... mas proponho que ele venha em setembro, e se tiver alguma necessidade de apoio... (3.189 – Mpf)
	É isso mesmo. O CA? (3.190 – P)
	O CA tem estado bem, muito acarinhado e bem cuidado pela mãe. Não tem tido crises, aquelas crises... está tudo normal... mas come muito, está a aumentar o peso. Mas tirando isso está bem. Então ele só volta em setembro... ou não? (3.191 – Mpf)
	Ou não. Lá está, o CA está no último ano... (3.192 – P)
	A mãe está com essa esperança... (3.193 – Mpf)
	Mas eu acho que não vai acontecer... (3.194 – R)
	Ela pode falar comigo, eu não sei em que número é que ela está, em número 4 ou número 5... (3.195 – P)
	Deixe-me ver... tenho aqui a lista... o CA é o número 4 da lista. É o T. e o Drt.. depois está o Alb. e depois é que está o CA. (3.196 – R)
	E achas que é importante eu falar com a mãe e lembrar... (3.197 – Mpf)
	Podes dar-lhe o meu número e ela fala directamente comigo. Eu já lhe disse isso várias vezes, e neste momento o que é previsível, é saírem 2 do CAO e entrarem 2. Neste momento, os primeiros da lista são o T. e o Drt. é isso que é previsível... há aqui alguns meninos que falham um bocadinho... portanto, temos que ver... (3.198 – P)
	Eu falo como ela para depois entrar em contato contigo, é melhor... (3.199 – Mpf)
	Sim... então o CA... vai ficar em casa... 3.200 – P)
	Sim, a mãe disse que ele fica, ela está muito preocupada, tem receio, portanto ela disse que ele fica até setembro. (3.201 – Mpf)
	Ok, muito bem... o Crt? (3.202 – P)
	O Crt... também está tudo bem... gosta muito de brincadeiras com água, com objetos com movimento. O Crt. lá é o mesmo que aqui na escola. (3.203 – Mpf)
	Estão a ter dificuldade em leva-lo à casa de banho, ou seja, em treinar o desfralde, ele não aceita ficar na sanita... a escovagem dos dentes... dificuldades sentidas também aí na escola. (3.204 – Mpf)
	Aceitam as recomendações, e penso que faria sentido ser da mesma forma que se faz para o Agl. (3.205 – Mpf)
	E pronto. Também não falei nada do regresso. (3.206 – Mpf)
	Setembro. Parece-te bem? (3.207 – P)
	Sim, eu entro em contato com eles e digo-lhes isso. (3.208 – Mpf)
	O Car. também está bem, tem o dia bastante ocupado, está sempre a fazer coisas. Ocupa-se no pátio a brincar com o cão, anda de bicicleta, joga playstation, ajuda a mãe... aparentemente está tudo bem. (3.209 – Mpf)
	A mãe está em teletrabalho, o pai está duas semanas fora e uma semana em casa... acho que é assim... mas está tudo bem. (3.210 – Mpf)
	O Car. também já não volta. (3.211 – P)
	Já não volta... eu falei com o pai à um tempo atrás, que disse que ainda não tinha arranjado nenhuma instituição lá na zona deles. Eu disse para falar com vocês, mas acho que não falou... (3.212 – Mpf)
	Também não temos muito que fazer nesta altura... (3.213 – P)
	L: O Car. é Setúbal, não é? (3.214 – L)

	<p>Sim... imagina que o pai arranjava forma de o trazer e buscar todos os dias... não sei... eu gostaria muito que p Car. continuasse na nossa Instituição. Sou sincera... (3.215 – Mpf)</p> <p>Mas é pouco provável... (3.216 – P)</p> <p>Eles moram muito longe... (3.217 – L)</p> <p>Mas vou falar novamente com a mãe e pergunto como está a situação dele para setembro, para o futuro dele... (3.218 – Mpf)</p> <p>Muito bem... e o GE? (3.219 – P)</p> <p>O GE... foi a mãe que eu senti mais cansada, a mãe está sozinha, o pai não está cá... ela tem mais 2 filhos que estão em telescola e ela diz que está a ser muito difícil acompanhá-los. (3.220 – Mpf)</p> <p>O GE parece que é o que está a dar menos trabalho. Fica a ver televisão, fica no computador, a comer muito... portanto... (3.221 – Mpf)</p> <p>Regressar em junho? (3.222 – P)</p> <p>Sim... talvez. Acho que sim. (3.223 – Mpf)</p> <p>Vamos-lhe propor o regresso em junho... (3.224 – P)</p> <p>Ir e vir todos os dias... temos que pensar que esta mãe não terá a possibilidade... digo eu, não sei... ela trabalha numa lavandaria de uma instituição... e ela teve de meter baixa, ou assistência à família, para ficar com os 3 filhos. Deve receber pouco... eles estão a receber o cabaz... (3.225 – Mpf)</p> <p>Ela recebe o salário mínimo. (3.226 – L)</p> <p>Pois, é uma família que precisa de apoio. (3.227 – Mpf)</p> <p>Pronto, então vamos propor-lhe junho, é o máximo que podemos fazer nesta fase, está bem? (3.228 – P)</p> <p>O Mrc... não consegui entrar em contato... (3.229 – Mpf)</p> <p>Ok... vamos tentar enviar um email... e o Rmd? (3.230 – P)</p> <p>Eu falei com a mãe que diz que está tudo bem. Ela disse que ele está ao pé do colinho da mãe, portanto está bem. Não tem tido crises... (3.231 – Mpf)</p> <p>Ela disse "de vez enquanto ele surta", foi o que ela disse, mas depois fica tudo bem. Está sempre naqueles seus jogos que ele faz, mesmo aí na escola... (3.232 – Mpf)</p> <p>Qual é o trabalho da mãe? (3.233 – P)</p> <p>Desempregada. (3.234 – L)</p> <p>Então está em casa... (3.235 – P)</p> <p>A mãe estava muito bem-disposta e tranquila... (3.236 – Mpf)</p> <p>Eu sei, ela está sempre bem-disposta e tranquila... (3.237 – L)</p> <p>Mas ele fez a carta de condução. (3.238 – IAR)</p> <p>Eu sugiro o seguinte... vamos propor setembro, se a situação social se degradar, recebemos o menino em junho. Faz sentido? Ela está a receber comida em casa... (3.239 – P)</p> <p>Está a receber está, está a receber o cabaz. (3.240 – L)</p> <p>Aqui há tempos estava a tirar a carta de condução... (3.241 – IAR)</p> <p>Vamos ver se passou o exame... vamos propor setembro e fica a opção de junho se for necessário... (3.242 – P)</p> <p>A mãe parece que está organizada, apesar de estar desempregada está a receber comida em casa... vamos tentar ver na parte social se conseguimos reforçar os subsídios que ela recebe... (3.243 – P)</p> <p>Ok, está bem. (3.244 – Mpf)</p> <p>Não consegui falar ainda com a AO, que é a pessoa com quem falo em relação às miúdas. (3.245 – C)</p> <p>Mas se hoje não conseguir falar com ela, ligo directamente para a Casa P. (1.246 – C)</p> <p>É isso... se não conseguires falar directamente com ela liga para o geral... isso aplica-se tanto para a R. como para a Vv., não é? (3.247 – P)</p> <p>E o Ry. já tinhas falado um bocadinho... tens falado com a mãe, não é? (3.248 – P)</p> <p>Tenho falado com a mãe, entretanto a mãe pediu algum apoio no sentido da</p>
--	--

		<p>questão das posturas, de como deve posicionar o Ry... fazer alguns exercícios. (3.249 – C)</p> <p>E a Mfis fez uns vídeos muito simpáticos, e enviou à mãe, a mãe já aplicou as estratégias que foram indicadas. (3.250 – C)</p> <p>P: Boa... o que podemos dizer aqui... a Vv para o ano tem que ser inscrita no 1º ciclo, que ela já não tem idade para estar no pré-escolar... (3.251 – P)</p> <p>Em relação à Ar. que também é pré-escolar, contatei a C.J. Ela diz que a dificuldade não é a Ar., é gerir o resto das crianças que estão em isolamento... (3.252 – C)</p> <p>ela já tinha um plano de estimulação próprio, feito lá na CC., eles têm estado a tentar cumprir esse plano. (3.253 – C)</p> <p>Qual é a condicionante? Neste momento, com todos os meninos em casa não têm a mesma disponibilidade para dar uma atenção tão individualizada. (3.254 – C)</p> <p>Então é ali por volta da hora do lanche que conseguem dar uma atenção mais exclusiva à Ar. Mas de resto ela tem estado bem. (3.255 – C)</p> <p>Pronto, então vamos só fazer uma clarificação... a Ar. veio dois dias e depois nós fechámos... portanto no fundo a Ar. vai começar em setembro... (3.256 – P)</p> <p>Ficámos apenas a conhecer a miúda. (3.257 – C)</p> <p>Pode então iniciar no dia 2 de setembro a frequentar o Instituto... (3.258 – P)</p> <p>Mas tem que ter encaminhamento? (3.259 – IAR)</p> <p>É pré-escolar... eles não encaminham pré-escolar... (3.260 – P)</p> <p>em relação à Vv... nós vamos ter que ter uma reunião com a CP... temos de fazer o pedido de encaminhamento do Ministério da Educação... vamos ter de fazer um relatoriozinho, e eles têm de fazer um relatoriozinho... (3.261 – P)</p> <p>e temos de mandar isto directamente para Alvalade, para eles não mandarem a rapariga para um Agrupamento qualquer para o caso ser avaliado e depois só daqui a 6 meses é que ela volta. (3.262 – P)</p> <p>Isso para a Vv... (3.263 – P)</p> <p>a Rt continua, não é?... Em setembro também... estas 3 meninas é em setembro. (3.264 – P)</p> <p>Em relação ao Ry, a mãe está organizada? (3.265 – P)</p> <p>Sim, sim... a mãe diz que de facto a maior dificuldade não é o Ry, é a mana. (3.266 – C)</p> <p>Diz que espera agora, no mês de maio, sair com os miúdos e dar alguns passeios pequeninos à volta de casa com eles, sobretudo pela irmã, para que gaste energias, os horários estão a ser muito difíceis porque a miúda deita-se tarde e depois tem a telescola. (3.267 – C)</p> <p>A dificuldade de facto não é o Ry, está tudo bem com o Ry, ele só teve uma crise ao logo deste tempo, está bem-disposto. Eu ouvi-o ao telefone, risonho, feliz. Com o Ry está tudo bem. (3.268 – C)</p> <p>Então vamos propor que ele volte só em setembro, está bem? (3.269 – P)</p> <p>Sim, penso que a mãe também ficará mais tranquila... (3.270 – C)</p> <p>Ficamos todos... (3.271 – P)</p>
4. Cooperação com outras instituições (5 UR)	Articulação com o Ministério da Educação (1 UR)	Nós recebemos há dois dias um email da DGESTE... nós estamos ainda a organizar a informação... e é possível que tenhamos de dar resposta a alguns casos sociais... (4.1 – P)
	Articulação com o Centro de Saúde/ outros serviços de saúde (3 UR)	<p>Porque está dependente dos serviços da saúde conseguirem testar todas as pessoas que estão cá e todas as que vão entrar, e termos acesso aos equipamentos de segurança necessários (4.2 – P)</p> <p>Outra questão que eu também pensei é que eles estão a fazer testes a todos os lares de idosos de Lisboa, nós não podemos ser considerados também um Lar? (4.3 – Mpf).</p>

		É esse o plano. Assim que eles terminem os testes aos Lares, o que é suposto demorar mais uma semana ou duas, nós estamos na segunda linha. (4.4 – P)
	Articulação com a Segurança Social (1 UR)	A segurança social disse que ia montar linhas de apoio, esclarecimento de dúvidas por videoconferência, portanto se houver um caso muito específico, nós pomos por escrito, mandamos para a segurança social e eles respondem. E a coisa fica clarificada. (4.5 – P)
3. Reações emocionais (14 UR)	Sentimento de insegurança/stress face à pandemia (12 UR)	Só uma questão, nós quando começarmos a trabalhar temos de ter proteção... as nossas batas, sinceramente, não vão proteger imenso... (2.1 – C)
		Estamos todos de acordo, para começarmos a trabalhar temos todos que ter equipamentos de proteção. (2.2 – P)
		Como usam nos lares de idosos, tal e qual o equipamento hospitalar. (2.3 – C)
		a partir do momento que existe reabertura... eles já sabem que vão aparecer mais casos... nós temos de proteger as pessoas com mais de 70 anos, por isso a Congregação vai ter que ter um circuito separado do nosso. (2.5 – P)
		Eu acho que era importante que cada aluno que regressa, nós percebermos o contexto em que eles estão, o percurso que fazem até à escola, se vêm de transportes, se não vão... para termos um bocadinho de noção... e nós também, nós funcionários... (2.6 – Mpf)
		risco zero não existe... (2.7 – P)
		A T., o P., o E., estão a ficar muito stressados por estarem em casa... (2.8 – S)
		Mas como ela está com os dois, o T. e o irmão do T., que tem necessidades ainda maiores do que o T., diz que está muito ansiosa porque não consegue sair com o T., nem para fazer um passeio para fazer a higiene mental... (2.10 – L)
		P., diz-me só uma coisa, em setembro o vírus ainda anda aí... acho que setembro vai ser muito mais preocupante, digo eu... (2.11 – Mpf)
		Sim, mas até setembro penso que as coisas vão mudar um bocadinho, devem surgir outros medicamentos... (2.12 – P)
		Vamos ter esperança... (2.13 – Lc)
		Sim... felizmente conseguimos evitar a situação de crise maior, como aconteceu em Itália e Espanha... mas em setembro reavaliámos a situação. (2.14 – P)
		Medo de ficar infectado(a) e doente (2UR)
		Entretanto, tem receio... e as outras mães também. (2.9 – L)